

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2

EDITOR—J. CHRISÓSTOMO DE S.A.
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Os Ingleses festejam com enternecida alegria o nascimento do bebé real

LONDRES, 20. — A grande ansiedade — melhor: misto de ansiedade, de ternura e de curiosidade — do povo britânico é, hoje, saber como passa a rainha e qual o peso e a compleição física do bebé real.

Mas toda a gente aguarda, também com particular interesse, o enlace entre a tradição e o progresso, representado, por um lado, pelas salvas de 62 tiros da Torre de Londres, e, por outro lado, pela parada dos «caças» que sobrevoam Londres e saudarão, com os

O nascimento do terceiro filho de Isabel II foi anunciado ao povo britânico num aviso de pendor do longo gradeamento fronteiro ao Palácio de Buckingham, e assinado pelos médicos da Rainha. A gravura recorda a comovida alegria com que os londrinos receberam a notícia do nascimento do primeiro filho de Isabel, o príncipe Carlos.



UM TELEGRAMA

do Presidente da República

O Chefe do Estado, por motivo do nascimento do terceiro filho da rainha Isabel II, enviou o seguinte telegrama à soberana inglesa:

«Peço a Vossa Majestade e ao príncipe Filipe aceitem as nossas mais sinceras felicitações pelo feliz acontecimento. Américo Tomaz, Presidente da República Portuguesa».

seus agudos silvos, a soberana. Se tivesse sido possível fazer uma estatística da exclamação que mais se ouviu, ontem, na Grã-Bretanha, é bem possível que se contasse como vencedora a da simples mas autenticamente humana frase: «É um rapaz!».

Depois da grande notícia, seguiu-se a série interminável das apreciações, das perguntas, das mil e uma manifestações de ternura, de amizade, de sentido sereno e digno de vida.

Naturalmente, o Inglês sentiu grande prazer em ler nos jornais tudo quanto se escreveu e em rever tudo quanto, de antemão, se passou conforme as tradições, a primeira das quais é a saudação com «champagne» à rainha, ao príncipe e ao bebé.

«Oh! Ele é tão lindo! Não é?» — esta frase da princesinha Ana ao ver, com o príncipe Carlos, o irmãozinho, fica gravada no coração de todo o povo, que vê na rainha a presença viva da própria pátria.

O pequenito príncipe está num berço de cortinados azuis, o mesmo que foi utilizado por sua mãe, pe-

(Continua na última página)

O ministro dos Negócios Estrangeiros pernoitou em Crato e chega hoje a Lisboa

É esperado esta tarde, cerca das 18 horas, na sua residência, no Estoril, o ministro dos Negócios Estrangeiros, que regressa, em automóvel, da sua visita oficial a Espanha.

O sr. embaixador dr. Marcello Mathias atravessou ontem, às 16 e 30, a fronteira de Caia, onde foi cumprimentado pelo presidente da Câmara Municipal de Elvas, sr. José Vicente de Abreu; pelo governador militar, sr. coronel Passos e

(Continua na 2ª página)

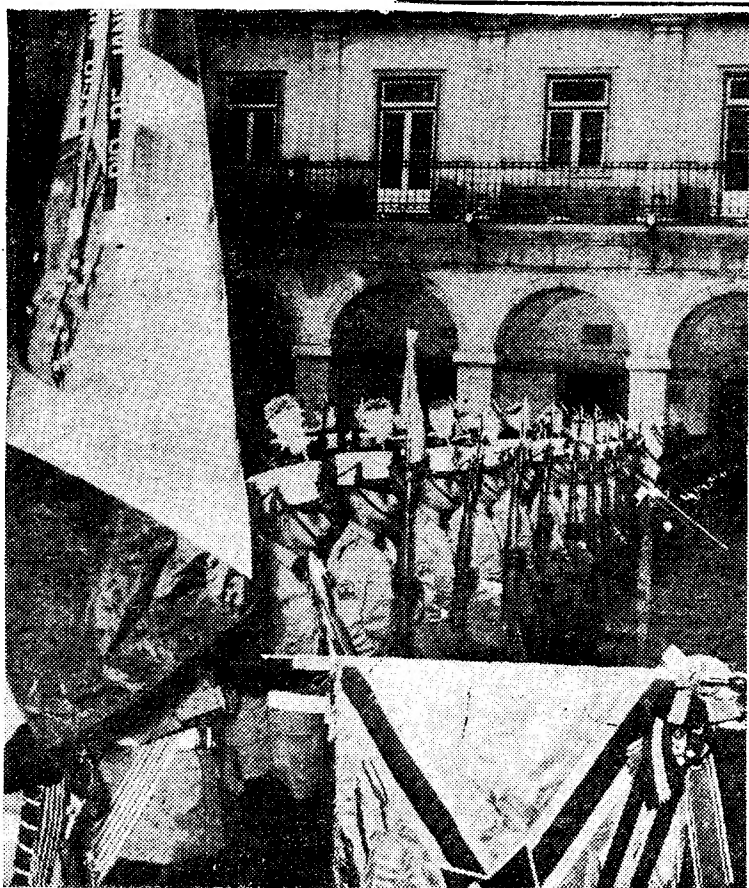
Os cadetes brasileiros foram recebidos cordialmente no Colégio Militar e cumprimentaram o ministro do Exército

Chegaram ontem a Lisboa as deputações do Colégio Militar do Rio de Janeiro, compostas pelo director, 4 professores e 30 cadetes, e da Fundação Osório (feminina), de que fazem parte a directora, 2 professoras e 9 alunas, que vêm retribuir a visita dos «meninos da Luz» ao Brasil, em Setembro do ano passado.

Esta manhã, às 10 horas, no Colégio Militar, efectuou-se uma recepção solene ao general Augusto Maggesi, comandante do Colégio

do Rio de Janeiro, e oficiais daquele estabelecimento de ensino, maiores José Hermógenes de Andra-

(Continua na página central)



Alunos dos colégios militares português e brasileiro no átrio do edifício da Luz

Protestos violentos no Senado americano contra a interferência em Washington no caso Chessman

SAN QUENTIN, 20. — O escritor, condenado Caryl Chessman, que hoje despertou num dia que chegou a julgar que já não veria, tornou-se o centro de uma tempestade no Congresso, devido à maneira como foi salvo da câmara de gás.

Seis membros do Congresso, incluindo ambos os senadores pelo Estado da Califórnia, denunciaram o Departamento do Estado por ter comunicado ao governador Edmund Brown a preocupação do Uruguai a propósito da execução de Chessman.

O telegrama do Departamento do Estado, que auxiliou a persuadir Brown a conceder a Chessman uma suspensão da execução da sentença por 60 dias, dizia que o Uruguai receava que o presidente Eisenhower deparasse com manifestações hostis, durante a sua viagem à América Latina, se se efectuasse a execução.

O Departamento do Estado esclareceu que não estava a fazer uma recomendação de clemência e, Edmund Brown, ao ser informado pelos jornalistas do que a Casa Branca anunciara, dizendo que não estava a exercer pressão sobre ele, e que a mensagem era «sómente um telegrama de rotina», perguntou: «Se se tratava de um telegrama de rotina, porque o enviaram?».

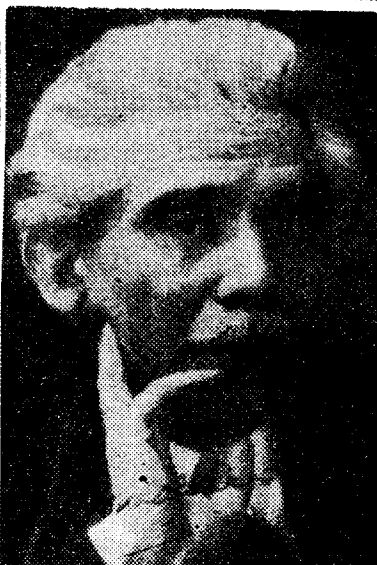
O maior jornal da América do Norte, o «New York Daily News»,

diz num editorial, com o título «Ordens do Uruguai»: «Na nossa opinião, o episódio cheira mal por todos os lados».

O «New York Daily News» acrescenta: «Parece que os nossos funcionários públicos recebem ordens de agitadores estrangeiros sobre a forma como devem tratar das questões internas americanas».

A ira do Senado por causa da intervenção do Departamento do Estado foi manifestada em primeiro lugar pelo senador J. W. Fulbright, presidente da Comissão de

(Continua na última página)



ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA

A morte do grande poeta da singeleza e da crença

Um grande poeta, ao cabo de uma longa e harmoniosa existência, fechou os olhos para sempre no cenário da sua vida quotidiana, da sua contemplação, do seu comovido lirismo. António Correia de Oliveira morreu ontem na sua velha casa de Belinho, ao clarear-

(Continua na 6.ª página)

Diário de Lisboa 32
PUBLICA HOJE

PAGINAS
QUE INCLUEM
MAGAZINE
*
JUVENIL
*
DE UMA SEMANA
PARA A OUTRA

Visado pela
Comissão de Censura

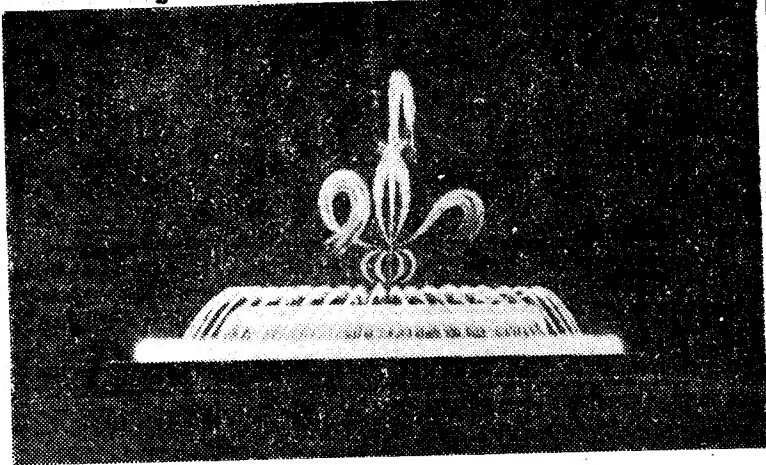
ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Nova terapêutica da lues recente e tardia pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY.

DEVIDO a novos métodos de diagnóstico, acção enérgica dos antibióticos de curto e longo espectro, medidas sanitárias de profilaxia e ataque às chamadas

(Continua na 6.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.



As festas do primeiro centenário da cidade de Setúbal, às quais largamente nos temos referido, serão assinaladas, entre outras realizações artísticas, por uma monumental e definitiva fonte luminosa, a erigir na placa circular da Avenida Luisa Todi, com donativos recolhidos em todo o País e a participação do Estado. Na gravura vê-se um aspecto da fonte luminosa, segundo a «maquette», formando uma das figuras produzidas pelos jogos de água e luz e designada por «torniquete».

Vai intensificar-se a repressão da mendicância no distrito de Setúbal

SETUBAL, 20. — Foi elaborado e vai entrar em execução um vasto plano com o objectivo de eliminar os inconvenientes da prática da mendicância, tanto na cidade como, e muito especialmente, nas zonas de turismo.

Esse plano foi exposto à Imprensa pelo sr. capitão José Carlos Sirgado Maia, comandante distrital da P. S. P. e presidente da comissão administrativa do Albergue Distrital de Setúbal, que apelou para a população, no sentido de recusar esmola aos pedintes, destinando-a às instituições de beneficência, as quais distribuirão, criteriosamente, os donativos pelos verdadeiros necessitados, completando tal decisão com normas de uma actividade produtiva.

Aquele albergue não terá a função, de asilo, pois será um local de permanência restrita, enquanto não for solucionado o caso de cada albergado.

Todo o pedinte encontrado a esmolar será detido e um rápido inquérito tornará conhecida a razão do desemprego. Se for por doença, será encaminhado para o estabelecimento hospitalar adequado; se for por falta de trabalho, será-lhe passada guia para a Junta Autónoma das Estradas, em cujo recrutamento de pessoal serão incluídos os indivíduos nas condições referidas. Para tanto, houve prévio acordo, e uma avultada verba do Socorro Social, criada para casos desta natureza foi destinada para os respectivos trabalhos. Também os presidentes das Camaras, nas adjudicações das várias obras obrigatórias dos empreiteiros a admitir pessoal remetido pelo albergue. E o Instituto de Assistência à Família subsidiará os indigentes impossibilitados de angariar emprego.

Assim, os pedintes só transitariamente se utilizarão do albergue, pois o fim principal será o da ocupação.

Uma vigilância atenta verificará se o indivíduo permanece no emprego obtido ou se, pelo contrário, prefere voltar à prática da mendicância. Neste caso, será entregue ao tribunal, ou à Tutoria, se for menor.

Independente desta função o Albergue Distrital serve de permanência a velhos de ambos os sexos, os quais aguardam vagas nos respectivos asilos do distrito. As mulheres estão instaladas na Quinta Nova, propriedade do próprio Albergue Distrital, e os homens, alojados numas instalações que aquele tem arrendadas na Quinta da Guia.

Dadas as diminutas áreas das duas propriedades não pode o al-

bergue, como seria seu desejo, desenvolver mais a exploração agropecuária, como o poderia fazer no Brejo de Perdigão, também propriedade sua, mas que foi cedido à Casa do Gaiato, instituição cuja utilidade não se contesta, mas que diminui a possibilidade de ocupação da mão-de-obra de adultos ociosos, para os quais inicialmente tinha sido adquirido e adoptado.

Em virtude desta carência de rendimentos, e para enfrentar estes graves problemas da mendicância, tais como manutenção dos assistidos, com refeições, tratamento de roupas, etc., até à sua colocação, e encargos inerentes, necessita o Albergue Distrital de receitas. Para isso dirigiu também um apelo aos actuais subscritores, em numero de 689, para que aumentem as suas quotas e angariem novos contribuintes. Solicitou, igualmente, a colaboração de todos, para que acabem com a esmola na rua ou às portas.

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Nunes — Largo Coronel Ramos Costa, 10. Telefone 034137.
ALMADA — Farmácia Central — Rua Olivença, 11. Telef. 070504.
BARREIRO — Moderna — Rua D. Maria H. Gomes Araújo. Telefone 023443.
COVA DA PIEDADE — Cerqueira — Praça 5 de Outubro 1910, 18. Telefone 070254.
MOITA — União Moitense — Praça da Republica.
MONTIJO — Moderna — Rua Bu-lhão Pato, 60. Telefone 030156.
SEIXAL — Godinho — Rua Paiva Coelho, 38. Telefone 021560.
SESIMBRA — Leão — Rua da Republica, 51. Telefone 029025.

Cinemas

ALMADA — Academia Almadense — As 21 e 30. «Babette vai à guerra» (12 anos). «Incrível» — As 21 e 15. «O Corsário Lafitte».
COVA DA PIEDADE — Piedense — As 21 e 15. «Escandalo na Riviera» e «Sangue de vampiro» (Adultos).
MONTIJO — Cine-Teatro Joaquim de Almeida — As 21 e 15. «O solteirão» e «Lili e os ladrões», (17 anos).
MOITA — Sociedade Filarmónica Capricho Moitense — As 21. «Esta mulher é minha» e «A teia de cristal» (17 anos).
Compre o «DIÁRIO DE LISBOA», em ALMADA, na Tabacaria «Luzmar», R. Bernardo Fraancisco da Costa, 72.

Jumping Internacional de Lisboa

Previnem-se os Srs. Espectadores de que o Restaurante da FIP funciona todas as noites a partir das 19 horas com jantar, Ceia e Dança. Marcações nas bilhetes.

O regresso do ministro dos Negócios Estrangeiros

(Continuação da 1.ª página)

Sousa; pelo director do posto alfandegário, sr. dr. Pereira; e outras individualidades.

O ministro lanchou na Pousada de Santa Luzia, acompanhado da sua comitiva oficial, após o que prosseguiu na sua viagem, pela estrada de Campo Maior e Portalegre.

O dr. Marcello Mathias chegou ao anoitecer à vila de Crato, onde pernoutei, em casa de um seu amigo pessoal, o sr. dr. Jorge da Fonseca Bastos. Cerca das 11 horas de hoje, pouco depois do pequeno almoço, aquele membro do Governo e a sua comitiva retomaram a viagem, com destino a Lisboa, fazendo, todavia, algumas paragens ao longo do percurso.

O comunicado distribuido à Imprensa

Ao terminar a sua visita a Madrid, o sr. dr. Marcello Mathias elaborou o seguinte comunicado:

«O ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, embaixador Marcello Mathias, visitou oficialmente a Espanha, em satisfação do convite que nesse sentido lhe foi dirigido pelo Governo espanhol, nos dias 16 a 18 de Fevereiro de 1960. Durante a sua estadia em Madrid, o ministro português foi recebido em audiência por Sua Excelência o Chefe do Estado espanhol, generalissimo Francisco Franco, e avistou-se com o ministro dos Assuntos Exteriores, dr. Fernando Maria Castiella, com outros membros do Governo de Espanha e altas personalidades espanholas.

No decurso das conversas que realizaram, os ministros dos Negócios Estrangeiros portugueses e espanhol, acompanhados do embaixador de Portugal em Madrid, general Venancio Deslandes, e do embaixador de Espanha em Lisboa, sr. D. Ibanez Martin, tiveram ensejo de proceder a uma larga troca de impressões sobre a situação política internacional. A posição de cada um dos dois países da Península foi estudada, tendo neste particular os ministros reafirmado os princípios do Tratado de 1939, cuja aplicação tem sido da maior valia

O MOVIMENTO

do porto de Lisboa

Segundo o ultimo boletim da Administração-Geral do Porto de Lisboa, entraram nele, no mês de Dezembro passado, abstraindo dos da pesca costeira, 364 navios, com a arqueação bruta total de 1.485.875 toneladas, quando o movimento do mês anterior fora de 1.511.378 toneladas.

A movimentação de mercadorias foi de 418.927 toneladas, das quais 285.425 desembarcadas e 133.502 embarcadas, contra 490.254 em Novembro.

O movimento de passageiros foi de 16.423, sendo 6.695 embarcados, 3.276 desembarcados, e 6.452 em transito, contra 19.181 em Novembro.

A receita corrente foi de 7.936 contos, quando a do mês anterior fora de 8.144.

A situação de contas orçamentais mostra-se normal, com a devida cobertura da despesa pela receita, uma vez que é positivo o saldo existente de 519 contos, numero provisório, por estar em curso o encerramento das contas do ano.

para as relações entre os dois povos.

Os ministros dedicaram especial cuidado ao estudo da politica dos dois países nos organismos internacionais a que ambos pertencem. Reiteraram o firme propósito dos dois Governos de continuarem a prestar-se apoio reciproco.

A evolução dos problemas do continente africano foi examinada á luz das responsabilidades indeclináveis que cabem particularmente aos dois países e dos interesses gerais do mundo ocidental, assim como dos interesses da paz e da estabilidade da Africa.

Pelo que se refere aos problemas de cooperação económica europeia, os representantes dos dois Governos reafirmaram a esperança de que se encontrará, no decurso das negociações cuja realização foi decidida na reunião dos «vinte» jaise realizada em Paris no mês de Janeiro passado, uma fórmula que permita um estreito entendimento entre todos os países da Europa Ocidental, em ordem a assegurar o prosseguimento da vasta obra de progresso económico e de colaboração internacional que desde 1948 foi realizada, com a constante assistência norte-americana, no quadro da Organização de Cooperação Económica Europeia. Foram fixadas para o próximo mês de Abril, no que respeita ás relações bilaterais luso-espanholas, as negociações destinadas á

conclusão de um novo Tratado comercial que ajuste o sistema de comércio e de pagamentos entre os dois países aos compromissos derivados da recente entrada da Espanha na O. E. C. E.

Durante a visita foi assinado um Acordo Aduaneiro relativo ao tráfico entre os dois países por estrada, caminho de ferro e rios limitrofes. Nas conversações realizadas agora estudaram-se as medidas práticas que dentro do espirito desse Convénio poderão existir quaisquer demoras na passagem de mercadorias em regime de trânsito internacional.

Foi decidida a próxima negociação de um Tratado Cultural entre os dois Governos. Consideraram-se diversos aspectos da participação espanhola nas comemorações do V centenário da morte do Infante D. Henrique, o Navegador, como uma das maiores figuras portuguesas de relevo mundial na História dos Descobrimentos.

A situação dos trabalhadores de ambas as nacionalidades que exercem a sua actividade num ou noutro dos dois países foi objecto de exame no sentido de se definirem as bases de um futuro convénio de Previdência Social.

A estadia do ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal em Espanha reafirmou uma vez mais a fraternal solidariedade existente entre os dois povos da Península.

Tágide

CARNAVAL DE 1960

APRESENTA

Um dos mais famosos «ballets» da actualidade

LOS TRIANAS

Dois anos de actuações consecutivas no «Lido» de Paris. Uma das grandes atracções do famoso «Ed Sullivan Show». O «ballet» espanhol que já teve a honra de actuar para Sua Majestade a Rainha Isabel II

De novo na Tágide e no Palm Beach

A grande Vedeta do disco, rádio e Televisão italiana

ELIO MAURO

A famosa parelha de baile

JEAN LOUIS BERT et ILONKA

Grande Atracção do «Moulin Rouge» e «Ed Sullivan Show»

O «ballet» francês clássico-moderno

GEORGES APPFEL

O quarteto americano de «rock and roll»

JAZZ DANCERS

A famosa orquestra cubana

BOTAFOGO

CONJUNTO «TÁGIDE» dirigido por José Magalhães

com Angel Peiro — José Luiz — Estevão — Edmundo e Victor

Vocalista e animador: Martin

CONJUNTO «PALM BEACH»

com: Potier — Eugénio Pepe — Enrique Peiro e Freitas

(Maiores de 17 anos)

UM «SHOW» QUE ORGULHARIA QUALQUER GRANDE SALA DE ESPECTÁCULOS EUROPEIA

UM PROGRAMA COM AS TRADIÇÕES DA TÁGIDE E DO PALM BEACH

Palm Beach

TARIFAS ESPECIAIS DE

EMIGRANTES

RECIFE 7.640\$00

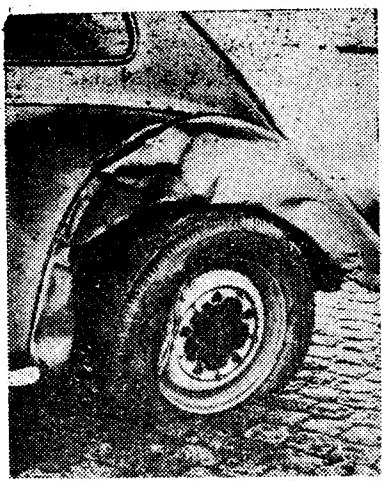
RIO DE JANEIRO 8.160\$00

S. PAULO 8.340\$00



PANAIR DO BRASIL

AVENIDA DA LIBERDADE, 68 • TEL. 31963 • LISBOA
PALÁCIO DO ATLÂNTICO, SALA 704 • TEL. 32915 • PORTO



Esta manhã, na Avenida Manuel da Maia, á entrada da Alameda D. Afonso Henriques, deu-se um aparatoso choque de veículos sem que felizmente se tenha verificado desastres pessoais. O pavimento encontrava-se bastante molhado devido á chuva que quase ininterruptamente tem caído. Os dois veículos ambos particulares e que circulavam em sentidos opostos foram chocar violentamente. Um deles, um «Fiat», ficou com a parte dianteira praticamente destruída e outro, um «Volkswagen» com uma das rodas em baixo apresentava também importantes avarias. Os dois veículos foram retirados mais tarde do local para oficinas de reparação

Empréstimos

ao abrigo da Lei de Melhoramentos Agrícolas

Ao abrigo da Lei de Melhoramentos Agrícolas, foram concedidos, durante o ano passado, 679 empréstimos no montante de 61.659.200\$00, 1959 correspondem ao primeiro ano de execução do II Plano de Fomento pelo que as verbas que o Orçamento Geral do Estado atribuiu á Junta atingiram valor nunca igualado. Assim, em obras de rega, defesa, enxugo e contra erosão gastaram-se cerca de vinte contos, em sunitas, arrozeiras e novas plantações despenderam-se cerca de cinco contos, em construções rurais mais de dez contos, em oficinas tecnológicas cerca de dezito, em instalações e apetrechamento técnico em Grémios da Lavoura cerca de seis contos. Com excepção de algumas barragens de particulares as restantes obras desta rubrica foram, na sua maioria, realizadas por pequenos agricultores.

Entrega de livros

a várias agremiações

Na quarta-feira, ás 9 e 30, o brigadeiro França Borges, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, fará entrega, no Palácio Galveias, ao Campo Pequeno, de 250 livros, destinados ao Futebol Clube de Lisboa, ao Ateneu Ferroviário, ao Clube Musical União, ao Império Clube de Portugal e á Junta de Freguesia da Ajuda.



Vida musical

Um concerto «Sonata» só com 1.ª audição

Hoje, ás 21 e 30, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, haverá mais um excelente concerto de música contemporânea promovido por «Sonata». O programa consta das seguintes primeiras audições em Portugal: Suite n.º 4 (1941), do compositor grego Nikos Skalkotas, e Canteyodjava (1953), de Oliver Messiaen, pela pianista Nelli Maissa; Sonata n.º 4 (1956), do compositor brasileiro Camargo Guarnieri, pela violinista Lidia de Carvalho e a pianista Helena de Matos Silva; e «Quatro canções de F. Garcia Lorca», de Fernando Lopes Graça, pelo baritono Hugo Casais e conjunto instrumental, sob a direcção do autor.

As inscrições para novos subscritores dos concertos «Sonata» podem ser feitas na Academia de Amadores de Musica, todos os dias uteis, das 16 ás 20 horas, ou na Sociedade Nacional de Belas-Artes, na noite do concerto.

Uma nova ópera de Ruy Coelho
Vai ser apresentada em breve, no S. Carlos, uma nova ópera do maestro Ruy Coelho: «Auto da Alma», segundo o texto de Gil Vicente. A parte da «Alma» será interpretada por Natália Viana.

No mesmo espectáculo será feita a reposição da oratória «Fátima», sobre poema de Afonso Lopes Vieira

Concerto no Jardim da Estrela

Prosseguindo na série de concertos promovidos por acordo entre o Ministério da Marinha e a C. M. L., a Banda do Corpo de Marinheiros da Armada, sob a direcção do maestro tenente Marcos Romão, toca amanhã, ás 14 e 30, no Jardim da Estrela, o seguinte programa: «Kaisermarsch», de Wagner; «O Barbeiro de Sevilha» (Abertura da ópera), de Rossini; «Instantaneas» (Descantes populares), de Sousa Morais; «Merrie England» (Fantasia), de Edward German; «Tosca» (Seleção da ópera), de Puccini; e «The invincible Eagle» (Marcha), de J. F. Sousa.

Foi adiado o concerto pela banda da G. N. R.

no Pavilhão dos Desportos
Não se realiza, amanhã, o habitual concerto pela banda da Guarda Nacional Republicana, no Pavilhão dos Desportos.

Linha de CASCAIS

O CASINO ESTORIL

está a ser decorado para o próximo Carnaval

Sob a direcção artística do arquitecto Mário de Oliveira, prosseguem activamente os trabalhos de decoração do Casino Estoril, para as grandiosas festas do Carnaval. O grande salão restaurante, o «Wonder-Bar», o cinema e o «hall», serão completamente transformados e ornamentados com graciosos motivos carnavalescos, revelando apurado sentido artístico. Nesse ambiente de surpreendente beleza pictórica, decorrerão os quatro bailes do Carnaval Internacional de 1960.

Os quatro referidos bailes estão marcados para as noites de 27, 28 e 29 de Fevereiro e 1 de Março. O primeiro será de gala; o segundo com fantasias ricas de evocação histórica e lindos trajes regionais; o terceiro, para completo gozo dos foliões, será um «baile trapalhão»; e o ultimo será o «baile azul», cor que predominará nos vestidos das senhoras e nos laços e lenços dos cavalheiros, a contrastar com o negro do «smoking».

Um novo e elegante estabelecimento

Na Rua Iracy Doyle, em frente da estação de caminho de ferro, do Estoril, inaugurou-se uma pastelaria-bar de linhas modernas, a «Cidadela», de que foi architecto Julio Cascais e construtor Evaristo Pedro.

Farmácias de serviço

ALGÉS — Miramar — Rua Ernesto Silva, 81. Telefone 012048.
CASCAIS — da Misericórdia — Rua Regimento 19, n.º 41. Telefone 080141.

ESTORIL E MONTE — Suíça — no Cruzeiro. Telefone 060087.

OEIRAS — Godinho — Rua Candido dos Reis, 98. Telefone 043090.
PAÇO DE ARCOS — Godinho — Avenida Patrão Joaquim Lopes, 4. Telefone 042039.

PAREDE — Artur Brandão — Avenida da Republica, 77-C. Telefone 047054.

Cinemas

ALGÉS — Stadium, ás 17 e 21: «O Grande Industrial» (12 anos).

CASCAIS — Académico, ás 21: «Os dez mandamentos» (12 anos); S. José, ás 21 e 30: «Vidas separadas» (17 anos).

ESTORIL — Casino, ás 17: «O outro eu» (12 anos); ás 21 e 30: o mesmo filme (17 anos).

OEIRAS — Cine, ás 21: «A maior aventura de Tarzan» (17 anos).
PAÇO DE ARCOS — Cine-Teatro, ás 21 e 15: «Julia, a ruiva» e «Uma aventura em Veneza» (17 anos).

PAREDE — Royal Cine, ás 21 e 15: «Os amantes do deserto» e «O cão milionário» (12 anos).

Descoberto o autor

do atropelamento da Venda Nova

A Polícia Judiciária fez, nos ultimos dias, várias diligências através da 1.ª secção, no sentido de ser descoberto o autor de um atropelamento seguido do abandono da sua vítima, na Rua João de Deus, na Venda Nova. Os elementos deixados pelo automobilista eram muito vagos, mas os investigadores, com a colaboração do laboratório científico, conseguiram já identificar o causador do desastre.

Trata-se de Ido Norberto de Aguiar, mecanico, de 26 anos de idade, natural de Ilha da Madeira que, na altura do acidente, transportava no veículo, de cor vermelha, seu irmão, Virgílio de Freitas, e os amigos comuns António Francisco de Jesus Moreira «O Peres», Armando Ramalho Correia de Almeida e outro individuo não completamente identificado, mas que é conhecido por Djalma, todos jogadores de futebol.

Está já esclarecido pela P. J. que todos se aperceberam do acidente, não prestando assistência ao sinistrado, o carpinteiro Manuel Moreira Ramos. O processo vai ser enviado ao tribunal competente. Como arguido figura o Ido Norberto de Aguiar e, como coniventes, os demais ocupantes do veículo.

Entretanto, as investigações prosseguem para o esclarecimento total de tão desumano caso.

O PORTO pelo telefone

Repressão ao roubo

Porto, 20 — Pela secção de Justiça da P. S. P. foram presos os irmãos Joaquim e Manuel Rodrigues da Silva, de Gaia, por, após trabalhosas diligências, se haver averiguado terem sido os autores dum furto praticado, no passado dia 14, no interior dum prédio sito em Serredo, Gaia, e habitado por Fernando da Silva Moreira. Os objectos roubados, jóias e um relógio, foram vendidos numa ourivesaria, na Rua do Loureiro, e, apreendidos, foram enviados, com os presos, á Polícia Judiciária.

Foi, também, preso pela mesma secção da P. S. P., Augusto Braga de Carvalho, sem morada certa nem modo de vida, e que roubou uma bolsa de senhora, de dentro dum automóvel estacionado em S. Roque da Lameira, e que continha um valioso alfinete de brilhantes que, com o preso, foi enviado á Polícia Judiciária.

Grande concentração de bombeiros

Por iniciativa dos Bombeiros Voluntários do Porto, uma das mais antigas corporações do nosso País, realiza-se amanhã, nos jardins do antigo Palácio de Cristal, uma grande concentração de Bombeiros Voluntários da Zona Norte, que naquele local farão a sua apresentação ao novo Comandante do Bata-

IMPRENSA

«O Vila-Realense»
Completoou pítenta anos de publicação. «O Vila-Realense», o mais antigo jornal transmontano, que é dirigido pelo sr. Heitor Correia de Matos, a quem, bem como aos seus colaboradores, apresentamos cumprimentos, com desejos de prosperidades futuras.

VIDA SOCIAL

LAURA SOBRAL
A sr.ª D. Laura Sobral partiu para Paris, onde vai assistir ás principais passagens de modelos de Primavera e Verão.

CASINO

APRESENTA

A ultima revelação do «Olympia», de Paris

DANIELE ROUILLÉ

a mais jovem vedeta da canção francesa

RUMAN & KITA

uma sensacional demonstração burlesca

E

MERCEDES E ALBANO

expressivos intérpretes do baile espanhol (Maiores de 17 anos)

AMANHÃ: «Matinée» dançante com todas as atracções. Chá completo, 25\$00

ESTORIL

STUDIO 4

Clínica Dentária Santa Joana

RUA BRAAMCAMP, 88, 1.ª ESQ. TELEFONE 733257
Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA
Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS

DIAS ÚTEIS — das 9 à meia-noite
DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

ANGÉLICA

PELES E COSTURA

CASACOS DE VIZON, ASTRAKAN, ETC.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 17 R/C., 17 DT.º — T. 60586

De passagem por Santarém, almoce ou jante no RESTAURANTE DA CAMIONAGEM RIBATEJANA.

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- O elenco da companhia de comédias que está a actuar no Teatro Avenida, na sua digressão a África, contará com os actores Fernando Gusmão e Canto e Castro.
- Para o elenco do T. N. P. foi contratado o actor Pisaní Burnay.
- A partir de 7 de Março, deixará de fazer parte da companhia do Teatro ABC, o actor Alvaro Pereira.
- Assis Pacheco interpretará a figura do «Conde de Barcelos» da crónica histórica «Leonor Teles», em ensaios no Teatro da Trindade.
- Intitula-se «Taco a taco», a revista em ensaios no Teatro Maria Vitória, original de Amadeu do Vale, Paulo Fonseca e Rui Martins.
- Está marcada para o dia 29 a apresentação na TV, da comédia «A sogra de Luís XIV», de Feydeau, em cujo desempenho intervêm os artistas Maria Vilar, Maria Emília Baptista, Manuel Lereño e Alexandre Vieira.
- A companhia do Teatro Avenida, vai ensaiar a peça «Gog Magog».
- Está em Lisboa, o empresário do Circo Price de Madrid, D. Juan Carcellé.
- Amanhã em Évora, a companhia Rafael de Oliveira, leva a cena a peça «Prémio Nobel».
- O actor João Guedes continua a fazer parte do elenco profissional do Teatro Experimental do Porto, estando a participar dos ensaios da peça «Que importa ser leal».
- O tenor italiano Loris Veli, vai participar dos espectáculos de Carnaval, que se vão realizar no Cinema Palácio, de Viana do Castelo.
- O espectáculo «Revista é sempre revista», em cena no Teatro Variedades, manter-se-á em cartaz até ao Carnaval.
- Estreia-se amanhã no Palácio de Cristal do Porto, a Escola de Samba «Gimba», da companhia Maria Della Costa.

No D. Maria II

Dentro de dias

«A visita da velha senhora», de Friedrich Durrenmatt

Friedrich Durrenmatt — escreveu recentemente Franck Jotterand em «L'Express» — é um dos mais importantes escritores da língua alemã actual. Tem apenas 39 anos, mas as suas peças são representadas em todo o Mundo, de Moscovo a Tóquio, de Paris a Nova York. Quando da estreia na capital francesa, há três anos, pela companhia Grenier-Hussenot, a sua obra mais representativa «A visita da velha senhora», conquistou o «Prémio Mölière».

É esta peça extraordinária, recheada de um humor irresistível mas contundente, que Amélia Rey Colaço vai revelar, dentro de dias, ao público de Lisboa, numa estreia sensacional — e tanto mais sensacional quanto é certo que o encenador deste espectáculo é D. Cayetano Luca de Tera, o brilhante realizador do inesquecível «Processo de Jesus». Acrescente-se, ainda, que o grande homem de teatro espanhol tem a colaboração de Lucien Donnat, que concebeu a complexa cenografia e os dispositivos cénicos, e que veremos nos papéis dominantes Amélia Rey Colaço, na protagonista, e Erico Braga, no inquietante papel de «Alfredo III».

No Trindade

Uma oferta aos escritores portugueses

Todos os sócios da Sociedade Portuguesa de Escritores, na próxima segunda-feira, 22, mediante a apresentação do seu cartão, terão direito a um ou dois bilhetes, conforme o seu desejo, na bilheteira do Teatro da Trindade, onde se representa neste momento a tragédia-farsa de Olavo de Eça Leal, «O amor, o dinheiro e a morte».

No Monumental

Laura Alves triunfa em «Margarida da Rua»

Laura Alves regressou ao teatro musicado e todo o público correu ao Monumental para ver a peça «Margarida da rua», em que a popular actriz encarna a protagonista.

ta. A seu lado um numeroso grupo de artistas constituído por Luís Tito, Rui de Carvalho, Paulo Renato, Alberto Ghira, Luís Horta, Morais e Castro, Rui Mendes, António Anjos, Beja Filipe e Palma Vaz. «Margarida da rua», em quarta semana de triunfal êxito, com direcção musical do excepcional maestro Issi Fabra. Todas as noites em duas sessões às 20 e 45 e às 22 e 45.

Foi adiado

o colóquio sobre a encenação da «Menina Júlia»

Foi adiado para data a anunciar o colóquio sobre a encenação da «Menina Júlia», de Strindberg, por Jacinto Ramos, marcado para depois de amanhã, na Voz do Operário.

Teatro de amadores

Na Sociedade Guilherme Cossoul

A direcção da Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul nomeou uma comissão para dirigir a sua secção de teatro, da qual faz parte o actor Paulo Renato. No seu próximo espectáculo que deverá efectuar-se em fins de Abril, será levada à cena a peça «A nossa cidade», do autor americano Thornton Wilder.

Um curso no Algarve

de iniciação teatral

FARO, 20. — O Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve organizou um curso de iniciação teatral, que é dirigido pelo sr. dr. Emílio Campos Coroa e funciona, às quintas-feiras, na sede do Círculo.

Na abertura do curso, que despertou invulgar entusiasmo, o sr. dr. Campos Coroa ocupou-se do tema «Introdução histórico-cultural ao estudo do Teatro — da pré-história ao século XI»; e depois, sucessivamente, dos temas: «Introdução histórico-cultural ao estudo do Teatro — do séc. XI ao séc. XVI» e «Introdução histórico-cultural ao estudo do Teatro — do séc. XVI ao séc. XX». Também já falou sobre «História geral do Teatro português» o sr. dr. Joaquim Magalhães. O programa das próximas reuniões inclui: no dia 25, «A contribuição da Grécia e da cultura clássica para a história da civilização», pelo sr. dr. José Neves Junior; e em 3 de Março, «Autores e correntes estéticas fundamentais do teatro alemão», pelo sr. dr. Elviro da Rocha Gomes.

O curso inclui representações de textos teatrais relacionados com os temas desenvolvidos.

Primeiras exhibições

«Noite de lua minguante», no São Luiz e Alvalade

Quando as agências telegráficas anunciam a proibição feita a Nat «King» Cole de cantar em San Francisco, o admirável cantor negro, um dos mais apreciados entre nós, autêntico «best-seller» do disco, surge em «Noite de Lua minguante», numa película que combate o ódio e a intolerância. Os problemas raciais nos Estados Unidos são tão agudos neste momento como o eram há algumas décadas de anos. «Noite de Lua minguante» narra-nos a história de um amor que triunfa sobre preconceitos desumanos.

Filme absolutamente excepcional, protesto corajoso e ativo contra uma situação inquietante, «Night of the quarter moon» tem uma densidade dramática impressionante. Um branco e uma jovem de sangue negro, filha de uma mulata de Angola, enfrentam a cólera de uma

cidade que nem por ser vasta é mais consciente e lucida.

Interessa destacar os intérpretes, Anna Kashfi e John Drew Barrymore, herdeiro de um nome ilustre, que dão humanidade a duas figuras admiráveis. Na tela, surgem ainda a surpreendente Julie London, uma voz sedosa, quente, menos gritante e mais íntima que a de Eartha Kitt, e o fabuloso Nat «King» Cole, que o público português tem admirado nos seus «shows» da R. T. P. Filme em cinemascópio dirigido com segurança e agudeza por Hugo Haas. A película que ontem se estreou no S. Luís e Alvalade tem o nível a que nos habituaram aqueles dois cinemas, um dos mais antigos de Lisboa e um dos mais recentes, que têm públicos diversos, unânimes, no entanto, em aplaudir obras de excepcional nível artístico, como aquela que ali podemos admirar agora. — P.

«O grande chefe», no Eden

Fernandel não tem apenas uma face que é autêntica máscara carnavalesca. Comediante admirável, homem de espírito, actor consciente, Fernandel é um dos mais notáveis nomes do cinema francês. Coroador rei do Carnaval de Estoril, que se anuncia ruidoso e bem frequentado, Fernandel surgiu na tela do Eden, num papel que lhe fica a matar, para alegria do seu vasto público. «O grande chefe» é uma co-produção franco-italiana e narra-nos a história de um rapto destruído, as desventuras de dois amáveis patifes que tiveram a pouca sorte de raptar um pequeno diabo. As peripécias deste rapto suculto e as monumentais partidas que o miúdo faz a Fernandel e a Gino Cervi provocam o riso permanente de um público entusiástico.

Filme de Carnaval, realmente novo, diferente, inesperado, «O grande chefe» é uma película deliciosa e movimentada. Bons documentários. Visor 30.

Reposições

«O homem do fato claro», no S. Jorge

A suculenta película «O homem do fato claro», do autor de «O quinto era de cordas» e de «Mentira mal dita» (este na sua fase norte-americana), está na linha das comédias cinematográficas inglesas. Filme que revemos com agrado, «O homem do fato claro» põe o problema do choque entre o progresso e os interesses criados e tem uma solução discutível. O filme é, sobretudo, uma sátira poderosa contra os industriais. Filme de admiráveis tipos humanos. Sateliza Alec Guinness uma série de actores magníficos.

O público divertiu-se neste limiar do Carnaval, para o qual se anuncia «A mulher e o fantoche».

Entre os documentários, um notável desenho animado da série «Sr. Pitosga», cuja subtil e depurada ironia nem todos querem entender. — Visor 30.

«Winchester 73», no Roma

Um «western» já famoso, «Winchester 73», de Anthony Mann, voltou a triunfar, perante um público numeroso e entusiástico. Filme perfeito, de acção intensa e vigorosa definição de figuras, é interpretado por James Stewart, Shelley Winters, Dan Duryea e Stephen McNally. O Oeste americano, universo que o cinema vem explorando desde há dezenas de anos com maior ou menor habilidade e inteligência, é o ambiente onde se desenrola este filme superior.

Bons documentários. — Visor 32.

MONUMENTAL

«O corcunda», com Jean Marais

Baseando-se na célebre história de Paul de Féval «Le Bossu», André Hunebelle produziu um «east-

mancolor» e «cinemascope» o mais empolgante filme de aventuras dos últimos anos. Magnificamente interpretado por um conjunto de extraordinários actores franceses entre os quais avultam os nomes de Jean Marais e Bourvil, este filme que nos conta um episódio da vida aventureira do cavaleiro de Lagardere, é um espectáculo vibrante pleno de cavalheirismo e de audácia que entusiasma e diverte da primeira à última imagem.

«O Corcunda» é sem dúvida o melhor espectáculo cinematográfico em cartaz nos cinemas de Lisboa e vai entrar em 3.ª semana de exibição no Monumental.

TIVOLI

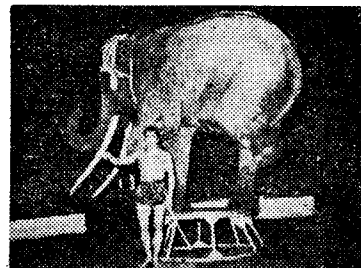
Amanhã «O Renegado», com Pierre Fresnay

«O Renegado» que se exhibe na sessão clássica de amanhã, às 11 horas, no Tivoli, é um filme muito especial que provoca necessariamente reacções extremas. O argumento põe em foco o problema dum sacerdote católico que renega por orgulho. É fácil de compreender a dificuldade de tratar semelhante tema num filme. No entanto, Leo Joannon conseguiu equacioná-lo dramaticamente por forma a fazer dele um espectáculo que não deixa ninguém indiferente. Pierre Fresnay é o seu extraordinário intérprete.

Coliseu

Prossegue a carreira triunfal da companhia das celebridades!

Um elenco fabuloso com Pinito del Oro e Kinito! Esta noite, às 21 e 30



É verdadeiramente apoteótica a carreira da 2.ª Grande Companhia de Circo de 1960. Milhares de pessoas aplaudem diariamente um elenco fabuloso que reúne as celebridades do momento! Pinito del Oro, a bela espanhola que venceu a morte; Kinito, o rei do riso; os Markus, magníficos atletas; Chang, o desconcertante ilusionista são algumas das figuras que prestigiam a companhia. A noite às 21 e 30.

Aproxima-se o Carnaval! O povo de Lisboa vai divertir-se no Coliseu! Quatro dias de alegria! Três orquestras! Bailes até de madrugada!

Recintos de diversões

No salão de festas de A Voz do Operário, efectua-se, hoje, uma festa organizada pelo cantador Vítor Nunes, na qual participam, entre outros fadistas, Tristão da Silva, Fernando Farinha, Manuel Fernandes, Sérgio, Manuel de Almeida, Celeste Rodrigues, Fernanda Maria, Julio Veitas, Alfredo Duarte Junior, Fernando Mauricio, Joaquim Cordeiro e Manuel Bogalho.

Também no Lisboa Clube Rio de Janeiro, haverá hoje, pelas 21 e 30, uma festa de homenagem ao poeta popular João Rodrigues Gomes, para a qual deram a sua adesão Artur Ribeiro, Maria Marques, Manuel Fernandes, Manuel de Almeida, Fernanda Maria, Joaquim Cordeiro, Maria Rosa Rodrigues, Alice Maria e Fernando Mauricio. Haverá baile, abrilhantado pelo conjunto «Os Diabólicos».

NO T. 55133

Teatro Monumental
ESP. VASCO MORGADO, Ld.

5.ª

SEMANA
UM
EXITO!
COM

Musica,
Graça
e...

Espírito
LAURA
ALVES
em

MARGARIDA DA RUA

2 S E S S Õ E S
ÀS 20.45 e 22.45 H.

ADULTOS — M/17 ANOS
Preços normais desde \$500

monu
mental
CARNAVAL
só o do
MONUMENTAL

4 NOITES DE FOLIA!!!
2 S E S S Õ E S
ÀS 20.30 e 23.30 H.

BAILE

ATÉ DE MADRUGADA
ao som de 3 ORQUESTRAS
UMA PEÇA E UM SHOW
DE GRANDE CATEGORIA
ADULTOS — M/17 ANOS

CARNAVAL
INFANTIL
(4 ANOS)
DOMINGO, 2.ª e 3.ª
ÀS 15 e ÀS 18 H.

Grande Concurso de Máscaras

MAIS UMA

TARDE POPULAR

HOJE ÀS 15.30 H.

PREÇOS REDUZIDOS PARA
TODO O PÚBLICO DESDE
4\$00

ESTUDANTES 7.50 e 5.00



teatro
AVENIDA
tel. 27273

A FARSIA DA GARGALHADA PERMANENTE
IRENE ISIDRO
A TRÊS REATOS DE UM GRANDE ELENCO

HENRIQUE SANTANA
A GRANDE REVELAÇÃO

HENRIQUE SANTOS
À noite, às 21.45 h.
ADULTOS — M/17 ANOS
Amanhã à tarde,
às 15.30 h.

No Teatro Avenida
PARA MAIORES DE 4 ANOS
HOJE E AMANHÃ, À TARDE
às 18.30 horas

ULTIMOS DIAS da encantadora
peça de Tomás Ribas
CINDERELA



a Gata Borralheira

com Maria José na protagonista
e o elenco do GERIFALTO
Dir. Art. António M. Couto
Viana

Entrada gratuita a todas as crianças
dos 4 aos 7 anos. Preços: Placeta
a 20\$00 — Entradas Camarote a 4\$, 6\$, 8\$, 10\$ e 15\$0

RITZ
CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE
Adultos (Maiores 17 anos)

Musica de baile por
VILACA E SUA ORQUESTRA

NO SALÃO TÍPICO: CÉIAS, NOITE DE
FADOS E GUITARRADAS

CASAS A' CUNHA!.. NÃO SE FALA NOUTRA COISA!

VER PARA NUNCA
MAIS ESQUECER

UMA PRODIGIOSA NOVIDADE
NA ARTE DE FAZER RIR!

PACO FLORES

NUMEROS BISADOS! 40 MINUTOS DE GARGALHADA CANÇÕES! CHISTES!

O «HOMEM-ESPECTÁCULO» SEM RIVAL! E OUTRAS ATRAÇÕES

BAILE DE CARNAVAL

TEATRO NACIONAL
DE DONA MARIA II
SÓ HOJE E AMANHÃ,
às 21 e 45
(12 anos)

ÚLTIMAS
REPRESENTAÇÕES

Diálogos dos Carmelitas

A SEGUIR, EM ESTREIA

A Visita da Velha Senhora
de Friedrich Dürrenmatt

ACIMA DE TUDO,
A TRADIÇÃO!



ABC

(Emp. Teatral
A B C, Lda.)
Tel. 266745
(17 ANOS)
José Miguel
apresenta às
20,30 e 22,45
CARMEN
ESBRI
ALVARO PE-
REIRA
MARIA ADE-
LINA * **MAX**
HELENA
TAVARES * **ANTÓNIA MON-**
TES * **DANIEL GARCIA**
ALDA PINTO * Os bailarinos
YOLA e PAULO * A nova artis-
MARIA JOÃO * **CARLOS**
COELHO num engraçado «com-
père» e

■ **RAUL SOLNADO** ■
na revista triunfante
QUEM SABE, SABE...
AMANHÃ ESP. ÀS 16 H.

HOTEL TURISMO DA ERICEIRA

FIM DE SEMANA
CONDIÇÕES ESPECIAIS

Todos os domingos a já
famosa

Paelha de lagosta
NESTE HOTEL
NÃO HÁ
CARNAVAL

Informações e reservas
Telefones 25 e 130
ERICEIRA

TECIDOS ALVINIZ

Grande liquidação de verdadeiros
saldos.

16, Largo do Carmo, 17
LISBOA

PINGUIM

SALÃO DE CHÁ BOITE DE NUIT
HOJE INAUGURAÇÃO

CHÁS DANÇANTES DAS 18 AS 20 HORAS
SOIRÉES ÀS 22.30

Cantor **RICARDO LUIZ** e **TOBÉ** e seu Conjunto

Calçada da Glória, 2 (junto aos Restauradores)
MAIORES 15 ANOS

UMA PEGA 6\$50

DOÇARIA CASEIRA — CAFÉ DE BALÃO — Praça do Areeiro, 11-D, no

BAR RIBATEJO

TEATRO CAPITÓLIO

AS 21.45 (T. 27493)

SANDRO apresenta
MARIA DELLA COSTA
EM

MORAL EM
CONCORDATA

(Maiores de 17 anos)
ÚLTIMOS DIAS

Amãhã, espectáculo á tar-
de, às 16 horas. — Preços
para estudantes 10 escudos



Compre hoje mesmo o
seu bilhete para o
GRANDE CARNAVAL
CARIOCA
M/ 15 ANOS

A SEGUIR:
ALMA BOA DE SE-TSUAN
de Brecht (M/ 17 anos)

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R da Glória, 21 — Tel. P. B. X 29807

Hotel Vale de Lobos

FIM DE SEMANA

CONDIÇÕES ESPECIAIS

Chá Dançante, todos os do-
mingos, das 16 às 20 horas

CARNAVAL

2 GRANDIOSAS «MATI-
NEES»

DOMINGO, 28
e TERÇA-FEIRA, 1

Conjunto **YORK MELODIE**

com **FERNANDO REIS**
AO MICROFONE

Informações e reservas
Telefs. 094846 e 094843

(Maiores de 15 anos)



LUSO

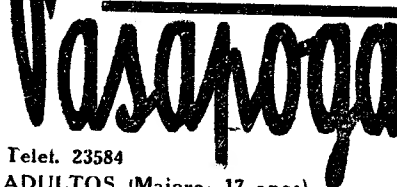
R. Queimada, 8-A
Tel. 32889
Adult. M/ 17 anos
Hoje (até de ma-
drugada) Fados e
Canções, por Au-
roria Sobral—Jo-
aquim Silveirinha
— Constança Nu-
nes — Manuel Hi-

lário — Amélia Susana e Eduardo
Franco. Acompanhamentos por An-
tónio Couto e Pedro Leal.

Sábado — Início do grande CAR-
NAVAL DO LUSO — FADOS —
DESGARRADAS E BAILE.
Marcam-se Mesas

HOJE O MAIOR ACONTECIMENTO DO ANO UM NOVO ELENCO SENSACIONAL DUAS ESTREIAS DE EXCEPCIONAL CATEGORIA!

EM PREPARAÇÃO:
A GRANDE FESTA DO
2.º ANIVERSÁRIO
ATENÇÃO AO
CARNAVAL
4 Noites de loucura



Telet. 23584

ADULTOS (Maiores 17 anos)

MUSICA DE BAILE POR
SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

MARAVILHOSO E SELECTO BAILE DE MASCARAS

A FASCINANTE SUPER-VEGETA

AMPARITO VALCANERA

E O SEU INCOMPARÁVEL FRISO DE BELDADES EM

BALLET PASAPOGA

6 VEGETAS DE RARA «SOUPLESSE» COREOGRÁFICA
2 BAILARINOS DE NOTÁVEL E REQUINTADA PERSONALIDADE
UM CONJUNTO INÉDITO EM ARTE E BELEZA

3. AINDA A FAMOSA ATRACÇÃO SUL-AMERICANA

BALLET HORACIO CASTANO

4 ESCULTURAIS BAILARINAS
UM BRILHANTE BAILARINO — UMA ADMIRÁVEL CANÇO-
NETISTA

Em 2 SESSÕES—A's 20,30 e 22,45 h. NO

VARIEDADES

Giuseppe Bastos e Vasco Morgado
APRESENTAM

O GRANDE ESPECTÁCULO DE
ALEGRIA DO MOMENTO



PELO MAIOR ELENCO DE TODOS OS TEMPOS!!! com

Carmen de Lirio

AIDA BAPTISTA
BERTA LORAN

COSTINHA

LUIZA DURAO
ANITA GUERREIRO

COLÉ

E PELA 1.ª VEZ NO «COMPERE»
JOSE VIANA

LILIAN

REVISTA SEMPRE É REVISTA!

AMANHÃ, ÀS 16 H. ESPECTÁCULO A TARDE!

TRINDADE

HOJE ÀS 21,45 MAIS UM TRIUNFO DO T. N. P.

O PÚBLICO DIVERTE-SE E APLAUDE A PEÇA DE OLAVO D'EÇA LEAL

O AMOR, O DINHEIRO E A MORTE

Carmen Dolores, Assis, Ribeirinho, Rogério Paulo, Gusmão, Cortês, Josefina Silva

Cartaz dos Cinemas



Telefone 27172

15,15, 18,15 (p. r.) e
21,30 (M/17 anos)
Cinemascope
Humilhada pelo seu
passado, aviltada no
seu orgulho, tudo
porque o amor de ambos transpôs
fronteiras proibidas

NOITE DE LUA MINGUANTE
com Julia London e Nat King Cole

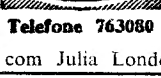


Telefone 20768

15,30 - 18,30 e 21,45
(M/12 anos)
Um filme para rir
FERNANDEL
em

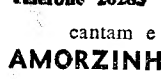
O GRANDE CHEFE
com GINO CERVI

Eles raptaram um filho de um milio-
nário... mas arranjaram um grande sa-
rího.



Telefone 763080

A's 15,15 (p. r.) e
21,45 (M/17 anos)
Cinemascope
NOITE DE LUA
MINGUANTE
com Julia London e Nat King Cole



Telefone 26283

15,15 - 18,15
e 21,30
(M/12 anos)
2.ª SEMANA
Pedro Infante
e **Sarita Montiel**
cantam e encantam, em

AMORZINHO DA MINHA
VIDA



Telefone 845037

21,00 (M/17 anos)
A MULHER
QUE COMPROU
O AMOR
SEU OFÍCIO ERA MATAR



Telefone 24194

21,00 (M/17 anos)
OS VIKINGS
(em Technirama)
ONDE MORRE
O VENTO



Telefone 50595

(M/17 anos)
num grande êxito de Henri Decoin
PORQUE VENS TÃO TARDE...



Telefone 26305

15,15, 18,15 e 21,30
2.ª semana triunfal
Um dos maiores
êxitos de gargalhada
de todos os tempos
na famosa farsa

O SOBE E DESCE
com Teresa Velazquez e «Borolas»
EASTMANCOLOR (Maiores 12 anos)



Telefone 22523

15,15 - 18,15 (p. r.)
e 21,30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
O PASSARINHO DA RIBEIRA
com António Silva, Deolinda Rodrigues,
Maria Cristina, Leônia Mendes, Hu-
berto Madeira, etc.



Telefone 47103

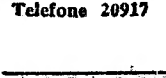
15,30 - 18,30 (p. r.)
e 21,45 (M/12 anos)
4.ª SEMANA
Todo o exotismo do
celeste Império num
espectáculo de bela-
za inigualável

O HOMEM DO RICKSHAW
com Toshio Mifune



Telefone 610375

21,15 (M/17 anos)
AGENTE SECRE-
TO N.º 1
Cinemascope
com Lino Ventura e Charles Vanel



Telefone 20917

21,00 (M/17 anos)
OS OLHOS DA
TESTEMUNHA
RIVALIDADE

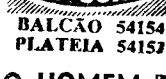


Telefone 55134/5

15,15 - 18,15 (p. r.)
e 21,30 (M/17 anos)
Pela primeira vez
em Portugal uma
realização de

INGMAR BERGMAN
SORRISOS DE UMA NOITE
DE VERÃO

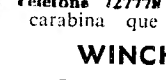
com Ulla Jacobsson e Eva Dalbeck



Telefone 54154

A's 15,15, 18,15 e
21,30 (M/12 anos)
ALEC GUINNESS
e John Greenwood
em

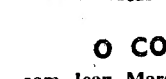
O HOMEM DO FATO CLARO
Uma comédia tipicamente... Guinness



Telefone 727778

15,30 - 18,30 (p. r.)
e 21,45 (M/12 anos)
Sensacional
reposição
A história de uma
carabina que conquistou o Oeste

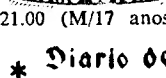
WINCHESTER 73
com James Stewart e Shelly Winters



Telefone 55131

15,15 e 21,30
(M/12 anos)
2.ª SEMANA
Vibrante filme de
aventuras em
Eastmancolor
e Dyaliscope

O CORCUNDA
com Jean Marais e Sabina Selman



Telefone 48560

21,00 (M/17 anos)
DESFOLHANDO
A MARGARIDA
VENEZA, A LUA E TU



Telefone 2100

21,00 (M/17 anos) com Alec Guinness
O OUTRO «EU»

Diz o médico...

(Continuação da 1.ª página)

capital que possuía no vasto campo da patologia, constituindo hoje a vida, nas consultas externas, o aparecimento de casos sintomáticos, lues primária ou secundária, isto é, doença sífilítica nas duas fases terapêuticas, treponémica e de evolução cicatricial (Durel, Paris, 1959). No capítulo da venerologia são, pois, notáveis as grandes conquistas da medicina, pós-antibiótica e pós-dexametasona.

Que se passou depois de 1900? O treponema da sífilis foi descoberto em 1903 por Schaudin e Hoffman; a reacção de fixação do complemento (Bordet e Gengou) teve o seu primeiro ensaio no diagnóstico da lues por Wassermann, Neisser, Bruck e Detre, três anos depois (1906).

Esta reacção foi modificada por Parborn (1941), que passou a utilizar a cardiolipina, em solução alcoólica, com lecitina e colesterol, como o antígeno preferível ou de escolha.

A síntese do salvarsan, obtida por Ehrlich (1907), representa a primeira grande etapa na quimioterapia das doenças infectocontagiosas e também na do mal espanhol ou napolitano.

Mahoney (1943), rasgando novos horizontes, serve-se da penicilina para o ataque à sífilis e, passados seis anos (1949), Nelson e Mayer acertam a prova da imobilização do agente infectante. São estas as principais datas que convém reter.

O diagnóstico de casos recentes, quando existem e florescem lesões clínicas, é fácil de estabelecer. Procura-se e encontra-se sempre, nas lesões, o treponema. A pesquisa em campo escuro é a mais rápida e segura, existindo na rotina de todos os serviços da especialidade.

Na lues tardia, benigna ou maligna, o aspecto das lesões, a topografia e os sinais clínicos podem orientar o diagnóstico. As análises, porém, devem, por seu turno, confirmá-lo.

Quando existem sintomas clínicos evidentes, as dificuldades são, todavia, diminuídas. Se as reacções resultam positivas, sem passado clínico evidente, o problema complica-se. Nunca se deve tratar um doente sem previamente ter sido estabelecido o respectivo diagnóstico. Para o diagnóstico de probabilidade ou de certeza é importante: interrogatório segundo as regras estabelecidas; exame cuidadoso da pele e das mucosas, do aparelho cardiovascular e sistema nervoso; revisão e actualização das provas serológicas; exame radiológico do coração e grandes vasos; exame do líquido cefalorraquidiano, reacção de fixação do complemento, oiro coloidal, fórmula e contagem, globulinas; verificação do contacto. Mas, em primeiro lugar, conta a observação clínica...

A prova de Nelson (especificidade da imobilização do treponema) faz parte de uma série de reacções, cujos antígenos são constituídos por treponemas vivos ou mortos, ou substâncias derivadas dos mesmos. É cem por cento positiva na sífilis tardia não tratada.

Existem ainda outras provas importantes que coadjuvam o rápido estabelecimento do diagnóstico: a de Gain (1953); a de Magnuson e Portnoy (1956); Alexandre (1949) e Rosenan (1956).

O exame clínico sintomático deve, porém, confirmar toda e qualquer prova serológica, por maior confiança que ofereça.

Os dados fornecidos pelos esquemas norte-americanos de ataque e tratamento rasgaram novos horizontes na terapêutica antilúética. As primeiras experiências efectuaram-se com setenta e cinco mil doentes, entre os quais havia três mil duzentos e quarenta e quatro de sífilis recente. Os testes foram conduzidos pelo professor Baer, do Hospital Monte Sinai, de New York, N. Y. Tal cadastro de tratamento em massa foi realizado com arsenicais, via endovenosa, gota-a-gota.

No ano de 1943, Mahoney, Arnold e Harris, re-estruturando novo esquema, publicam os primeiros ensaios com a penicilina, ensaios que motivaram uma autêntica revolução em todos os meios científicos.

Voltaram os mesmos autores a publicar novo relatório em 49 e no

qual chegaram à conclusão de que a penicilina constituiria o processo de eleição no ataque à lues, em todas as formas clínicas, em especial na recente. O treponema — afirma aqueles autores — é destruído em pouco mais de setenta e duas horas.

Variam os esquemas de ataque segundo as escolas europeias e americanas, podendo ir de seis a doze milhões de unidades internacionais de penicilina. A dose média seria, mais ou menos, de oito milhões.

A evolução das provas serológicas é a seguinte: negativas, três meses depois do tratamento (25 %); depois dos seis primeiros meses (40 %); final do primeiro ano (25 %); restantes (10 %). Positivas durante alguns anos. O aumento rápido, intenso e persistente dos títulos serológicos e indistinctos, com segurança, necessidade de mais tratamentos, além de o doente ser vigiado de seis em seis meses.

Pierre Durel, num trabalho recente, afirma que, apesar das drogas excepcionais e activas utilizadas pelo médico, a sífilis aumentou de frequência nos últimos três anos e que os enfermos tratados com a penicilina (10 %) continuam com serologia positiva e irredutível, mantendo ainda a opinião dos tratamentos associados com corticosteróides, malarioterapia, e repetidas séries de injeções mercuriais.

Tais tratamentos — repete Durel — encontram-se indicados na segunda fase, isto é, na evolução cicatricial da lues, quando as lesões anatómicas se mostram indiferentes às terapêuticas específicas.

Outros antibióticos têm sido igualmente utilizados no ataque à lues, em especial o cloridrato de oxitetraciclina, na dose de três gramas diários durante dez dias, na recente, e quinze dias, na sífilis tardia.

Regista-se que a sífilis sintomática tem diminuído sensivelmente nos últimos anos. Vive-se na época da sífilis serológica, sendo ainda a penicilina (antialérgica) o fármaco de escolha.

Hoje, como ontem, como sempre, é necessário estabelecer o diagnóstico antes de qualquer tentativa de tratamento.

A. d'E.

A morte do poeta Antônio Correia de Oliveira

(Continuação da 1.ª página)

sem os primeiros presságios da Primavera nos campos amenos de Espozende. Ali, onde tão recentemente ainda uma homenagem nacional mais uma vez celebrara o

O governador civil de Portalegre vai ser homenageado



Dr. Matos Chaves

Gera-se no distrito de Portalegre um movimento, com carácter popular, de homenagem ao respectivo governador civil, sr. dr. Francisco Teles de Matos Chaves, que naquela vasta região alentejana tem realizado uma notável obra em prol do progresso das camadas mais modestas.

A campanha tem, também, o objectivo de incitar o dr. Matos Chaves a manter-se no seu elevado posto, que ocupa desde 1955, com rara eficiência, depois de ter exercido as funções de, sucessivamente, assistente da Junta Central das Casas do Povo, subdelegado do Instituto Nacional do Trabalho, em Braga, delegado do mesmo instituto em Portalegre, onde criou uma delegação da F. N. A. T., uma orquestra com 40 intérpretes, cinema para o povo e fomentou actividades folclóricas, culturais, recreativas desportivas, fundou onze centros de Educação Familiar e Doméstica.

Graças à acção do dr. Matos Chaves foi, ainda, o distrito de Portalegre beneficiado com bairros económicos, o 3.º ciclo liceal, e, ainda em formação, a Escola do Magistério. Tem animado sobremaneira as actividades das Camaras Municipais e movimentado o delicado problema da agricultura. E muitos estudantes têm seguido os seus cursos a expensas do fundo de representação do próprio governador civil.

A população de todo o distrito portalegrense veria com muita mágoa o afastamento do dr. Matos Chaves, cuja profícua e criteriosa acção tem merecido de todas as camadas sociais o mais entusiástico louvor.

seu nome ilustre, ele se despediu à noite das frondes e da sombra dessa mesma natureza de que o seu espiritualismo cristão se alimentou.

Filho do deputado dr. José Correia de Oliveira e da sr.ª D. Joaquina Augusta de Figueiredo de Almeida Correia, nasceu em 1879 em São Pedro do Sul esse que viria a ser para muitos o mais natural, o menos artificioso, o mais suave e puro dos poetas do seu tempo.

Orfão de pai aos doze anos, ingressou no Seminário de Viseu, mas, sentindo que não possuía vocação para sacerdote, regressou à sua terra, com a bagagem de humanidades que ali conquistara. Não seria imenso o peso do seu saber, mas o poeta, que já o era, haveria de completar por si próprio o edifício de uma cultura de que deu sobejas e exemplares demonstrações.

Sobre a sua formação e feito espiritual, escreveu Maria Amália Vaz de Carvalho estas palavras significativas: «Antônio Correia de Oliveira nunca aprendeu nada; não lhe magoaram o espírito, não lhe asfixiaram a imaginação, não lhe manietaram a independência, nem sistemas pedagógicos, nem mestres nem professores, nem lentes. Tem ele muita pena disto. Eu tenho muito prazer em que assim sucedesse». O que Maria Amália Vaz de Carvalho desse modo reconhecia e valorizava em Antônio Correia de Oliveira eram a singularidade, a espontaneidade profunda, a natural maneira de ser tão-somente ele próprio que o haviam de singularizar entre os funambulismos da inteligência e os truques espectaculosos de muitos dos seus pares.

Em Lisboa fez Correia de Oliveira as suas armas no jornalismo, integrado na redacção do «Diário Ilustrado», onde aliás não criou raízes. Colocado depois como amanuense na Procuradoria Geral da Coroa, por Antônio Candido, que lhe admirava o estro, já então revelado, também daí o poeta não tardou muito a sair, despedido «por medida económica». Entretanto no terreno da fama sem proventos, o seu nome caminhava com firmeza para a glória. Várias das suas obras, algumas das quais hoje se encontram vertidas para alemão, italiano e sueco, tinham já sido dadas à estampa («Ladainhas», em 1897; «Eirados» no ano seguinte; «Auto do fim do dia» em 1900; «Alívio dos Tristes», em 1901; «Cantigas» e «Ritmo do Berço», em 1902; «Raiz», em 1903; «Ara», em 1904; «Parábolas», em 1905; «Tentação de São Frei Gil», em 1907).

Em 1908 foi Antônio Correia de Oliveira eleito sócio da Academia das Ciências. Henrique Lopes de Mendonça fez então o seu elogio numa sessão memorável. Um ano depois, era eleito sócio da Academia Brasileira de Letras o autor de «O Pinheiro exilado», do «Elogio dos Sentidos», obras em que então a sua nobre sensorialidade esposava, sem qualquer esforço, os rumos do límpido misticismo cristão em que o poeta havia de prosseguir, cada vez mais e mais inebriado com a sua própria fé, com a maravilha de existir. Assim ele sentia a vida e a amava em cada um dos seus versos.

Casou em 1912, com a sr.ª D. Maria Adelaide da Cunha Sotomaior de Abreu Gouveia e fixou então residência na Quinta de Belinho, em Espozende, onde a sua existência a partir dessa data decorreu, patriarcal, no culto da beleza, do bem e da natureza-alma que para ele resumia todas as forças de renovação e redenção e a imagem benfazeja de um Deus clemente.

A sua obra cresceu assim, na paz dos virentes bosques e dos lenes prados minhotos, como água cristalina jorrando de uma fonte. E vieram, após «Alma Religiosa» e «Cravos», «Romarias» (1912); «A criação — Vida e história da árvore», «Alma da árvore» (1913); «Os teus sonetos» (1914).

O amor conjugal, o nascimento de um filho, as imagens do trabalho campestre, as figuras de um povo idealizado, visto menos nas suas angústias dramáticas do que nas suas horas de paz e de alegria — foram, entre outros, da mesma sorte, os motivos que continuaram a afervorar a inspiração do candidato poeta, em livros belos e claros como «Meninos», «A minha terra», «Caminhos», «Auto do Ano Novo» (pois a tradição, foi ele buscar não só lições de vida como formas de arte), «A Lareira», «Vida do Lavrador», «Daquém e d'além Ondas», «Do meu quintal», «Os Namorados», «Auto de Junho», «Um lenço de cantigas», «Cartas ao vento», «Estas mal notadas regras», «Na hora incerta ou a nossa Pátria», «E Portugal que vos fala», «Viriato Lusitano», «Auto do Ber-

ço», «O Santo Condestável», «Nau Catrineta», «Terra do Paraíso», «Os Sinos do Cativo», «A fala que Deus nos deu».

O sentido da história concebida através da ortodoxia católica e de uma patente veneração pelos valores tradicionais, anima ainda essa obra monumental e dá-lhe por vezes um carácter de ensinamento, do qual se pode certamente discordar, mas a que não se pode recusar a admiração devida ao fundo de lealdade e amor pelos homens que era o do poeta do Belinho.

Em 1937, Antônio Correia de Oliveira visitou o Brasil, onde foi acolhido com solenes e exuberantes provas de um afecto que bem demonstrava a admiração ali provocada pela sua obra. Olegário Mariano, discursando na Academia Brasileira, na sessão ali efectuada em honra do poeta português, teceu-lhe os mais altos louvores, ressaltando a verdade da sua poesia, espelho da vida qual o destino a fez.

De entre a vasta obra de Antônio Correia de Oliveira, citamos ainda «Pão nosso, alegre vinho, azeite da candeia», «Verbo ser e verbo amar», «Terresinha» (milagre em cinco quadros), «Cartas em verso», «Job», «Pátria Nostra», «Roteiro da Gente Moça», «Pátria Nossa, Pátria Vossa» (saudação ao Brasil), «História Pequena de Portugal».

O poeta, que completara este Verão 81 anos, deixa dois filhos: os srs. dr. José Gangaço de Sotomaior Correia de Oliveira, secretário de Estado do Comércio, e dr. Antônio da Cunha Sotomaior de Abreu Gouveia Correia de Oliveira, casado com a sr.ª D. Maria Teresa da Costa e Silva de Carvalho Correia de Oliveira.

Era irmão do dramaturgo dr. João Correia de Oliveira casado com a sr.ª D. Maria Cândida de Sotomaior Correia de Oliveira; e avô dos meninos Antônio Nuno, Maria Adelaide, Rui Manuel e Maria Teresa de Carvalho Correia de Oliveira.

A agonia do poeta

ESPOSENDE, 20. — (Pelo telefone) — Os últimos momentos do grande poeta, que há dois dias, já quase cego, se encontrava em coma, devido a uma trombose cerebral, tiveram o conforto da família e dos amigos, que carinhosamente o acompanharam nesse derradeiro transe. Além dos filhos, sempre a seu lado, ali estiveram, emocionados, o sr. subsecretário do Comércio, dr. Dias Rosas; o governador civil de Braga, dr. Antônio Abranches; o presidente da Camara de Espozende, Antônio da Costa Leme; os engs. Albano Homem de Melo e Antônio Lacerda; os srs. dr. Henrique de Carvalho e Costa e Jorge Sequeira; o pintor Henrique Medina, o deputado Benjamim Salgado e outras personalidades das relações de Antônio Correia de Oliveira, além do pároco da freguesia e do médico assistente.

Após o falecimento, que se deu pouco depois da meia-noite, chegaram à Quinta do Belinho, de madrugada, diversos telegramas de altas personalidades, quer políticas, quer eclesásticas ou das letras portuguesas, entre elas o dr. Júlio Dantas.

Também muitas pessoas humildes ali foram levar a expressão da sua dor e o preito sincero da sua admiração por esse homem caritativo e honrado que era para todos o poeta de Belinho.

O funeral efectua-se amanhã, às 15 horas, após a traladação do corpo da camara ardeante de Belinho para a igreja das Antas. Aí serão celebrados os officios fúnebres, seguindo depois os restos mortais de Antônio Correia de Oliveira para a capela do solar onde já repousam os ossos de sua esposa.

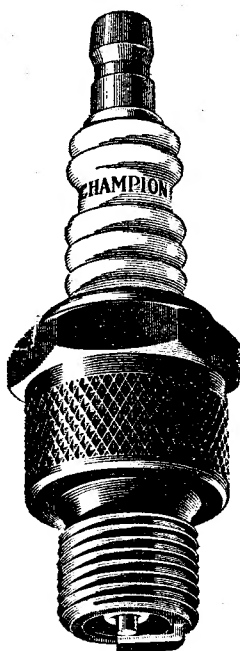
Escritores do Norte pedem honras nacionais para o poeta falecido

Foi enviado um telegrama firmado por um grupo de escritores do Norte, pedindo funerais nacionais para o poeta Antônio Correia de Oliveira. O texto dessa mensagem é o seguinte:

«Fiel intérprete sentimento escritores portugueses do Norte do País, respeitavelmente solicitamos sejam decretadas honras nacionais, grande poeta da época Antônio Correia de Oliveira, e opor-tuna trasladação seu corpo para o panteão nacional. Respeitosos cumprimentos, Alberto Pinheiro Torres, Conde de Aurora, Antônio Cruz, Antônio Teixeira Pinto, Pedro Homem de Melo».

CHAMPION

A VELA FAVORITA DO MUNDO



ISOLADOR DE 5 RESSALTOS (MELHOR ISOLAMENTO)

ELECTRODOS POWERFIRE (MAIOR DURAÇÃO)

As melhores na terra, no ar e no mar

REPRESENTANTES

C. SANTOS LDA.

29. AV. DA LIBERDADE, 41 - LISBOA
PORTO • COIMBRA • BRAGA • OLHÃO

De ontem para hoje

ESCOLA DE PAIS

A casa paterna é a mais eficiente de todas as escolas e a higienização moral e material do lar seria o melhor meio de conseguir tornar realidade o velho lema de «mens sana in corpore sano». A realização do III ciclo de palestras da Escola de Pais ontem iniciada no Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, atraiu numerosa assistência conhecedora da acção benemerita e particularmente humana desse instituto consagrado à recuperação das crianças débeis mentais. O conferente foi o próprio director do instituto, prof. Vítor Fontes. Começou por dizer que a criança, duma maneira geral, e mais especialmente os adolescentes e os jovens, levam muitas e graves situações que atingem, não só a família como a sociedade. Haja em vista o que se passa em países da mais adiantada cultura, em que os «bandos» de adolescentes realizam as mais cruéis proezas de carácter delituoso, citando numerosos impressionantes no sentido do extraordinário aumento da delinquência juvenil e, pondo de parte o aspecto resolutivo destas circunstâncias, afirmou a necessidade de os pais serem informados sobre as atitudes a tomar para uma conveniente correção. Acentuou o valor dos dispensários de higiene mental infantil do tipo do Instituto Costa Ferreira, fazendo-se sentir a necessidade de mais. Completando a estruturação deste tipo muito particular de higiene há que criar estabelecimentos de recolha, assistência e recuperação de crianças e jovens com anomalias de inteligência e de carácter, que são complementos indispensáveis para ajudarem e aproveitar a ajuda da acção das Escolas de Pais. Há que ter cuidado especial na técnica da actuação destas Escolas, pois uma acção mal exercida sobre os pais ansiosos e perplexos, os conselhos de ordem técnica podem agravar a sua ansiedade com prejuizo da saúde mental dos filhos. Outra questão a estudar é a dos pais de vários meios. Por isso, a Escola de Pais do Instituto Costa Ferreira irá, este ano, a diversas entidades: escolas, centro paroquial duma igreja, estabelecimento fabril, um «club» desportivo, etc., onde, certamente, vai encontrar pessoas interessadas nestes problemas.

FEIXE DE NOTÍCIAS

AS partilhas, os contos, o vil metal são frutos de questões sem fim e de tragédias sangrentas. Estavam ontem no lugar do Barro, perto de Torres Vedras, Maria Luíza de Jesus Moreira, de 48 anos, seu marido Joaquim Mixórdia Moreira, de 52, reformado da P. S. P., e seu irmão, Manuel Luis dos Santos, de 43 anos, fiscal dos impostos. Contos e mais contos. Palavras azedas entre cunhados e o Manuel sobe a um quarto; vem de lá com uma caçadeira e fez fogo sobre o Mixórdia. Este replica a tiros de pistola. No final: a Maria Luíza que ia separar o irmão e o cunhado, ficou em terra morta; o Mixórdia foi tratado de ferimentos no hospital de Torres Vedras e ficou preso; o Manuel Luis dos Santos veio para S. José inspirando cuidados o seu estado.

* Pedro Augusto Marrejo Tarouco, de 22 anos, estava no Cine-Teatro de Torres Vedras. Foi abordado por Francisco Sayder, bancário, e António Meugas Alves, industrial. Conduziram-no para um automóvel e foi levado para uma arrecadação onde lhe cortaram o cabelo e infligiram sevícias de varia ordem. A Polícia investiga o caso que foi presente ao tribunal.

* José Manuel Vieira é pastor em Cantadães, concelho de Vieira do Minho. Os lobos andam esfalmados, mas se fosse a ter medo deles, mal ia ao pastor e pior às ovelhas. Atirou-se-lhe ao rebanho um lobo que parecia um touro. Grande e forte, de espaldas altas. As ovelhas balem e fogem; o pastor saca da arma, põe-na á cara e com três tiros certos estende a fera.

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio de Belém, os srs. ministro do Exército, contra-almirante Joaquim Maria Alves Pereira da Fonseca e dr. Quelhas de Lima. Estiveram também ali, a inscrever-se no livro de cumprimentos, os srs. prof. Rui Enes Ulrich, pela Sociedade de Geografia; José Rodrigo Dias Sanchez, cônsul de Portugal em Orense; e dr. Álvaro de Carvalho Andréa, presidente da Liga Portuguesa dos Deficientes Motores; e a sr. dr. Fernanda Alice da Silva Machado de Carvalho, directora da Escola Commercial D. Maria I. * Com o sr. Presidente do Conselho trabalhou o sr. ministro da Presidência. * No Rio Minho morreu afogado, em frente a Lanholas, o sr. Inocêncio Monteiro Araújo, de 24 anos, cujo barco se voltou. * Da Penitenciária de Coimbra tentaram evadir-se Manuel Sampaio da Silva, ali registado com o n.º 300, Vítor Manuel Rodrigues, n.º 142 e Henrique Pinheiro da Silva, «O Francês», com o n.º 89. Recapturados, um deles recolheu ferido aos Hospitais da Universidade. * Os dirigentes do Ciclo Cultural Escalabitano foram ontem cumprimentar o sr. ministro da Educação e entregar-lhe o diploma de sócio honorário. * No Instituto de Formação Social e Corporativa efectuou-se ontem o encerramento do XIX Curso Geral de Formação Corporativa. Presidiu o sr. ministro das Corporações.

A CIDADE

Pelos hospitais

FALECERAM NO HOSPITAL — No Hospital de São José, para onde entraram há dias, morreram Francisco Manuel de Oliveira, de 58 anos correeiro, residente em Alcácer do Sal, que fora atropelado por uma furgoneta; Maria Pereira Morgado, de 54 anos, Quinta da Machada, 4, aos Olivais que fora colhida por uma camioneta militar, junto ao Hospital da Estrela; e Alvaro Rodrigues Castanheira, 52 anos, jornalista, Couce, Coruche, que caiu de um telhado em que trabalhava.

BEBEU AGUARRAS — Por ter bebido aguarras, deu entrada no Banco do Hospital D. Estefania, José António Teixeira, de 17 meses, residente na Rua de Santo António, 12, sobreloja.

MENOR ATROPELADO — Foi colhido por uma camioneta de passageiros, Luís Manuel Aguas das Neves, de 5 anos, residente no Barreiro, ficou muito contuso e sofreu fractura de um pé. Transportado ao Hospital de São José deu entrada na sala de observações.

RECLUSO VITIMA DE QUEDA — Deu entrada na sala de observações do Hospital de São José, um recluso da cadeia penal de Pinheiro da Cruz, que deu uma queda e fracturou a coluna vertebral.

Setenta e um contos

para as famílias dos mineiros de Moçambique

A Comissão Angariadora de Fundos para as famílias dos mineiros portugueses mortos na mina de Clydesdale já recebeu, só através da Associação Académica do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, 71.595\$00.

Pelo seu valor e significado, destacam-se as contribuições da Sacor, 50.000\$00; Companhia de Cimentos de Moçambique, 15.000\$00; e professores daquele estabelecimento de ensino, 950\$00.

Naquela Associação e na Casa de Estudantes do Império continuam a receber-se donativos.

Junta Distrital de Lisboa

O brigadeiro França Borges, presidente da Camara Municipal de Lisboa, vai, na 3.ª-feira, á Junta Distrital, retribuir os cumprimentos que, há dias, lhe foram apresentados pelos componentes daquele corpo administrativo.

Linha de SINTRA



As árvores estão já a ser cortadas. O troço que figura na foto indica o local por onde será alargada a estrada

A ponte e a estrada da Várzea de Colares vão ser alargadas

Todo o automobilista conhece o tormento das multiplas curvas e contracurvas das estradas de Sintra e, assim, é com verdadeiro jubilo que todos vêem resolver-se uma das temíveis ciladas anunciadas, prudentemente, por um sinal triangular em que se inscreve uma sinusoide a lembrar a ultima letra do alfabeto. Atendendo ao perigo sempre constante que representa a apertada curva de acesso á ponte da Várzea de Colares, foi agora decidido alargar-se a referida ponte de modo que a estrada vai passar a abrir-se numa larga curva. A faixa de rodagem passará a ter mais de 7 metros de largura, do que resulta passar o eixo da nova estrada para a actual bermã esquerda. Começaram já os trabalhos de de-

Cinemas

ALGUEIRAO — *Cine Chaby* — As 21, «As grandes famílias» e «Ódio que não perdoo» (17 anos). **AMADORA** — *Receios* — As 21, e 15, «Cuidado com o amor» (12 anos). **VENDA NOVA** — *Cine Portugal* — As 21 e 15, «Davy Crockett e os piratas» e «Mam'zelle Nitouche» (12 anos). **QUELUZ** — *Queluz Cinema* — As 21 e 15, «Sonhos de oiro», (12 anos). **SINTRA** — *Cine Carlos Manuel* — As 21 e 30, «Um americano tranquilo» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Caraca* — R. Elias Garcia, 209. Telefone 930019. **QUELUZ** — *Zeller* — Rua da Republica, 61. Telefone 950045. **SINTRA** — *Marráz* — Largo Rainha D. Amélia, 25. Tel. 980155. (Nas localidades onde existe uma só farmácia, esta encontra-se de serviço permanente).

A reunião rotária desta noite

Reunir-se-ão centenas de pessoas rotários dos vários clubes portugueses, muitos deles acompanhados por senhoras das suas famílias — no jantar que esta noite, a partir das 20 horas, se efectua no Hotel Ritz, para comemorar o 55.º aniversário do Rotary Internacional e o 34.º do clube de Lisboa. Durante o jantar, haverá uma passagem de modelos e várias atrações; e, após ele, começará um baile, abrilhantado pela orquestra Mário Simões, privativa do hotel.

FOI ADIADO

o cortejo de oferendas de Nisa — NISA, 20 — O cortejo de oferendas em benefício do hospital sub-regional desta vila, marcado para o dia 21 deste mês, ficou adiado por motivos imperiosos, sobretudo pelo mau tempo, para fins de Abril próximo, provavelmente no dia 24, domingo de Páscoa.

BEBE BARRITOS VERMUTE COM GIN

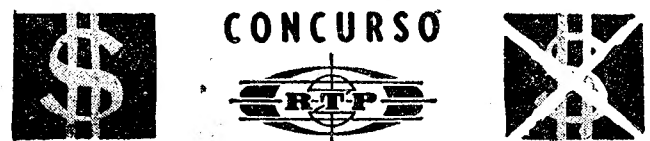


A pele tem "sede"...

quando começa a enrugar e a perder a sua elasticidade

Só a EUCERIT contida no Creme NIVEA apagará essa "sede" de juventude evitando que a pele se torne seca e áspera.

Para um tratamento ainda mais eficaz aconselhamos, como coadjuvante, o Leite de Beleza NIVEA



QUEM TUDO QUER, TUDO PERDE

NOME.....

MORADA.....

LOCALIDADE.....

TELEF.....

Qual o seu programa preferido? (resposta facultativa)

Voltamos hoje a publicar o boletim de inscrição do concurso «Quem tudo quer, tudo perde», organizado pela Radiotelevisão Portuguesa.

Obras de Beethoven

descobertas na Rússia

MOSCÓVIA, 20. — A agência «Tass» anunciou hoje que obras desconhecidas de Beethoven, datadas de 1802-1803, foram descobertas em arquivos desta capital durante classificação rotineira de documentos.

O manuscrito, de 168 páginas, que vai ser publicado, foi comprado por um músico russo desconhecido num leilão, em Viena, em 1927, e trazido para a Rússia para ser, posteriormente, revendido a um famoso músico russo, Mikhail Viliersky, e não se sabe se dele há mais de 40 anos. — (R.).

Nasceram mais dois gémeos

na maternidade Magalhães Coutinho

O "Lyons" mobilará

a casa dos quadrigêmeos

Os quatro gémeos estão a aumentar de peso e dão todos os indícios de que hão-de vingar para a vida. Não tem sorriso muito a família humilde de António Macedo Alves essa mesma vida; mas parece que a vinda de mais quatro filhos virá melhorar a situação do pobre servente de pedreiro, esposa e filhos. E' que em torno deles se desencadeou verdadeiro movimento de solidariedade e simpatia.

Os problemas familiares de António Macedo Alves tornaram-se públicos e organismos oficiais e particulares foram em sua ajuda. A mãe continua a melhorar, achando-se bem. Não se sabe ainda quando sairá da maternidade, mas deve-se manter ali ainda algum tempo devido à amamentação das crianças.

So depois de a Rosa Pinheiro Rocha sair da maternidade, o casal irá morar na casa da Rua do Açúcar, 51, 2.ª, cuja chave foi ontem entregue pela Polícia Municipal ao António Macedo Alves. Entretanto, este vive na barraca da Cortinha do Eloi, que até agora foi o seu pobre lar. E' que os vizinhos o auxiliam, fazendo-lhe a comida e demais arranjos caseiros. Os filhos mais velhos encontram-se, como temos dito, uma no Abrigo Maternal e a outra no Hospital D. Estefania, esta em tratamento de uma inflamação num pé. Lá permanecerão até serem viver para a Rua do Açúcar.

Na segunda-feira o chefe da família entra para a Manutenção Militar, que não fica longe da nova casa. Vai ganhar 40\$00 diários, com trabalho garantido, chova ou faça sol. Isso não acontecia como servente de pedreiro.

Publicou-se que o Lyons' oferecera uma casa para os quatro gémeos. Como dissemos ontem, isso não é exacto. O Lyons' informou-se daquilo que mais faria falta aos gémeos, irmãs e pais. Queria ajudá-los da melhor e mais útil maneira. Foram à maternidade o sr. Sam Levy e D. Nita Lupi para colher essas informações. Como já

Manifestações de apoio à reinstalação em Coimbra da antiga Faculdade de Farmácia dirigidas ao ministro da Educação

COIMBRA, 20. — O movimento em prol da reinstalação na Universidade da sua antiga e prestigiosa Faculdade de Farmácia continua a reunir valiosas adesões, suscitando o maior interesse, que se traduz por manifestações de apoio de vários pontos do País.

Em nome da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, o seu presidente, sr. dr. Fernando Martins, enviou ao ministro da Educação, sr. prof. Leite Pinto, o seguinte telegrama:

«A Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra pede licença para junto de Vossa Excelência se associar, com o mais vivo entusiasmo, ao caloroso movimento recentemente iniciado nas colunas do «Diário de Coimbra» para que a nossa velha e gloriosa Universidade seja deferida a reinstalação da sua Faculdade de Farmácia. Esta justíssima iniciativa merece logo da Imprensa, que nalgum tempo a versou já, o mais incondicional aplauso, e as razões que a justificam foram eloquentemente demonstradas em sessão da Excelentíssima Câmara Municipal pelo seu ilustre presidente dr. Joaquim de Moura Rebelo, que, desta maneira, soube interpretar o pensamento de todos nós. E, assim, a Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra tem a honra de solicitar do alto critério de Vossa Excelência a sua escrupulosa atenção de sempre para a solução deste problema, pois ele importa

(Continua na 13.ª página)

ESTÁ A BAIXAR

o nível do Tejo

na região de Santarém

SANTARÉM, 20. (Pelo telefonê). — Melhorou o tempo consideravelmente. A cidade está cheia de forasteiros, para desfrutar o panorama das inundações nesta zona do Ribatejo. O nível do Tejo está a baixar lentamente. Contudo, continuam interrompidas as comunicações com Almeirim, Alpiarça, Chamusca, Golegã, Azinhaga, Pombalinho e Alcândor.

A estrada de Santarém a Lisboa continua interrompida próximo da Ponte da Asseca. As escalas hidrométricas, ao meio dia, marcavam no Ródão, 10,90 m.; na Barquinha, a mesma hora, 7,46 m. e em Santarém, 7,30 m.

UM DESCARREGADOR

colhido pelo comboio em Santa Apolónia

Esta tarde quando trabalhava na estação de St.ª Apolónia foi colhido pelo comboio, o descarregador José Neves Abrantes, de 23 anos, empregado da Empresa Geral de Transportes, e morador na Calçada do Cardial, 13-2. Gravemente ferido foi tratado no Hospital de S. José, recolhendo à sala de observações.

Apareceu o cadáver

de um marítimo português

HUELVA, 20. — Em Punta Umbria, apareceu o cadáver do marítimo português José Serrano Villegas, natural de Monte Gordo (Vila Real de Santo António). Era o patrão de um barco que saiu para a pesca há uma questão de 10 dias com cinco pescadores e que não voltou a ver-se. — (F. P.).

TELEFONISTA

Comp. educada e apreset. informal coloc. pediu demissão. Dá informes d. mesma e m. detalhes. Fala francês, espanhol e escreve português correcto. Resposta ao n.º 453.

Todos quantos possuem os relógios braceletes

Jungheims

estão satisfeitos.

Peça-os nas relojoarias e ourivesarias do País



O general Augusto Maggessi, director do Colégio Militar do Rio de Janeiro, sauda o ministro do Exército, durante a visita ao Museu do Exército

A presença em Portugal dos alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro acentua a amizade luso-brasileira

(Continuação da 1.ª página)

de Filho e Arnaldo Silveira Fontes e capitães Geise Ferrari e Burinari António da Silva, que eram aguardados, á entrada, pelo director do Colégio Militar, brigadeiro Pereira de Castro, e subdirector, tenente-coronel Alcides de Oliveira.

No claustro, alinhava-se o pelotão dos 30 cadetes brasileiros. São rapazes cujas idades oscilam entre os 16 e os 18 anos, todos da mesma altura, sensivelmente, envergando o seu vistoso uniforme: barretina azulada com um penacho amarelo e verde, dólman claro e calças encarnadas. Ao lado, em uniforme de grande gala, encontravam-se um pelotão de «meninos da Luz», muitos dos quais estiveram no Brasil em Setembro. Os porta-bandeiras dos Colégios do Brasil e de Portugal e os respectivos estandartes situavam-se entre os dois pelotões, que prestaram continência ao general Augusto Maggessi.

Colocação das bandeiras na sala de honra

Seguidamente, na sala de honra do Colégio Militar, as bandeiras nacionais de Portugal e do Brasil, o estandarte do Colégio do Rio de Janeiro e o guião do Colégio da Luz foram colocados ao fundo, em lugar de destaque, durante uma cerimónia de grande solenidade e emoção que irmanou uma vez mais as duas pátrias e os dois estabelecimentos de ensino militar.

Apresentação de cumprimentos

Depois, na sala do Conselho Escolar, foram apresentados cumprimentos ao general Augusto Maggessi e á sua comitiva. Falou, em primeiro lugar, o brigadeiro Pereira de Castro, que se referiu ás antigas relações entre os dois colégios e á visita ao Brasil, onde a deputação portuguesa foi recebida de forma cativante. «O Colégio Militar está vivendo horas de grande alegria, ao recebê-los nesta casa», disse.

Em seguida, usou da palavra o decano do corpo docente do Colégio da Luz, capitão dr. Hildeberto Botelho de Medeiros, que elogiou as qualidades dos professores do colégio brasileiro e reiterou os votos de boas-vindas, apresentados pelo director, aludindo á idéntica finalidade dos dois colégios e aos laços que os unem.

No final, falou o general Augusto Maggessi, que começou por afirmar a grande alegria que o invadia, desde que estava em solo português. «Penetrando há pouco, neste colégio—acrescentou—senti uma enorme emoção e tive mesmo de me apoiar, de tal modo me senti perturbado».

Referiu-se, também, ao entusiasmo e confiança que norteiam o ensino nos dois colégios, «pensando no presente e futuro, voltados para os maiores». A concluir, apreciou a função dos mestres de quem dependem a manutenção da tradição e a formação do espírito dos chefes militares.

Após os discursos, o corpo docente do Colégio da Luz foi apresentado ao general Augusto Maggessi.

Visita ao Museu Militar

Cerca das 11 horas, os cadetes do Colégio Militar do Rio de Janeiro, acompanhados por alunos do Colégio da Luz, visitaram o Museu Mi-

litar, começando por ver a sala Vasco da Gama.

Na mesma ocasião, as alunas da Fundação Osório, juntamente com a directora, sr.ª dr.ª Velquiria de Sousa Costa, e prof.ª sr.ª D. Antina Pita e, Teresinha Castro, iniciaram a sua visita ao Museu, acompanhadas pela directora e subdirectora do Instituto de Odontologia, sr.ª dr.ª Deolinda Santos e Ofélia Saria Martins, respectivamente, e várias alu-



A delegação feminina do Instituto Osório na Sala Vasco da Gama

nas, começando pela sala D. Maria I, no primeiro andar.

Sessão solene no Museu Militar

As 12 horas, os oficiais brasileiros apresentaram cumprimentos ao ministro do Exército, coronel Almeida Fernandes, ao subsecretário daquela pasta, tenente-coronel Costa Gomes, e ao chefe do Estado-Maior do Exército, general Luís de Camara Pina.

O general Augusto Maggessi Pereira usou da palavra para agradecer o convite do ministro do Exército português, graças ao qual o Colégio do Rio de Janeiro se deslocou ao nosso País.

Transmitiu, depois, a mensagem cordial do marechal Teixeira Lott, antigo ministro do Exército brasileiro, e entregou uma lembrança daquela oficial, como homenagem ao coronel Almeida Fernandes—um belo colar de ouro e ametistas, destinado á sua esposa.

O ministro do Exército acentuou o significado dos encontros dos alunos dos dois Colégios Militares e a amizade luso-brasileira e agradeceu as mensagens de amizade do marechal Teixeira Lott e do actual ministro do Exército brasileiro.

O general Augusto Maggessi apresentou, por ultimo, a sua comitiva ao coronel Almeida Fernandes.

Programa da tarde

Os cadetes brasileiros visitaram esta tarde a capital e apresentaram cumprimentos na embaixada do seu país.

A deputação feminina da Fundação Osório cumprimentou os ministros da Defesa, da Marinha e da Educação e o subsecretário de Estado da Aeronáutica. Á noite, os estudantes brasileiros assistem, no Colégio Militar, á festa dos alunos finalistas.

Sim,
A CONFIDENTE
Resolve-lhe o problema financeiro em 24 horas!
LEVANTANDO 50% DO VALOR DA SUA PROPRIEDADE JURO DE LEI

A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

LISBOA, ROSSIO, 3-2
TELEF. PPC-29384-5-6

PORTO
R. PASSOS MANUEL, 14
TELEF. P.P.C. 20344-5-6

TELEFONISTA

Comp. educada e apreset. informal coloc. pediu demissão. Dá informes d. mesma e m. detalhes. Fala francês, espanhol e escreve português correcto. Resposta ao n.º 453.

Todos quantos possuem os relógios braceletes

Jungheims

estão satisfeitos.

Peça-os nas relojoarias e ourivesarias do País

A pa
no
foi o te
de

O prof. Jo
lho, antigo
e professor
manhã, ás 1
tro da Facu
licação subordi
blema da p
rios nos Ju
da Ciência J
Assistiram
a casa de
o seu direct
vão Teles.

O prof. Jos
começou por
aliás resultav
exposição, v
ticipação dos
não sob o as
cial, mas ape
dico. Disse
relação ás so
se agita o pr
dos operários
pitais são re
ções ou «app
ralmente ob
aberta ao pu
subscrição re
cios uma col
sim se verifi
tre a contribu
cial e a part
Prosseguim
grandes emp
fim social só
a actividade
viços, que pe
tam recebem
ta — salário.

OS AME
lançará
uma s
WASHINGTON
ximo mês qu
tentarão lan
cial, de 40,8
venda a cort
Névis.
Este lançam
para Dezem
mas teve de
culdades técn
guetão.
Por outro
de uma sond
zinhança da
o próximo m
FOTOS DA
CAPE CAN
cápsula cont
missil «Thor
manas, foi i
para este ter
A cápsula
na fotográfica
far a Terra,
titude.
Foi numa
(Bahamas) q
contrada pelo
— (F. P.).

OS AME
lançará
uma s
WASHINGTON
ximo mês qu
tentarão lan
cial, de 40,8
venda a cort
Névis.
Este lançam
para Dezem
mas teve de
culdades técn
guetão.
Por outro
de uma sond
zinhança da
o próximo m
FOTOS DA
CAPE CAN
cápsula cont
missil «Thor
manas, foi i
para este ter
A cápsula
na fotográfica
far a Terra,
titude.
Foi numa
(Bahamas) q
contrada pelo
— (F. P.).

OS AME
lançará
uma s
WASHINGTON
ximo mês qu
tentarão lan
cial, de 40,8
venda a cort
Névis.
Este lançam
para Dezem
mas teve de
culdades técn
guetão.
Por outro
de uma sond
zinhança da
o próximo m
FOTOS DA
CAPE CAN
cápsula cont
missil «Thor
manas, foi i
para este ter
A cápsula
na fotográfica
far a Terra,
titude.
Foi numa
(Bahamas) q
contrada pelo
— (F. P.).

PASTA
Co
EVITA
TRATA

A participação dos operários no lucro das empresas foi o tema que o prof. Pinto Coelho desenvolveu na Faculdade de Direito

O prof. José Gabriel Pinto Coelho, antigo reitor da Universidade e professor jubilado, proferiu esta manhã, às 10 horas, num anfiteatro da Faculdade de Direito, uma lição subordinada ao título «O problema da participação dos operários nos lucros das empresas à luz da Ciência Jurídica».

Assistiram os professores daquela casa de ensino, entre os quais o seu director, prof. Inocêncio Galvão Teles.

O prof. José Gabriel Pinto Coelho começou por advertir que, como aliás resultava do anúncio da sua exposição, versaria o tema da participação dos operários nos lucros, não sob o aspecto económico e social, mas apenas sob o aspecto jurídico. Disse ser especialmente em relação às sociedades anónimas que se agita o problema da participação dos operários nos lucros. Esses capitais são reunidos pelas contribuições ou «apports» dos sócios, geralmente obtidos por subscrição aberta ao publico. afirmou que a subscrição representa, para os sócios uma colocação lucrativa, e assim se verifica a íntima ligação entre a contribuição para o capital social e a participação nos lucros.

Prosseguindo, acentuou que, nas grandes empresas, especialmente, o fim social só é realizado mediante a actividade de prestadores de serviços, que pelo trabalho que prestam recebem a sua retribuição certa — salário. Declarou não ser ape-

nas pela movimentação dos capitais, senão também pela actividade destes prestadores de serviços que se conseguem os lucros das empresas, pelo que se pensou em atribuir aos trabalhadores uma parte dos lucros a distribuir.

O orador disse que logo ocorreu atribuir-lhes acções como base dessa participação pois nas sociedades anónimas as partes de capital são materializadas em títulos (acções) correspondentes a pequenas fracções do capital social, e os lucros são distribuídos na proporção do numero de acções que cada sócio possui, quando se pensou em dar aos operários participação nos lucros.

O prof. José Gabriel Pinto Coelho acentuou que a doutrina, sentindo a necessidade de incorporar o trabalho operário no capital da sociedade, para justificar a atribuição de lucros, foi levada a atribuir as «acções de trabalho» não aos operários, individualmente, que constantemente se renovam, mas à colectividade dos trabalhadores. Disse que a ideia da participação operária nos lucros não desapareceu em França, tendo renascido em 1949 num projecto de lei apresentado ao Parlamento pelo partido comunista francês.

Afirmou que na V Republica do general de Gaulle é o próprio Governo que retoma a iniciativa de admitir os operários a partilhar dos lucros das empresas e de lhes dar ingerência na gestão dos negócios sociais. Recordou a viva reacção que os propósitos do Governo neste sentido suscitaram por parte do ministro das Finanças de então, Antoine Pinay. Declarou ter as mais sérias dúvidas de que o Governo francês consiga estruturar um sistema que dê satisfação às exigências da técnica jurídica e respeite o conceito de acção.

Para concluir procurou definir a natureza e o alcance das chamadas «acções de trabalho», processo tecnicamente defeituoso de conceder aos operários uma remuneração suplementar e eventual. «Considera da como tal a participação nos lucros disse, é de admitir e até vantajosa pelo estímulo que cria nos trabalhadores».

Rejeitou, porém, em absoluto a ingerência destes na condução dos negócios sociais, quer sob a forma de intervenção na assembleia geral, quer sob a forma de representação na direcção ou administração. Justificou detidamente este ponto de vista, e concluiu reportando-se à doutrina de Garrigues e Uriu, comentadores da recente lei espanhola sobre sociedades anónimas, que acentuando que a prestação de trabalho nunca pode ser avaliada como capital, nem originar relações de direito corporativo ou associativo entre a sociedade e os a que esta prestam o trabalho, determinando antes meras relações contratuais de carácter extra-social, observam que é no entanto de admitir que o trabalho assim prestado seja retribuído como o direito a participar nos lucros e que tal direito seja incorporado num título nominativo.

Disse que tais documentos, contudo, segundo acrescentam os citados autores, nem podem chamar-se acções nem atribuem ao titular a condição de sócio. afirmou poder assim abrir-se caminho à participação do pessoal nos lucros da empresa sem se comprometer a essência capitalista da sociedade anónima.



Durante a visita dos oficiais da Força Aérea

Visita de oficiais da força aérea ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil

Um grupo de 40 oficiais da Direcção dos Serviços de Intendência e Contabilidade da Força Aérea do Continente e das ilhas da Madeira e dos Açores realizou, hoje, na companhia do coronel Alvaro de Oliveira, uma visita de estudo ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Foi recebido pelos srs. eng. Martins de Oliveira, que representava o director do laboratório eng. Manuel Rocha, ausente no estrangeiro, e pelo funcionário encarregado das relações externas, Domingos Avelar Soeiro. No gabinete do director, o eng. Martins de Oliveira saudou os visitantes após o que, por gráficos lhes explicou a organica do laboratório. Estiveram depois num dos serviços de maior interesse, dada a sua especialização — os de contabilidade industrial e secção de pessoal. Ali o sr. dr. Vieira da Costa explicou-lhes os pormenores do funcionamento. Seguidamente passaram pelas secções de documentação, biblioteca e museu de materiais de

construção, calculados e estudados no laboratório.

Apreciaram ainda os modelos de comportamento estrutural de várias barragens, que têm constituído uma das actividades mais intensas daquele laboratório. Estiveram também no Laboratório de Cálculo Automático, após o que apreciaram os ensaios de estradas e aeródromos e o sector da física das construções, concluindo a visita pelos sectores de hidráulica fluvial e marítima. Esta ocupa dois extensos pavilhões onde se podem observar as maquetas para o estudo de vários portos, nomeadamente da Figueira da Foz, Lobito, Funchal, etc.

A visita aos 18 serviços demorou cerca de quatro horas.

A maratona do amor ou a forma desportiva de escolher um marido atlético

BANGOR (País de Gales), 20. — Não passaram ainda os tempos em que os homens praticavam proezas ao desafio para conquistarem a mão de uma linda princesa.

Jean Goan, de 19 anos, resolveu conceder a sua mão como prémio ao vencedor da maratona — na im-

Amália Rodrigues obteve um êxito memorável

PARIS, 20. — Amália Rodrigues obteve ontem um dos seus maiores êxitos parisienses, no «music-hall» Bobino, onde teve de voltar cinco vezes ao proscénio e cantar novos fados que o publico pedia com entusiasmo.

Na plateia, viam-se nomeadamente Maurice Bokanowski, ministro dos Correios e Telecomunicações, os generais Koenig e Corniglion-Molinier e artistas como Patachou e Arletty. A geral encontrava-se apinhada de gente nova.

Amália, que repetiu todos os seus numeros de êxito e apresentou outros novos, esteve numa noite particularmente feliz, conduzindo a voz com extraordinário domínio em que as notas altas e cheias contrastavam com os pianíssimos repletos de suavidade. — (F. P.).

possibilidade de descobrir qual dos seus dois pretendentes preferia.

«Era a unica solução» — afirmou. «A escolha era difícil».

Os dois pretendentes são os dois irmãos Howard e Vaughan Clarke, de 19 anos também, extremamente parecidos — têm a mesma altura, a mesma cor de cabelos e de olhos, a mesma voz e dançam igualmente bem.

Jean gostava deles, mas, como os não distinguia, foi levada a concluir que lhe era indiferente casar com um ou com o outro.

Os rapazes — até nisso eram iguais — estavam ambos apaixonados por ela. Solução: uma prova desportiva. O vencedor teria como prémio levar hoje Jean ao baile escolar e oferecer-lhe amanhã o anel de noivado.

Os rapazes e as raparigas da cidade, ao saberem do caso, indignaram-se. E ontem, à hora a que a maratona devia iniciar-se — fora a maratona a modalidade desportiva escolhida — raptaram o mano Vaughan, que não pôde comparecer à prova. Howard não quis ser proclamado vencedor pela desistência do «adversário». Desportivamente, lançou-se em busca do irmão. Mas regressou desolado a Bangor, sem o ter descoberto.

Entretanto, circulam rumores de que toda a história não passa de uma brincadeira destinada a conseguir, pela competição desportiva improvisada e pelo êxito que o prémio instituído deveria ter entre os jovens, fundos para o Ano Internacional do Refugiado. Os interessados negam esse objectivo — julga-se que no intuito de realizarem a prova quando Vaughan aparecer. Entretanto, continuam a venda os bilhetes para assistir à «maratona de amor». — (A. N. I.).

O muito é feito aos poucos. Ganhando menos consegue-se mais.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco a moderado, predominando de Sul. O céu estava muito nublado e chovia nas regiões do Sul do Tejo por influência duma massa de ar humido transportada na circulação duma depressão centrada na região dos Açores.

TEMPERATURAS AS 9 HORAS: Portalegre, 7°; Lisboa, Porto e Coimbra, 10°; Faro, 11°; Funchal, 13°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL, AS 9 HORAS: no ar, 11,7°; na água do mar, 13°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ AS 15 HORAS: máxima, 17,0°; mínima, 10,0°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 16,6°; mínima, 7,0°.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu geralmente muito nublado. Vento de Sudoeste moderado. Possibilidade de aguaceiros fracos, passando a partir da madrugada a céu encoberto. Vento forte de Sudoeste e períodos de chuva. Subida de temperatura.



Centenas de pedidos de financiamento foram já dirigidos ao Banco de Fomento Nacional

O Banco de Fomento Nacional, que abriu as suas portas ao publico no dia 4 de Janeiro e se destina fundamentalmente a financiar empreendimentos e a orientar investimentos do sector privado, tanto na Metrópole como no Ultramar, recebeu já, em menos de dois meses de actividade, algumas centenas de pedidos de financiamento, muitos dos quais estão a ser estudados pelos serviços adequados. Os pedidos formulados visam a concessão de crédito industrial, agrícola e pecuário, a concessão de crédito predial no Ultramar e a participação no capital de empresas constituídas e a constituir.

O Banco prevê ainda a subscrição ou compra de obrigações emitidas por empresas privadas e a prestação de garantias ou caucões que assegurem o cumprimento de obrigações assumidas, para os fins visados, pelas modalidades de crédito legalmente autorizadas.

Os pedidos de financiamento dirigidos àquele estabelecimento bancário por escrito ou apresentados directamente são apreciados pelos respectivos serviços, que promovem, quando necessário, reuniões com os interessados. Os pedidos julgados merecedores de análise mais pormenorizada são estudados pelos seus técnicos, que sobre eles elaboram parecer a submeter à aprovação da Administração. No Banco funciona também uma secção de informações, que presta todos os esclarecimentos aos interessados.

Entretanto, é já muito elevado o numero e o quantitativo dos depósitos a prazo, de particulares de todo o País, recebidos no Banco durante este mês e meio da sua actividade.

Prof. Francisco Gentil
10, 12, Calçada do Sacramento (ac Chiado)
2.ª, 4.ª e 6.ª - Às 15 horas

PRATAS ANTIGAS

PARA AS SUAS TRANSACÇÕES CONSULTE A
OURIVESARIA SANTA FILOMENA
Largo Manuel Emídio da Silva, 9-C
(Frente ao portão do Jardim Zoológico)
TEL. 783092

Janeiro, cto
al
litar
leira
a sala
unas da
te com a
de Sou
Antina
nciaram
mpanha-
directora
sr." dr.
na Mar-
rias alu-



Instituto Osório na Sala Vasco da Gama, do Museu Militar

D. Ma-
Militar
brasilei-
rimentos
ronel Al-
cretário
nel Costa
do-Maior
de Ca-

OS AMERICANOS lançarão em Março uma sonda espacial

WASHINGTON, 20. — E' no próximo mês que os Estados Unidos tentarão lançar uma sonda espacial, de 40,800 quilogramas destinada a cortar a órbita do planeta Vénus.

Este lançamento estava previsto para Dezembro do ano passado, mas teve de ser adiado por dificuldades técnicas do respectivo foguetão.

Por outro lado, um lançamento de uma sonda espacial para a vizinhança da Lua deve realizar-se no próximo mês de Agosto. — (F. P.).

FOTOS DA TERRA A CORES?

CAPE CANAVERAL, 20. — Uma cápsula contendo a ogiva de um míssil «Thor» lançado há onze esmanas, foi recuperada e trazida para este terreno de ensaios.

A cápsula continha uma máquina fotográfica destinada a fotografar a Terra, as cores, a grande altitude.

Foi numa praia de Majaguana (Bahamas) que a cápsula foi encontrada pelos habitantes da ilha. — (F. P.).

PASTA MEDICINAL Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca



TUDO O QUE É PARA OS NOSSOS FILHOS, É POUCO!...

É um engano julgar que a **CAROCHINHA** só tem peças de alto valor. De facto são de alto valor todas as suas confeções; mas não no preço. Visite-nos, confronte os nossos preços e ficará surpreendida

CAROCHINHA AV. GUERRA JUNQUEIRO, 19-C
Telef. 726731

Os desafios da 6.ª jornada

A primeira fase do Campeonato Nacional da 3.ª Divisão está quase em meio. A jornada de amanhã é a sexta — portanto, a penúltima da primeira volta, sendo digna de realce a regularidade com que a prova tem vindo a desenrolar-se, servindo da melhor maneira o interesse pela sequência do despique em que andam empenhados 64 clubes. O programa de amanhã inclui os seguintes encontros:

ZONA A: 1.ª Série — Murça c. Gil Vicente, em Murça; S. C. Mirandela c. Valdevez, em Mirandela; S. C. Régua c. F. C. Penafiel, em Régua; F. C. Famalicão c. G. D. Bragança, em Famalicão.

2.ª Série — Pejão A. C. c. Leça F. C., em Castelo de Paiva; C. D. Feirense c. A. D. Ovarense, em Vila da Feira; F. C. Avintes c. Académico F. C., em Avintes; Varzim S. C. c. C. D. Arrifanense, na Póvoa de Varzim.

ZONA B: 3.ª Série — Mortágua F. C. c. F. C. Estrela, em Mortágua; G. D. Santacombadense c. Sport Clube de Lamego, em Santa Comba Dão; S. Benfca e Castelo Branco c. G. D. Vição Sernache, em Castelo Branco; Lusitano F. C. c. Spt. de Gouveia, em Viseu. **4.ª Série** — G. Figueirense c. Ginásio de Alcobaca, na Figueira da Foz; U. R. Miorense c. Os Nazarenos, em Mira de Aire; F. C. Marrazes c. A. Naval 1.º de Maio, em Leiria; Norte e Soure c. Os Marialvas, em Soure.

ZONA C: 5.ª Série — União Vilafrancesa c. G. S. Os Leões, em Vila Franca de Xira; G. D. Torres Novas c. Tramagal S. U., no Entroncamento; S. G. Sacavenense c. Alhandra S. C.; em Sacavém; G. D. Benavente c. G. D. Coruchense, em Benavente.

6.ª Série — Seixal F. C. c. Casa Pia A. C., no Seixal; União Moitense c. Lusitano F. C., na Moita; C. D. Cova da Piedade c. C. D. Olivais, na Cova da Piedade; G. D. Sesimbra c. S. U. Sintrense, em Sesimbra.

ZONA D: 7.ª Série — R. A. Calipolense c. S. C. Estrela, em Vila Viçosa; Grupo União Sport c. S. L. e Évora, em Montemor-o-Novo; O «Elvas» c. Sporting Campomaiorense, em Elvas; G. D. Portalegrense c. Estrela F. C., em Portalegre.

8.ª Série — S. C. M. Aljustrelense c. F. C. Unidos Sambrasense, em Aljustrel; S. Domingos F. C. c. Desportivo S. C., em Minas de S. Domingos; Sporting Ferreirense c. Silves F. C., em Ferreira do Alentejo; C. D. de S. Brás c. Louletano D. C., em S. Brás de Alportel.

Todos estes desafios estão marcados para as 15 horas, com excepção do que se realiza em Viseu, que está previsto para as 13 horas.

FUTEBOL

A selecção militar regressa hoje a Lisboa

São esperados, esta tarde, em Lisboa, em avião militar português, os jogadores da selecção militar que actuaram anteontem, em Bruxelas, contra a Bélgica.

Como informámos, chegaram já ontem, em avião da TAP, os jogadores do Sporting, Lino, Hilário e Fernando Mendes, e do Benfica, José Augusto.

No mesmo avião da Força Aérea, chegarão também os representantes da Imprensa, Rádio e Televisão que se deslocaram a Bruxelas, incluindo o nosso camarada Fernando Soromenho.

O Leixões e a Académica vão jogar aos Açores

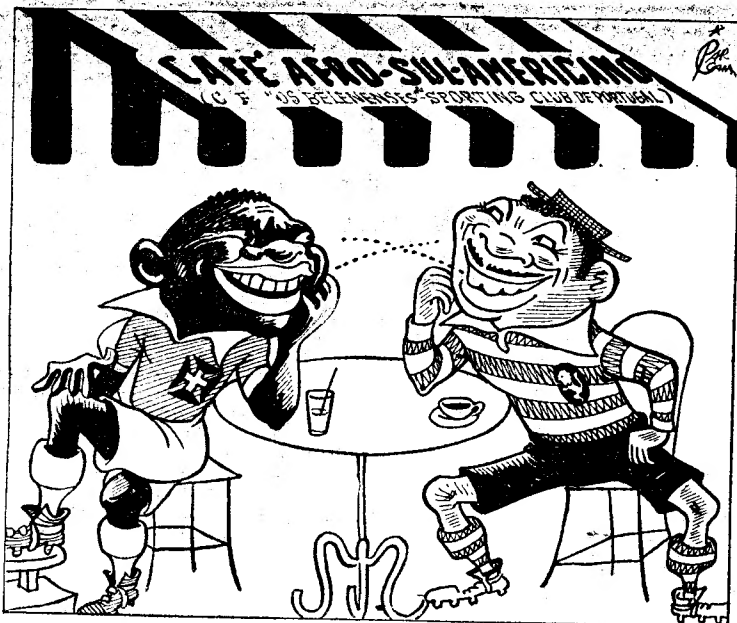
PONTA DELGADA, 20. — Duas equipas de futebol do continente deslocam-se a esta cidade, a fim de numa digressão, realizarem alguns jogos nas ilhas. Trata-se da Associação Académica de Coimbra e do Leixões, cujas negociações estão a decorrer. — (L.).

HÓQUEI EM PATINS

A Académica ofereceu-se para jogar nos Açores

PONTA DELGADA, 20. — A Associação de Patinagem de Ponta Delgada recebeu um ofício da Associação Académica de Coimbra oferecendo-se para disputar alguns encontros com a sua equipa de hóquei em patins, nesta cidade, por alturas das férias da Páscoa.

A deslocação seria em avião militar e o alojamento em casa de antigos estudantes de Coimbra. — (L.).



— BEN... FICA em PAZ, que ESTE... VÃO «MATATEU»...

uma bóla, ou... SA... be-se-lá quantas !...

— MENDES tu. O Sporting SE... MINARI... O jogo, DIEGO eu que ganhamos nós...

A 19.ª JORNADA DO «NACIONAL»

Sobre o Benfica pesa amanhã a ameaça «leonina»

Dos jogos da 19.ª jornada do «Nacional», dois, relativos aos primeiros da classificação geral, estão a suscitar natural expectativa, pois revestem-se, sem dúvida, de extraordinária importância: Sporting-Belenenses e Covilhã-Benfica. Poderá afirmar-se, sem sombras de exagero, que sobre o guia da prova, o Benfica, pesa a ameaça «leonina». Porque se os «leões» serranos vencerem, verificando-se o êxito do Sporting-sede em Alvalade, os benfiquistas baixarão ao 2.º lugar, com um ponto de atraso em relação aos mais sérios competidores e candidatos ao título.

Mesmo em Alvalade, o Sporting, diante do Belenenses, terá trabalho árduo. Os «azuis», há dez jogos consecutivos sem perder, representam adversário temível, moralizado, fazendo gala de defesa bem organizada e animosa e de dianteiros talhados para as infiltrações decididas e perigosas. Mas os sportingistas poderão replicar igualmente com uma defesa sólida e, mais ainda, com um ataque notavelmente realizado e desconcertante, ainda que desta vez Faustino esteja ausente, sendo chamado a substituí-lo o jovem Monteiro, formado nas fileiras do clube, e sobre quem, aliás, têm incidido as atenções gerais, através dos desafios entre as equipas de reserva.

Aguarda-se, pois, um duelo emotivo, de características pronunciadas, entre o bloco defensivo do Belenenses e a organização atacante do Sporting, que, desfrutando de maior favoritismo, tentará desforrar-se da derrota de 1-0 (quando da estreia oficial do peruano Seminário), sofrida, no embate da primeira volta, no Restelo.

O Benfica, que no desafio da primeira volta, efectuado na Luz, apenas se libertou do «team» serrano, por 2-1, terá decerto na Covilhã uma partida muito difícil. Os «leões» locais desejam demonstrar que uma quebra recente se rodeou de carácter episódico, não se intimidando com a categoria do adversário.

Espera-se que a defesa covilhanense trave luta rija com o empreendedor ataque benfiquista, defendendo o resultado, em grande parte, da acção dos redutos defensivos. Ao Benfica apenas satisfará o triunfo, o que mais valoriza o encontro da Covilhã, o qual, segundo se diz, atrairá a maior assistência de sempre.

São estes, pois, os principais embates da 19.ª jornada. Outros, porém, se revestem de relativa importância. Assim, para a angustiantes fuga aos últimos lugares, ao Vitória de Setúbal, nas Antas, ao Braga, em Coimbra, e ao Boavista, na Tapadinha, se deparam empresas extremamente espinhosas, até porque recal sobre os visitados o maior favoritismo, devendo dizer-se, a propósito, que o Atlético necessita do triunfo como pão para a boca... Confirmando-se esse favoritismo, os referidos clubes mais atrasados na classificação ficarão com os seguintes pontos: Atlético, 16; Setúbal, 12; Braga, 11 e Boavista, 9.

Mas outro jogo, a realizar no Barreiro, oferecerá também, para a

citada luta entre os mais atrasados na classificação, aspectos de transcendental importância. Referimo-nos ao que põe frente a frente as equipas da Cuf (13 pontos) e do Lusitano de Évora (15). Se, moralizados como estão, se verificar a vitória dos cufistas, aliás, em frente de um quadro que também regista um curioso período de recuperação (as já decantadas «chicotadas psicológicas», personificadas na acção de novos treinadores — Fernando Vaz, na Cuf, e João Biri, no Lusitano — parecem ter produzido bons efeitos...), os cufistas ficarão com os mesmos pontos dos Eborenenses: 15. Portanto, na retaguarda da classificação, se se confirmar a vantagem de jogar em casa, ora mais recordada do que nunca, o Atlético é quem mais lucrará, pois ficará com um ponto de avanço sobre a Cuf e o Lusitano, seguindo-se-lhe, a 4.º o Setúbal, a 5.º o Braga e a 7.º o Boavista.

Por tudo isto se deduzirá que a jornada de amanhã poderá ser de verdadeira euforia para a família «leonina» e para a de Alcantara-Santo Amaro...

Não se esqueçam, no entanto, os imponderáveis das competições desportivas e mais ainda a vontade que anima os quadros visitantes de realizar tarefa convincente e... proveitosa. Tornam-se, porém, mais perigosas as equipas que aceitam a luta de maneira desconhecida, a minúcia de problemas ligados à classificação: o Belenenses, o F. C. Porto e a Académica estão neste caso.

Recapitem-se os resultados destes quatro jogos, relacionados com a primeira volta da competição: Setúbal, 0-F. C. Porto, 1; Braga, 0-Académica, 2; Lusitano, 2-Cuf, 1 e Boavista, 3-Atlético, 2.

Só a Cuf e o Atlético procurarão uma desforra...

Por fim, um embate entre duas equipas que na primeira volta empataram por 1-1 e que amanhã se defrontam de novo, desta vez no campo da Amorosa: Guimarães (18 pontos)-Leixões (17). Na classificação, trata-se de duas equipas tranquilas. Os Vimaraneses desfrutam de favoritismo. Até porque o Leixões, que no seu campo é temível para qualquer, costuma fraquejar, por vezes acentuadamente, fora de casa. No entanto, prevê-se um jogo agradável, desenrolado em toada de equilíbrio.

ATLETISMO

A selecção de Lourenço Marques vem à Metrópole

LOURENÇO MARQUES, 20. — A selecção de Lourenço Marques de atletismo, que se deslocará à Metrópole, a fim de participar nos campeonatos nacionais, prepara-se intensivamente.

A Associação de Atletismo pediu autorização à sua congénere de futebol para que durante os intervalos dos jogos de futebol se possam realizar provas de atletismo como se faz no continente. — (L.).

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

O Salgueiros e o Barreirense vão jogar sem apreensões e sem o risco de perder o comando

Com os jogos marcados para amanhã, entra-se deliberadamente no terço final do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão. Mais oito jornadas e estará concluído o despique que reuniu 28 equipas, desejosas de passarem ao convívio com os «maiores» do nosso futebol.

Na galopada final mantém-se o interesse do primeiro dia. Nem se conhecem os vencedores das Zonas, nem os apurados para o torneio de competência, nem os que correm o risco de baixa de Divisão (naturalmente com excepção para o Arroios).

Dentro deste «panorama», vejamos quais as perspectivas para amanhã.

Os desafios da Zona Norte

Os encontros da Zona Norte que estão marcados para amanhã são os seguintes:

Salgueiros-Sanjoanense (2-3)
Acad. Viseu-Spt. Espinho (2-2)
Esp. Chaves-Peniche (0-1)
Torriense-Marinhense (1-1)
Caldas-U. Coimbra (5-3)
Vianense-Vila Real (1-2)
Oliveirense Beira Mar (1-1)

Destes desafios, três sobrelevam os restantes: o do Porto, o de Chaves e o de Oliveira de Azemeis. Nesses três despiques intervêm as equipas classificadas de 1.ª ao 5.ª, devendo anotar-se que entre o 2.ª e o 5.ª da classificação há uma escassa diferença de dois pontos.

O Salgueiros joga tranquilo, pois não pode perder o comando da classificação seja qual for o resultado que fizer, devendo, no entanto,

acrescentar-se que merece favoritismo. Em Chaves, os locais recebem o Peniche, a denunciar quebra de possibilidades em relação à 1.ª volta, não custando a admitir um êxito dos Flavienses. Em Oliveira de Azemeis, os donos do campo habituados a impô-se vão ter tarefa assaz difícil, sendo o jogo de problemático desfecho.

Nos outros encontros da jornada o favoritismo não pode ser concedido de animo leve, mesmo considerando que o factor «casa» poderá influir nos desfechos, com excepção para o Académico de Viseu.

Os encontros da Zona Sul

Na Zona Sul o programa inclui os seguintes encontros:

Olhanense-Lusitano (1-0)
Arroios-Montijo (0-2)
Esp. Beja-Barreirense (0-3)
Juventude-Farense (2-2)
Portimonense-Almada (3-0)
Oriental-Serpa (0-0)
Estoril-Olivais (1-2)

Na maioria dos encontros não se apresenta difícil vaticinar o vencedor. Com efeito, merecem favoritismo o Olhanense, o Montijo, o Barreirense, o Portimonense e o Oriental. Neste lote de favoritos estão os quatro primeiros classificados.

Relativamente os jogos a realizar em Évora e no Estoril, pode admitir-se que as lutas venham a decorrer com equilíbrio e nada mais. O prognóstico é, por consequência difícil. A maior capacidade do Farense e do Olivais pode ser atenuada pelo facto de ambos serem visitantes.

Benfica e Sporting repetem a final de juniores

As equipas de Juniores do Benfica e do Sporting que, no domingo passado, terminaram empatadas (mesmo após o prolongamento) a final do campeonato de juniores da I Divisão da A. F. L., voltam a defrontar-se amanhã, numa repetição do encontro que há-de decidir o título.

Desta feita, o jogo foi marcado para o campo do Restelo, e muito acertadamente, pois, há oito dias, foram muitas as centenas de pessoas que não lograram entrar na Tapadinha, onde a lotação se esgotou.

Se o desafio de há uma semana justificou desmedido interesse, já pela rivalidade bem conhecida entre «encarnados» e «leões», já porque os dois grupos ainda não se haviam defrontado na presente época, o jogo de amanhã reveste-se ainda de maior expectativa, porquanto os dois grupos, contrariando a previsão de que a vitória sorriria ao Benfica, mostraram-se dignos adversários, à altura um do outro.

Por outro lado, conhecendo-se melhor os dois grupos podem, amanhã, tirar partido desta circunstância, para valorizar o despique. A incerteza pelo desfecho da partida é, agora, o seu melhor alician-te. A ideia de novo empate não pode ser posta de lado, até porque no historial da prova, já sucedeu, por duas vezes haver repetição do jogo decisivo.

O jogo está marcado para as 10 e 30.

Outras competições da A. F. L.

Prosseguem, amanhã, os campeonatos distritais da 2.ª e 3.ª Divisões e a prova distrital de principiantes, começando a 2.ª fase do campeonato de juniores da 2.ª Divisão.

Eis os encontros previstos: **CAMPEONATO DISTRITAL DA II DIVISÃO** — Vialonga-Odivelas, no campo de Vialonga; União Povoense-Ericeirense, no campo do Telhal; Castelo-Charneca, no campo José Ramos; Santa Iria-Palmenense, no campo Reynolds; Amadora-Fanhões, no campo do Estrela.

Os jogos da Póvoa, «José Ramos» e Amadora são às 15 h.; os restantes, às 15 e 30.

CAMPEONATO DISTRITAL DA III DIVISÃO — Série A — Carcavelos-Cascalheira, no campo da Quinta Nova; Alto da Eira-Algés, no campo do Vitória; Bom Sucesso-Linda-a-Velha, no campo António Esteyão Simões Alves; Bairro de Inglaterra-Oeiras, no Estádio Pina Manique (treinos).

Série B — Cacém-Queluz, no campo Marquês de Pombal; Malveira-Montelavarense, no campo das Selxas; 1.º de Dezembro-Lourel, no campo Conde de Sucena; Mucifalense-Vila Verde, no campo do Marcadour.

Série C — Castanheira-Camarate, no campo de S. João; Loures-Tojal, no campo da Areeira; Zambujalense-Povoense A. C., no campo Conde de Mendia; P. de Frias-Bucelenses, no campo do Bonjardim; Caneças-P. de Loures, no campo da Lapa.

Todos às 15.30 horas.

CAMPEONATO DISTRITAL DE JUNIORES DA II DIVISÃO — (2.ª fase) — **Série A** — Tarujense-Cascais, no Estádio Pina Manique (treinos); Sacavenense-F. Benfica, no campo de Sacavém; Camarate-Mirantense, no campo da Quinta dos Barros.

Série B — Amadora-Operário, no campo do Estrela; Vitória-Sintrense, no campo do Vitória; Odivelas-União Povoense, no campo Diogo José Gomes.

Todos estes encontros principiam às 10 e 30.

PROVAS DISTRITAIS DE PRINCIPANTES — **Série A** — Olivais-Casa Pia, no campo Alvaro Gaspar, às 11 h.; Atlético-Algés, no campo da Tapadinha, às 10.30 h.; Oriental-Palmenense, no campo Eng.º Carlos Salema, às 10.30 h.; Sporting-Torriense, no Estádio José Alvalade (treinos), às 10.30 h.

Série B — Belenenses-Alhandra, no Estádio do Restelo (treinos), às 9.30 h.; Benfca-Sacavenense, no Campo Grande, às 9 h.; Santa Iria-Vilafrancesa, no campo Reynolds, às 10.30 h.



Um dos arriscados exercícios que os soldados da G. N. R. apresentarão no «jumping»

O «Jumping» de Lisboa que principia na terça-feira está a despertar o maior interesse

A realização do 1.º «Jumping Internacional de Lisboa», que se avizinha, está a despertar um interesse verdadeiramente invulgar, que excede as melhores previsões. A lotação do magnífico pavilhão da Feira das Indústrias Portuguesas, que vai ser teatro do importante e inédito certame, nas noites de 23, 24 e 25 deste mês, pode considerar-se, desde já, esgotada — facto que melhor do que qualquer outro demonstra o entusiasmo por esta realização.

Em boa verdade, nada admira que assim aconteça. O «Jumping» reúne um conjunto de atracções, que torna o espectáculo variado e invulgarmente aliciante. A «festa do cavalo» — designação cheia de propósito — não pode deixar de ficar memorável, ao mesmo tempo que constitui um exemplo de capacidade realizadora. A comissão organizadora do «Jumping» tem sido verdadeiramente incansável, bem merecendo o apoio que tem encontrado de várias entidades, de modo a cumprir bem a missão que a si própria impôs.

No pavilhão da F. I. P., tem havido grande azáfama nos últimos dias. Ultimaram-se os preparativos do certame — e tantos são eles — houve ensaios do carrossel da Guarda Nacional Republicana e dos «cossacos» e alguns dos concorrentes às provas de obstáculos procuraram familiarizar-se com o piso. Falando no piso, é oportuno referir que todos os concorrentes têm sido unânimes em considerá-lo magnífico, sob todos os aspectos.

O programa elaborado com as maiores condições de agrado, será cumprido a rigor. Não há até este momento — e faltam só quatro dias para a primeira jornada do «Jumping» — a mínima indicação de que surgirá alguma falha, que, aliás, seria desculpável, por se tratar de uma primeira edição. Mas, ninguém pensa nisso, e os organizadores mostram-se capazes de vencer todas as dificuldades, empenhados em corresponder ao acolhimento que o público dispensou até agora ao acontecimento.

O programa completo do «Jumping» apresenta-se assim:

Dia 23 (Terça-feira) — Abertura. Apresentação dos concorrentes às provas de obstáculos, com a fanfara do Regimento de Cavalaria da G. N. R. Apresentação do Grupo Policlórico do Ribatejo («Sete Saias», escoltado por campinos a cavalo. Prova de obstáculos, denominada «Jumping de Lisboa». Apresentação de um número de equitação de escola, pelos alunos de mestre Nuno Oliveira. Carrossel do Regimento de Cavalaria da G. N. R.

Dia 24 (Quarta-feira) — Apresentação do Grupo Infantil Escalabitano. Prova de obstáculos, denominada «Potência». Apresentação dos conjuntos seleccionados para preparação da prova olímpica de ensino, «Cossacos» — numero de restreza a cavalo, por praças do Regimento de Cavalaria da G. N. R.

Dia 25 (Quinta-feira) — Prova de obstáculos — «Grande Prémio do Jumping». Apresentação de cães-polícias da G. N. R. «Réprise» dos oficiais da secção de equitação do Centro Militar de Educação Física. Equitação e Desportos. Passagem de modelos. Cavalos de toureio com a colaboração dos cavaleiros João Branco Nuncio, David Ribeiro Teles e eng. José Barahona Nuncio.

O funcionamento da aposta mutua é outra grande atracção do «Jumping», e tudo indica que se registem resultados a que o nosso meio não se habituou ainda.

Vitória normal (52-36) do Sporting sobre o Be'enenses no campeonato nacional de basquetebol

O primeiro encontro da 7.ª ronda (última da primeira volta) do campeonato nacional de basquetebol, entre o Belenenses e o Sporting, terminou com uma vitória natural da equipa «leonina», que foi aquela que melhor se adaptou às exigências da moderna técnica, factor imprescindível para a conquista do triunfo final.

Com efeito, os «leões» evoluíram com certa precisão, durante dois ou três períodos de jogo, a revelar uma subida constante da equipa, que parece no caminho da conquista do título. O Belenenses, que só reagiu no final da partida, facilitou, em parte, o êxito do Sporting, devido à inadaptação dos seus jogadores, principalmente no capítulo dos lançamentos. Os «azuis» foram em muitos casos «infantis» a lançar ao cesto, falhando sucessivamente contra-ataques com a marca de faltas.

Os «leões», nos períodos em que dominaram francamente demonstraram uma toada de jogo definida, com princípio, meio e fim. Dispondo de um bom lote de homens para a tabela, a equipa «leonina», que, de jornada para jornada, se está a encontrar a si mesma, fez convergir todas as suas atenções para os ressaltos e, assim, conseguiram-se várias vezes, vislumbra jogadas de muita oportunidade.

A marcha vitoriosa do grupo que comanda a tabela da classificação, ainda não foi desta vez estudada, apesar de, na verdade, também termos visto a defesa «leonina» em embarras para deter os fulgurantes contra-ataques dos «azuis». Para certificação da inépcia das jogadas criadas pelos «azuis» e, sobretudo, a sua falta de finalidade, basta dizer que o Belenenses fez quase uma centena de tentativas à tabela para obter afinal duas dúzias e meia de pontos.

O sistema utilizado pelo Sporting não foi deveras complicado. Ao con-

Automobilismo

As inscrições para a «Volta a Portugal» fecham na segunda-feira

A inscrição para a «Volta a Portugal» em automóvel, fecha na segunda-feira, na sede do Clube «100 à Hora», organizador da prova, e no Automóvel Clube de Portugal, em Lisboa ou nas suas secções regionais do Porto, Coimbra e Évora. No dia 25 far-se-á o sorteio da importante competição, que decorrerá de 3 a 6 de Março.

HOJE, À NOITE

ASSEMBLEIAS GERAIS — Sport Lisboa e Benfica, às 20 e 30 horas: Proposta de alteração aos estatutos; Federação Portuguesa de Tiro e Clube de Futebol Benfica, às 21 horas: Eleições dos corpos directivos para o corrente ano.

BADMINTON — Campeonato Regional da 2.ª Divisão — Oriental-Sporting e Técnico-Benfica, no ginásio do Técnico, a partir das 21 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: Barreirense-Benfica, no Barreiro, às 21 horas; Figueirense-Académica, na Figueira da Foz, às 21 e 30 horas, e Vasco da Gama-F. C. Porto, no campo do primeiro, às 21 e 30 horas. Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: Combatentes-Educação Física, no campo do primeiro, às 22 horas.

HANDEBOL DE SETE — Campeonato Regional da 1.ª Divisão: Liberdade-Lisboa Ginásio, Amoreiras-Campo de Ourique e Hockey-Oriental, no Ateneu da Madre de Deus, a partir das 20 e 45 horas.

XADREZ — Campeonato de Lisboa de 1.ª Categoria, no Ateneu, a partir das 21 horas.

JOGOS OLÍMPICOS de Inverno

SQUAW VALLEY, 20 — E' a seguinte a atribuição de medalhas ao fim do primeiro dia de provas dos Jogos Olímpicos de Inverno: Suécia, 1 de ouro e 1 de prata; Canadá, 1 de ouro; Alemanha, 1 de prata; Estados Unidos, 1 de bronze; Rússia, 1 de bronze. — (A. N. I.).



Fase movimentada na grande área da selecção militar belga. José Mendes disputa a bola com o defesa Spronck. José Augusto, Ferreira Pinto e Romeu seguem a jogada com ansiedade

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P. — Prosseguem as competições que a Mocidade Portuguesa tem, presentemente, em curso e constituem o seguinte programa:

Futebol (Iniciados) — Escola Portuguesa c. Liceu Gil Vicente, Colégio Moderno c. Escola Académica e Colégio Moderno c. L. F. «Charles Lepierre» — todos no Estádio Nacional (piso duro), respectivamente, às 10, 11,15 e 15 horas.

Tiro — Na Casa da Mocidade, disputa-se, com início às 10 horas a «Grande Prova de Tiro «Omnium», para filiados dos 14 aos 20 anos.

Atletismo — Nos terrenos anexos ao Estádio Nacional, às 11 horas, disputa-se o «Corta-Mato dos Dezs», por equipas formadas por corredores, sem distinção de categorias e na distancia de 5.000 metros.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Nacional-Montijo (às 11,15 horas); Atlético-Vitória de Setúbal (às 11,30 h.); Lisboa Ginásio-Queluz (às 11,30 h.); Salesianos-Leça (às 11 h.); Fluvial-Esgueira (às 11 h.); Educação Física-Sanjoanense (às 11 h.); e Boavista-Guifões, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: Maria Pia-Alvalade (S. Gens, às 10 horas); Campolide-Sp. Torres (Liberdade, às 11,30 h.); Moscardi-Bora Hora (às 10 h.); Rio Seco-Pedrouços (às 10 h.); Sacavenense-Cruz Quebradense (às 11,30 h.); Carnide-Internacional (C. I. F., às 10 h.); Casa Pia-Universitário (Porto de Lisboa, às 11 h.); Arroios-Avila (Barbadinhos, às 10 horas) e Almada-Ateneu (às 10 horas).

Campeonato Regional de Juniores e Infantis, a partir das 9,30 h.

CICLISMO — Campeonatos Regionais de Fundo (independentes e amadores-juniores), com partidas do estádio de Alvalade, às 8 horas.

DESPORTO CORPORATIVO — Prosseguem os campeonatos de basquetebol e futebol da F. N. A. T., no distrito de Lisboa. Jogos marcados:

Basquetebol — Comp. Carris c. S. P. Seguros e F. C. Regina c. S.

Assembleias gerais
Grupo Desportivo dos Empregados do Banco Borges & Irmão

A assembleia geral do Grupo Desportivo dos Empregados do Banco Borges & Irmão elegeu os novos corpos gerentes, que ficarão assim constituídos:

Assembleia geral — Srs. D. Salvador Vaz de Almada, Augusto César Quaresma e João Carlos Arnes. Direcção — Srs. Eduardo Leiria de Mendonça, Carlos Gabriel Viana Nunes, José Carlos Costa Alves, Mário Benhanon, Emídio Inácio Godinho e Jaime Costa e Silva. Conselho fiscal — Srs. Manuel da Cruz Pimenta, Mário Pinto Martins e Henrique da Conceição Frazão.

OS LADRÕES
também foram ao baile

ÉVORA, 20. — Num baile de estudantes finalistas, que estava a decorrer no Palácio Barrocal, faltou inesperadamente a luz e tudo ficou imerso nas trevas. Quando finalmente foi restabelecida a corrente, verificou-se, com espanto, que faltavam gabardinas, luvas, lenços, toalhas, etc., que estavam no bengaleiro, nas mesas das ceias e na bufete!...

A P. S. P., a quem foi participado o caso, está a proceder a averiguações.

C. Guerin, no Porto de Lisboa, às 10 e 11 h., respectivamente.

Futebol — Bairro de Carenque c. Comp. Telefones e S. N. Panificação c. F. C. Regina, em Belém, às 9 e 11 horas, respectivamente.

DESPORTO UNIVERSITÁRIO — Prossegue, no Estádio Universitário, o campeonato de futebol, com os seguintes encontros:

Técnico c. Belas-Artes, Ciências c. E. Naval e Económicas c. Direito, respectivamente, às 9,15, 10,30 e 11,45 horas.

HANDEBOL DE 7 — Continua o campeonato regional de juniores (2.ª jornada, da 2.ª volta) com os seguintes encontros:

Madre de Deus c. Sporting A. Cova da Piedade c. Sporting B e Benfica c. C. Ourique, no Ateneu da Madre de Deus, a partir das 9 horas; Belenenses c. Almada, Avila c. Liberdade F. C. e Monte Pedral c. Ginásio do Sul, no Restelo, a partir das 9 horas.

HÓQUEI EM CAMPO — Disputam-se os encontros da 2.ª jornada da 2.ª volta do campeonato de Lisboa:

Palmense c. Hóquei, em Palma, às 11 h.; S. L. Benfica c. Atlético C. P., no Campo Grande, às 14 e às 15,30 (res. e honra); C. F. Benfica c. C. F. «Os Belenenses», no campo «F. Lázaro», às 9 e 10,30 h. (res. e honra).

PESCA DESPORTIVA — Concurso Interno (4.º) em área livre, por equipas, organizado pelo Clube dos Amadores de Pesca de Portugal.

RAGUEBI — Campeonato Nacional (primeiras categorias): Académica-Direito, em Coimbra, às 15 horas; C. D. U. L. Sporting, no estádio Universitário, às 11 horas; Agro-Belenenses, no Restelo, às 12,30 h. Campeonato Nacional (reservas): C. D. U. L. Sporting, no estádio Universitário, às 9,30 horas; Agronomia-Belenenses, no Restelo, às 11 h.

TÊNIS DE MESA — Campeonato Regional de Infantis, às 10 horas.

TIRO A CHUMBO — Provas Internacionais de Tiro aos Pombos, no «stand» do Lumiar, a partir das 11 horas.

VIDA ARTÍSTICA

Exposição de arte moderna na Faculdade de Ciências

Na Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências, foi inaugurada esta tarde uma exposição de arte moderna sendo expositor Alice Jorge, Julio Pomar, José Julio, Nuno Siqueira, Cipriano Dourado, Luís Jardim, Daciano, Rodrigo, Francisco Relógio, José Escada e Jorge Martins.

Batidas às raposas ao Sul do Mondego

FIGUEIRA DA FOZ, 20. (Pelo telefone). — Organizadas por uma comissão de caçadores desta região, efectuam-se, amanhã e no dia 6 de Março duas batidas às raposas, respectivamente nas Matas do Urso e de Leirosa na zona Sul do Mondego, que serão dirigidas pelo engenheiro Fernando Muñoz de Oliveira. São numerosas as inscrições e há grande interesse.

NORMAS de estatística hospitalar

Por despacho do ministro da Saúde, foram aprovadas as regras uniformes para a estatística hospitalar dos hospitais centrais. Foi já nomeado um grupo de trabalho para adaptar essas regras aos restantes hospitais do País.

BEBE BARRITOS
VERMUTE COM GIN
GELADINHO

COMUNICADO

FORD LUSITANA

RUA CASTILHO, 149 — LISBOA

tem a honra de comunicar que nomeou sua Concessionária para os produtos

FORD • MERCURY
ANGLIA • PREFECT
CONSUL • ZEPHYR
THAMES • TRADER

a firma

AUTO RALI, LDA.

LISBOA

com Salão de vendas e exposição na

AV. ALMIRANTE REIS, 130-A e 130-E

Oficinas e estação de Serviço na

RUA GENERAL SINEL DE CORDES, 13-C

e em CASCAIS

GARAGEM CASCAIS, LDA.

AUTO RALI, LDA.

AV. ALMIRANTE REIS, 130-A e 130-E — LISBOA

tem a honra de comunicar que foi nomeada pela

FORD LUSITANA

sua Concessionária Oficial para os concelhos de:

LISBOA — LOURES — OEIRAS — CASCAIS E SINTRA

pondo imediatamente às ordens do público as suas secções

CARROS NOVOS
CARROS USADOS
Peças FORD legítimas

na Av. Almirante Reis, 130-A e 130-E — Telef. 418 32 - 418 64
LISBOA

OFICINAS E ESTAÇÃO DE SERVIÇO

na Rua General Sinel de Cordes, 13-C — Telef. 760436-773788
LISBOA

e em CASCAIS

GARAGEM CASCAIS, LDA. — Telef. 08 05 31

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — T. 45587

Dr. Abel Alves—Ouv., nariz e garganta, 14 h.

Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos, 18 h.

Dr. Armando Valle—Anál. clin. e vacinas, 11 h.

Dr. Armando Luzes—Rins e vias urinárias, 14 h.

Dr. Benard Guedes—Raios X, 16 h.

Dr. Camara Leme—Boca e dentes, 10 às 13 e 17 às 19 h.

Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv. mentais (2.º, 4.º e 6.º), 16 h.

Dr. Formigal Luzes—Ag. Físicos, 15 h.

Dr. Fernando Castro Amaro—Med. geral, 14 h.

Dr. João Marques Pinto—D. das crianças, 18 h.

Dr. Juvenal Esteves—Doenças da pele e sífilis (2.º, 4.º e 6.º), 14 h.

Dr. Mário Rosa—Cl. méd. est. e intest., 15 h.

Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.

Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.º, 5.º e sáb.), 15 h.

Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd., coração e pulmões, 18 horas.

OPTIMAS APLICAÇÕES DE CAPITAIS

Possue a EMPRESA PREDIAL NORTENHA, em condições vantajosas para os Senhores Capitalistas. Prestamos toda a assistência e garantimos todos os investimentos. Consultando-nos tem vantagens.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

«Colham Referências»

LISBOA

Praça da Alegria, 58-2.º
Tels. 366812 - 32228

PORTO

Praça D. João I, 25-1.º
Tels. 26706 - 30181

Illeu bon anafio
acaba de receber
a sua primeira carta
ta q' mto agra
deço. Na verdade
de e com havi

EM
QUALQUER
LINGUA

se me me no, pol
le que um, melle
mille, pardo
dormir de foute
me pour elle
on mmeu, vce
me des ses amir
H. me domus un
grand elephant

COM
QUALQUER
LETRA

MAS
SEMPRE
COM

שדאן
אדא
התנ"ך

TINTA ESTILOGRÁFICA

CISNE

TRIC

1950

VISITA DE ESTUDO

A visita de estudo das sócias da Associação das Antigas Alunas do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro, efectua-se depois de amanhã, às 11 horas.

CALENDÁRIOS

De «A Iluminante» recebemos um calendário para este ano, ilustrado com um retrato a cores da actriz Isabel de Castro.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA DO DISTRITO DE SANTARÉM

CONCURSO PARA ADMISSÃO DE PESSOAL

A CAIXA DE PREVIDÊNCIA DO DISTRITO DE SANTARÉM, com sede na cidade de Santarém, no Largo do Milagre, 5, anuncia que se encontra aberto concurso, pelo prazo de 20 dias a contar da data deste anúncio, para preenchimento de duas vagas de dactilógrafo de 2.ª classe e de uma vaga de aspirante existentes no quadro de pessoal desta instituição.

Só serão admitidos indivíduos devidamente habilitados com o respectivo concurso.

Santarém, 19 de Fevereiro de 1960.

A DIRECÇÃO

HERDADES E QUINTAS

Em qualquer ponto do País, trata-se de compras, vendas, hipotecas, fiscalizar rendeiros, administrações, explorações em sociedade, etc., tem muita prática e profundos conhecimentos do assunto e colaboração de Engenheiros-Agrónomos e Feitores Agrícolas, dá amplas referências e garantias com herdades que possui no Alentejo. Nesta ocasião tem compradores para herdades e quintas. Também trata de compras, vendas e hipotecas de prédios, moradias e terrenos para construção e indústrias, em Lisboa e arredores. M. Léas Espada, Vivenda Laurentina, r/c., junto á bomba de gasolina, Estrada Marginal, (Telef. 047290 todos os dias até às 13 horas) PAREDE, Linha do Estoril.

PASTAS



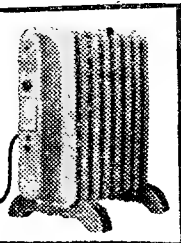
30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A. Comprido — R. Madalena, 97

CHÁ DE HAMBURGO

ALEMÃO GENUINO

Acreditado, há decénios, nas afecções das vias digestivas, biliares e urinárias

A VENDA NAS FARMÁCIAS



PREFIRA OS NOVOS SISTEMAS DE AQUECIMENTO

ELECTROLAR

RADIADORES AUTOMÁTICOS A ÓLEO
CONVECTORES CALOR NEGRO
RADIADORES INFRA-VERMELHOS

5 ANOS DE GARANTIA

PORTO - R. SA DA BANDEIRA, 592 - TEL. 24769 - LISBOA - R. ZAIRE, 3-3 - TEL. 844444

VERIFIQUE !...

PORQUE O FORD

Anglia

COMPLETAMENTE NOVO

é o carro mais Fascinante do mundo

OS CONCESSIONÁRIOS FORD OFERECEM-LHE UMA DEMONSTRAÇÃO!

J. MENDES COELHO, LDA. «LISBOA» AUTO BOAVISTA, LIMITADA
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A • TEL. 46147-43523 RUA DA BOA VISTA, 81-B • TEL. 669141/4

Notícias de Coimbra

(Continuação da página central)

não só ao prestígio da nossa Universidade secular, mas até aos próprios interesses da Nação. Digne-se Vossa Excelência aceitar os protestos do meu mais profundo e subido respeito.

Na Semana de Estudos Universitários, no C. A. D. C., quando o sr. prof. dr. João Providência tratou do tema «A Universidade e a sua organica», tratou-se, também, do importante problema da urgente reinstalação na Universidade de Coimbra da sua antiga Faculdade de Farmácia, de tão antigas e brilhantes tradições, e foi aprovada, por unanimidade, uma moção, trazendo «todo o seu apoio a tão justa pretensão, fazendo votos para que em breve ela seja satisfeita, para bem da Nação, da cidade e da Academia».

Associação dos Estudantes Brasileiros

Os trabalhos da assembleia geral da Associação dos Estudantes Brasileiros da Academia de Coimbra — «Os Brasileiros» prosseguem na quarta-feira. Foi já eleita a primeira direcção, que ficou constituída pelos estudantes Paulo Zorrón de Paiva Araújo, D. Elsa Maria Pires, Agostinho Seguro, João Veloso, Carlos Veloso e Nelson Cunha. Foram, também, proclamados sócios honorários os srs. dr. Negrão de Lima, embaixador do Brasil em Portugal, e prof. dr. Orlando de Carvalho, da Faculdade de Direito.

Reunião magna da Academia

Reune-se, esta noite, na sede da Associação Académica, a assembleia magna da Academia, para apreciar, entre vários problemas, o relatório e contas da gerência transacta.

Estudos universitários

Encerra-se amanhã, às 21 e 30, a Semana de Estudos Universitários, no C. A. D. C., com uma conferência pelo sr. dr. Jorge Biscaia.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Maria Julia Barreto Formigal Luzes

Faleceu a sr.ª D. Maria Julia Barreto Formigal Luzes, de 68 anos, natural de Lisboa, casada com o dr. Francisco Formigal Luzes, irmã das sr.ªs D. Ana Barreto Formigal, D. Branca Formigal de Ataíde e D. Ester Barreto Formigal, dos srs. Fernando Barreto Formigal e Eduardo Barreto Formigal e cunhada do dr. Armando Formigal Luzes. Amanhã, às 10 e 30, na Basílica da Estrela, será celebrada missa de corpo presente, efectuando-se, em seguida, o funeral, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

D. Lucinda das Dores Leite Biscaia de Matos

Faleceu a sr.ª D. Lucinda das Dores Leite Biscaia de Matos, de 70 anos, natural de Viana do Castelo, casada com o sr. coronel Fausto de Matos, irmã da sr.ª D. Rosalina Leite dos Santos e do sr. Sebastião Leite Biscaia, ausente no Brasil, mãe da sr.ª D. Maria Helena Leite de Matos Silva e do sr. Fausto Leite de Matos, administrador da Circunscrição em Moçambique. Amanhã, às 9 horas, será rezada missa de corpo presente na igreja de S. Sebastião da Pedreira, donde se realizará o funeral, às 16 horas, para o cemitério do Alto de S. João. Os serviços fúnebres estão a cargo da Agência Lemos.

SUFRAGIOS

Diogo de Macedo

Na igreja dos Mártires foi hoje rezada missa por alma do escultor Diogo de Macedo, antigo director do Museu de Arte Contemporânea, comemorativa do 1.º aniversário do falecimento daquele saudoso artista. A cerimónia religiosa celebrada no altar-mor pelo rev.º dr. Cezinando Rosa, começou às 12 e 30 e a ela assistiram, além da família do extinto, muitas individualidades, entre as quais artistas.

Engenheiro-geógrafo Canto Resende

Um grupo de engenheiros-geógrafos manda celebrar, no próximo dia 23, pelas 11 horas, na igreja dos Mártires, missa por alma do seu desditoso camarada Artur do Canto Resende, herói e mártir da Pátria em Timor, durante a última guerra, que morreu na ilha de Alor em 23 de Fevereiro de 1915.

que desenvolverá o tema: «O apostolado universitário».

Exposições de arte

No Museu Machado de Castro, inaugura-se hoje, ao fim da tarde, a exposição, patrocinada pelo Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica e pelo S. N. I., de trabalhos do artista polaco Felix Topolski, que apresenta 50 desenhos originais, livros ilustrados e reproduções da famosa série «Topolski's Chronicle», continuação dum uso seguido em Inglaterra nos séculos XVIII e XIX e depois interrompido, na qual se fixavam os maiores acontecimentos do Mundo inteiro. Entre numerosos desenhos satíricos e de crítica social, apontamentos caricaturais de notáveis figuras do nosso século incluem-se «Sir» Winston Churchill, Mohandas Gandhi, Neru, marechal Craveiro Lopes, Isabel II, etc. e apontamentos de viagens ao Japão, China, Sião, Nigéria, etc.

— O Círculo de Artes Plásticas, por deferência do Instituto Francês de Lisboa, apresentará, em breve, pela primeira vez em Coimbra a famosa colecção de gravuras «Misere», obra-prima do pintor francês contemporâneo Georges Ronault.

Conferências e concertos musicais

No Teatro da Faculdade de Letras o sr. dr. Filipe de Sousa faz, na terça-feira, às 21 e 30, uma conferência sobre «A evolução da música orquestral», segunda do Ciclo sobre assuntos musicais.

— Com o patrocínio da Fundação Gulbenkian e do Instituto de Alta Cultura, a delegação da Pró-Arte e a Associação Académica promovem quatro concertos, no Teatro da Faculdade de Letras, a preços especiais para estudantes. No primeiro, a dois pianos, tomam parte os professores Campos Coelho e Vanda Cid.

— Na segunda-feira, como anunciámos, a Orquestra Filarmonica de Lisboa dá um concerto no Teatro Avenida.

— A Tuna Académica dá hoje um espectáculo em ilhavo, sob a regência do sr. eng.º Alves Ferreira.

Vida desportiva

A assembleia geral do União de Coimbra prossegue depois de amanhã, às 21 horas, para eleição dos corpos gerentes. Foi organizada uma lista, que parece reunir o apoio unânime da massa associativa.

Pelos Hospitais da Universidade

Recolheram aos Hospitais da Universidade, com traumatismo craniano, Emilio Pereira Leal, de 49 anos, casado, vendedor ambulante, do Casal da Comba, que seguia numa carroça com a qual embateu, perto da Mealhada, um automóvel guiado por Carlos Tavares de Sousa, desta cidade, em que seguia o estudante Olavo Lobo, de 24, solteiro, Rua Padre António Vieira, tratado, também, nos mesmos hospitais por ter ficado ferido; e Joaquim de Sousa Fonseca, de 27, trabalhador, casado, serrador mecânico, de Carcavelos de Cima (Vila Nova de Ourém), muito ferido por ter sido apanhado por uma fita de serra.

— Nos mesmos hospitais receberam tratamento os estudantes Nuno Alberto Marques de Figueiredo, de 17 anos, residente na Estrada da Beira, e Joaquim Virgílio Pereira Ruas, Rua Verde Pinho, 6, passageiros de um automóvel, guiado pela sr.ª D. Maria Praxedes Pereira Ruas, também ali residente, o qual á entrada da Avenida Afonso Henriques, embateu num carro eléctrico.

Estremoz atravessa

um período de apreciável

renovação e progresso

ESTREMOZ, 20. — Esta cidade está a atravessar um período de progresso real, graças à acção do seu presidente, da Camara, sr. Agostinho dos Santos Macedo, e com o apoio dos srs. ministros da Justiça e das Obras Publicas.

Vão ser em breve realidade melhoramentos de grande vulto, cujos projectos já foram elaborados e expostos á apreciação do publico. Entre essas obras se contam a construção do Palácio da Justiça no local onde ainda se encontra o templo de Santo André, que vai ser demolido, por ameaçar ruína; conclusão das obras na igreja dos Congregados, anexa ao edificio da Camara Municipal; urbanização da zona de expansão a norte da cidade, onde se prevê a construção de uma escola técnica; jardim infantil; jardim de desporto; três blocos de rendimento com três andares para habitação e 28 estabelecimentos; 13 instalações artesanais e 288 fogos em 7 tipos de moradias. O custo desta ultima obra é de 3800 contos e solucionar em parte o problema de habitação, em especial, da classe média.

Não são tão pouco de esquecer a valorização paisagística do Rossio Marquês de Pombal, a chamada «sala de visitas de Estremoz», e o reforço do abastecimento de água á cidade de Estremoz, por meio de um caudal que dará também para abastecimento de seis freguesias do concelho.

A presidência da Camara anuncia também que, em breve, serão electrificadas e dotadas de abastecimento de água, as freguesias do concelho que, ainda não beneficiaram desses importantes melhoramentos.

Confraternização

dos antigos alunos do liceu de Beja

BEJA, 20. — De 22 a 24 de Abril realiza-se a segunda festa dos antigos alunos do liceu de Beja.

O programa será brevemente tornado publico, tendo vários ministérios autorizados os funcionários ao seu serviço que não residem em Beja e que desejem participar nesta festa, a deslocarem-se aqui, durante os referidos dias.

O numero de inscritos é já muito elevado, registando-se adesões de vários pontos do País.

Os interessados devem dirigir-se a D. Maria Isabel Covas Lima Alves de Carvalho, Rua Dr. Aresta Branco, 21, 1.º.

«DIÁRIO DE LISBOA»

O presidente da Camara Municipal do Seixal, sr. Manuel Bonaparte Figueira, teve a gentileza de nos comunicar que, na ultima sessão municipal, foi exarado um voto de agradecimento ao «Diário de Lisboa», pela maneira como o nosso jornal se tem referido ao concelho do Seixal e ao seu progresso.

— Na sua ultima reunião, a Camara Municipal de Setúbal, sob a presidência do sr. Manuel Magalhães Mexia, foi aprovado, por sua proposta, um voto de louvor e agradecimento ao «Diário de Lisboa», pelo relevo dispensado aos problemas de interesse para o distrito.

BEBA BARRITOS
VERMUTE INDIVIDUAL

Crónica rural

por ANTUNES DA SILVA

Esta teimosa pendência em comprar terras, é um costume que vem de longe. Outrora, um lavrador erigia uma casa no meio de um terreno cantador, um terreno roloço, no alto de uma colina, amigo de ventos e de sol, e atirava-se a semear pão, cevada e aveia, tinha glebas de sobra para pastagens regadas e dali não saía a pureza dos seus horizontes de vivente apaixonado da Natureza.

Com os anos, o Mundo encavillou-se na fama de uma ciência apressada e dispendiosa, ás voltas e reviravoltas com as grandes escaladas do espaço, chegaram os sábios da China, da América e da Rússia a falar dos astros, chegaram os jornais ás portas das vilas contando o que se passava nos trópicos, no Antártico, nas selvas do Congo e do Amazonas, nos mares do Pacífico; veio a rádio com os seus programas de milagre, as músicas engraçadas do Haiti, as palestras cristãs em louvor do bom senso, os noticiários caudalosos da política; chegou a televisão, com as suas imagens de fantasia, pondo-lhe o cinema em casa — e eis que o lavrador, amachucado com tanta grandeza e descoberta, se desorienta um pouco na sua paz. Para responder ás solicitações da vida, indo atrás das palavras exprimidas com um certo perfume de salão e de caserna, da musica que as telefonias inventavam, mal se mexia num botão, dos homens, das mulheres e das crianças que conversavam de coisas novas que aconteciam na Terra, indo atrás das maravilhas do Mundo, atrás das montanhas cobertas de neve, dos mares acotados pelo inferno das tempestades, dos céus remexidos pelo barulho dos aviões — o chefe de uma casa de lavoura já se penteia e quebrou na sua audácia patasca de ser pensante, rei de destinos iguais e passivos, unicamente adstrito á escrutinação primária das sementeiras tradicionais — e deu-se ao luxo de ir ás praias, acompanhado da família, influenciando os vizinhos do tamanho dele. Aos filhos, manda-os estudar nas capitais, para que busquem na origem de tantas e originais demonstrações científicas, o auxílio para vencer a rotina e a difícil linguagem dos tempos contemporâneos, encharcados de miragens e confusões. E os filhos trazem das terras grandes, das cidades povoadas, a girandola das ideias e das conversas diferentes, trazem recados perfeitos, engendrados no convívio com os luminares do futebol, peregrinos de leitarias e «cafés», na busca atormentada de temas para uma qualquer emancipação da sociedade humana. Regressando ás vilas e ás aldeias, os filhos escondem nas almas o desfecho para os inquietos problemas da terra, as ceifas mecânicas, a monda química, as máquinas girando nos barros. As aves abalam, assustadas, condoidas, e os pais dos moços bulham com as próprias consciências, acostumados á prudente acção dos rasgos antigos, abrem muito os olhos no deslumbramento das fragmentadas teses, que lhes destroem toda a fértil imaginação campesina.

A monda química impõe efectivamente uma economia avultada nos gastos gerais da casa de lavoura. Uma grande seara de pão é mondata por 70 contos, dispensando o trabalho braçal, quando anteriormente se gastavam 400 contos, contratando homens e mulheres de sacho na mão. A ciência triunfava da rotina, do atraso histórico em que vivia a família rural transtagnana. O lavrador rejubila, desfaz já toda a sua crónica desconfiança ante o espanto de tal ucharia, mas a verdade é que os camponeses ficam sem trabalho, as perdas e as crias morrem nos pastos, os coelhos e as lebres também intoxicados pelo expediente milagroso. Só a raiz do trigo, robusta e altaínea, mesmo inocuada do veneno, reage ao ataque e fica imune e então, as ervas daninhas da seara, como os «agriões, as tengarrinhas, as catacuzes, que os camponeses aproveitam, até, para seu sustento, morrem, ou ficam envenenadas, vitimando, por sua vez, a caça e o gado que as comem.

Perante o dilema meramente económico e a destruição importante de peças de caça e do gado, o lavrador mais conspícuo e sincero, menos ambicioso, hesita agora num certo problema de consciência e já nem sabe se há-de acreditar nas descobertas precipitadas da tal ciência maluca, que tira os salários aos assalariados, se há-de continuar a ser uma pessoa de usos tradicionais, como antigamente, vivendo numa serena paz de espírito com os seus vizinhos, na época fechada e hostil em que vivemos.

Dos homens da gleba, os mais teimosos ficam. Ficam todos aqueles

que não têm forças para escarnecer da terra e da Natureza. As máquinas conquistam as herdades, mingua o trabalho nas regiões em que se nasce e se vive, irrompem crises, colmatadas aqui e ali pela abertura de trabalhos publicos, que sonegam ao camponês a alegria do Mundo.

O lavrador de boa cepa não se aquece muito pelos negócios da cidade, não entra na manigancia da usura, não compra prédios de rendimento nem gasta o tempo a ver as montras. Vai aos «cafés» para descansas das viagens e meter conversa sobre assuntos de lavoura, saúde e cotação dos gados. Ferra-se a ideia de que a cidade não passa de um enxame de ociosos a rir-se do seu vestuário e das suas barbas. Por mor disso, refugia-se no seu «monte», a mandar nos rurais, a quem estima como se da família se tratasse. Acodre-lhes na doença e nos azares da fortuna, é um homem limpo e tranquilo, que dá guarida a ciganos e malteses, com casa preparada para os acolitar dos temporais e dos calores.

Mas também há lavradores de cenho erguido, de chicote na língua, ódio instantâneo para toda a espécie de homens simples, sem gentilezas de patrão, mordendo na fama do seu dinheiro entesourado e vadio, maltratando e explorando os camponeses, na mira desastinada de uma nova compra de terras, de cortiça, palpite que os torna em despotas e aventureiros.

No fim de contas, e pelo que estamos contando, o lavrador de boa fé já hesita em fazer as tais mondas baratas e breves. Sente-se um pouco comprometido com a infelicidade alheia. Vieram contar-lhe, e ele mesmo reparou que com as ultimas chuvas do começo da Primavera, as águas arrastaram os ingredientes químicos para os leitões dos ribeirinhos e nos dias seguintes apareceram montões de peixes mortos nas margens e duzias de perdizes, calhandras, cotovias, de olhos vítreos no meio das searas regadas do tóxico. Os homens e as mulheres, sem trabalho, as ovelhas caíndo envenenadas. Metem dó. O coração do lavrador de boa fé, o que não gosta das vilas, nem das cidades, porque aqui não existem horizontes e céus de um mundo infinito e legendário, sente-se mirrado de angustia. Com tais estragos vegetais e na vida dos homens e dos bichos, o lavrador senta-se na sua cadeira e começa a cismar nestas ingratas complicações que lhe bolem com o feitiço apaziguador.

Lá comprar prédios de rendimento, como lhe encomenda o filho doutor nas cartas que lhe escreve e nas conversas porfiadas que com ele tem, ao serão, quando o visita — isso nunca! E' negócio das cidades. O seu destino é outro, mais sadio e criador. O que vai, com certeza, decidir, para o ano, e enquanto o mundo estiver assim constituido, é acabar com as mondas químicas. Isso é que acaba! Gastará mais dinheiro, mas ao menos não destruirá a passarada, nem os peixes — e o pessoal deixará de andar apoqueado pelos caminhos...

Por este andar, a fuga desordenada dos zagais e dos ganhões para os centros urbanos aumentará, inexoravelmente. Já nem se ouvem com tanta doçura e espontaneidade, as cantigas madrugadoras, nem as crianças riem ao pé dos pais, ou a correr, contentes, atrás dos cães. Quando chegarem os viajantes com as suas malas e os seus sorrisos de empréstimo, as suas sabidas palavras, mostrando fotografias, apresentando exemplos de fingidos milagres, fechará os ouvidos. Fora! Tão cedo não quer perder a paz e a amizade, porque é na paz e na amizade que ele adora, o lavrador sincero, que se nota bem o esforço dos homens para conseguirem ser irmãos uns dos outros — a vida inteira!

A. da S.

FOI ADIADA

uma batida aos lobos

VIEIRA DO MINHO, 20. (Pelo telefone). — A batida aos lobos, que se devia efectuar amanhã na serra da Cabreira, ficou adiada para o dia 6 de Março, devido ao mau tempo.

JARDINS-ESCOLAS

João de Deus

Atendendo ao adiantado da hora, a assembleia geral ordinária da Associação de Jardins-Escolas João de Deus ficou suspensa, no passado dia 17, para continuar depois de amanhã, ás 17 e 30.



em **7** horas

PARIS-NEW YORK SEM ESCALA

NO BOEING JACTO

"INTERCONTINENTAL"

O 1.º JACTO
capaz de ligar
Paris-New York
SEM ESCALA

2. VEZES MAIS DEPRESSA. O NOVO BOEING «JACTO» INTERCONTINENTAL (60.000 CV) liga Paris a New York em 8 horas em vez de 11. Partida de Paris às 13 h. Chegada a New York às 15 h. (hora local). No regresso o «JACTO» utiliza a seu favor as correntes alísios e efectua uma travessia ainda mais rápida: 6 h. e 45 m.

2. VEZES MAIS ESPAÇOSO. O BOEING JACTO «INTERCONTINENTAL» (140 toneladas) pode transportar na sua cabine gigante até 189 passageiros. Mas para vos oferecer um conforto incomparável a AIR FRANCE decidiu limitar o número de lugares: A viagem é assim duas vezes mais agradável.

A CLASSE DE LUXO: Os «fauteuils» são de dimensões excepcionais (2 por fila) com largos apoios para braços, costas reclináveis, repouso para os pés, etc... Refeições gastronómicas. Enfim, uma inovação sensacional a bordo de um avião: «BAR ROLANTE».

A CLASSE ECONÓMICA: O «JACTO» INTERCONTINENTAL conserva e melhora ainda as vantagens do serviço «Express»: o voo sem escala, «fauteuils» reclináveis (com mesa, cinto, ventilador, lâmpada individual, botão para chamar a hospedeira ou o comissário de bordo) e o tempo de voo reduzido a metade. As refeições estão incluídas no preço do bilhete. E, em certos serviços.

BOEING «JACTO» INTERCONTINENTAL NA MAIOR REDE AÉREA DO MUNDO

Dentro de algumas semanas, as principais linhas da rede de longo curso da AIR FRANCE serão servidas pelo novo BOEING «JACTO» INTERCONTINENTAL: Europa-Japão (pelo Polo); Europa-Califórnia; Europa-América do Sul; Europa-Africa, etc...

Pega informações no seu agente de viagens ou na Agência da AIR FRANCE — Av. da Liberdade, 120 — Telef. 3 09 81 — Lisboa.

AIR FRANCE

BOEING E CARAVELLE, OS DOIS MELHORES JACTOS NA MAIOR REDE AÉREA MUNDIAL

COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

S. A. R. L.

Capital e Fundo de Reserva — Esc.: 71:541.655\$60

DELEGAÇÃO
P. Almeida Garrett, 35
PORTO

SEDE
R. Augusta, 233/41
LISBOA

AGÊNCIA
R. Visconde da Luz, 100-1.
COIMBRA

EMIÇÃO DE OBRIGAÇÕES PREDIAIS DE 5%

Emissão de 25.000 obrigações hipotecárias do valor nominal de 1.000\$00 cada, autorizada por portaria publicada no «Diário do Governo» — III Série, de 4 de Dezembro de 1959.

CONDIÇÕES DA EMISSÃO

1.ª) As obrigações são de cupão, nominativas ou ao portador e vencem o juro anual de 5%, cativo de impostos.

2.ª) O pagamento dos juros realizar-se-á trimestralmente em 1 de Fevereiro, 1 de Maio, 1 de Agosto e 2 de Novembro.

3.ª) As obrigações são representadas por títulos de 1, 5 e 10.

4.ª) A amortização será feita semestralmente, por sorteio, pelo valor nominal, em 25 anos, efectuando-se a primeira em 1 de Agosto de 1960.

As obrigações poderão ser adquiridas na Sede, Delegação e Agência desta Companhia, a partir de 25 do corrente.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1960.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



DE NOVO SIMONIZ

AO SERVIÇO DOS AUTOMOBILISTAS PORTUGUESES

Os raios solares e a chuva atacam a pintura do seu automóvel; dê-lhe uma protecção permanente com produtos SIMONIZ — um nome que por si só é uma garantia de qualidade.

PRODUTOS SIMONIZ — Para limpar e dar brilho

REPRESENTANTES **C. SANTOS LDA.**

29. AV. DA LIBERDADE, 41 — LISBOA
PORTO • COIMBRA • BRAGA • OLHÃO

Em ALHANDRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se por intermédio de CECÍLIO AUGUSTO COSTA.

HA TRINTA ANOS

Artur Portela fazia de Madrid, em 20 de Fevereiro de 1930, a história da queda de Primo de Rivera, que em 20 de Janeiro fizera publicar nos jornais uma nota dizendo que ia pôr ao Exército a questão de confiança. Se ela lhe faltasse, cinco minutos depois entregaria ao rei os poderes de chefe da ditadura. Significava essa consulta que Primo de Rivera dispensava o apoio de Afonso XIII, com quem até então governara? Parece que sim.

EFEMERIDES

No dia 20 de Fevereiro de 1798 foi preso o Papa Pio VI por ordem de Napoleão.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18: Noticiário e danças; 19 e 40: Rádio rural; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 20: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e rádio.

Programa «A» — A's 19: Trechos de piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A Orquestra de Frank Chacksfield; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Música de jazz; 20 e 30: Album musical; 21: Junção de emissores; 21 e 20: Canções de Itália; 21 e 45: Ritos sul-americanos; 21 e 45: Serão para trabalhadores. No intervalo: Instrumentistas; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19: Palestra, por Maria de Carvalho; 19 e 10: «A Cantata para a Festa de S. Miguel e de todos os Anjos, de J. S. Bach; 19 e 34: O violinista Jascha Heifetz; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Programa do Festival Semanas Musicais de Ascona; 20 e 52: Música de arco; 21 e 20: Concerto, pelo Coro Harmonia; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: Ciclo de sonatas: «Sonata n.º 6, em ré menor, op. 65», de Mendelssohn; 22 e 20: Cartas a um músico desconhecido, pelo prof. Simões Dias; 22 e 45: Que quer ouvir?; 1.º acto da ópera «Orfeu e Euridice», de Gluck; «Concerto n.º 14, em mi bemol maior, K 449», de Mozart, para piano e orquestra; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 17 e 30: Alfarrábio; 17 e 46: Teatro de brincar; 18 e 5: Lily Vincent; 18 e 45: Ritos de baile; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Solistas; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 50: Curso de língua inglesa; 22: Imagens por musica; 22 e 15: Brasil; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Canções; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 30: Beniamino Gigli; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Estação de Miramar — A's 18: Ritos de baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Trechos de operetas; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 20 e 40: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Um artista; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Trechos recreativos; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18: Separador musical; 18 e 15: Música seleccionada; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: Boletim religioso; 19 e 10: Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: Música para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Encontro com o jazz; 21 e 30: Fados; 21 e 40: Rádio Rural; 22 e 5: Quando o telefone toca; 22 e 35: Solos de piano (concerto); 22 e 50: Noticiário; 23: A 23.ª Hora.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; das 22 às 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISAO

Hoje, às 20 e 30, abertura; 20 e 32, telejornal; 20 e 50, programa juvenil: «Juventude no Mundo» e «As aventuras de Robin dos Bosques»; 21 e 25, teledeporto, incluindo a transmissão directa da segunda parte do jogo de basquetebol Barreirense-Benfica; 22 e 15, A Orquestra Ligeira da Força Aérea, numa realização de Fernando Frazão; 22 e 35, telejornal; 22 e 50, «Naquele tempo...», pelo célebre dr. António dos Reis Rodrigues.

REUNIÕES

Sindicato dos Empregados dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca, às 18 e 30; Ordem dos Médicos, às 21 horas.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO E — Marques — Estrada, de Benfica, 648, Tel. 780096. Sousa — Estrada de Benfica, 123-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Universitária — Rua O. 29-D. Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria), Tel. 778953; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 790912; Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, (Junto à Avenida Brasil), Tel. 765262; Europa — Estrada da Portela, lote 5-A, a Alvalade (Pote de Agua), Tel. 710131; Carraço — Avenida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma 56-B-C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; **FATIMA** — **Aven. de Berna, 24-B (junto à igreja de Fátima) T. 763107**; Sá da Bandeira — Avenida Duque de Ávila, 203-B, Tel. 41961; Cardeira — Avenida Duque de Ávila, 32-A, Tel. 43495; Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da «Maternidade» e do «Avis Hotel»), Tel. 48966; Mundial — Largo D. Estefânia, 9, Tel. 45578; Ascenso — Rua 27, 41 (Bairro da Encarnação), Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21, Tel. 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Luzmar — Rua 2 16-A Bairro de Santa Engrácia (à Picheleira), Tel. P P C 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, Tel. 843381; Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Europa —

PATRA

PARFUM
EAU DE COLOGNE
LOTION



UMA GRANDE COMPOSIÇÃO

Preferido
em mais de 60 países

DISTRIBUIDORES:
SOC. COM. MATOS JAVARES, LDA.
Rua dos Sapateiros, 39-3.º LISBOA
Tel. 311.01

Avenida General Roca, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Rosa & Veigas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua de S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — Rua B. 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto à Rua das Amoreiras), Tel. 680627; D. João V — Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A, Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remissão — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Sepol — Calçada da Boa Hora, 94-A, Tel. 631958; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel. 631635; Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poco Novo), Tel. 27896; Veritas — Rua da Misericórdia, 133, Tel. 24554; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Costa — Praça da Figueira, 6-B-C, Tel. 28381; Barral — Rua Aurea, 126, Tel. 31535.

HORAS DAS MARES

PREIA-MAR
Dia 20 — 21 e 31 (3,39 m.).
Dia 21 — 10 e 20 (3,35 m.); 23 (3,43 m.).
Dia 22 — 11 e 42 (3,43 m.).

BAIXA-MAR
Dia 21 — 3 e 44 (1,46 m.); 16 e 24 (1,48 m.).
Dia 22 — 5 e 11 (1,39 m.); 17 e 12 (1,37).

SESSÃO CULTURAL

Na Escola Técnica Francisco Arduada, incluindo recita, às 17 e 30.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá bailes, com vários atractivos, entre outras, nas seguintes agremiações, esta noite: Casas de Trás-os-Montes e Alto Douro, da Covilhã, de Lafões e do Concelho de Gouveia. Comissão de Melhoramentos do Sardoal (Benfeita), Liga de Cegos João de Deus, Bombeiros Voluntários do Dafundo. Amanhã, á tarde: Casa do Alentejo e das Beiras, Clube Estefanea, Cooperativa Militar, Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul.

CONCERTOS

No Cinema Tivoli recital de canto, Michel Roux, promovido pela Juventude Musical, às 18 e 30; na Sociedade Nacional de Belas Artes, concerto promovido pela «Sonata», às 21 e 30.

FESTA ESCOLAR

No Colégio Militar, dos alunos finalistas, às 22 horas.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21 e 45 — «Diálogos das Carmelitas».
TRINDADE — A's 21 e 45 — «O amor, o dinheiro e a morte».
AVENIDA — A's 21 e 45 — «A mala da Bernardette».
MONUMENTAL — A's 20 e 45 e 22 e 45 — «Margarida da Rua».
CAPITOLIO — A's 21 e 45 — «Moral em concordata».
ABC — A's 20.30 e 22.45 — «Quem sabe, sabe...».
VARIEDADES — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Revista é sempre revista».
COLISEU — A's 21 e 30 — Circo.

CINEMAS

S. LUIZ — «Noite de lua minguante».
TIVOLI — «Porque vens tão tarde».
S. JORGE — «O homem do fato claro».
IMPERIO — «Sorrisos de uma noite de Verão».
EDEN — «O grande chefe».
POLITEAMA — «O sobe e desce».
MONUMENTAL — «Corcunda».
ODEON — «Amorzinho da minha vida».
ALVALADE — «Noite de lua minguante».
CONDES — «O passarinho da Ribeira».
ROMA — «Winchester 73».
AVIS — «O homem do Rickshaw».
RESTELO — «O agente secreto n.º 1».
OLIMPIA — «O estranho mundo do planeta X».
JARDIM — «A epopeia de Dunquerque».
IDEAL — «Os Vikings».
PROMOTORA — «Donatella».
CINE MOSCAVIDE — «A vindima trágica».

Contribuições Gerais do Estado

Erros de liquidação ou lançamento. — Reclamações. Dentro de 90 dias a contar da abertura dos cofres para a cobrança de contribuições e impostos, podem os interessados reclamar contra qualquer erro de lançamento (no corrente ano, até 31 de Março p. futuro).

Jurisprudência

— O imposto sobre aplicação de capitais, secção A.
— Das tornas em partilhas.
— Manifesto fiscal.
Dispõe o artigo 8.º do Decreto n.º 8719 de 17 de Março de 1923 que:

O manifesto será solicitado no prazo de 20 dias, a contar da data do acto por que se constituir ou de que constar ou por que for reconhecida ou confessada a dívida sujeita a este imposto.

E sobre este prazo, no caso de partilhas judiciais, estabeleceu o n.º 1.º do § 1.º daquele artigo, quanto a tornas apuradas em inventário judicial, quando o seu pagamento não seja reclamado no prazo legal:

— Nas partilhas judiciais, quando sujeitas a este imposto, desde que passaram em julgado as respectivas sentenças;

Obs.: Mas é evidente que o imposto só pode ser exigido em relação ao período decorrido entre a data do transito (em julgado) da sentença que julgou a partilha e a data do pagamento das tornas.

Só a partir daquele transito os juros começaram a vencer-se, portanto, só a partir desse momento teria de ser feito o manifesto;

Do Acórdão do Supremo Tribunal administrativo de 30 de Abril de 1952, in «Diário do Governo» n.º 103.

IMPOSTO COMPLEMENTAR

— Declarações modelo n.º 1;
— Declarações modelo n.º 1-A
A apresentar nas secções de fi-

Duas homenagens

em Vila Nova de Poiares
VILA NOVA DE POIARES, 20. (Pelo telefone) — E' amanhã que esta vila prestará homenagem ao deputado dr. Augusto Simões, que durante 12 anos exerceu o lugar de presidente da Camara e ao sr. José Maria Simões, vice-presidente. Pelas 15 horas haverá, nos paços do concelho, uma sessão solene e o descerramento do retrato do seu restaurador, e á noite um grande banquete para o qual já estão inscritas muitas pessoas.
E' justa tal homenagem pois muito trabalharam ambos pelo concelho cujos destinos lhes foram confiados há 12 anos e que, por imperativo da lei, tiveram de abandonar agora.

O CENTENÁRIO

dum professor e guarda-livros
Amanhã, comemora-se o centenário do nascimento do conhecido professor da Escola Comercial de Ferreira Borges e guarda-livros do Banco de Portugal, José dos Santos Neto, com missa de sufrágio, ás 11 horas, na igreja dos Mártires, uma romagem, ás 12 horas, ao cemitério dos Prazeres, onde serão depositas flores e se descerrará uma lápida comemorativa, e um almoço, no restaurante Castanheira, ao Lumar.



O BÉBÉ DORME TRANQUILO NUM DUNLOPILLO

O sono tranquilo e repousante do bebé é resultado do conforto de um bom Colchão. O Colchão Dunlopillo é o indicado. O Dunlopillo é completamente higiénico e nao precisa de ser ventilado, o ar circula através da espuma do Dunlopillo mantendo-o fresco. Não acumula pó ou cotão.

Sono tranquilo só com **Dunlopillo**

Representante em Portugal: **G.º GRAHAM JR. & C.º**

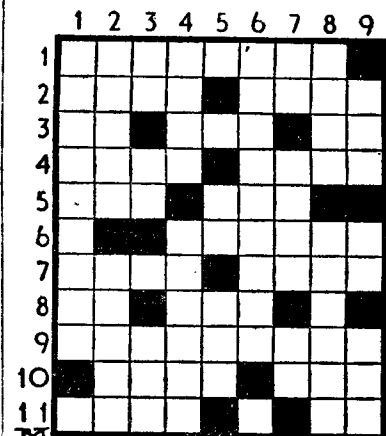
Rua da Alfândega, 160 — LISBOA / Rua dos Clérigos, 6 — PORTO

nanças dos concelhos ou bairros diferentes da residência ou sede do contribuinte, quanto ás primeiras; e quanto ás declarações modelo 1-A.

As entidades processadoras de vencimentos, pensões, rendas, emolumentos, multas, ou quaisquer outras remunerações abrangidas pelo preceito do artigo 12.º do Regulamento do Imposto Complementar, desde que *perfeçam com outros rendimentos* de contribuições e impostos (predial, industrial, profissional e de capitais, etc.) montante superior a 60.000\$00, limite este mantido para o ano de 1960 pela Lei de Meios n.º 2101 de 19 de Dezembro de 1959 (artigo 4.º, alínea c).

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 1979



HORIZONTAIS: 1 — Pranteavam. 2 — Apront. Nome grego do deus do Amor. 3 — Em a. Acompanhado. Piedade. 4 — Grande caixa de madeira. Repercussões do som. 5 — Causa dor. Localidade do concelho de Alenquer. 6 — Patente. 7 — Nome de dois heróis gregos da guerra de Troia. Invulgar. 8 — Descoberto. Caminhai. 9 — Juntava. 10 — Reccei. Cloreto de sódio. 11 — Bebe. A si.

VERTICAIS: 1 — Oriunda de um Estado da América do Norte que faz parte da Comunidade Britânica. 2 — Sumitico. Virtuoso. 3 — Escarnece. Aqui. Preposição. 4 — Transgride. Máxima. 5 — Rio da Rússia. Seiscientos e um em romano. 6 — Enviarei. 7 — Atmosfera. Querida. Artigo (pl.). 8 — Mancira. Cantigas. 9 — Ermos. Preposição e artigo. 10 —

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inserido.

Solução do problema n.º 1869

HORIZONTAIS: 1 — COMER. ATE. 2 — Electo. 3 — ADOECER. 4 — Tet. Orara. 5 — Eco. IV. Ar. 6 — Sã. Atesta. 7 — JEJUAR. 8 — Grau. Agi. 9 — Til. 10 — Avezariam. 11 — Lá. Are. Ia.

VERTICAIS: 1 — Chatos. Gral. 2 — Decair. Vá. 3 — Meote. ATE. 4 — Ele. Ajuiza. 5 — Recoite. Lar. 6 — Cerveja. Ré. 7 — Atrá. Sugai. 8 — Tô. Ratai. Ai. 9 — SARAR. Uma.

(Provérbio: COMER ATE ADOECER — JEJUAR ATE SARAR!).

A legislação sobre apelações vai ser alterada na América por causa de Chessman?

(Continuação da 1.ª página)

Relações Externas do Senado, que afirmou que ficaria embarçado ao saber que Roy Rubottom, secretário adjunto do Estado, «injectara o seu departamento e o seu conselho» no caso, ao enviar o telegrama. Tratava-se de um «procedimento muito contestável» — acrescentou Fulbright.

O senador Gordon Allott, republicano (Colorado), disse que, a não ser que houvesse qualquer explicação, da qual não era conhecedor, a acção do Departamento do Estado podia classificar-se como interferência indecível no sistema judicial de um Estado.

Barry Goldwater, senador republicano pelo Arizona, que se encontrava em Los Angeles, descreveu a intervenção do Departamento como «uma mascarada vergonhosa de todo o sistema judicial americano» e acrescentou: «Na minha opinião, a resposta adequada a dar ao Conselho Nacional do Uruguai teria sido notificá-lo de que este país fora eliminado do itinerário do presidente».

O senador Fulbright, democrata, falou de maneira semelhante no Senado, ao declarar que se a situação no Uruguai era perigosa, o Presidente não teria de ir àquele país, acrescentando: «O presidente Eisenhower pode ir ao Uruguai ou a outro lado qualquer. Parece-me que é uma razão muito oca e superficial para poder ser apresentada para justificar a intervenção do Departamento do Estado neste caso particular» — (R.).

UM SOLDADO AMERICANO CONFESSOU NA INGLATERRA CRIMES IDENTICOS AOS DE CHESSMAN

SACRAMENTO, 20. — Um secretário do governador Edmund Brown, da Califórnia, anunciou ontem, que havia sido recebida, de Londres, uma «comunicação», em que um cocheiro de trem declarava que um dos seus fregueses lhe tinha confessado que cometera, em tempos, nos Estados Unidos, uma série de crimes idêntica à que figura no libelo acusatório que levou os tribunais a condenarem Caryl Chessman à pena de morte.

As autoridades manifestam relutância em fazer comentários, quanto à pertinência da informação, que, segundo se afirma, foi trazida por um correio especial e enviada, imediatamente, ao gabinete do governador Brown.



Este é Edmund Brown, o governador da Califórnia, do qual dependia, até ontem, a vida de Caryl Chessman. Brown que, segundo tudo leva a crer, acredita na culpabilidade de Chessman, no que respeita às acusações mais graves, teve um gesto admirável, apesar de provocado pelo telegrama do secretário de Estado adjunto, ao entregar o destino do condenado célebre nas mãos do povo da Califórnia. Não é somente a vida do hábil Chessman que está em jogo, mas o problema da pena de morte, sobre a qual o povo se pronunciará. Temos esperança de que essa forma legal de assassinio seja abolida.

No entanto, Hale Champion, secretário dos Serviços de Imprensa do Governo da Califórnia, disse que a informação havia sido recebida ontem à tarde, e acrescentou: «Trata-se de uma declaração de um cocheiro de trem, que afirma que, em conversa, um soldado do Exército norte-americano lhe dissera que havia cometido a mesma espécie de crimes que Chessman era acusado de ter praticado».

A ORDEM DOS ADVOGADOS VAI ESTUDAR O REGIME DAS APELAÇÕES

CHICAGO, 20. — A Ordem dos Advogados norte-americanos resolveu ordenar que se proceda a um estudo, a fim de se averiguar se a legislação federal deverá ser alterada, de modo a limitar «as prolongadas e múltiplas apelações, como as que se têm verificado no caso Caryl Chessman».

A resolução de se proceder a um estudo da actual legislação foi tomada ontem, depois da Ordem dos Advogados haver declarado que as leis em vigor envolvem «questões constitucionais fundamentais, que exigem cuidadoso exame, a fim de serem salvaguardados os direitos individuais» — (A. N. I.).

Principiaram na Inglaterra as comemorações oficiais do nascimento do novo príncipe

(Continuação da 1.ª página)

lo príncipe Carlos e pela princesa Ana.

Crê-se que o príncipezinho tenha pouco mais ou menos o peso que o príncipe Carlos acusou, ao nascer: sete libras e seis onças (5,237 quilos). A princesa Ana pesou seis libras. — (A. N. I.).

DESCONHECE-SE AINDA O NOME DO PRÍNCIPE

LONDRES, 20. — Nada se sabe acerca do nome do novo príncipe inglês. Nem sequer a rainha — diz-se — o escolheu ainda, embora se pense que o de Jorge seja um dos mais prováveis, em homenagem à memória do falecido Jorge VI, pai da rainha e soberano que o povo tem bem presente na memória, pelo significado da sua vida por ocasião dos anos de solidariedade perfeita do povo inglês durante a segunda Grande Guerra.

Até que os pais escolham o nome, o menino será, oficialmente, conhecido por «príncipe real da Casa de Windsor». Entretanto, na «nursery», não passará de «bebê». O «Daily Sketch» abriu mesmo um concurso intitulado «Nome para um Príncipe». Fê-lo o mais ternamente possível, sem quebra de dignidade.

Pensa-se que a rainha, por ter escolhido para os seus dois primeiros filhos nomes antigos — Carlos e Ana — fará agora o mesmo. Mas, agora, porque é soberana, os seus cuidados, no caso, serão muito esmerados.

Crê-se que o nome escolhido poderá ser Jaime. Mas nada — que se saiba — está assente.

Todavia, há quem afirme que a rainha escolherá entre os nomes dos nove filhos e quarenta netos da rainha Vitória, bisavó de Isabel II. Os nomes vitorianos — assim se costuma chamar — incluem Alberto, Frederico, Ernesto, Segismundo, Valdemar e João. Ninguém — diz o povo — gostaria que fosse Segismundo. — (A. N. I.).

MÃE E FILHO DE PERFEITA SAUDE

LONDRES, 20. — Um boletim oficial emitido esta manhã pelo palácio de Buckingham dizia que a rainha Isabel passara a noite repousadamente, e que tanto ela como o seu bebê estavam «muito bem».

O boletim médico era assinado pelo dr. John Peel, o ginecologista real; por lord Evans e «sir» John

O peso do bebê

O bebê real pesava 3,260 quilogramas quando nasceu — segundo se anunciou esta manhã.

O príncipe Carlos pesava 3,345 quilogramas, e a princesa Ana, 2,721 quilogramas quando nasceram.

Weir, médicos assistentes e pelo professor Wilfrid Sheldon, o médico pediatra real.

A rainha passou a noite no quarto principal dos apartamentos belgas, no rés-do-chão do palácio.

O bebê passou a noite num quarto contíguo, sob os cuidados da enfermeira Helen Rowe.

O príncipe de Gales, actualmente com 11 anos, encontra-se no palácio de Buckingham durante este fim-de-semana, com uma autorização especial do seu colégio interno em Cheam. A princesa Ana, com 9 anos, compartilha de toda a excitação do nascimento do seu novo irmão.

COMEÇARAM AS COMEMORAÇÕES OFICIAIS

As comemorações oficiais do nascimento começaram hoje. As bandeiras foram hasteadas em todos os edifícios públicos da nação e só ao anoitecer serão arreadas.

Ao palácio de Buckingham continuam a chegar mensagens de felicitação vindas de todo o Mundo. Trinta e seis aviões de jacto «Hawker Hunter» deverão esta tarde sobrevoar Londres, comemorando o nascimento do príncipe. Os aviões de jacto não passarão directamente sobre o palácio, mas sobrevoarão Trafalgar Square e a

AÇORDA DE SÁVEL FAMOSO PRATO do Ribatejano de Salvaterra

Abadia de Westminster, próximo do palácio real.

Ao mesmo tempo serão disparadas salvas de 21 tiros no Hyde Park e na Torre de Londres. Alguns barcos da marinha real também dispararão salvas de 21 tiros. — (Reuter).

A IMPRENSA CELEBRA O ACONTECIMENTO

LONDRES, 20. — O nascimento do terceiro filho da rainha Isabel foi considerado um «acontecimento» feliz, unificante e significativo para toda a Comunidade Britânica, pelos jornais britânicos desta manhã.

Titulos enormes nas primeiras páginas, fotografias, artigos especiais, suplementos e editoriais foram dedicados ao acontecimento.

O independente «Times» tem como certo que o novo príncipe será educado no espírito de obediência e ajudará eventualmente a aliviar os pais, de algumas das suas pesadas tarefas.

O «Guardian», liberal, afirma que o contentamento por causa do nascimento do novo príncipe pode ser manifestado o mais livremente possível, porque não existem complicações dinásticas, enquanto o

OUTRO BEBÉ

nasceu à mesma hora

LONDRES, 20. — A hora em que nasceu o terceiro filho da rainha, às 15 e 30 (T. M. G.) exactamente, uma outra criança do sexo masculino vinha ao Mundo em Lowestoft (Suffolk).

Os seus pais declararam que poriam a este seu filho, o nono, o mesmo nome do bebê real. — (F. P.).

conservador independente «Daily Express» especula com a possibilidade de o terceiro filho da soberana vir a ser ou um cientista ou um engenheiro.

Num editorial com o título «Milhões partilham esta felicidade», o «Daily Express» comenta:

«O novo príncipe crescerá numa era muito diferente daquela em que viveram seu pai e seu avô. Deve aceitar-se que todos os membros da família real sejam educados para envergar um uniforme?». — (Reuter).

DE GAULLE ENVIU FLORES

PARIS, 20. — Uma caixa de grandes dimensões, contendo flores enviadas pelo presidente de Gaulle à rainha Isabel, foi entregue esta manhã no aeroporto de Orly por um criado do Eliseu e entregue ao comandante do «Viscount» que partiu para Londres, às 8 horas. — (F. Presse).

PRESENTE AMERICANO

NOVA YORK, 20. — Uma firma desta cidade anunciou, que está a fazer uma roca de ouro de 14 quilates, no valor de 500 dólares (cerca de 14 contos), para oferecer ao terceiro filho da rainha Isabel. — (Reuter).

FELICITAÇÕES DO PAPA

LONDRES, 20. — Continuam a afluir telegramas de todas as partes do Mundo ao palácio de Buckingham. Foram recebidas entre outras, mensagens do Papa, do rei Balduino, da rainha Juliana da Holanda, do almirante Américo Tomás, do presidente da Confederação Helvética, Max Petipierre, e dos príncipes reinantes de Mônaco. — (F. P.).

IKE SERÁ O PADRINHO?

WASHINGTON, 20. — O informador da Casa Branca, James Hagerty, negou na noite passada ter conhecimento de qualquer fundamento para as notícias que têm sido publicadas dizendo que o presidente Eisenhower seria o padrinho do novo filho da rainha Isabel.

Ao ser-lhe pedido para fazer comentários acerca dessa especulação Hagerty afirmou: «Não conheço absolutamente nada acerca disso. Tudo o que tenho observado são hipóteses».

Notícias de que o presidente poderia ser o padrinho do filho da rainha aumentaram na altura da visita de Eisenhower à família real no castelo de Balmoral, em Agosto último.

Tem havido especulação na América sobre a possibilidade de o novo príncipe poder ser baptizado com um dos nomes do presidente — Dwight ou David. — (R.).

Idealista

e inovador em tudo com a tradição — diz o horóscopo do príncipe

Um astrólogo português, que pretende guardar o anonimato, ao contrário de outros a quem convém a publicidade, fez hoje, a nosso pedido, o seguinte horóscopo do novo príncipe inglês:

O filho da rainha Isabel nasceu sob o signo do Aquário, embora tenha o ascendente em Sagitário. A colocação dos astros na hora do seu nascimento indica que terá altas qualidades morais: honestidade, sentido de justiça, amor da verdade, da bondade e da benevolência. A constituição física é sã e robusta. A inteligência, limitada a pormenores, é sobretudo favorável ao estudo das ciências exactas, principalmente das matemáticas.

Os nativos do Sagitário são fisicamente belos. Idealistas de aspirações elevadas, como Nietzsche, estão convencidos da sua boa estrela, que os protege e favorece; daí o seu optimismo. Difícilmente são derrotados nos obstáculos que se propõem vencer. A influência da Lua (em queda) cria-lhes um contraste entre a acção e o sentimento, entre as aquisições da personalidade e os dons naturais do indivíduo. Natureza caprichosa. Luta consigo mesmo e com os outros. Dissentimentos com a família. Inclinações excêntricas. Imaginação romanesca e volúvel.

Os indivíduos que têm, como o príncipe recém-nascido, o Sol no Aquário, são de natureza complexa e difíceis de compreender. É sabido que a influência do Sol se exerce, principalmente, sobre as faculdades mentais do homem: Byron, Dickens, Mozart, Edison, etc. Adversários de toda a violência, inclinados ao romantismo nas aspirações afectivas, manifestam um grande desejo de conhecer os outros duma maneira compreensiva e recíproca. Apesar das melhores qualidades morais, de modestia e de humildade, não toleram intervenções da parte de terceiros. O sentido da independência é bastante desenvolvido neles. Têm o gosto da inovação, quer por um pendor natural do seu espírito, quer por influência da técnica moderna.

O filho de Isabel II, se as influências astrais se verificarem tal como se prevê, lutará contra a concepção das instituições tradicionais e terá disputas, a esse respeito, com os próprios pais, os ministros e os magistrados. Inclinado à fundação de círculos intelectuais. Perigo de morte violenta. Lutas contra a opinião pública. Celibato ou divórcio. Apesar da vitalidade e das reais qualidades de inteligência, a energia é mal aplicada. Julga-se superior, sem contudo o demonstrar por actos evidentes. Ambições limitadas, por preguiça ou indiferença intelectual. Muito sensível à popularidade e aos cumprimentos, gosta de se rodear de coisas belas e de harmonia. Índices de magnetismo pessoal. Concepção de um mundo melhor, dentro de um grande espírito de justiça social.

Aqui está um horóscopo que não deixará de agradar, por certo, ao príncipe Filipe, com o qual o seu último filho parece ter evidentes pontos de contacto.

BAR EXPRESSO TERMINUS

R. Primeiro Dezembro, 71
Telefone 24597

Amanhã: Domingo

Lampreia à Moda do Minho
Paelha Valenciana
Reserve a sua mesa

O Governo espanhol informou numa nota que houve atentados à bomba e foram efectuadas prisões

MADRID, 20. — É o seguinte, o texto da nota oficial, entregue esta noite à Imprensa e relativa a recentes prisões efectuadas em Espanha:

«Registou-se ultimamente uma maior actividade subversiva nos diversos países ocidentais, entre os quais, a Espanha: campanhas de Imprensa e de Rádio, tentativas de penetração de fronteiras, ultrajes à nossa bandeira em Bruxelas, Caracas e Havana, esforços reiterados e até agora votados ao malogro para perturbar a ordem pública e criar a agitação e paralisar o trabalho.

Sabia-se que um congresso comunista, que se realizou há tempos em Praga, teve a assistência de várias organizações clandestinas de Espanha e de Portugal.

Em 18 de Fevereiro, um engenho de relógio explodiu na Câmara Mu-

nicipal de Madrid, causando prejuízos.

Na noite de 17 para 18 e no dia 18, houve uma outra explosão na Rua de Toledo (bairro populoso do sul da capital). Um cadáver com graves ferimentos na cabeça e nas mãos foi mais tarde encontrado no local da explosão. Outras tentativas malograram-se.

Como consequência das actividades subversivas relacionadas com os factos acima expostos, procedeu-se à prisão dos principais dirigentes e responsáveis das organizações clandestinas, entre os quais figura um grupo que tem relações directas com a Rússia e com as escolas soviéticas de subversão.

Foram apreendidos explosivos, bem como abundante material de propaganda. Todos os presos foram entregues ao competente juiz de instrução. — (F. P.).

VA TODOS OS DIAS AO Restaurante «Imperial» do Carregado

Prato da casa: «Enfado de enguias»
Diferente de tudo
Telef. 21

TRAGEDIA DE UM PATRIOTA QUE ERA «ESTRANGEIRADO»

magazine

Diário de Lisboa

NÚMERO 84

Diário de Lisboa

por AUGUSTO DA COSTA DIAS

COMO OS ARTISTAS PLASTICOS VIRAM AS

I — INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

A vida de grande parte dos homens notáveis do nosso País nos últimos cinquenta anos do século XVIII, e nas três décadas do seguinte, teve de comum a circunstância, a um tempo dramática e gloriosa, da alcunha por que passaram a História: *estrangeirados*. Naquela época em que a vanguarda da nossa burguesia e, conquistados pelos seus ideais revolucionários, alguns elementos da nobreza e do clero, lançavam as bases da renovação económica, política e social que só em 1820 tomaria corpo — todo o homem sensível às grandes experiências da Europa e da América do Norte era repellido pelos mentores, vice-mentores e meirinhos do nosso País com o profilático labéu. Data de então a que-rela que, acérrimamente mantida durante quase dois séculos, ainda não esmoreceu. Que é nacional? Que vem a ser *anti-nacional*? Os espíritos renovadores e reacção-ários sempre convieram num ponto: que o seu partido era o *nacional*, o representativo dos interesses maioritários do País; e que o adversário não passava de um grupo daninho ao bem-estar da nação. E' fenómeno, já hoje clássico, das lutas sociais que os contendores, umas vezes em nome do progresso, outras em nome do regresso, procuram apresentar-se como porta-vozes das aspirações e necessidades gerais dos seus compatriotas. A polémica entre miguelistas e liberais foi, a este respeito, perfeitamente elucidativa. O mesmo, embora em muito menor vulto, se poderia observar na discussão entre alguns «estrangeirados» e os seus opositores tradicionalistas.

(Continua na 7.ª página)

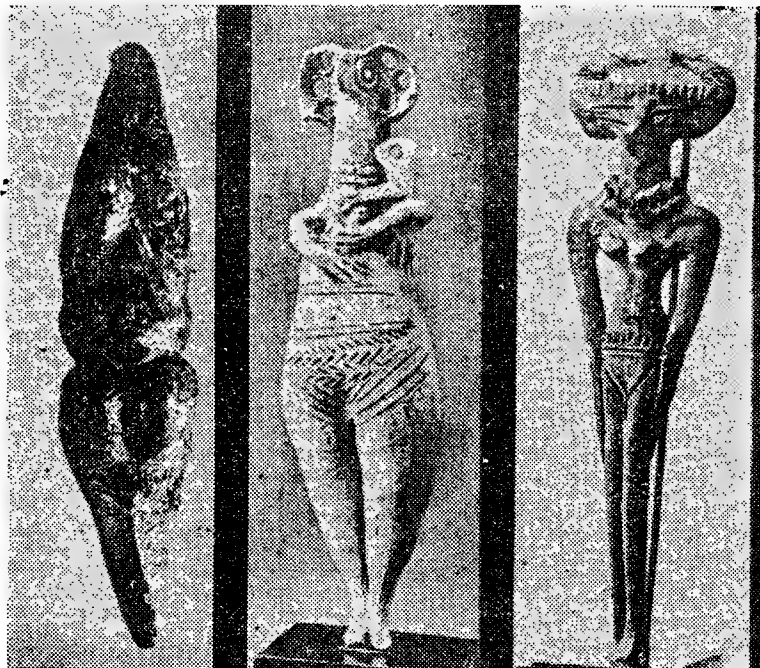
Dois instantâneos



O retrato de cima é a Eva 1960. Será parecido? Trata-se de Maria Calvi, posando num quadro vazio para desafiar os 27 artistas encarregados de a pintar. Como se pode ver a Eva deste ano será morena.

*

Theódulo, o elefante de mar do Zoo de Vincennes, esteve felicíssimo nestes dias frios. Divertiu-se imenso na água gelada e desafiou o fotógrafo que, tiritando, subiu para a borda do tanque para conseguir fixar na sua máquina a imagem deste fantasista.



Pré-história: A Venus de Savignac, Egeu: Civilização do bronze — Idolo. Ásia: Idolo com a cabeça chata — Ásia Menor

CRÓNICA DE LONDRES

EMBARAÇOS DIPLOMÁTICOS

por LUÍS DE SOUSA REBELO
PROF. DA UNIVERSIDADE DE LONDRES

O monarca goza na Inglaterra de uma aura de conto de fadas, é o cidadão-modelo, e o protótipo da nação, a figura prestigiosa e adorada em todos os lares, simultaneamente longínqua e próxima, afável e inacessível, como convém à ideia de Majestade num Estado moderno. Mas se o sólio régio é ocupado por uma soberana, cuja autoridade, demais a mais, se estende a todos os cantos do Globo, então o encanto e o doirado esplendor que dele emana torna mais viva a fantástica ilusão dos contos da nossa infância.

No entanto nem sempre foi assim e ao longo do nobre trono de ascendentes reinantes alguns houve que fizeram da digna alcova um delírio rubro de «Moulin Rouge», como o plácido Jorge I, ou os que se intimidaram com a Coroa, como Guilherme IV, pai da virtuosa Vitória e de dez bastardos, a quem foi preciso acenar com um chorudo aumento de pensão para que ele se decidisse a abandonar os cálicos braços da sua ardente «mignonne» francesa em Bruxelas.

Com a subida ao trono da rainha Vitória, em 1837, as respeitáveis virtudes burguesas tornaram-se a moda dominante sob a qual corria o fiozinho oculto de uma hipocrisia puritana. Depois o luto prolongado e decoroso pelo bem antado defunto e os monumentos que mandou erigir por todo o reino, como estelas funerárias, caíram bem e mostraram nobreza de sentimentos.

De modo que, apesar do seu biógrafo, Lytton Strachey, suspetar uma paixão sulapada da severa viúva pelo seu rude eguárico, John Brown, a popularidade da soberana permanece impoluta na memória da Grã-Bretanha. E nem os prazeres de Eduardo VII empanaram a tradição de austeridade laboriosa de sua digna mãe, que se tornou a norma familiar da monarquia inglesa desde o reinado de Jorge V.

Isabel II herdou, portanto, um código de maneiras e princípios que ela procura preservar estritamente dentro da convenção imposta por seus maiores. Os zeladores

oficiosos da etiqueta palaciana são seleccionados entre as famílias mais nobres do reino, aquelas mes-

(Continua na 7.ª página)

Mais do que em qualquer outra manifestação de arte, na escultura as formas são inseparáveis do conteúdo. Nem pode ser de outro modo; os volumes são as formas do conteúdo, o contorno da coisa material. Tal como na anedota, uma coisa é casca, a outra é o caroço.

Mas nas mãos e na imaginação do artista o corpo feminino, como tema eterno de arte, sofre a deformação própria a qualquer objecto ou tema ao ser plasticizado ou estilizado. A arte, mesmo a que se apresenta com a mais material será a soma do tema e da sensibilidade do artista que a cria vivendo dentro da sua época.

Porque havemos então de estranhar que a mais serena e repousante das coisas seja representada em formas delirantes após ser submetida e interpretada por uma sensibilidade igualmente delirante e sofrendo influências também nada repousantes?

Damos hoje por exemplo, uma visão de como os artistas plásticos viram as formas das mulheres do seu tempo.

São as mais variadas. Delirantes umas, repousantes outras, e embora as distanciem alguns séculos nós sabemos por Darwin que a evolução da espécie não se deu tão rapidamente que permitisse tais «mutações» de formas. Demais, a provar que se trata apenas de influências de sensibilidade e de modos de viver do artista é o facto de aproximações dumas e afastamentos bruscos doutras, sem que as datas regulem mecânicamente essas alterações por vezes profundas nas formas das sempre apreciadas pernas das mulheres.

(Continua na página central)

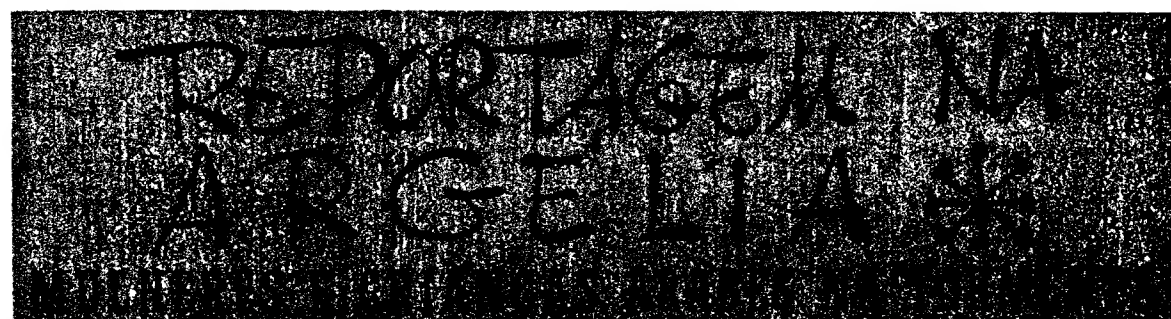


LARANJAS

do fim do mundo

Laranjas frescas vindas dos confins da China acabam de evadir os mercados de Londres.

Milhares de caixas chegaram já e os importadores pensam em mandar vir mais frutos.



QUEM desembarcar no porto de Argel recolhe a mesma impressão que em qualquer porto mediterrânico. Os mesmos edifícios caia-

dos de branco, a mesma animação nas ruas as mesmas lojas luxuosas, as mesmas pesadas viaturas que rolam, de qualquer maneira, indiferentes às regras de circulação, ferindo os ouvidos dos transeuntes com o barulho dos «claxons», a pro-

pósito de tudo e de nada. As mulheres europeias são duma elegância agressiva.

Os homens parecem acalorados,

(Continua na página seguinte)



Crónica de Londres

(Continuação da 1.ª página)

mas famílias cuja vida decorre hoje, como há quinhentos anos, nos seus históricos solares entre os retratos dos antepassados poeirentos, o livro inútil de velhos pergaminhos e o silêncio bolorento das salas vazias, onde erra pela certa um fantasma desconsolado.

Longe da existência bulhosa da gente vulgar, como convém a tão altos dignatários, são eles os conselheiros de Sua Majestade, que bem precisa dos seus serviços para manter o funcionamento eficiente do sector público e privado da Casa Real. É isto porque a sua organização financeira é um Estado dentro do próprio Estado. A fortuna pessoal da soberana, as suas imensas propriedades, além das colecções raras de joias, de selos e porcelanas que possui, tomam-lhe quase mais tempo do que os negócios do Governo. Mas, desde Jorge V, e a despeito das prerrogativas que lhe cabem — licenciar o Exército e a Armada, vender a frota, fazer a paz e a guerra, sem o consentimento do Parlamento — a rainha segue uma linha de neutralidade em relação aos problemas do Governo, o que lhe permite dedicar-se, como qualquer pacato cidadão, ao amanho dos seus bens e à vida familiar.

No caso de uma crise política ou conjuntamente parlamentar, como aconteceu com a demissão de «sir» Anthony Eden sobre a questão do Suez, ela recorre imediatamente aos conselheiros. Ora como estes pertencem à elite ultra-conservadora e bem-pensante dirigem-na sempre, como o Arcebispo de Canterbury, através das chamadas das solicitações laboristas, para o lado da boa Razão, e, posta a nação a salvo, retiram-se pacientemente para uma caçada à raposa no fundo das suas coutadas, enquanto Sua Majestade repousa nalgum castelo realengo após tão espinhosa decisão. E uma vez reencontrada a tranquilidade de animo e guardada a isenção moral, que coloca a Coroa acima das paixões e dos partidários políticos, a soberana furtiva-se à vulgar curiosidade pública e torna a consagrar-se ao seu lar, à sua casa e à administração dos seus incontáveis bens.

Ela tornou-se assim uma figura quase tão difícil de entrever como o próprio Deus, e as suas raras aparições públicas, num desvaio de glória e diamantes, são criteriosamente doseadas pelos mentores do palácio. No entanto os subditos fieis estão cuidadosamente informados das notícias dos jornais recebem mon-

tes de notícias e fotografias da família real com o pedido discreto de publicação, de modo que a sua escarpante dos livreiros, precedido da propaganda da Imprensa, um novo volume da vida íntima da rainha.

É com alvoroço mal disfarçado de doentia bisbilhotice da maneira como vivem os grandes, que se abrem as páginas da obra e se entra, numa nuvem de temor por tanta indiscrição, naquele sagrado reduto de domesticidade reinante. E dos dos mais pequeninos passos, dos caprichos inocentes e dos gostos da soberana. Peridicamente, as ficamos a saber um mundo de coisas. Sua Majestade habita apenas uma parte das 600 salas do Palácio de Buckingham, e ali, nos aposentos privados, leva afinal a existência simples de uma família como as outras. Claro está que o munus real lhe impõe um horário rígido e certas restrições que não afectam o comum dos casais do reino, como uma alcova própria e independente. Mas os deveres da governação, as audiências oficiais e as mil e uma ocupações do seu estado exigem cabeça clara e rosto fresco, sem sombra de fadiga que lhe diminua o encanto aos olhos dos que a contemplam.

Pairando naquela esfera de encantamento que envolve as estrelas do cinema, a soberana, tem, no entanto, gostos sólidos e conservadores que não podem chocar ninguém a não ser os artistas e os adoradores da arte nova. Ao invés do duque de Edimburgo, cujo espírito desportivo levou à introdução de uma piscina na pesada severidade do Palácio de Buckingham e cujos aposentos obedecem ao modernismo funcional, Isabel II preserva o «cachet» vitoriano e eduardiano no mobiliário: o grosso e rijo conforto burguês de seus avós. Só na alcova, como é natural, é que se encontra a delicada nota feminina nas paredes e nos tectos forrados a azul e verde-pálido. A contrastar com estes tons celestes e desmaiados, um enorme tapete chinês casca de ovo afloja os pés da soberana.

Ora sucede que, neste momento, os olhos do Reino e do Império, para não dizer talvez do Mundo inteiro, estão cravados nesta doce alcova, presos de uma intensa expectativa que se há-de volver dentro em pouco num delírio jubiloso.

O silêncio que caiu como um pesado véu sobre o palácio, o silêncio da própria Imprensa sem nos dar uma linha sequer, a ausência de quaisquer notícias ou informações dos áulicos, não fazem senão avolumar o mistério e picar a nossa curiosidade. Porque nós sabemos apenas que Isabel II irá re-florescer em breve o tronco genealógico de sua casa, dando mais um pretendente ao trono e um filho à nação.

Todavia esta longa espera e o cancelamento protelado de todas as actividades oficiais de Sua Majestade já criaram os primeiros embaraços diplomáticos.

O Governo de Moscovo revocou há algumas semanas o seu embaixador em Londres e nomeou imediatamente para tão alto posto, o sr. Soldatov, que tem assim a missão mais importante de toda a sua carreira de diplomata. Ansioso por vir ocupar o lugar, de malas aviadas e de pasta cheia dos «dossiers» que encerram urgentes problemas da conferência a alto nível, agora a quatro meses de distância, o sr. Soldatov, apesar do «agrément» que já lhe foi concedido pelo Foreign Office, foi aconselhado a adiar a partida até ao nascimento do real infante.

A razão é meramente protocolar. De acordo com a rígida etiqueta da corte de St. James, o sr. Soldatov não poderá exercer as funções do seu cargo senão depois de apresentar as credenciais à rainha. Dado o estado da soberana, ainda não é possível marcar a data da audiência ao novo embaixador da Rússia, e mesmo que o sr. Soldatov chegasse já ao Reino Unido, pouco poderia fazer pelos negócios do seu país, pois a sua presença não seria considerada oficial.

A fim de evitar qualquer atrito diplomático, o Foreign Office fez saber veladamente ao Governo de Moscovo que era melhor que o seu enviado continuasse de malas aviadas na capital russa, poupando-lhe deste modo uma longa demora aqui, que poderia ser interpretada como uma descortesia.

Com falta evidente do sentido das conveniências, os Russos argumentaram que, em virtude da importância dos problemas internacionais em curso, se poderia dispensar a praxe e remeter para uma data posterior a régia cerimónia.

Mas anuir a tal pedido, seria abalar mais de seis séculos de tradição, quebrar a unidade mística

Reportagem na Argélia

(Continuação da página anterior)

de calções ou calças de tela, e camisas de colarinho aberto. É verdade que uns e outros sorriem raramente, e é verdade também que ficamos admirados ao ver na estação dos correios, nos eléctricos e noutros lugares públicos as janelas protegidas por rede de arame. Mas ao fim de alguns dias já não prestamos atenção a estes pormenores.

Respira-se em toda a parte um ambiente pesado, trágico quase. Não é em vão que, bem perto daqui dez milhões de seres humanos e mais particularmente nove milhões de muçulmanos, vivem há tanto tempo um terrível drama humano. A guerra, a grande tormenta, atinge a todos, mas as mulheres árabes não são quem menos tem sofrido com ela. Falamos de que alguns legisladores se deram agora conta da sua existência. Parece estar-se em vésperas da elaboração de um código que em princípio as livrará da servidão a que estão submetidas desde há séculos, pela lei corânica. Um grande quotidiano argelino começou mesmo a publicar uma série de desenhos explicando a todas que daqui por diante a jovem muçulmana já não poderá casar contra sua vontade ou na sua ausência; que o esposo deixará de ter o direito de a repudiar com uma simples fórmula ritual, como até agora.

A importância desta reforma é maior aos olhos daqueles que como nós observamos jovens com idade inferior a 20 anos que de um dia para o outro se viram na rua com dois filhos nos braços só porque o seu senhor e amo decretara estar já farto delas.

Não há qualquer fantasia no que escrevemos. É apenas o que observamos na nossa visita aos arredores. Diar-el-Maçoul é um conjunto de habitações modernas construídas por um antigo «maire» de Argel destinadas à população muçulmana. Diar-el-Maçoul é um nome bonito pois significa «Colina da Felicidade». Infelizmente os apartamentos da colina, que não são acessíveis na renda, são hoje habitados por funcionários e colonos abastados e os moradores do «bidonville» de Clos-Salambrier, no Casbah, não puderam abandonar as suas pobres barracas. Há ainda um outro bairro, de casas novas, mais modestas que as da colina, mas as inscrições são aos milhares.

Fizemos a pé o caminho de Diar-el-Maçoul ao Casbah; melhor: até mesmo a Clos-Salambrier. É bem certo que a guerra é como uma granada que explode num meio mágico. Os estilhaços voam e alguma coisa se pulveriza. Encontramos um velhote que desde há dois anos procurava um genro sem o encontrar. Andava de repartição em repartição, de campo em campo, sem saber se ele era vivo ou morto. Apresentaram-nos também a mulher, uma jovem de 18 anos, com dois filhos, que não sabe se é viúva ou não.

Em pleno mercado do Casbah travámos conhecimento com uma pobre mulher de 20 anos, que apesar de muito pobre vai encontrando meio de viver contente na sua pobreza. Já não usa véu e, nesta altura procura entrar para os serviços sociais do Exército «porque é necessário que a família viva». São dez pessoas ao todo. Vivem numa

pequena reforma de um antigo combatente, numa pensão de um antigo dozeiro e do pequeno salário que a pobre mulher ganhava até então.

— Seja bem-vinda a nossa casa — convidou ela.

Olhámo-la duma maneira pouco inteligente, decerto. Tinham-nos dito e repetido em todos os tons: «Não vos aventureis muito no Casbah. É perigoso, actualmente». Hassiba compreendeu o nosso receio e leu nos nossos olhos a desconfiança.

— Olhe que nós não somos selvagens. Entre nós os deveres de hospitalidade são sagrados.

Fomos. Até chegarmos à barraca onde moravam tivemos de gastar aproximadamente uma hora por entre estreitas ruas de terra, de aspecto ao mesmo tempo cómico e dramático. Nas barracas, em milagres de equilíbrio, tudo servia de materiais de construção: latas de várias utilizações, papelão, tecidos velhos, pedaços de madeira, troncos de arbustos — tudo quanto era possível recolher do lixo da população. Crianças semi-nuas e mesmo completamente nuas brincavam e gritavam por toda a parte. As casas fechavam-se à nossa passagem, ficavam inexpressivas mas ninguém nos hostilizava.

Hassiba e os seus viviam num alojamento de duas divisões e o único móvel digno desse nome era uma bela cama oriental com cortinados. Mais uma lampada de azeite e uns vasos para flores e o resto, uma banca onde cozinhassem e uma outra cama o mais desmontável possível para servir a todos os usos. Noventa mil pessoas vivem aqui, algumas em piores condições, num espaço onde deveria caber apenas metade.

O VEU E MAIS
um tapa-miséria

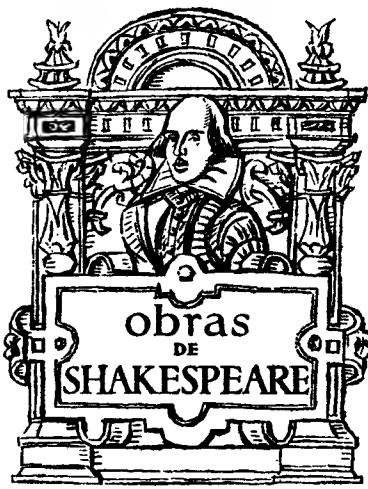
A Argélia é uma terra pobre. O Islão não tem sido muito benévolo para as mulheres. Há para elas condições ainda piores que as de Casbah e não é por culpa dos europeus. Durante séculos e séculos as jovens árabes têm estado submetidas à autoridade absoluta do pai até o momento em que essa autoridade é passada ao marido, escolhido para ela pela família. O seu papel é dar ao Mundo uma ninhada de filhos, que nem ela nem o marido têm meios para sustentar. O véu, esse famoso véu que tanto encanta o turista serve mais para encobri-lhe as misérias e preocupações do que para lhe salvar o pudor feminino.

Não longe de Blida visitámos uma escola e uma enfermaria. Na primeira umas vinte raparigas aprendiam a tricotar. Logo que entrámos levantaram-se e disseram quase em coro: «Bom dia, senhora ajudante». Mas os seus olhos não tinham a menor expressão. Nem um gesto nem uma atitude verdadeiramente infantil. Tristes crianças, vivendo no coração da tormenta. Na segunda, um enfermeiro, de Baqui, rapaz do continente, ajudado por uma indígena, tratava uma criança doente, cujo corpo mostrava vestígio de má nutrição.

Há muita gente de boa vontade na Argélia disposta a salvar as crianças. A missão protestante americana abriga muitas. As meninas ensinam a tricotar e os rapazes jardinam, modelam ou aprendem desenho. Pelo menos comem durante algumas semanas e esquecem por

algum tempo a fome e o terror.

O medo e a fome: eis as duas principais torturas das mulheres muçulmanas e das suas crianças. Dois flagelos que não desaparecem tão cedo como seria bom; pelo menos será difícil eliminá-los enquanto durar a guerra. No entanto estas mulheres caladas e misteriosas sob o véu branco apertam com uma alegria transbordante todas as mãos sinceras que se lhes estendem.



APRESENTAM numa edição monumental, em 36 fascículos de 32 páginas, com extratextos em rotogravura, na primeira série das suas obras, sob a direcção literária do

Dr. Luís de Sousa Rebelo
Prof. da Universidade de Londres

raduzidas por uma notável equipa de especialistas de que fazem parte:

Dr. Luís de Sousa Rebelo
Maria da Saude Cortesão Mendes

Dr. António Leitão de Figueiredo

Dr. Laura C. Dias de Figueiredo

Dr. João Palma-Ferreira

Dr. Martim Afonso de Melo

Maria Manuela Serpa

acompanhadas de um estudo crítico de

John Dover Wilson

director da mais recente edição crítica das obras de SHAKESPEARE, as seguintes peças:

ROMÉU E JULIETA • SONHO DE UMA NOITE DE VERAÕ • HAMLET • REI LEAR • MACBETH • OTHÉLO

• ANTÓNIO E CLEOPATRA

com a recomendação de THE SHAKESPEARE FELLOWSHIP

ilustração e orientação artística de MANUEL LAPA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Edição Normal	Edição Especial
Por fascículo 25\$00	Por fascículo 100\$00
10 fascículos, pagamento adiantado 220\$00	10 fascículos, pagamento adiantado 850\$00

Inscriva-se no seu livreiro habitual ou envie o cupão abaixo aos editores

OBRAS DE SHAKESPEARE

RUA DAS FLORES, N.º 43 — Telefone 23364 — LISBOA-2

Queiram considerar-me assinante das «Obras de Shakespeare», na modalidade * — fascículo mensal — séries de 10 fascículos

NOME

MORADA

LOCALIDADE

* Riscar a modalidade que não interessar

(Continua na página seguinte)

A CIRURGIA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Ao pensarmos hoje numa operação cirúrgica, representa-se-nos uma sala escrupulosamente limpa onde cirurgiões e enfermeiras, com máscaras e vestes de imaculada brancura, empunhando instrumentos rutilantes, se debruçam sobre um paciente tranquilamente adormecido.

Como teria sido, porém, nos tempos primitivos, quando o feiticeiro da tribo prestava os seus socorros ao caçador ferido pela investida do mamute? Porque não há dúvida de que já então se faziam melindrosas operações cirúrgicas e inúmeros são os crânios pré-históricos onde se encontraram nítidos vestígios de trepanações.

Mas andemos mais alguns milénios e tentemos conceber em que condições teria sido feita, por alturas do ano 2500 A. C., aquela operação cuja imagem ornamenta um túmulo de Mênfis. Impossível ainda descortinar qualquer coisa de concreto á base dessa imagem, visto que carecem totalmente de informações sobre a cirurgia do tempo dos Faraós.

Caminheemos ainda mais quatro milénios de história humana e fixemo-nos agora numa dessas antigas gravuras onde pode ver-se um paciente, solidamente dominado por hirsutos enfermeiros, contorcendo-se no mais pavoroso sofrimento, enquanto o médico, empunhando um serrote, talvez ferrugento, lhe

faz a amputação de um membro. É essa já uma situação bem concreta e facilmente visionável, porquanto a cirurgia tal como hoje a conhecemos, com antissépticos e anestésicos, é coisa ainda muito recente.

A primeira operação cirúrgica com anestesia deve-se ao dr. William Morton e foi efectuada há pouco mais de cem anos, no dia 16 de Outubro de 1846. A antisepsia teve de esperar ainda mais vinte e três

por ALFREDO BRAZ

anos pelos trabalhos de Lord Lister, médico de Edimburgo. Ora, a cirurgia moderna é a consequência da reunião de quatro factores, a saber: conhecimentos precisos da anatomia humana, conhecimento dos meios de estacar as hemorragias, possibilidade de eliminar a dor, prevenção segura contra todas as infecções pós-operatórias. Enquanto esses factores não se encontrassem conjugados, a cirurgia não conseguiria alcançar o seu actual grau de eficiência.

Na Idade Média, como já sucedera na antiguidade, adoptou-se uma atitude francamente hostil ao estudo da anatomia humana. A Igreja opunha-se á dissecação — «Ecclesia abhorret a sanguine» — e o Papa Bonifácio VIII chegou a ameaçar

com a excomunhão quem se atrevesse a esquartejar o corpo humano. Daí resultou que todas as operações foram confiadas a barbeiros, ferradores, carrascos e outros ignominiosos. Nenhuma pessoa respeitável ou educada se rebaixaria a exercer um mister tão degradante como era o de cirurgião, ainda mesmo que estivesse disposta a desafiar os mandamentos da Igreja.

No decurso da segunda metade da Idade Média, a Igreja parece ter tomado consciência de quanto era necessário aos médicos um razoável conhecimento da anatomia humana. A dissecação foi excepcional-

mente autorizada, mas com a condição de que somente fossem utilizados os corpos dos criminosos executados. A vítima, antes de ser entregue ao carrasco, era submetida a certos ritos religiosos e recebia indulgências compensadoras das indignidades que iam ser infligidas aos seus restos.

A entrega do corpo era acompanhada de um cerimonial a que deveriam assistir os oficiais de justiça. Começava-se pela leitura da bula papal concernente á dissecação e pela colocação do selo da Universidade no cadáver. Mas deixemos que seja H. W. Haggard a contar-nos como as coisas se passavam:

«Muitas vezes, antes de se proceder á dissecação, cortava-se a cabeça do cadáver, em obediência ao preceito segundo o qual o cérebro seria a sede da alma. Após esta formalidade era feita uma prece e os médicos cantavam o responso. Então começava a dissecação, bastante sumária. O médico em função não tocava no corpo, que era aberto por um servente. Durante esse tempo, o médico lia em alta voz uma passagem de Galeno, mostrando por meio de um ponteiro as diferentes estruturas enumeradas no texto. A dissecação terminava solenemente com um concerto, um banquete ou uma sessão de teatro. Tudo isso demorava aproximadamente dois dias e tinha o seu fim com a cerimónia do enterramento do cadáver ligeiramente mutilado».

Foram as dissecações efectuadas em Pádua por André Vésale, em meados do século XVI, as primeiras de decisiva importância para a história da anatomia. Há uma diferença notória entre os quadros e os diagramas anatômicos antes e depois de Vésale. As gravuras antigas estavam erradas, enquanto que as posteriores aos trabalhos do grande anatomista belga podem servir de guias para o conhecimento da estrutura do corpo humano.

Mas não obstante as concessões da Igreja e a influência estimulante de Vésale, os progressos no ensino da anatomia foram extremamente lentos, por causa da dificuldade de se conseguir cadáveres para a dissecação. Essa dificuldade era tal que, no século XVII, o dr. Rondelet, professor de anatomia da Universidade de Montpellier, foi obrigado a servir-se do cadáver do seu próprio filho para fazer uma demonstração diante dos seus alunos.

Essa mesma carência de cadáveres deu origem, já no século XIX, a uma história bem macabra, que não resisto á tentação de contar-vos. É sabido que quando há grande procura de um artigo se encontra sempre processo de ganhar com ele algum dinheiro. Foi assim que pensaram dois habitantes de Edimburgo, William Hore e William Burke, resolvidos a fornecer, por bom preço, cadáveres aos anatomistas. O negócio destes dois empreendedores comerciantes teve um começo lento e relativamente honesto, até ao dia em que resolveram roubar um cadáver num asilo para em seguida o venderem ao dr. Knox, da Escola de Anatomia de Edimburgo, pela quantia de sete libras e meia.

O negócio era tentador para os senhores Hore & Burke e o esvaziamento dos tumulos continuou em ritmo acelerado. Mas a partir do dia em que o preço de cada cadáver atingiu as dez libras, a tentação tornou-se muito forte para os dois associados. A desapareição de duas senhoras muito conhecidas nos meios mundanos originou um inquérito,

que terminou pela prisão dos dois sinistros «negociantes». No decorrer do processo foi demonstrado que trinta e duas pessoas haviam sido estranguladas pelos dois sócios e que quase todos os corpos tinham sido encaminhados para a Escola do Dr. Knox, magistralíssimo professor de anatomia cujos cursos eram seguidos por cerca de quinhentos estudantes. O professor, que tivera a ingenuidade de não suspeitar da abundancia dos fornecimentos de tal mercadoria, teve de abandonar a cidade, para fugir á ira da multidão.

Muito mais haveria para dizer sobre a falta de cadáveres para dissecação, carência essa que constitui ainda nos nossos dias um dos problemas das escolas de medicina, mas resolvo ficar por aqui. Resta agora falar dos outros factores que concorreram para a formação da moderna cirurgia, como sejam: a descoberta de um meio para impedir, ou remediar, as hemorragias, a eliminação da dor durante as operações e a prevenção contra as infecções pós-operatórias. Mas isso será o assunto do próximo artigo.

Crónica de Londres

(Continuação da página anterior)

da mais prestigiosa monarquia da Terra, pôr em causa a essência da própria alma britânica. E assim, naturalmente, a resposta de Whitehall foi granítica e monoliticamente negativa.

De momento nada mais resta ao sr. Soldatov, ao Governo russo e ao Mundo do que aguardar, com um misto de exaltação e impaciência, o nascimento do real menino, tal como o advento de um novo Salvador...

Londres, 4 de Fevereiro de 1960.

LUIS DE SOUSA REBELO

Seja previdente
minha senhora



tenha na sua mala
de mão

Cafiaspicina

comprimidos soberanos

contra mal-estar

e abatimento



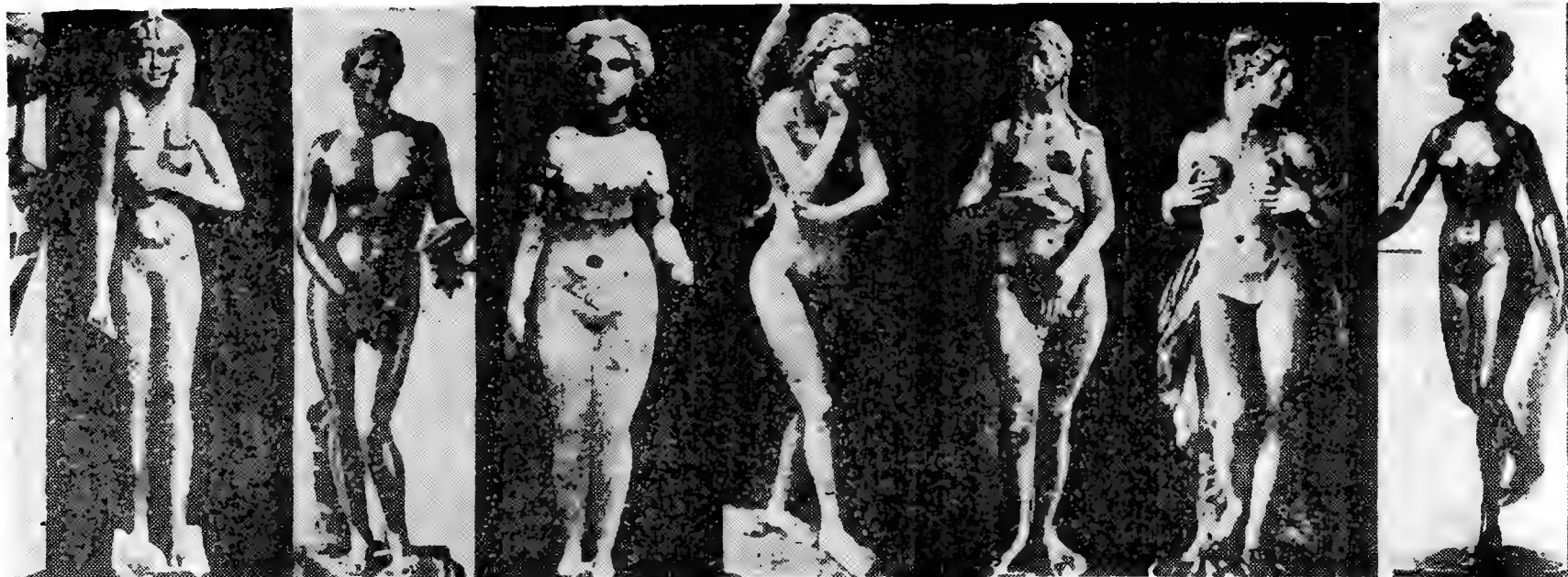
pelo chão que se pisa
se vê quem vive na casa



COMPANHIA
UNIÃO
FABRIL
RUA
DOS DOURADORES
140

CARPETES E ALCATIFAS

100% de lã pura



EGIPTO: Época Greco-Romana — Arcinoé. PARTHE: Arte Greco-Babilónica — Deusa. GRÉCIA: Século IV a. C. — Venus de Cnide. IDADE MÉDIA: Século XIII — Eva (Bourges). RIZZO: Século XV — Eva (Veneza). AMANANNAUT: Século XVI — Diana (Louvre). HOUDON: Século XVIII — Diana caçadora

Certo crítico de «ballet» dizia há tempos que a mulher portuguesa, de um modo geral, tem as pernas curtas e o tronco comprido e daí a sua dificuldade em triunfar na dança. Não sabemos se esta opinião tem fundamento;

do senhor Tomás Ribas — é, sobretudo, uma manifestação estética, além de rítmica.

Mas há ainda outra teoria: a de que será a prática da dança, dos seus exercícios, da maneira de pisar o chão, na destreza do uso das

bonitas pernas por cedo se terem dedicado a dançar. Pode ainda acrescentar-se que nunca se sabe, com certeza certa, quais são as pernas mais belas das mulheres... pois nem todas as mulheres fazem do seu corpo cartaz público.

alma, com mais razão se pode dizer que as pernas da mulher são o seu elemento esbelto mais influente. Num inquérito Galup 95 % dos homens responderam que a primeira coisa para que olham nas mulheres são para as

sábios premiados com Prémio Nobel.

E não se pode dizer que isto seja um fenómeno dos nossos dias apenas: em todas as épocas e em todas as latitudes as pernas das mulheres foram motivo não só para manifestação de sentimentos

COMO OS ARTISTAS PLÁSTICOS VIRAM AS FORMAS DAS MULHERES DO SEU TEMPO

se é, realmente, pelas nossas jovens serem curtas de perna que têm dificuldade em ser grandes bailarinas. Naturalmente é por outras razões que não têm nada a ver com as pernas, mas uma coisa é verdade: umas pernas curtas e um tronco comprido não é muito estético, e a dança — com licença

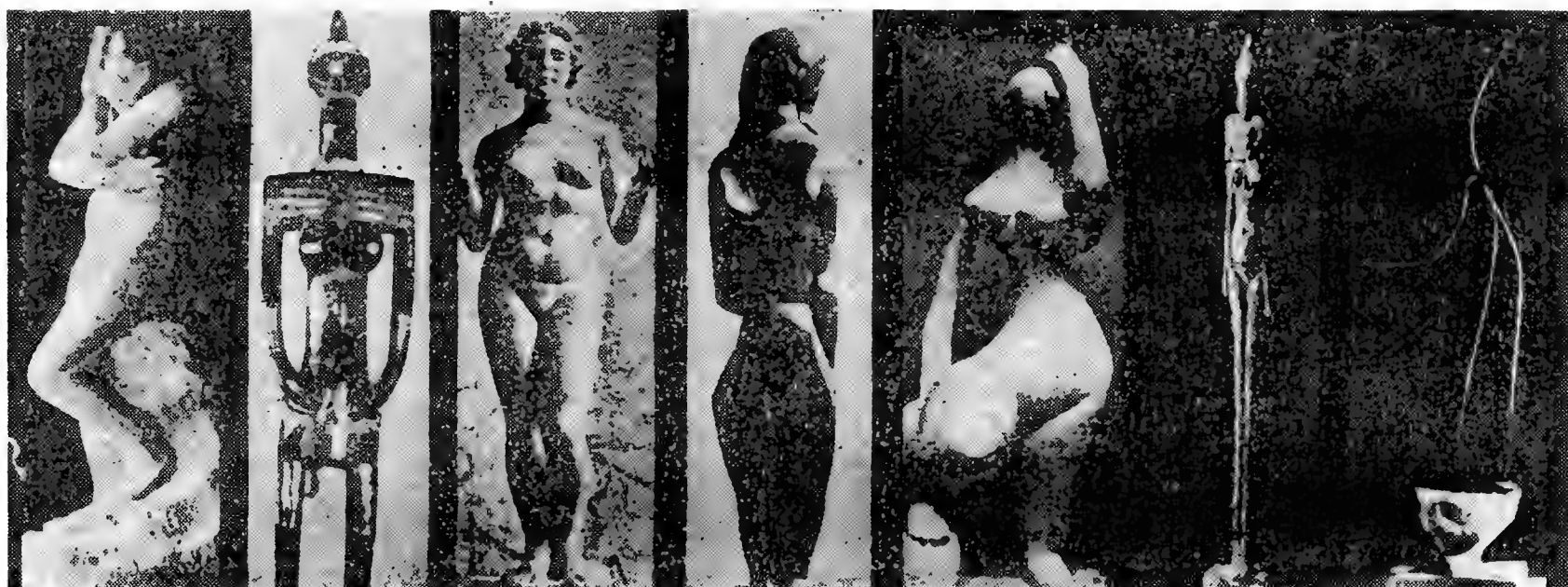
pernas, chamemos-lhe assim, que proporciona um desenvolvimento harmonioso das suas linhas, que evita atrofiamentos, que facilita o seu saudável e natural desenvolvimento no sentido de umas lindas pernas. De facto, é entre os artistas que se dedicam à prática da arte de dançar que se têm en-

bonitas pernas por cedo se terem dedicado a dançar.

Mas, se os olhos são o corpo da

pernas. Não se pode por isso estranhar que seja também a volta das pernas — mostrá-las mais ou mostrá-las menos — que se situa a moda feminina e que seja mais fácil e corrente saber-se qual é o número de centímetros de perna aconselhável a mostrar em dada estação do ano do que o número de

mais ou menos sensuais, mas também como temas de arte. Tem interesse, a propósito, acompanhar a evolução de como os artistas plásticos viram as pernas no seu tempo e observar que se dá, na arte moderna como que uma regressão ao passado. Mistérios da arte... e das pernas das mulheres;



RODIN: Século XIX — Museu Rodin — Paris. ÁFRICA NEGRA: Século XX — Nu (Costa do Marfim). MAILLOL: Século XX — Rapariga nua. ZADKINE: século XX (1930) — Nu — Vanguarda. LAURENS: Século XX (1940) — Banhista. GIACOMETTI: Século XX (1946) — Figura. PEYRISSAC: Século XX (1950) — Abstracção

Ciências e técnicas da semana

Contra a trombose

Médicos americanos ensaiam uma substância, baptizada de plasmina, que terá a propriedade de dissolver os coágulos de sangue evitando assim a trombose ou obstrução (catastróficos) dos vasos sanguíneos.

Pouco recua

Um cancroso em cada três é curado em França revelou o professor Denoix, do Instituto Gustave-Roussy. Há vinte anos a proporção era de um para quatro. O flagelo recua lentamente, mas recua.

Pressões da ordem dos 5 milhões de atmosferas foram conseguidas por físicos soviéticos que assim se aproximaram das condições existentes no centro da Terra. Sob tais pressões todos os corpos tomam uma estrutura metálica, tornando-se bons condutores da electricidade.

O gás de Lacq

Duas centenas de biliões de metros cúbicos, tal será segundo as últimas estatísticas (prudentes) a importância das reservas de gás natural do sudoeste da França.

A origem do petróleo

«O petróleo não é um produto de síntese biológica, mas uma substância elementar espalhada por todo o espaço cósmico e que será encontrada noutros planetas» — afirmam vários sábios soviéticos que perfilham assim a teoria, até há pouco defendida, da origem «biológica» do petróleo e do gás natural.

Cerco sob o Monte Branco

Os trabalhos de perfuração do tunel sob o Monte Branco (11.600 metros de comprimento), foram começados em Dezembro de 1954 do lado francês. O acabamento da obra está previsto para 1961.

Os ursos brancos

Os ursos brancos estão ameaçados de desaparecer do Norte do Canadá. Os esquimós exterminam-os para vender as peles aos turistas, sempre ávidos deste «souvenir» raro.

Um vinicultor francês lançou no mercado o vinho em caixas metálicas. Seu nome não o destinava a esta iniciativa, pois este inovador chama-se «M. Bouteille».

Um divórcio curioso

Houve recentemente em Budapeste um caso curioso de divórcio, quase único no seu género. Um funcionário reformado dos caminhos de ferro tentou um processo de divórcio contra sua mulher porque esta não queria deixar de fumar. O marido expôs que o fumo do tabaco lhe causava afecções alérgicas, mas a mulher continuava a fumar sem se preocupar com isso. O tribunal de Budapeste para se convencer de que isso era verdade fez a experiência e certificou-se de que o fumo do tabaco fazia realmente mal ao homem. A mulher também não pôs em dúvida as declarações do marido. Apenas alegava que ninguém tinha o direito de a privar do seu prazer da nicotina. Depois de ouvir a opinião dos médicos especialistas, o tribunal concedeu o divórcio baseado a sentença no seguinte: o comportamento da esposa é desprovido de sentimentos afectuosos e humanos. Uma união em que um dos cônjuges não tem em conta a saúde do outro deve ser considerada como desfeita.



TAMAR NO MAR OU UMA TEMPESTADE NOS GABINETES

Não são as ondas alterosas dos vastos oceanos, neste dias de mar picado, que nos dão a justa medida da tempestade que varre, de momento, de uma ponta a outra, o mundo dos transportes marítimos.

O ulular furioso do vento vem dos gabinetes das companhias ou dos corredores das «Conferences Maritimes», onde funcionam as escalas dos fretes.

Anuncia-se que em cada dez navios, um está, actualmente, amarrado a qualquer porto. Isto, por si, dá uma ideia da crise tremenda em que se debate a marinha mercante mundial.

Na verdade a depressão económica que desde 1957 atinge o mundo ocidental ocasiona uma menor procura nos fretes marítimos visto que ela se traduz por menos matérias-primas transportadas num certo sentido, e, consequentemente, menos objectos fabricados noutro sentido. O consumo de petróleo também diminuiu nalguns países e por isso os navios-tanques começaram a conhecer o desemprego.

Mas há ainda outras razões que localizaram o centro do furacão que atinge o mundo dos negócios marítimos na Conferência Marítima de Washington em que se opõem, por um lado os Estados Unidos da América (o acusado) e

por outro nove países da Europa Ocidental (os acusadores).

Não faltam, aliás, na indústria naval motivos para dissensão: Começa porque é inteiramente impossível saber-se quanto custa, realmente, um navio, visto que todos os países, mais ou menos disfarçadamente, subvencionam os estaleiros (da mesma forma que por diversas maneiras, também mais ou menos disfarçadamente, as companhias de navegação).

Mas estas subvensões não são iguais em toda a parte e a sua regularização é difícil, dadas as constantes alterações das divisas e principalmente em virtude dos diferentes custos da mão-de-obra (basta lembrar os salários dos Japoneses e dos Americanos). As companhias de navegação encomendam os seus navios seja onde for. A construção naval é o mais internacional de todos os mercados. É fácil ver estaleiros franceses trabalharem para um cliente americano ao mesmo tempo que uma companhia francesa encomenda um cargueiro nos Países Baixos.

A seguir temos a dança das taxas dos fretes. Crê-se que é esta «mercadoria» que detém o «recorde» das variações especulativas. Com diferença de poucos meses as tarifas são multiplicadas por quatro e cinco para, a seguir, voltar ao nível anterior. De momento estão no seu ponto mais baixo e por isso a aflição e a tempestade...

Salvo nos casos como o nosso em que as tarifas são fixadas por um organismo oficial para as carreiras nacionais, pode-se, mesmo em período calmo, notar diferenças consideráveis de navio para navio mesmo que estes sejam «irmãos». É o chamado drama das «bandeiras». Um navio pertence à bandeira que arvorar. Pode ser construído no Japão, comprado por um inglês, armado por um norueguês e fazer tráfico entre a França e a América Latina, mas se arvorar a bandeira do Panamá, é para todos os efeitos panamiano e segue as leis desta pequena República. Ora acontece que o custo de um transporte é grandemente alterado pelas leis do país a que o barco pertence.

Os armadores gregos conseguiram uma posição destacada no mercado dos transportes (veja-se o sr. Onassis e o seu cunhado Niercos) pagando fracos salários às suas equipagens e não suportando despesas sociais, aplicadas nos grandes países. O Panamá, as Honduras e a Libéria tornaram-se notáveis porque os direitos de bandeira são praticamente nulos. Quase sempre são armadores americanos que fazem navegar os seus barcos sob estas bandeiras estrangeiras, que são considerados, na linguagem marítima, pelos armadores dos outros países, como os modernos «navios piratas». Na verdade frota propriamente panamiana e liberiana não existe.

Acresce que há muito mais barcos sob as ondas do que precisos. Só um acordo em que fosse possível afundar os navios velhos e construir os que fossem sendo necessários manteria o equilíbrio. Parece que é isso que não tem sido possível porque os «piratas» fazem frequentemente navegar navios fora da idade de segurança, navios que desde longa data estão amortizados e que as próprias Companhias de Seguros se recusam inclusivamente a segurar. Se se afundam é um prejuízo, mas um prejuízo que foi largamente recompensado. As leis do seu país de «bandeira» a nada os obrigam...

E neste mar escarpado que os



homens dos negócios marítimos têm de procurar rumo para as suas embarcações nos vários oceanos. Parece que os Estados Unidos não se mostram muito entusiasmados a um acordo. E parece que isso se deve ao facto de serem os Ameri-

canos os principais beneficiários desta situação: — 527 navios americanos navegam neste momento sob bandeiras consideradas «piratas». Já é uma boa razão para não estar de acordo.

JOÃO CAMPOS

Aventura ao centro da Terra

Na ansia de investigação que, felizmente vai pelo Mundo nota-se uma importante lacuna a que alguém já chamou um dos paradoxos do nosso tempo: — Sabemos muito do que se passa nos astros e até mesmo na Lua e noutros planetas e quase nada sabemos do que respeita ao interior da Terra. A massa inerte sobre que vivemos é-nos, verdadeiramente quase desconhecida. Mesmo as minuciosas descrições dos especialistas nos tratados escolares contêm flagrantes contradições que só servem para provar a sua «douta» ignorância sobre a matéria.

Até hoje as perfurações mais audaciosas foram devidas às explorações petrolíferas, mas mesmo assim não se foi além dos 6000 metros abaixo do solo. Tendo em conta o volume da massa terrestre não há dúvida que, apenas temos conseguido esgravatar a superfície. É como se estivessemos colocados no cimo dum arranha-céus e, com a ajuda de uma lupa, estudássemos as aspeiras do cimento para concluir o que está por debaixo dele.

A verdade é só esta: por falta de meios materiais continua ainda por desvendar o mistério do que se encontra muito abaixo dos nossos pés. Fogo central? Nucleo sólido ou lí-

quido? Mistura de ferro e de níquel ou hidrogénio?

Teoria da descontinuidade

O estudo dos fenómenos sísmicos levou um sábio jugoslavo a estabelecer a curiosa teoria da descontinuidade das superfícies e com ela se arrisca a várias conclusões: As ondas engendradas pelos sismos são de duas espécies — longitudinais ou ondas de compressão cuja velocidade de propagação é mais rápida que o som, e as transversais, idênticas às vibrações laterais duma lamina metálica. Ora nos 2900 quilómetros mais próximos as ondas transversais deixam de se propagar e a velocidade das longitudinais passa para 14 a 18 quilómetros-segundo. Explicação do físico: O caminho da onda passa de um meio cristalino sólido para um líquido onde só as ondas de pressão se transmitem. Isto confirmaria, portanto, a teoria de que o nucleo central da Terra seria líquido.

Marés terrestres

Mas de que líquido se trata? Acha o sábio que será antes um fluido. E chega a esta conclusão porque, segundo ele, a crosta terrestre, da

(Continua na página seguinte)

DEPOIS DE

tantas obras célebres de

PEARL
BUCK

LIVROS DO
BRASIL

apresentam,

da mesma autora

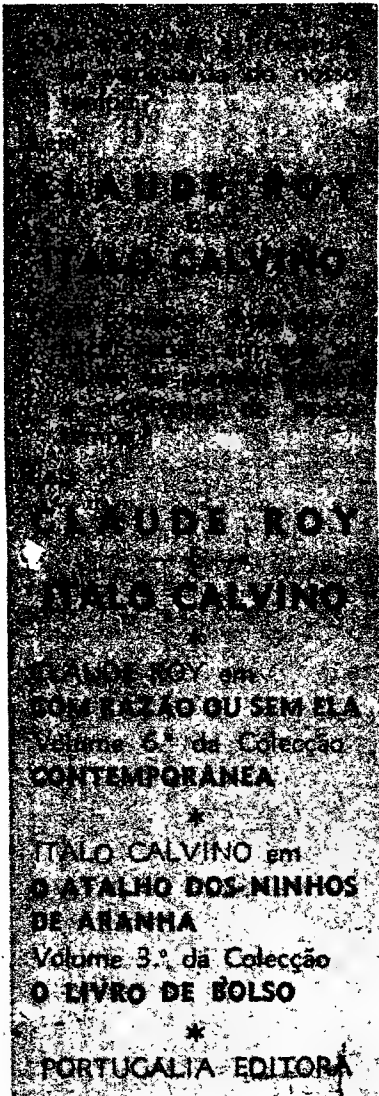
PRECONCEITO
RACIAL

Um livro que vai impressionar profundamente

o nosso público

MAIS UM

volume da colecção



SAIBA COMER

O mês de Fevereiro e o frio

É na verdade, um dos meses mais frios do Inverno. Por isso mesmo, os pratos quentes sabem tão bem, sobretudo uma boa sopa.

Ora uma boa sopa é, sempre, uma sopa de carne ou até de ossos. Se não gosta da sopa demasiadamente gorda, não escolha ossos com tutano. Mas se os prefere, então, envolva o osso num pedaço de gaze, para que o tutano se não escape e não dê uma sopa demasiado gorda, o que não tem vantagem nenhuma, se já ultrapassou os trinta anos. Se se trata do jantar, a sopa assim preparada será o seu único prato. Depois, para não ficar com fome, coma uma salada, queijo e fruta. Os alhos de Inverno, também conhecidos por alhos-porros, são excelentes, sobretudo as partes verdes, para sopas. As couves lombardas dão excelentes pratos cozinhados com castanhas.

Neste mês de Fevereiro, o peixe é, em geral, mais barato que a carne. Aproveite, pois, a ocasião para o comer, pelo menos duas vezes por semana. Nunca esquecer que o peixe é um ótimo alimento; e que são infindáveis as receitas que pode fazer com peixe.

Também o queijo, é nesta época, excelente, seja ele de que qualidade for.

A fruta, com este tempo frio, não anda lá grande coisa; contudo, as bananas estão sempre na sua época própria. Experimente assá-las no forno, temperadas com açúcar. E, depois, há os figos, as nozes, as amêndoas, as avelãs... Contudo, atenção, á linha, minhas senhoras!...

Saber fazer crepes...

é uma arte

Todas as regiões têm as suas receitas próprias para fazer crepes. Mas a mais simples, a caseira é aquela que se faz com farinha, ovos e leite. Põe-se a farinha numa tjeira, em cone, faz-se-lhe um buraco no meio e deitam-se ovos inteiros (clara e gema). Junta-se uma pitada de sal e mistura-se com a colher.

a pouco e pouco deitando leite. A pasta deve ficar lisa e semelhante a um creme fresco, líquido. Deixar repousar algum tempo, antes de fazer os crepes.

As proporções médias: 6 ovos, 500 gramas de farinha e 3/4 de litro de leite.

Há quem prefira empregar metade de água, metade de leite; ou só água, o que não é de aconselhar, senão por questões de economia — mas a economia nem sempre é de aconselhar. Uma pasta sem ovos e sem leite — há muita gente que a faz — não tem condições nutritivas algumas. O pouco recheio que leva, não é quantidade suficiente para uma boa refeição.

Também se pode açúcarar a massa, se se quer encher com recheio doce. É uma boa sobremesa ou um lanche suculento para a criança. (Para a receita acima, deitar 200 a 500 gramas de açúcar, um pouco de baunilha ou água de flor de laranjeira).

Se se pretende uma pasta mais ligeira, pode-se, sem inconveniente, substituir o leite e a água por cerveja.

Utilizar uma frigideira muito limpa e com muito pouca gordura (apenas com a ajuda de um pincel); depois, deite um pouco de massa, espalhe por toda a frigideira, em camada regular. Sacudir constantemente, para não pegar. Voltar rapidamente sobre a mesa e polvilhar com açúcar, se é doce, ou com farinha, senão se trata de uma sobremesa.

O frio e as bebidas

O frio aumenta a nossa necessidade de água. Talvez seja por esta razão que os habitantes das regiões árticas bebem tanta quantidade de líquido.

No Inverno, a nossa alimentação é menos rica de frutos aquosos, em legumes verdes; por isso é necessário recompensar essa falta de líquidos. Também é preciso não esquecer que o viver-se em casas

aquecidas, de ar seco, portanto, traz uma necessidade de beber líquidos.

Contudo, é necessário não esquecer que grandes quantidades de água às refeições, dificultam a digestão. Deve, pois, beber-se entre as refeições.

Mas, além da água, há outras bebidas altamente calóricas que se podem tomar. Assim, por exemplo, os leites perfumados com café, chá, chocolate, malte, chicória, etc., são verdadeiros alimentos — bebidas úteis ao pequeno almoço, ao lanche e para qualquer refeição leve.

As bebidas excitantes, como o chá e o café, dão uma agradável saciedade para todo o dia. Após as refeições, facilitam a digestão.

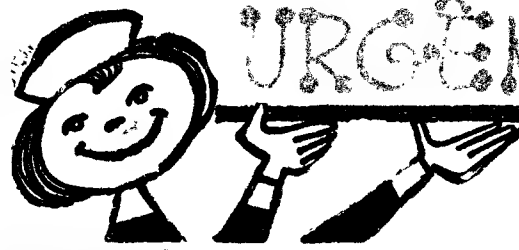
As infusões trazem o benefício das plantas com que se fazem: diuréticas, umas, digestivas ou calmantes outras.

Esta gama é completada com as bebidas levemente alcoollizadas, mas de que nunca se deve abusar.

Uma chávena de chá de tilia bem quente, bem açúcarada, adicionada de um pequeno copo de «rum», é excelente bebida para curar uma constipação. Deitar-se e cobrir-se inteiramente, enrolando a cabeça num tecido de lã.

É verdade que o álcool dá calor? Sim, na verdade, um pouco de álcool dá uma agradável sensação de calor, porque o álcool dilata os vasos capilares, e daí melhor irrigação. Mas as grandes quantidades de álcool, para preservar contra o frio, é um contrasenso: o aumento da circulação que se produz ao nível da pele implica, com efeito, um enorme desperdício de calor.

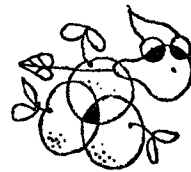
E agora, boa amiga, creia que as senhoras são mais friorentas que os homens, não por razões fisiológicas, mas porque andam mais expostas ao frio e porque, em geral, fazem menos exercício.



RECEITAS DE URGÊNCIA

Deitar cuidadosamente numa forma e pôr no forno até cozedura completa, o que não deve levar mais do que vinte minutos. Desformar e enfeitar com rodela de

Esmagar a salsa e estufar num pouco de manteiga. Logo que a ache bem impregnada de manteiga, deite água fria e um pouco de pão ralado. Deixar ferver em fogo brando, durante uma hora. Passar por passe-vite, levar ao lume com gemas de ovos batidas e um pouco



de leite ou nata fresca. Se gosta de sopa espessa, engrosse com um pouco de Maizena. Sirva bem quente.

ovo cozido e molho de tomate. (Bom para acompanhar restos de carne assada, galinha ou carnes frias).

Compota de castanhas

1 quilo de castanhas; descascar e cozer com 500 gramas de açúcar e um pouco de canela; cozer em leite, mas não deixar desfazer. Ao

Arroz com ovos cozidos

Ponha uma noz de manteiga numa caçarola e aqueça vivamente; juntar o arroz cru, lavado, e voltá-lo bem, com uma colher até que tome uma cor dourada. Juntar 3



vezes o volume do arroz, de água quente, salgar e deixar ferver durante cinco minutos, sem mexer.

fim de uma hora, deitar na vasilha em que deve ir á mesa; misturar cinco colher de sopa de «kirsch» e lançar o lume, no momento de servir.

PAUL ANKA

NÃO BRINQUES COM O AMOR
AMO-TE QUERIDA
DIZ-ME QUE ME QUERES

COLUMBIA SLEG 5004

Se fizermos o cálculo á base de dólares por minuto, o jovem cantor-compositor canadiano PAUL ANKA deve ter sido, talvez, aos 16 anos de idade o artista profissional mais bem pago do mundo. Caso pareça inacreditável, basta considerar o seguinte: as quatro canções deste disco representam duas horas de composição — ANKA não gasta mais de meia hora com uma canção e «Diana», que esteve na lista dos êxitos, tanto em Inglaterra como na América, durante semanas seguidas, foi escrita apenas em vinte minutos.

Mais de um milhão de discos desta canção vendidos na América e outro milhão no Canadá e Grã-Bretanha trouxeram uma dupla fortuna em direitos a ANKA, cantor e ANKA, compositor, representada por mais de 80 contos por minuto.

Desde muito novo que o jovem PAUL se interessou intensamente por tudo quanto se relacionava com a música. Formou um trio vocal ainda quando andava na escola e, aos 14 anos descobriu o seu talento de compositor. «Foi uma revelação súbita, tal como um raio do céu», diz PAUL ANKA.

Donde quer que tenha andado, o músico, a verdade é que as composições do jovem ANKA possuem um ritmo electrizante e uma linha melódica que as impõe. São um produto maravilhoso resultante da agitação «Jean Age».

Discos publicados pelos

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO, LDA.

R. Nova do Almada, 97

Diário de Lisboa * VI PAGINA

Quando ela pensa em malhas...



claro que é na

BUSCH

simples ou super-automática que está pensando.

Como todas as Donas de Casa portuguesas, também ela ficou rendida com as passagens de modelos executados na máquina de tricotar BUSCH.

Que beleza e que economia!

Consulte os Representantes

AGENCIA COMERCIAL SUFCA, LDA.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

TRAGEDIA DUM PATRIOTA QUE ERA "ESTRANGEIRADO"

(Continuação da 1.ª página)

Basta lembrar o caso de Verney e do Cavaleiro de Oliveira. Mas o caso destes dois homens ainda fornece um outro motivo de meditação; ambos conseguiram acobertar-se em terra estranha para daí, livres das represálias daqueles a quem visavam no país natal, poderem tornar publicas as suas críticas e projectos de renovação intelectual, social e política.

Gomes Freire de Andrade foi um «estrangeirado» na mais ampla acepção da palavra; ao contrário da maioria teve, porém, esta característica: não fugiu a introduzir-se na boca do lobo, quando, sem qualquer estranheza, o poderia ter feito. Nasceu, com efeito, em Viena de Austria, em 27 de Janeiro de 1757, filho do então ministro de Portugal na Corte da imperatriz Maria Teresa, e da condessa Isabel de Schaffgotsche, checoslovaca de nação. Em Viena e na Boémia, em casa da família materna, viveu até aos vinte e quatro anos, idade em que, finalmente, e em resultado de muitos esforços seus, encontrou forma de conhecer Portugal.

Ficou orfão aos treze anos. O pai, Ambrósio Pereira Freire de Andrade e Castro, parente da família Pombal, amigo e dedicado auxiliar do grande marquês, nada deixara aos seus. O final da infância de Gomes Freire e a sua adolescência são marcados pela miséria mais extrema. Mas não apenas por isso: o jovem haveria de sentir mogosamente o desprezo e a indiferença com que o Governo de D. Maria I tratava os filhos e a viúva dum alto funcionário do reino. Durante anos e anos se multiplicam as cartas de pedido de auxílio; a primeira, escreveu-a o pequeno Gomes Freire, três dias após a morte do pai; nenhuma obteve resposta. Eis o teor da carta do futuro general, dirigida ao secretário de estado dos Negócios Estrangeiros, D. Luis da Cunha Manuel:

Ilmo. e Ex.mo Snr.
Costumado a escrever a V.

Ex.º como Secretário de meu Pai, tomo a confiança de fazê-lo em meu nome para lhe dar parte do seu falecimento e empenhar a V. Ex.º em protegê-lo. Minha mãe escreve neste mesmo Correio a V. Ex.º remetendo-lhe um memorial para El-rei Nosso Senhor. Seja V. Ex.º servido de o Patrocinar com aquele zelo e favor com que outras vezes se empenhou pelo bom êxito das nossas pretensões, e Deus queira com igual fortuna. Pouco avançado em idade para esperar tão cedo a ventura de servir a Sua Magestade, desde agora para então peço a V. Ex.º queira tomar á sua conta a minha pessoa. Meu Pai me não deixou outra herança que o exemplo do zelo e actividade com que sempre se empregou no Real Serviço, e a memória dos benefícios de V. Ex.º.

Queira V. Ex.º continuar ao Filho a mesma mercê e caridade ocasião em que possa mostrar-lhe a minha gratidão.

O jovem nunca viria a ter ensejo para justificar aquela gratidão. Com dificuldades dramáticas o continuou a mãe a sua educação, pondo sempre em primeiro plano a ideia de o tornar útil ao país pátrio. Daí, como o leitor já terá observado através da carta acima transcrita, o cuidado que teve em dar-lhe um bom conhecimento da língua pátria; daí, também, que nunca desesperasse em vê-lo servir rei português, muito embora lhe fosse possível encontrar-lhe, principalmente na carreira das armas, um lugar na corte austríaca, a qual viria a ser apresentado na altura em que completou os dezasseis anos.

Os sucessores do pai na Embaixada vienense procuraram por diversas vezes chamar a atenção do Governo português para o jovem e sua família; mas, também, as suas diligências não tiveram grande êxito: Gomes Freire será por-

tuguês porque nisso persistiu; durante vinte e quatro anos estudou e lutou para servir o seu País; ao entrar em Portugal, em Fevereiro de 1781, tinha finalmente o que havia conquistado. Era português por

um acto heróico de vontade que lhe custara a miséria e o desamparo.

Que sentiria o «estrangeirado», o homem educado em ideias avançadas, ao pisar, como tão ansiosamen-

te desejara, o solo pátrio? Que veio encontrar que não sonhasse? Ou tudo estaria para além do que imaginara?

(No próximo artigo: «Soldado em terras estranhas»)

O FALSO E O VERDADEIRO



O verdadeiro é o célebre compositor Jacques Offenbach que fez as delícias espectaculares do Segundo Império. O falso é o actor francês Pregean que interpretou a figura daquele artista no filme «A Valsa de Paris»



O cão:

OLA', AMIGO!

Hoje estás muito lavadinho e cheiras bem...



O petiz:

Pudera! A minha mãezinha lavou-me com SANODERMA!

Nem só a idade altera o aspecto da nossa pele

Vários dermatologistas chegaram á conclusão de que, sempre que não havia quaisquer razões de ordem patológica, a causa da transformação de uma pele normal, fina e aveludada, em pele áspera, despolida, rugosa e com irritações que chegam ás manchas, era o uso prolongado de um mau sabonete.

De facto, é sabido que o sabão se obtém por meio de reacções de alcalis sobre as gorduras. Normalmente empregam-se gorduras vegetais (óleo do coco, de palma, de coconote, amendoim, borras de azeite, etc.), e gorduras animais, especialmente o sebo.

Os óleos vegetais, tal como são importados pela fábrica, não só trazem muitas impurezas, como têm uma taxa elevada de ácido; atacado pela soda este óleo saponifica-se, dando origem aos sabões.

Há sabões finos e sabões ordinários, conforme a perfeição do fabrico, a escolha das matérias-primas e os cuidados da purificação e neutralização. No entanto, todos sabem, que há muitos sabões ordinários em que as reacções químicas não foram perfeitas sobretudo quando se empregam matérias-primas mais impuras e mais ácidas.

Há ainda pessoas que têm opinião de que o sabão de lavar roupa ainda é o melhor para a pele; outras preferem o sabão vulgarmente conhecido por sabão de seda. Estas preferências não têm de facto razão de ser.

Um sabão perfeito deve conter uma percentagem elevada de gorduras animais; as gorduras vegetais devem ser muito bem escolhidas, pouco ácidas, e as reacções, de neutralização, devem ser perfeitas.

Um bom sabão deve ser sempre macio, perfeitamente neutralizado e espumar muito bem.

Preparada a massa para um bom sabão, tem que se lhe dar a cor e o perfume. Aqui tem também de haver uma cuidadosa selecção pois que há perfumes milticos bem como algumas anelinas que não convém á pele.

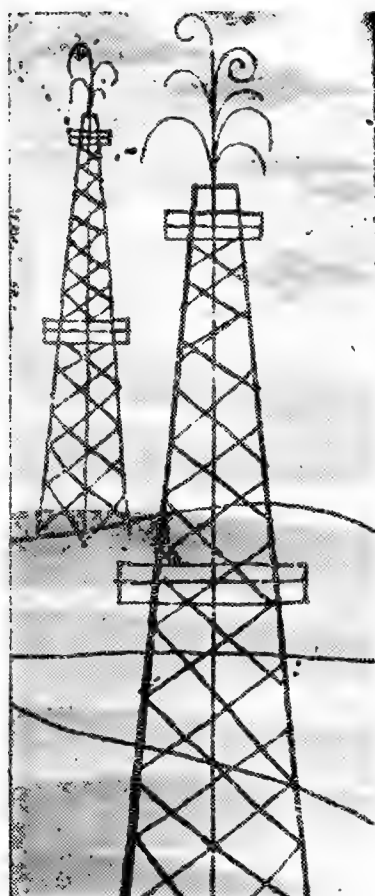
Verifica-se assim que, para uma empresa poder preparar um bom sabonete, tem de estudar cada um dos produtos que entra na sua composição e experimentar no seu laboratório as reacções do sabonete preparado, de forma a que ele, de irritante, passe a ser benéfico para a pele.

É o uso permanente dos maus sabões que dá origem, a pouco e pouco, a tenuíssimas irritações de epiderme, as quais avolumando-se vão transformando muito lentamente o seu aspecto que, de fino e sedoso, começa a apresentar-se áspero e com irritações que podem provocar vários doentes da pele.

Nos homens um mau sabão de barba pode igualmente provocar irritações que transformam muito o seu aspecto.

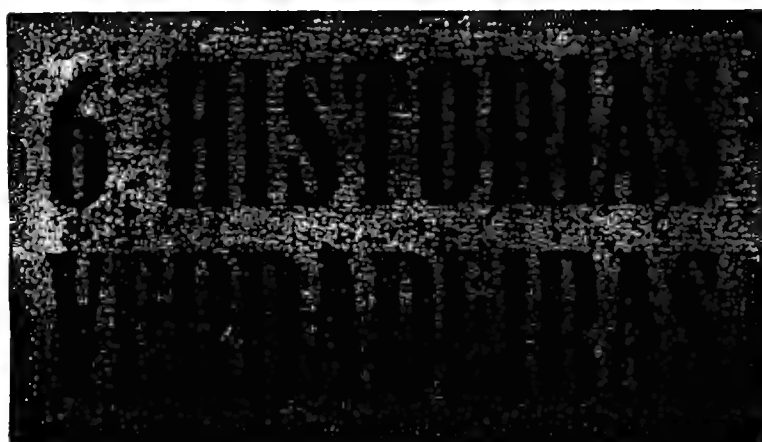
A escolha do sabão para o banho das crianças é então duma importância extraordinária; já porque nessa altura a pele se irrita com muita facilidade, e ainda porque é nas primeiras idades que se vai formando o seu aspecto definitivo — macia, fina ou áspera.

(Continua)



1 — Um jazigo de petróleo vivo?

Geólogos americanos descobriram recentemente um curioso jazigo de petróleo, graças ao qual se poderá



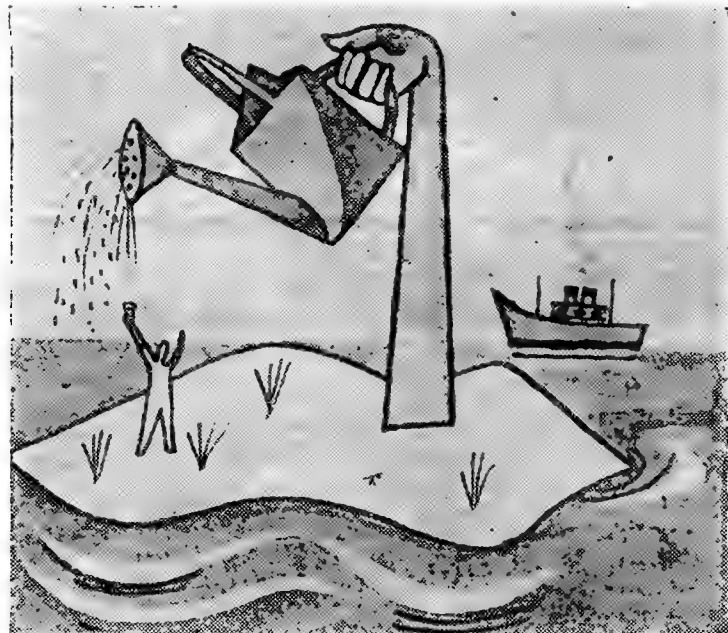
provar que os hidrocarbonetos continuam a formar-se na Natureza e em condições determinadas, as gerações futuras poderão estar descansadas porque nós não esgotaremos os jazigos actuais.

Quais são as principais teorias acerca da origem do petróleo?

1) — O seu aparecimento estaria ligado à actividade vulcânica, (esta teoria foi completamente posta de parte).

2) — A sua origem seria mineral e devida quer à acção da água sobre os carbonetos metálicos, quer à do gás carbónico sobre os metais. Esta explicação fornecida pelos sábios Berthelot e Mendeleiw, caiu pouco a pouco em desuso, se bem que tivesse sido confirmada por certas experiências.

3) — O petróleo seria devido à decomposição dos organismos animais ou vegetais em presença da água mas ao abrigo do oxigénio. Encontram-se, de facto, detritos de organismos nos hidrocarbonetos que têm propriedades dos corpos orgânicos e qualidades comuns aos derivados da clorofila e da hemoglobina. O sábio inglês conseguiu em laboratório fabricar petróleo a partir de algas marinhas e até do óleo de fígado de bacalhau.



2

encontrar, talvez, a resposta para esta velha pergunta: Qual a origem do petróleo?

A questão tem uma grande importância económica, porque se se

Esta última teoria é geralmente admitida como certa, presentemente, e considera-se que as melhores condições para a formação do petróleo se encontram reunidas nos mares interiores e nas lagoas. A este respeito parece que o Mar Negro, parado e sulfuroso, nas suas profundidades, estará actualmente a «fabricar» petróleo. Mas a demonstração não foi feita.

A descoberta dos geólogos americanos é, por isso, interessantíssima, porque se trata de um jazigo «em formação» no delta do Orinoco (Venezuela). Tem a idade de 5 a 10 milhões de anos enquanto os jazigos comercializados têm mais de 10 milhões. O petróleo parece ainda em estado «embrionário» que um laboratório especial se ocupa agora de estudar. Segundo a poderosa companhia americana «Standard Oil» este depósito seria a prova «viva» de que o petróleo se forma continuamente.

2 — Só vendo se acredita

Uma máquina para resumir livros científicos foi apresentada em Novembro em Washington.

O aparelho é munido de um cérebro electrónico que analisa os livros palavra a palavra, selecciona as frases mais significativas e acaba por as reproduzir numa forma condensada. O funcionamento tem em conta que as palavras mais repetidas no texto são as mais importantes e é portanto nesse princípio que assenta a condensação que faz.

3 — O milagre de Bolsena

Rafael ilustrou um milagre co-

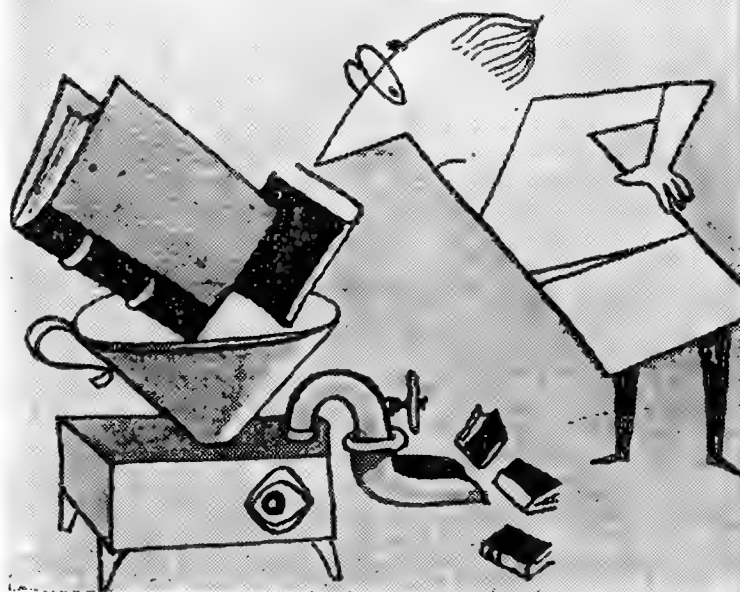


3

6 — O feitiço contra o feiticeiro

O caso é muito raro e por isso merece ser assinalado: uma firma francesa acaba de absorver uma firma americana. A primeira tem apenas alguns anos de existência e a outra é uma velha casa muito acreditada.

A firma francesa em questão é a Bic, que ultimamente tem conhecido grande expansão fabricando esferográficas baratas na Europa Ocidental, pondo em risco o negócio dos negociantes de canetas. Foi, de facto, esta importantíssima firma que «devorou» a «Waterman» americana (a casa-mãe era aliás canadiana). A nova sociedade passou a denominar-se «Waterman-Bic Pen» e vai fabricar 100.000 esferográficas por dia, destinadas ao mercado americano.



4

nhecido pelo Milagre de Bolsena. De facto, um padre incrédulo celebrava certo dia missa, quando ao levantar a hóstia para a comunhão esta se cobriu de sangue. Como era de esperar houve grande alarime entre a assistência que ficou horrorizada com o que viu.

Ora passados alguns séculos a ciência veio esclarecer o que se tinha passado. Descobriu-se que um cogumelo microscópico, o «amicrococcus prodigiosus» aloja-se na farinha, onde as suas colónias tomam o aspecto de sangue coagulado.

4 — Um aqueduto submarino

Os habitantes da ilha de Ischia, na Itália, sonhavam desde há milhares de anos pelo dia em que tivessem água potável com fartura, pois a ilha é particularmente despida de arvoredo.

Tiveram agora essa alegria. Um aqueduto submarino do comprimento de 5 quilómetros acaba de ser edificado até à costa, o que custou 26 meses de grandes trabalhos e dificuldades. No entanto, mereceu a pena tantos sacrifícios, pois um potente jacto de água de 30 metros de altura começou a regar a ilha...

5 — A descoberta de Troia

Schliemann descobriu Troia servindo-se apenas da «Odysseia». Schliemann era um rapaz merecedor de apenas 14 anos de idade. Era, contudo, dotado de uma vontade, de uma memória e duma força e trabalho prodigiosos, que lhe permitiu não só aprender 12 línguas sem ajuda de ninguém, (entre as quais o latim, o grego, o hebreu, o russo e o árabe) como juntar uma fortuna tal que aos 50 anos de idade lhe permitiu dedicar-se à única paixão da sua vida: a arqueologia. Foi assim que descobriu Troia. Mas para se poder apreciar todo o valor da proeza é necessário saber que no século XIX, época em que viveu Schliemann, os sábios mantinham ainda a opinião de que a Odysseia de Homero era uma obra de pura ficção e que, portanto, Troia só tinha existido na imaginação do grande poeta grego. Schliemann, pelo contrário estava convencido da autenticidade da obra e dos factos, e por isso dirigiu-se à Ásia Menor levando por bagagem apenas a Odysseia no bolso. Uma vez lá, seguindo o texto, linha a linha, reconstituiu durante vários dias os trajectos utilizados pelos heróis de Homero e conseguiu assim encontrar a cidade milenária e descobrir com ajuda das suas páginas os fabulosos tesouros antigos que deixaram o mundo de 1880 absolutamente deslumbrado.



5

A' frente na publicidade

Parece não haver grandes dúvidas de que a poderosa América está alguns anos em atraso no que diz respeito às viagens interplanetárias; pelo menos é essa a opinião não só dos seus cientistas mas também dos seus políticos mais sérios. Há, contudo, um domínio em que os Estados Unidos continuam imbatíveis, marchando à frente de todos com um grande avanço: — Na publicidade comercial em que assenta o fundamento da sua produção e em grande medida a sua vida corrente.

Uma curiosa demonstração desse avanço deu-se quando da visita do presidente do Conselho soviético aos Estados Unidos. Um director de uma companhia de seguros de Chicago tentou oferecer a Kruchchev, acções no valor de 300 dólares.

E qual foi afinal o objectivo publicitário e propagandístico que o «genial» autor da ideia tinha em vista com a oferta dessa amostra de valores?

Segundo ele: «para assim mostrar ao dirigente comunista que as ideias de Karl Marx caíram já em desuso e que o capitalismo no decurso dos dois últimos anos tem evoluído muito».

A notícia que relata o acontecimento não diz se «K» ficou convencido mas parece que rejeitou os papéis.

Aventura ao centro da Terra

mesma maneira que o mar, está sujeita a «marés».

Observações já feitas confirmariam que a atracção solar e lunar provoca uma elevação da crosta terrestre que chega a atingir diferenças de 20 centímetros; e isto por acção do fluido do centro da Terra.

É uma teoria e, particularmente, a da descontinuidade da superfície, que os sábios de todo o Mundo estão a ter em muita conta. Mas temos de admitir que o estado físico do núcleo é desconhecido à superfície da Terra. Crê-se, geralmente, que a pressão a que está sujeita na região profunda atinge 3000 toneladas por centímetro quadrado.

Também podemos admitir que os materiais que compõem o interior do nosso planeta sejam muito diferentes do que conhecemos à superfície, talvez mesmo muito próximo do que existe na superfície lunar. Mas só é possível confirmar isso com segurança no dia que lá conseguirmos ir ver e estudar.

É o que tentam fazer um grupo de geógrafos americanos, que sob a presidência do doutor Gordon G. Zeill se dispõem estudar as profundidades da Terra por meio de perfurações a partir, do solo que pisamos.

Estes exploradores americanos pensam utilizar nos seus trabalhos os últimos progressos conseguidos nas perfurações petrolíferas para atingir essa zona de descontinuidade. As camadas abaixo de água são menos ásperas que a superfície e é nas profundidades dos mares que se vai tentar descer a 5, 7 ou até mesmo 10 quilómetros se isso for possível.

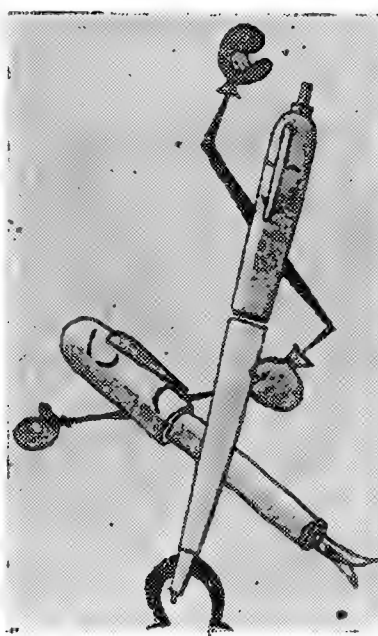
O fundo do mar é o livro da Terra

Os grandes fundos oceanicos não tiveram a superfície desde a primeira idade da Terra e não conheceram, por isso, a erosão e a formação de montanhas.

Receberam sedimentos milenários e nas suas camadas está escrito o verdadeiro livro da Terra. As amostras colhidas explicarão muita coisa ainda desconhecida sobre o passado não só da Terra mas também da Lua que deve ter a mesma idade — variações do campo magnético, mudanças de clima, formas primitivas de vida, etc.

Uma vez ultrapassados os sedimentos acamados sobre a crosta dura e feita a necessária trepidação para entrar na zona das rochas teremos à mão e à mercê do estudo a composição exacta da Terra quando da sua formação.

Até lá teremos naturalmente que aguardar ainda alguns anos as experiências decisivas, mas quem duvidar que, ou a comissão de sábios americanos criada em Outubro último, ou outra qualquer que venha a chamar a si a honra do assalto ao desconhecido no interior da Terra não seja capaz de o atingir numa altura em que o Homem está quase a lançar-se no espaço infinito que o rodeia?



6

DIA 13

EM PORTUGAL — O sr. nuncio apostólico em Lisboa visitou a cidade de Faro. * O ministro do Exército visitou o Batalhão de Telegrafistas. * Em S. João da Madeira, o ministro da Educação inaugurou um mercado municipal e um Pavilhão dos Desportos. * Em Alqueidão da Serra foi inaugurada a luz eléctrica. * O governador civil de Lisboa foi homenageado no primeiro aniversário da sua posse.

NO ESTRANGEIRO — Continua por esclarecer o caso do submarino misterioso que se infiltrou no Golfo Nuevo, da Argentina. * Em Tunes anuncia-se que os rebeldes argelinos estão dispostos a negociar tréguas. * Mikoyan declarou na Havana que o «satélite misterioso» não é russo. * O general Franco inaugurou perto de Madrid uma fábrica de urânio. * Em Londres foi aprovada a tarifa exterior dos seis países do Mercado Comum. * O cardeal Koenig ficou ferido em desastre de automóvel quando ia presidir às exéquias do cardeal Stepinac.

DIA 14

EM PORTUGAL — Partiu para Madrid o ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Marcello Mathias. * O ministro das Obras Publicas apreciou em Aveiro os problemas de urbanização da cidade. * Foram inaugurados o abastecimento de água e energia eléctrica, em Campo Maior. * O subsecretário das Obras Publicas inaugurou melhoramentos em Torres Vedras.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Rómulo de Betten-court declarou, em Caracas, que o comunismo internacional é contrário aos interesses da Venezuela. * De Gaulle preside a uma comissão que tratará exclusivamente das questões da Argélia. * Dizem da Argentina não ser fantasma o submarino misterioso aparecido no Golfo Nuevo. * A visita de Gronchi a Moscovo ameaça provocar uma crise no Governo italiano. * O cientista francês Jean Charrou disse ter encontrado a «equação unitária» que Broglie e Einstein procuraram e que explicaria a origem comum de todas as leis do Universo.

DIA 15

EM PORTUGAL — Partiu para Angola o novo governador-

PREDIO

BELA OPORTUNIDADE

Excelente construção e situação, frente a Rep. acabamentos primários, isento 6 anos, 4 casas assoalh. etc. p/ inq. distrib. águas quentes. Rende cerca de 65.000\$00. PREÇO 850 CONTOS.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

Praça da Alegria, 58-2.
Tel. 366812
LISBOA

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada à Sorrata
Enfado de Enguias
Lampreia com arroz à moda da casa

Filetes à Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril à Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito à Moda da Casa
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

geral da província, dr. Silva Tavares. * Na maternidade Magalhães Coutinho a mulher de um servente de pedreiro deu à luz quatro gémeos. * Directores e alunos das escolas técnicas almoçaram com o sr. Presidente da Republica. * O dr. Castro Fernandes iniciou o ano de actividades do Centro de Estudos Político-Sociais. * Um taxi desarvorado atropelou dez pessoas na Mouraria.

NO ESTRANGEIRO — O Governo de Marrocos cancelou o acordo diplomático com a França e retirou o embaixador em Paris. * O ministro dos Estrangeiros de Portugal chegou a Madrid para uma visita oficial de três dias. * O presidente Ayub do Paquistão foi reeleito. * Kruchchev pretende instalar na Indonésia bases navais e aéreas russas. * Um terrorista argelino matou, no centro de Paris, dois policias.

DIA 16

EM PORTUGAL — Por despacho do sr. ministro da Saúde foi concedido subsídio extraordinário de mil contos aos Hospitais da Universidade. * O sr. Presidente da Republica visitou a Escola de Nossa Senhora das Graças. * Reuniu a assembleia-geral do Sindicato dos Jornalistas tendo aprovado a demissão da direcção. * Em Luanda o governador-geral dr. Silva Tavares foi entusiasticamente recebido. * Sobre Lisboa caiu violenta trovoad e chuva torrencial. * Chegou a Lisboa o general Charles Palmer, que se avistou com o sr. ministro da Defesa.

NO ESTRANGEIRO — Em Madrid, o ministro dos Estrangeiros de Espanha ofereceu um banquete ao seu colega de Portugal. * O Papa João XXIII proclamou o ano de 1961, Ano Santo Extraordinário. * O presidente Nasser da Republica Árabe Uni-

da atacou o regime do Iraque e convidou o primeiro-ministro Kassém a enviar tropas para a fronteira de Israel para mostrar que é favorável à causa dos árabes. * Nikita Kruchchev chegou a Birmânia. * 2.500 habitantes de Sevilha tiveram de abandonar as suas casas por causa da cheia do Guadalquivir.

DIA 17

EM PORTUGAL — O ministro da Presidência visitou o Banco de Fomento Nacional. * Na reunião da Camara Municipal o presidente, brigadeiro França Borges, disse que o Município está impedido superiormente de estudar o prolongamento da Avenida da Liberdade. * No Algarve caiu uma chuva escura que provocou excitação em muitos meios. * O ministro das Obras Publicas foi feito cidadão honorário de Mértola. * Houve um grande temporal em todo o País. * Em Marvila foi inaugurada uma fábrica de resinas sintéticas.

NO ESTRANGEIRO — Em Madrid foi assinado um convénio que simplifica as formalidades do tráfego nas fronteiras entre Portugal e Espanha. * Selwyn Lloyd disse nos Comuns que o projecto do tunel sob a Mancha será brevemente apresentado. * A Finlândia foi convidada a participar nas conversações do grupo dos «Sete», que se efectuam em Paris na próxima semana. * Anuncia-se que o dr. João Goulart será o candidato trabalhista brasileiro à vice-presidência da Republica. O candidato à presidência é o general Teixeira Lott. * A administração da Argélia passou ao poder civil.

DIA 18

EM PORTUGAL — Em Viseu foi condenado a seis anos de prisão maior o soldado Ma-

nuel Rodrigues Machado, que se fizera passar por médico e era desertor. * O general Colmer, subchefe das forças armadas americanas na Europa, partiu de Lisboa. * No rio Douro voltou-se um barco tendo morrido dois homens. * O Tejo subiu muito ficando inundada Vila Nova da Barquinha.

NO ESTRANGEIRO — Caryl Chessman dirigiu um apelo ao governador da Califórnia para ser poupado à camara de gás. * Em Madrid o general Franco recebeu o ministro dos Estrangeiros de Portugal, dr. Marcello Mathias. * Na Bélgica o conselho da Coroa, sob a presidência do rei Balduino, estudou os problemas do Congo. * O Governo da Tunísia declarou que um avião francês violou o seu território. * O Papa recebeu pela primeira vez um estadista marroquino, o presidente do Governo de Rabat. * O secretário de Estado norte-americano, Christian Herter, disse que o objectivo dos Estados Unidos é pôr termo à corrida aos armamentos.

DIA 19

EM PORTUGAL — Foi aprovado o catedrático de Agronomia o eng. Carlos Baeta Neves. * A Lisboa chegaram 35 alunos e oficiais do Colégio Militar do Rio de Janeiro. * O ministro e subsecretário do Exército visitaram os aquartelamentos de Santarém.

NO ESTRANGEIRO — A execução de Caryl Chessman foi adiada por 60 dias. * A rainha Isabel II de Inglaterra teve o seu terceiro filho. * Morreu, com 85 anos, o historiador e filósofo inglês sir Ernest Baxter. * O ministro dos Estrangeiros de Portugal partiu de Madrid, de regresso a Lisboa. * Em Paris reuniu a comissão das Feiras, Exposições e Salões das Camaras de Comércio.

A explosão de uma carga atómica no Sahará e a sua verdadeira importância

A explosão de uma carga atómica, produzida em França, na região do Sahara — só imprópriamente pode falar-se de bomba A — chamou de novo as atenções do Mundo para o problema dos armamentos nucleares. O problema posto aos dirigentes e aos povos do nosso tempo enuncia-se em termos simples: o Mundo caminha para a limitação, e finalmente para a supressão desses armamentos, ou prefere a via oposta, deixando que a proliferação nuclear acabe por precipitar um conflito cujo epilogo ninguém desconhece? Tal é, na sua simplicidade, o dilema que, presente desde que acabou o monopólio americano em 1949, tem sido iludido em vez de se encarar corajosamente a sua natureza e de se tentar seriamente para ele uma solução correspondente à sua gravidade.

Segundo os peritos atómicos americanos, há actualmente dezanove países em condições de fazer armas atómicas num prazo mais ou menos curto. Esses países onze podem fazê-las imediatamente, ou dentro de poucos meses. São os seguintes: Bélgica, Canadá, China, Checoslováquia, Alemanha Ocidental, Alemanha Oriental, Índia, Itália, Japão, Suécia e Suíça. Os outros oito estão bastante adiantados, nesse domínio, para chegarem ao mesmo resultado dentro de alguns anos, não muitos. São a Austrália, a Austria, a Dinamarca, a Finlândia, a Hungria, a Holanda, a Polónia e a Jugoslávia. Há, finalmente, um terceiro grupo de seis países — Argentina, Brasil, México, Noruega, Espanha e Africa do Sul — susceptíveis de utilizar os seus recursos naturais para o mesmo fim, embora neste momento não disponham de instalações ou pessoal para isso.

Tal é, em resumo, o quadro do avanço conseguido por grande parte da Humanidade. Os resultados dessa situação são fáceis de calcular. Que acontecerá no dia em que todos dispuserem do seu armamento nuclear e estiverem em condições de se servir dele para a realização de fins nacionais, susceptíveis de suscitar, no campo internacional, divergências e oposições? Quem os impedirá de o fazer se julgarem isso oportuno para satisfação dos seus interesses, sem tem conta os dos outros nem a causa da paz? O que a França fez, tendo a sua tarefa facilitada pela utilização de um campo experimental próprio, muitos outros podem fazê-lo. Se for essa a senda que o Mundo vai trilhar, é ingenuidade supor que a falta desse campo experimental evitará que alcancem, ilusoriamente embora, a condição de potências nucleares. Acabarão, por utilizar aqueles que já foram utilizados por outros sem que de aí resultasse qualquer inconveniente ou protesto.

São conhecidos os argumentos a favor e contra a proliferação nuclear. Antes da sua recente experiência, os Franceses, divididos à volta desse ponto fundamental, invocaram uns e outros. O resultado desse debate, em que os factores políticos, morais, religiosos e científicos avultam, em nada influi na orientação dos Governos decididos a executar os seus programas atómicos. A execução destes pode ser apressada pela realização de combinações, emprestando a organizações supranacionais as características indispensáveis para a execução dos seus fins. A ideia de uma dessas combinações, abrangendo a França e a Alemanha, tem sido

aventada com insistência e postos em relevo os seus objectivos.

Quaisquer que sejam os efeitos imediatos da explosão de Reggane, e tudo indica que não vão muito longe, pois o Governo americano apressou-se a declarar que a não considera título suficiente para partilhar com a França os segredos atómicos, cuja transmissão é proibida pela lei Mac Mahon, e o Governo soviético não se manifestou a não ser para dizer que ela em nada influirá para modificar o curso das conversações em curso em Genebra a fim de pôr termo aos «tests» nucleares, as repercussões a distancia serão apreciáveis, contribuindo para pôr em evidência a importância universal do dilema que consiste em escolher entre a limitação dos armamentos nucleares e a proliferação das armas atómicas com todas as suas consequências, fáceis de prever.

Para a França, as vantagens e inconvenientes da situação criada pela explosão atómica de Reggane contrabalançam-se. Entre os últimos deve averbar-se a importância da reacção suscitada nos países africanos, de ter em conta, na altura em que a consolidação da Comunidade constitui um imperativo de acção da V Republica. Quanto aos aliados da França a atitude negativa do presidente da comissão da Energia Atómica dos Estados Unidos, Anderson, foi, de todos os elementos desfavoráveis, aquele que mais deve ter pesado no espírito dos dirigentes daquele país para fazerem o balanço da operação que levaram a cabo numa hora de perturbação internacional e numa altura em que a inquietação dos povos precisa mais de calmantes que de excitantes.

Em Londres é corrente a versão de que a União Soviética forneceu nos últimos meses aos países da Europa Oriental, incorporados na sua esfera de influência, projecteis de alcance médio. Na Morávia (Checoslováquia) foram instaladas rampas de lançamento desses engenhos, e o mesmo aconteceu em certas áreas da Polónia, embora em relação a estas ultimas não haja os elementos de informação que há em relação à primeira. Embora os Russos mantenham sob sua exclusiva fiscalização as cargas nucleares dos engenhos, a confirmar-se a facto, não deixa de ser significativo.

Informações provenientes de um país satélite da Rússia na Europa, referem-se a desentendimento entre os dirigentes comunistas chineses, especialmente Mao Tse Tung e Chu En Lai, quanto à oportunidade de fazer, dentro de poucos meses, uma experiência idêntica àquela que os Franceses acabam de fazer no Sahara. O primeiro, segundo a mesma fonte de informação, entende que o Governo de Pequim, como o da França, deve conseguir esse objectivo pelos seus próprios meios, abrindo o caminho para entrada no clube atómico sem ter em conta a atitude da União Soviética.

O secretário-geral da O. N. U. ter-se-ia manifestado, durante a sua recente visita ao Egipto, contra a atitude deste país, impedindo, por prazo indeterminado, a passagem de navios israelitas pelo Canal de Suez. Apesar das explicações dadas pelo coronel Nasser, aquele alto funcionário da organização de segurança, insistiu em protestar contra essa medida discriminatória, a qual, no seu entender, constitui uma ameaça para a paz do Mundo.

Durante a recente crise da Argélia, o Governo de Washington exerceu forte pressão junto dos da Tunísia e Marrocos, a fim de impedir que estes explorassem em benefício próprio as dificuldades que criaram à França as iniciativas e atitude dos insurrectos de Argel. Também o primeiro desses governos agiu no sentido de que o movimento de protesto dos países afro-asiáticos, contra a experiência atómica francesa de Reggane não tivesse maior repercussão.

A recente explosão atómica de Reggane foi uma oportunidade que o presidente de Gaulle teve para compensar o antigo ministro das Forças Armadas, Guillaumat, pela sua transferência em seguida à crise de Argel. Segundo se diz nos meios diplomáticos de Washington, Guillaumat caiu em desgraça em virtude de uma declaração do general Massu a de Gaulle feita na ultima conversa que tiveram. O general dos pára-quedistas, segundo essas informações, teria então dito ao presidente da Republica: «Alguns dos seus mais próximos colaboradores conspiram contra si. Um dos conspiradores é Pierre Guillaumat».

FEIRAS INTERNACIONAIS

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem reduções em todas as classes aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas:

Alemanha

Colónia (até 14 de Março de 1960).

Frankfurt no Meno (de 6 a 10 de Março de 1960).

França

Lyon (de 12 a 21 de Março de 1960).

Nice (de 26 de Março a 6 de Abril de 1960).

Pedir esclarecimentos: — na Secção de Informações da estação de Lisboa (Rossio). — nas estações de Caminhos de Ferro habilitadas a vender bilhetes de serviço internacional.

MONTE GORDO
dentro de 5 anos
será a maior
zona turística do Algarve

para a vizinha freguesia de S. Marcos da Serra.

Todos os anos, na época de Inverno, as águas que correm no ribeiro impedem a passagem de veículos, animais e peões, ocasionando frequentemente o isolamento da numerosa população, que obrigatoriamente, para tudo o que lhe é essencial, tem de vir á sede da sua freguesia.

É pois também de absoluta necessidade a construção de uma ponte, cujo custo é relativamente pequeno, devido á sua posição, melhoramento que muitos e incalculáveis benefícios traria.

(«Jornal do Algarve», de Vila Real de Santo António).

A vacinação dos suínos vai electuar-se também

Foi apreciada com interesse a notícia dada no ultimo numero do «Noticias do Cartaxo», sobre a sugestão do local para as feiras e mercados, no sítio da Rabuge, próximo do Campo das Pratas.

Ao abrigo do II Plano de Fomento vai efectuar-se, a partir de Março, na área da Intendência Pecuária de Lamego, a vacinação gratuita dos suínos contra a peste e septicémia hemorrágica.

Desnecessário será encarecer o alcance desta medida. A peste suína é uma doença contagiosa que nos anos de epizootia dizima centenas e centenas de porcos. Nalguns casos, podem ser vitimados quase todos os porcos de uma povoação. Uma vez declarada, esta doença, praticamente, não tem cura, motivo por que a vacinação é medida indispensável a adoptar em regiões onde costume grassar o mal.

Este ano, a Campanha de vacinação começa mais cedo. Durante os meses de Março e de Abril será efectuada em todo o concelho de Moimenta, para o que se deslocará a todas as povoações o veterinário municipal.

Nos referidos meses e nos de Maio e Junho effectuar-se-á também nos concelhos de Armamar, Cernancelhe, Tabuaço, S. João da Pesqueira, Tarouca, Penedono e nos restantes da área da Intendência de Pecuária de Lamego.

**é a nação latina
de maior população**

Baseados no conhecimento das datas da vacinação, deverão os proprietários orientar a aquisição das criações, de forma a poderem beneficiar de tão importante medida profiláctica.

Opportunamente serão fixados os dias e horas da vacinação em cada povoação.
(«Correio Beirão», de Moimenta da Beira)

Os empreendimentos preparatórios da produção de energia nuclear no Brasil estão a progredir rapidamente. Foi há pouco colocada a primeira pedra para uma grande fábrica que está em construção nas vizinhanças da cidade de Poços de Caldas, em Minas Gerais, destinada exclusivamente ao tratamento de cerca de 200 mil toneladas anuais de caldazita (minério zircônico de urânio) para a produção anual de 60 toneladas de Urânato de Sódio tecnicamente puro.

Beatty

Apontamentos de linguística e pitorescos da linguagem

O cliché

O cliché é a frase feita, muitas vezes aliterada, que abunda nos romances do género cor-de-rosa e que seduz em geral, pela facilidade, os escritores principiantes, quando de tal os não desvia um talento seguro (porque esse talento simplifica visivelmente as coisas, ou seja, o estilo próprio).

O^s *clichés* são séries vocabulares que se fixaram e de que se abusa por indolência mental.

Os seus resultados são pobres e pretensiosos. Exemplos: «noite encantadora», «voz maviosa», «lágrima de um coração apaixonado», «o luar espalha-se na toalha argentea das águas», «a majestosa quietude do firmamento», «a voz cristalina dos lábios de purpura e os dentes como pedras preciosas». Inútil continuar. Seria um rosário de mau gosto. Aquilo que o aprendiz da arte de escrever deve a todo o custo evitar, mais ainda que a chance de uma secura sem sugestão.

Madalena

O vocábulo vem do hebreu, através do grego *Magdalena* (da povoação de *Magdala*) e sofreu — na passagem do latim ao português vários fenômenos fonéticos — velorização da oclusiva sonora *g*, que passa a *n*, visto haver uma forma intermédia *Mandanela*, que em seguida origina *Mondanela*, por assimilação regressiva incompleta do *a*, em seguida *Madanela* e finalmente, por metátese, *Madalena*. A palavra, além de nome de baptismo, é topónimo:



chama-se *Madalena* um departamento da Colômbia, atravessado pelo rio do mesmo nome; e também é esse o nome de uma comuna do Norte da França, da zona de Lille.

Dissoluto

Quando se fala em *gente dissoluta* ou *costumes dissolutos*, não se pensa em geral que este adjetivo aqui sinónimo de *imoral*⁴ ou *desbragado*, tem afinal em sentido translativo o mesmo significado da palavra empregada como atributo físico, ou seja, aquilo que se dissolve, que se decompõe. O que se dá com o libertino (o *dissoluto*) é precisamente essa desagregação da inteireza ou integridade moral. *Dissolutus* era já o étimo latino da palavra.

TIRA-TEIMAS

Um «record» em Brasília

A nova capital do Brasil, em desenvolvimento, conta já na sua história, apenas iniciada, um "recorde" automobilista — que é, ao mesmo tempo, um galardão da indústria brasileira de automóveis. Um protótipo do F. N. M.-2.000, licença Alfa Romeo, modelo "JK", contado pela Fábrica Nacional de Motores, antecipa-se à Caravana de Integração Nacional e fez o percurso Rio de Janeiro-Brasília em

Successor, em 1951, de Joliot Curie, como alto comissário para a energia atômica, em França, Francis Perrin inspirou e dirigiu, depois dessa data, todos os trabalhos que visavam aquele fim. Filho do ilustre físico do mesmo apelido, que foi galardoado com o prêmio Nobel, Francis Perrin formou-se em Ciências Físicas (1922) e matemáticas (1928) sendo um aluno laureado. Ingressou, um ano depois, no professorado superior, distinguindo-se pela sua competência e autoridade nas matérias em que se especializou desde muito novo.

Especializou-se nesse muito novo. Em 1946 foi nomeado professor de Física Nuclear do Colégio de França e em 1953 eleito membro da Academia das Ciências de Paris. Como seu pai, Francis Perrin militou sempre em formações políticas da esquerda o que o não impediu de prestar à França relevantes serviços no domínio em que alcançou justamente notoriedade internacional. Quando da subida do general de Gaulle ao Poder tomou parte numa manifestação pública organizada para protestar contra ela. Francis Perrin não estava presente à experiência atômica de Reggane, apesar de ter contribuído, mais do que ninguém, para o seu êxito.

Palavras cruzadas

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3917

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
0									
1									

HORIZONTALAIS: 1 — Lareira. Patusco. 2 — Fazes parte de. Dó. 3 — Pronome pessoal. Cabelo branco. 4 — Antes de Cristo. Quartzo translúcido (pl.). 5 — Imperfeitas. Nome duma flor. 6 — Grau de aproveitamento dum aluno. 7 — Livro de Eça de Queirós. Abreviatura de Santíssimo Sacramento. 8 — Amagnar. Pronome pessoal. 9 — Batráquio. Certo. 10 — Peça de armadura. Doutor. 11 — Eventualidade. Deus.

VERTICAIS: 1 — Conduzem para lá. Mulher que esteve no Calvário. 2 — Artigo definido. Revolver a terra com enxada. 3 — Partir. Aqui. 4 — Satélite da Terra. Manchas. 5 — Estrépite de desmoroamento. Comentário. Parco. 6 — Chamar a si. Artéria. 7 — Contração de dois pronomes. Algarismb. 8 — Tombasse. Preposição. 9 — Poente. Sova.

Solução do problema n.º 3916

HORIZONTAIS: 1 — Nápoles. 2 — Al. Sol. Lá. 3 — Tom. Remar. 4 — Atam. Ousa. 5 — Eram. 6 — És. Som. Dá. 7 — Serão. 8 — Pala. LIV. 9 — Arava. Rim. 10 — Tu. Eis. Dá. 11 — Amassem.

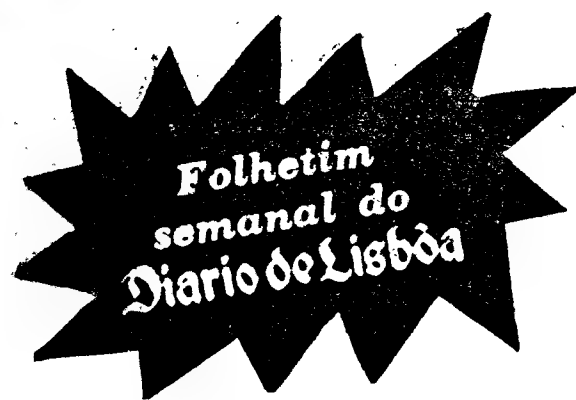
VERTICAIS: 1 — Satã. Empata.
2 — Lotes. Arum. 3 — Mar. Ela.
4 — As. Mas. Aves. 5 — Por. Mós.
Ais. 6 — Oleo. Mel. Se. 7 — Mui.
Rir. 8 — Elas. David. 9 — Sararáo.
Mãe.

rd»

Brasília

16 horas, parando apenas para reabastecimento. O tempo, que pode ser considerado um «record», extra-oficial para os 1.300 quilômetros que separam o Rio de Janeiro da futura capital, serviu para demonstrar as qualidades do veículo que a Fábrica Nacional de Motores começará a produzir em Abril próximo, com 65 % de nacionalização. A média horária da viagem foi de 81 quilômetros.

HIPOTECAS
Sobre propriedades ou automóveis Em todo o País. Rapidez e seguro.
A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito
S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Tel. 24446
OSBOA



O crime do falso médico

por MIRIAM S. ALLEN

VI
CAPITULO

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES: — Um médico foi assassinado numa clínica de Lake Mead. Kay, a telefonista, ficara a trabalhar até mais tarde, a fim de confirmar as marcações de consulta para o dia seguinte. De manhã, foi a primeira a entrar na clínica e deu com o cadáver do dr. Andrews. Já quando a polícia ia a entrar, encontrou uma pistola na sua gaveta. Kay telefonou a um amigo de sua família, companheiro de escola de um dos médicos da clínica. A sua chegada a Lake Mead, o dr. Gaskell diz-lhe que julga ter descoberto quem é o assassino.

O ASSASSINO ATACA NOVAMENTE

Enquanto o dr. Gaskell abria a porta-moedas para pagar ao motorista, Kay disse:

— Vou a frente para preparar a tia Mary. Aconteceram tantas coisas hoje que me esqueci de lhe falar na sua vinda.

Felizmente a luz do vestíbulo estava aberta, o que lhe permitiu encontrar logo a chave, na sua bolsa. Era uma noite de breu, sem luar.

A tia tinha poisado o auscultador do telefone, quando Kay entrou a desfazer-se em desculpas. Já estava, de facto, a assustar-se com o seu atraso. Desconstruiu-se, mas logo ficou em grande excitação ao saber que o dr. Gaskell devia estar a chegar.

— Vou fazer café e ver o que há no frigorífico.

Saiu rapidamente para a cozinha. Kay despiu o casaco, pendurou-o, desceu as escadas que conduzem ao lavatório, passou uma escova pelo cabelo e pôs «batons» nos lábios. O dr. Gaskell ainda não entrara. A porta continuava meia aberta, deixando entrar uma aragem fria. Não teria dinheiro trocado para pagar ao motorista? Que teria acontecido? Um arripio gelado percorreu-a. Tinham sucedido tantas coisas tão estranhas ultimamente. Foi ao vestíbulo. O que viu fez-lhe saltar um grito dilacerado. Dois enormes vultos negros projectavam-se contra a parede do outro lado. Um deles estava caído de barriga para baixo, sem movimento. O outro, com um braço levantado, ia bater com alguma coisa no que estava por terra. Kay tornou a gritar e correu para eles. O braço parou no ar e lançou fora a arma. O homem pôs-se em fuga, atravessando o pátio a correr e desaparecendo na rua.

Kay curvou-se sobre o dr. Gaskell, que jazia inerte, quase irreconhecível, o sangue a correr abundantemente de um ferimento na cabeça. Ele continuou inconsciente quando os vizinhos o levaram para casa e o estenderam na cama do quarto do primeiro andar. Não voltou a si, nem quando Randall lhe falou. O médico que o observou, disse:

— Estado de choque... mante-nham-no agasalhado e em repouso durante a noite. Deve voltar a si pela manhã.

Deu-lhe uma injeção.

— Passarei por aqui logo de manhã. Mas chamem-me de noite se se mostrar agitado ou se julgarem que eu sou necessário.

Quando o médico saiu, Randall confidenciou a sua opinião a Kay.

— Alguém que pretendia roubar-lhe a carteira.

Kay não estava de acordo.

— Não. Está ligado ao assassino do dr. Andrews. Com a recordação da voz forte do dr. Gaskell a ecoar nos seus ouvidos, Kay falou-lhe na confusão das marcações de consultas.

— Eu não estava a procurar esconder-lhe isto. Com tudo o que aconteceu pareceu-me sem importância.

Falou-lhe, depois, na pistola escondida na sua secretária.

— E o dr. Gaskell disse-me no «táxi», que julgava saber quem matou Andrews e pôs a pistola na minha secretária. É claro que foi a mesma pessoa quem o tentou matar.

Quando ela acabou, Randall disse.

— Pode ser que assim seja. Talvez eu tivesse visto melhor as coisas se me houvesse contado todos esses pormenores.

A sua voz parecia gelo a passar por uma máquina de moer.

Pegou no telefone e ligou para o hospital. O dr. Pickard ainda está de quarto? E Helen Novan — têm-se seguido todos os seus movimentos?

Desligou e voltou-se para Kay.

— Continua a referir-se ao assas-

tante do dr. Gaskell como sendo um homem. Porque não uma mulher com um fato de homem? Gaskell é um homem forte, mas não esperava ser atacado. Uma mulher poderia tê-lo dominado. A dr. Field poderia tê-lo feito, ou Craig ou Boyd.

Lançou um olhar agudo a Kay.

— Você poderia ter esperado que o «táxi» partisse. Depois saiu e... Os olhos de Kay denunciavam o seu temor.

— Não pode acreditar nisso. Não havia possibilidade de fazer compreender nada a este homem. Tinha um coração de pedra.

— Eu gosto do dr. Gaskell, eu... Inesperadamente, Randall bateu-lhe amigavelmente com a mão. Sorria.

— Não, não acredito.

Pôs o chapéu, abotoou o sobretudo.

— Voltarei mais tarde. Não o deixe só. Alguém deseja muito pô-lo fora do seu caminho.

Kay fechou a porta à chave, depois da partida do polícia. Uma hora antes, tinha deixado sua tia, dando-lhe comprimidos para dormir. Desceu a escada e lançou uma vista de olhos ao seu quarto. Estava a dormir. Mudou de sacos de água quente que estavam na cama do dr. Gaskell, ajeitou-lhe a almofada, tomou-lhe o pulso.

Pegou em algumas revistas e sentou-se junto à porta do seu quarto, sob a luz de um candeeiro. A cidade estava silenciosa. Apenas se ouvia o estalar da madeira e o vento. Os ramos de uma árvore batiam numa janela. Um arripio percorreu Kay. Sentia-se pouco segura. Eram os seus nervos que a começavam a

atraíloar. Deveria fechar a janela que estava apenas entreaberta. Não, era necessário ar fresco.

Virou as páginas de uma revista, olhando para as gravuras. Julgou ver um reflexo de luz no vestíbulo. Tinha que parar de imaginar coisas, disse para si própria. Mas vira alguma coisa. Havia uma luz que bruxeleava no vestíbulo. Era como que uma dança de chamas. Agora, sentia cheiro a fumo. Correu ao vestíbulo e depois à cozinha. O fogo era junto da janela. Do lado de fora. Correu lá fora e ligou a mangueira do jardim. Tudo isto era estranho. Madeira e papel nunca haviam sido deixados empilhados junto da casa.

Percebeu subitamente o significado de tudo isto. Afastara-se do tio Dave, como alguém desejava que acontecesse. Largou a mangueira que se virou para ela como se fosse um ser vivo, encharcando-a com água gelada. Entrou na cozinha,



passou, rápida mas silenciosamente, ao vestíbulo e ao quarto de dormir.

O assassino estava aqui. Comprimia uma almofada contra o rosto do médico. Ela gritou e atravessou o quarto, rápida, como uma pedra lançada de uma funda. Agarrou a almofada com ambas as mãos, ao mesmo tempo que mordida um pulso do criminoso. Foi lançada ao chão violentamente. Tentou levantar-se, mas levou um pontapé. Tanto ela como o assassino respiravam pesadamente. Só o tio Dave permanecia sem movimentos, inconsciente. Con-

seguiu levantar-se e atirou-se novamente sobre a almofada. Uma voz soltava gritos medonhos. Socorro! Era a sua voz. Uma mão tapou-lhe a boca e ela sentiu-se desmaiar. Mas, um segundo antes de perder a consciência, soube finalmente a identidade de quem cometera um erro na manhã em que o cadáver do dr. Andrews foi encontrado no seu gabinete.

Voltou a si, sentindo um cheiro forte e penetrante. Tentou abrir os olhos, marejados de lágrimas. Parecia que a luz incidia sobre ela vinda de todos os lados. Estava sob intenso cheiro de amónia. A tia Mary pusera um frasco de amónia debaixo do seu nariz.

Kay dizia palavras, mas nada que fizesse sentido. Demorou um bom bocado antes que Kay se conseguisse pôr de pé. Foi junto à cama do dr. Gaskell, procurando ouvir a sua respiração. Era mais vagarosa. Procurou o seu pulso e o alívio estampou-se na sua cara. Estava vivo.

— O agente da polícia está aqui outra vez, dis essa tia. Andava a rondar aqui à volta. Alguma coisa me fez acordar. Quando descia as escadas devo ter feito aqui algum barulho. Um homem saltou pela janela e fugiu a correr. O polícia estava, então, junto à porta das traceiras a apagar o fogo e ainda o tentou atingir com um pau.

Ela juntou as mãos.

— Que aconteceu aqui? Sabes o que foi?

Randall entrou, com andar pesado.

— Cheguei demasiado tarde. Não lhe consegui deltar a mão. Sabe quem era?

Kay voltou a tentar falar. Randall segurou-a com os braços.

— Viu quem era?

Kay acenou com a cabeça e Randall agarrou-lhe nas mãos.

— Se não viu...

— Procure o dr. Boyd, disse em voz lenta e quase cíclica. Estava com uma mascarilha, mas tem os meus dentes marcados num pulso.

Excitado, Randall exclamou:

— Mas como pode ter a certeza de que era Boyd se não lhe viu a cara?

— Na manhã em que o dr. Andrews foi encontrado morto, o dr. Boyd entrou a porta e disse: «Ele está doente?». Onde estava, não podia ver qualquer parte do corpo do médico. Tenho a certeza, porque não vi nada quando entrei. Randall franziu as sobrancelhas.

— Mas eu fiz uma observação...

— Sim, mas não reparou em que ele fez a pergunta antes de ver as solas dos sapatos de Andrews.

— Se é ele o criminoso não irá á

clínica amanhã, tendo as marcas dos seus dentes a denunciá-lo.

Randall já ia a sair.

— Vou mandar um agente para ficar consigo. Feche tudo — incluindo as janelas — até que o agente chegue.

Randall apanhou Boyd, quando este se preparava para partir no seu automóvel. Tinha as marcas no pulso, mas manteve-se calado até que o dr. Gaskell voltou, um dia mais tarde, a recuperar a consciência.

O dr. Gaskell ficara admirado com a farta cabeleira prateada de Boyd, referida por Kay na sua carta ao descrever os médicos. Apenas admirado — não preocupado. Tinha demasiado que fazer para poder perder muito tempo a pensar no assunto. James P. Boyd, o estudante, tinha uma cabeleira rala. Mas foi quando falou com Boyd pelo telefone que decidiu partir imediatamente para Lake Mead.

A interpretação que dera ao seu «marrão» fora errada. «Marrão» era a alcunha que os colegas davam a Boyd há muitos anos, quando ambos andavam na escola. Não tinha nada que ver com o facto de James P. Boyd ser seu psiquiatra ou da psiquiatria ser um ramo da medicina que exige grande estudo. Era uma brincadeira que o impostor não percebeu.

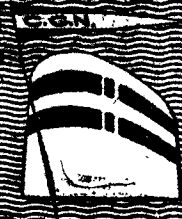
O homem, cujo nome verdadeiro era William Merrick, admitiu, por fim, ter assassinado o verdadeiro dr. Boyd. Ele e Andrews tinham promovido as falsas marcações de consulta, num esforço para afastar Kay. O dr. Andrews utilizara algumas das suas amiguinhas para fazer as marcações. Kay era demasiado amiga do dr. Gaskell para se sentir em paz. Que aconteceria se o médico viesse fazer uma visita a Lake Mead? Que aconteceria se Kay dissesse demasiado nas suas cartas e lhe levantasse suspeitas acerca do seu antigo companheiro de escola. Andrews desejava tanto como William Merrick que isso não acontecesse. Andrews exigia dinheiro pela sua cumplicidade, e cada vez mais dinheiro. Foi por esta razão que discutiram e que Merrick lhe deu um tiro com a pistola do dr. Pickard. Escondeu a arma na gaveta da secretária de Kay, numa desesperada tentativa para a afastar da clínica.

O dr. Pickard restabeleceu-se, mas nunca readquiriu a confiança que possui quanto à sua capacidade de apreciar a competência e o carácter dos médicos. Helen Wolan continuou a viver junto dele, merecendo a simpatia de toda a cidade pelo seu espírito de sacrifício.

A dr. Field, a médica mal humorada? Saiu de Lake Mead para todo o sempre.

O dr. Craig perdoou a Kay a sua falta de confiança nele. Agora, andam cada vez mais juntos e não deve tardar que casem.

FIM



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«PATRIA» 24 de Fevereiro	Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala (se necessário).
«AMBOIM» 15 de Março	Com escala por Leixões, para: S. Vicente de Cabo Verde e Praia (se necessário), Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa até 13 de Março.
«IMPÉRIO» 21 de Março	Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala (se necessário). Carrega em Lisboa até 18 de Março.
«UÍGE» 22 de Março	Com escala prévia para Leixões, para: Luanda, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa de 13 a 16 de Março.
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» 14 de Março (às 12 horas)	Com escala por Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 14 de Março (às 18 horas)	Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades (Miami).

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—Telefs. 30131/8—PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9—Telef. 23342

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: RUA DO CARMO, 982.
Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — às 18 h.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — às 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — às 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — às 14 h.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — às 14 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — às 16 horas.
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhores e operações — às 15 h.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — às 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — às 10 horas.
Dr. Luís Malheiro — Pele e sífilis — às terças, quintas e sábados, das 14 às 16 e 30 horas.
Prof. dr. Alen Saldanha — Raios X — às 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — às 16 h.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias

HIPOTECAS

QUALQUER MARCA
QUALQUER SÉRIE
QUALQUER IMPORTANCIA
QUALQUER TEMPO

Sobre automóveis

RUICAR

RUA SANTA MARTA, 27-G. 1.
Telefone: 53884



A CHUVA

Sono reparador

A voz do alto-falante

CHOVE e não devia chover. obrigado a usar esse inestético tras-
Antigamente a chuva era te a que o vulgo, na sua ignorância
uma necessidade premente crassa, costumava chamar guarda-
e hoje em dia a chuva já -chuva sabendo muito bem que ele
não é precisa para nada.

Há 50 anos gostava a gente de
ver chover porque a água nas ruas
obrigava as raparigas a levantar
as saias, mas elas hoje já nem saias
têm para levantar. Há 50 anos qua-
se que só se tinha água em casa
quando chovia, mas hoje, com água
canalizada por toda a parte, para
que é preciso a chuva?

Não há ninguém que seja capaz
de me convencer da utilidade da
chuva em cima do cavalo do senhor
D. José, que nem sequer é capaz de
tirar o cavalo da chuva.

Há pouco ainda a chuva servia
para ajudar o motorista de praça
a ganhar a vida, porque quem não
se queria molhar chamava um ta-
xi, mas agora que temos o metro-
politano — onde, diga-se de passa-
gem, também chove quando chove
e até quando já não chove — para
que diabo há-de estar a chover na
Avenida onde há a chuva da Cama-
ra Municipal, simetricamente dis-
tribuída em repuxos que tanto re-
gam as relvas como os transeun-
tes?

Dizia-se dantes que a Humanida-
de era tão exigente que desejava
ter Sol na eira e chuva no nabal,
mas chegámos a um tempo em que
nem a eira precisa de Sol, nem o
nabal precisa de chuva, porque as
farinhas vêm lá de fora já moidas
e peneiradas e os nabos pode a ge-
nte passar sem eles.

Para que chove, pois?

Para produzir inundações? E
inundações para quê? Para arru-
sar os campos, destruir as pontes e
os caminhos, inutilizar as cultu-
ras que se tinham feito sem chu-
vas, bloquear os automóveis nas es-
tradas, desorganizando a estatística
dos desastres de viação? Perante
este desenrolar de malefícios causa-
dos pelas águas ainda haverá quem
esteja a pedir chuva?

E não me venham dizer que a
chuva é necessária para nos matar
a sede, porque toda a gente sabe
que ninguém bebe água da chuva.

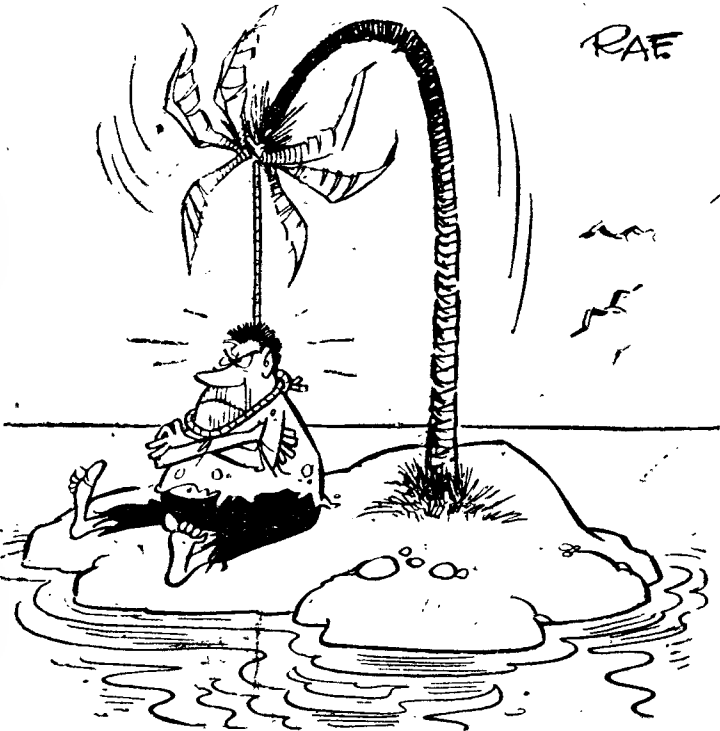
A sede mata-se com água dos
contadores perfumada a fénico, ou
com água dos garrafas a tanto o
litro e não consta que se tenha vi-
sto alguém de língua de fora a ma-
tá-la com a água que cai do céu.

Se não chovesse não haveria es-
ses antipáticos charcos das ruas e
dos quintais e ninguém se veria

ACTUALIDADES

Aquele casal de reformados fazia
verdadeiros equilíbrios para viver e
tudo aquilo sem rede!...

O suicida e a palmeira



VAIDOSA E PARVA

Ele era casado com uma mu-
lher muito vaidosa que sempre
queria mais e melhor.

Para comprar um par de sa-
patos exigia sempre os mais ca-
res e o marido já não sabia on-
de havia de ir buscar dinheiro
para satisfazer as exigências da
cara-metade.

Um dia foram comprar um
casaco de peles. Vestiu-o, gos-
tou e perguntou o preço que já
não era nada barato: 10 contos.

— Não, disse ela, a esposa de
um professor não pode usar um
casaco de dez contos, quero me-
lhor, mais caro...

Então o marido piscou o olho
ao caixeiro que era um esperta-
lhão e já conhecia as manhas da
senhora.

— Perdão, fez ele, arrancando
a etiqueta e fingindo decifrar
melhor a marca do preço, eu
agora ia-me enganando, está
aqui uma letra que me parecia
1 e é um 4. São 40 contos.

A senhora afagou o pelo do
belo casaco de dez contos e, já
mais bem disposta, perguntou
para o marido:

— Achas que me fica bem?

O marido concordou, que sim,
que lhe ficava muito bem e que,
embora caríssimo, estava dis-
posto a pagá-lo.

E pagou-o na caixa com 10
belas notas de conto, enquanto
o caixeiro, malicioso e astuto lhe
segredava a ocultas da cara-
metade:

— O Mundo vive de ilusões...

Não há nada mais agradável nem
mais útil do que dormir um sono
reparador. Mas isso nem sempre é
possível. Depende de muita coisa:
do estado dos nervos, da alimenta-
ção, da comodidade da cama, do
sossego da rua, dos meninos do la-
do e da telefonia do vizinho espe-
cialmente em dia de bola.

De modo que, sono reparador,
verdadeiramente reparador e sem
interrupções, só na mansão dos
mortos... que não tenham filhos pe-
quenos nem a paixão da bola.

Em campo cinzento

A invasão dos negros no cine-
ma, no Rádio, no «dancing» e na
Televisão toma proporções assus-
tadoras. Não se trata de discrimi-
nação de raças, nem de cores.
O perigo está na discriminação
dos brancos. E' que depois já não
há lugar para nós, porque são
eles que fazem a discriminação.
Assim também não. Vamos a ver
se se arranja um campo neutro
onde calbamos todos — um cam-
po cinzento, por exemplo.

Cavalheirismo de vizinho



— Bom dia, menina Zizi!

OS CARECAS

As pessoas que têm cabelo não servem de nada. São entes sem
nenhuma utilidade, a não ser para os outros entes vivos que ali te-
nham o seu «habitat».

Nunca ninguém se lembrou de dizer: — Olha, lá está Fulano ao
lado daquele sujeito de cabelo, mas todos nós dizemos no cinema:
— Vês o marido da Zizi, na segunda fila, ao lado daquele careca?

A perna traçada

Toda a menina elegante
Que presume de moderna
E tem o ar provocante
Duma «vamp» aliciante
Ao sentar-se traça a perna.

E' que ao tomar o assento
Ela já vai preparada
P'ra não perder um momento
E já leva em movimento
Uma perna levantada.

E assim que tomam assento
Estas meninas modernas
Que as pernas põem ao vento
Só têm um pensamento
Que é não deixar ver as pernas.

Mas então se elas se escusam
A ter as saias erguidas
E se essas vistas recusam
Porque diabo não usam
Umas saias mais compridas...

A. F.

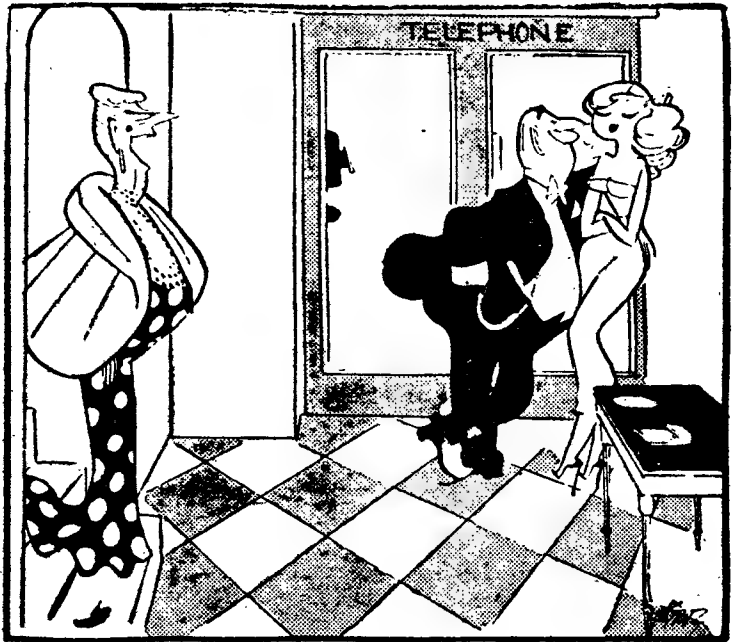
HOLLYWOOD

Recentemente formou-se em Hollywood um clube feminino
que já conta grande numero de associadas.

Condições de admissão: Haver-se divorciado quatro vezes e
estar casada, pela quinta vez, claro está.

Insignia: cinco anéis entrelaçados á maneira olímpica.

Razão de demissão sem apelo nem agravo: o quinto divórcio
e o sexto casamento!



— Senhor Martin, esperam-no na sala.

Boa educação

Era uma pessoa encantadora,
incapaz de uma atitude deseleg-
ante. Nunca na sua vida tinha
proferido uma palavra menos
correcta. A sua esmerada educa-
ção tudo vencida e não havia na-
da que o irritasse, ninguém con-
seguia provocar-lhe uma palavra
mais azeda e toda a gente se
admirava da finura do seu trato.

Um dia, para pôr á prova a sua
boa educação, organizou-se uma
verdadeira conspiração e quando
ele ia a sair de casa, os vizinhos
do andar superior despejaram-
lhe em cima um balde de água
fria e suja e ele só exclamou:

— Que delícia! Foi garrafa de
champanhe que rebentou!

O vizinho irritado com tama-
nha insensibilidade gritou-lhe:

— Qual champanhe; é água
suja.

— Pois é, fez ele, é o seu cham-
panhe, cada um dá o que tem.

Perguntar por perguntar

Um rio pode seguir o seu curso
sem abandonar o leito?

Qual é mais fácil de cortar: a
corrente de água ou a corrente de
ar?

Porque é que dão condecorações
aos bravos e ainda não deram ne-
nhuma ao mar quando não há bo-
nança.

Um sujeito de Braga pode ser
desbragado?

O «Borda de Água» pode anun-
ciar Sol na serra?

Um diabético amoroso pode usar
palavras doces?

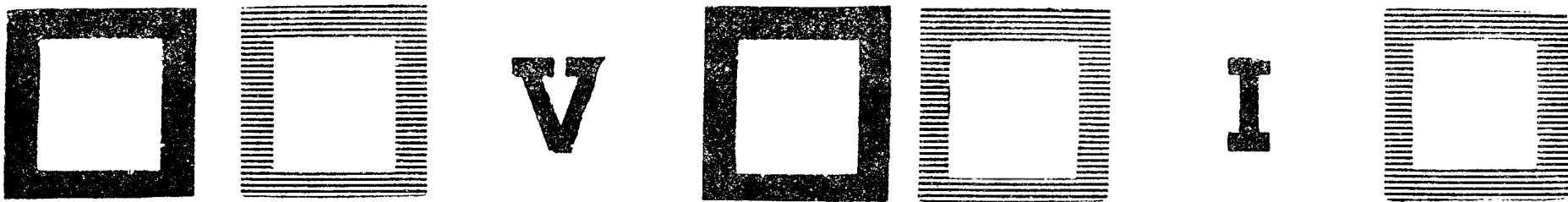
Estes sujeitos que têm duas caras
como é que se arranjam para tirar
o bilhete de identidade?

Como é que se governa, no In-
verno, um cheque sem cobertura?

Uma pessoa que se põe a reflec-
tir passa a ser espelho?

Semana inglesa

Tudo tem aumentado de tal
forma que a umas horas do sá-
bado já chamam semana ingle-
sa...



UM CONTO DE

por AFONSO JORGE (20 anos), Amigo n.º 1786

por MARIA HELENA
DA CUNHA (15 anos)

Amigo n.º 1008

que contemplava embevecido, uma grande bola vermelha!...

Difícil de lhe atribuir uma idade certa. Os olhos tristes e cansados diziam uma infinidade de coisas, de sonhos destituídos, de esperanças frustradas. No entanto o menino sorria. Era um sorriso candido e amargo que lhe escancarava a boca, talvez porque não estivesse habituado a sorrir.

Dentro da loja, uma senhora loira, elegantíssima, comprava os brinquedos que o filho, o Joãozinho, lhe indicava timidamente. O Joãozinho parecia aborrecido, e distraidamente puxava e repuxava o caracol rebelde que lhe tombava para a testa.

— Joãozinho, olhe que se despenca. Que há-de dizer a titi?

— Joãozinho, com o dedo no nariz! Que coisa tão feia!

O Joãozinho corou, ia jurar que fez beicinho; veio até à porta e viu o menino de olhos tristes que continuava a sorrir para aquela bola vermelha que brilhava tanto como uma estrela.

— Gostas da bola? — perguntou o Joãozinho.

O menino acenou que sim com a cabeça e ficou-se a fitar o Joãozinho.

— Então espera aí, que eu vou pedir à mamã que te compre.

Entreanto, lá dentro, a senhora loira e elegante deu por falta do Joãozinho. Correu para a porta ansiosa e viu-o a falar com aquele menino sujo e maltrapilha.

— Joãozinho! Parece impossível, a falar com um rapaz da rua. Quantas vezes lhe tenho dito para não se dar com crianças mal educadas? Se não fosse véspera de Natal davalhe um puxão de orelhas! — e levou o Joãozinho a reboque.

Os olhos do menino maltrapilha ficaram ainda mais tristes, meteu as mãos nos bolsos e lá seguiu rua acima, cabeça encolhida entre os ombros, porque a noite estava na verdade muito fria.

As cinco meninas
Passam de tarde, às cinco,
Tão meninas como as outras.

Grupinho arruihador
De crianças solteirinhas.

Todos os dias, as cinco meninas
Vêm, distribuindo sorrisos
Convencionais.
Pálidas, pequeninas
e iguais.

Dê-lhes a sorte furtiva
Uma morte original e colectiva.
Venha o vento,
Sobre,
E apague-as num momento.

Pelo que lhes quero,
Não lhes concebo
Isto,
Por mal.

Delas só fique,
A ternura do passatempo.

Não há melhor estímulo...

O Amigo n.º 1639—Maria Eduarda dos Reis Colares escreve numa carta que teve a amabilidade de nos dirigir:

«Não há melhor estímulo, em qualquer trabalho e principalmente literário, do que uma crítica sincera».

Registamos esta opinião com profundo prazer. Mas queríamos acrescentar uma pequena lembrança: não há melhor estímulo para o «Ju-

(Continua na pág. seguinte)

PROBLEMA POLICIAL

por JOSÉ EDUARDO RONCON

O caso era deveras curioso. Tudo começou quando o meu convidado, a quem chamarei X para ficar incógnito, resolveu tomar banho de imersão, coisa que nunca tinha feito, pois no país dele não era hábito tomar banhos da forma acima dita.

Mister X dirigiu-se à casa de banho e fechou-se por dentro, coisa muito natural.

Mas o tempo corria, e Mister X não havia meio de sair de lá.

Eu nem tinha reparado nesse pormenor, mas eis que surge a criada aos gritos:

— Senhor, senhor, venha depressa, deve ter acontecido grande desgraça. Mister X está há duas horas no quarto de banho e não há meio de sair.

— O quê?!

— É o que lhe digo, senhor.

Corri até à casa de banho. Na verdade, aos meus chamados ninguém respondeu. Mandei a criada chamar um enfermeiro, e, esperando o pior, meti ombros à porta.

Quando a fechadura deu de si, fiquei boquiaberto. Não estava ninguém no quarto, e muito menos alguém afogado a quem o enfermeiro aplicasse respiração artificial.

O caso era impressionante. A porta e a janela estavam fechadas por dentro, e a água até acima.

Uma pergunta passou a martelar-me a inteligência:

— Onde estará ou para onde terá ido Mister X?

E quando o enfermeiro chegou, mandei-o chamar a Polícia.

Quando esta apareceu, ficou o mesmo problema.

— Que será feito de Mister X?

(Continua na última página)

GIGANTES DE PORTUGAL



Referindo-se a este extraordinário artista, diz o «Larousse de la Musique»:

«Pianista e compositor português, nascido em São Tomé, em 1868, morto em Lisboa, em 1918. Aluno de Xaver e Philipp Scharwenka, em Berlim, foi também aluno de Liszt e de Bulow. Excelente professor, chegou a director do Conservatório de Lisboa, de 1919 a 1938. Autor de uma Sinfonia, de um Quator e de peças para o seu instrumento, editou as obras de piano de Liszt, do qual publicou além disso, uma biografia».

Podemos acrescentar que era um espírito cultíssimo, modesto e um grande carácter. Com justiça se considera o maior pianista português.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 26 de Fevereiro, acompanhadas do nome completo, morada, data de nascimento e número de ficheiro, caso já o possuam. Não serão consideradas as que não trouxerem, junto, a menção dos três artigos que nós apreciamos neste número.

Além dos habituais prémios, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o grande pianista e compositor que aqui homenageamos.

AS CINCO MENINAS

por AFONSO JORGE (20 anos), Amigo n.º 1786

Natal

por MARIA HELENA
DA CUNHA (15 anos)

Amigo n.º 1008

que contemplava embevecido, uma grande bola vermelha!...

Diffícil de lhe atribuir uma idade certa. Os olhos tristes e cansados diziam uma infinidade de coisas, de sonhos destruídos, de esperanças frustradas. No entanto o menino sorria. Era um sorriso candido e amargo que lhe escancarava a boca, talvez porque não estivesse habituado a sorrir.

Dentro da loja, uma senhora loira, elegantíssima, comprava os brinquedos que o filho, o Joãozinho, lhe indicava tímidamente. O Joãozinho parecia aborrecido, e distraidamente puxava a repuxava o caracol rebelde que lhe tombava para a testa.

— Joãozinho, olhe que se despen-teia. Que há-de dizer a titi?

— Joãozinho, com o dedo no nariz! Que coisa tão feia!

O Joãozinho corou, ia jurar que fez beicinho; veio até á porta e viu o menino de olhos tristes que continuava a sorrir para aquela bola vermelha que brilhava tanto como uma estrela.

— Gostas da bola? — perguntou o Joãozinho.

O menino acenou que sim com a cabeça e ficou-se a fitar o Joãozinho.

— Então espera aí, que eu vou pedir á mamã que ta compre.

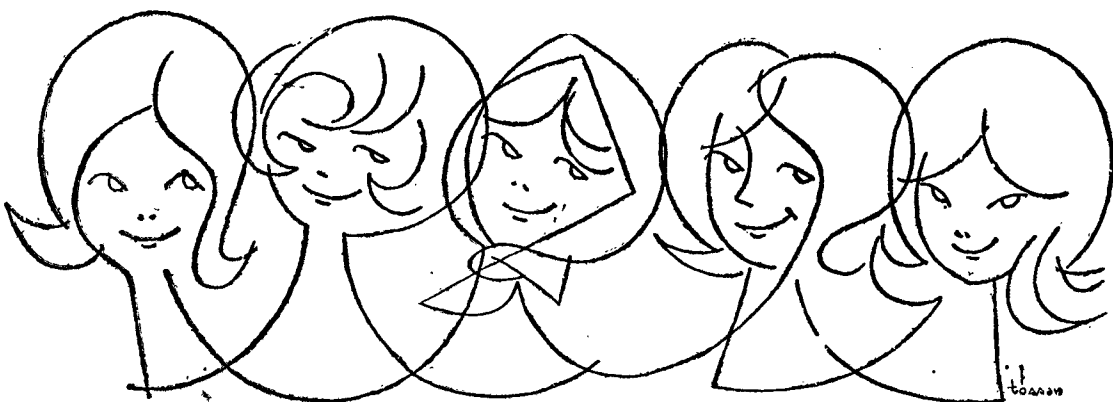
Entreanto, lá dentro, a senhora loira e elegante deu por falta do Joãozinho. Correu para a porta ansiosa e viu-o a falar com aquele menino sujo e maltrapilha.

— Joãozinho! Parece impossível, a falar com um rapaz da rua. Quantas vezes lhe tenho dito para não se dar com crianças mal educadas? Se não fosse véspera de Natal davalhe um puxão de orelhas! — e levou o Joãozinho a reboque.

Os olhos do menino maltrapilha ficaram ainda mais tristes, meteu as mãos nos bolsos e lá seguiu rua acima, cabeça encolhida entre os ombros, porque a noite estava na verdade muito fria.

Era véspera de Natal, e fazia precisamente mil novecentos e cinquenta e nove anos que em Belém, de Judá, nascera uma esperança. E de lá para cá, embora sofrendo rapinas e massares todos os anos a Humanidade renova a esperança numa vida, em que as palavras Paz e Fraternidade tenham significado.

Subia eu o Chiado absorva nestes pensamentos, quando notei, entre a multidão um menino maltrapilha



As cinco meninas
Passam de tarde, às cinco,
Tão meninas como as outras.

Grupinho arrulhador
De crianças solteirinhas.

Todos os dias, as cinco meninas
Vêm, distribuindo sorrisos
Convencionais.
Pálidas, pequeninas
e iguais.

Dê-lhes a sorte furtiva
Uma morte original e colectiva.
Venha o vento,
Sobre,
E apague-as num momento.

Pelo que lhes quero,
Não lhes concebo
Isto,
Por mal.

Delas só fique,
A ternura do passatempo.

A CONVERSA DA SEMANA

(I)

Não há melhor estímulo...

O Amigo n.º 1639—Maria Eduarda dos Reis Colares escreve numa carta que teve a amabilidade de nos dirigir:

«Não há melhor estímulo, em qualquer trabalho e principalmente literário, do que uma crítica sincera».

Registamos esta opinião com profundo prazer. Mas gostaríamos acrescentar uma pequena lembrança: não há melhor estímulo para o «Ju-

(Continua na pág. seguinte)

GIGANTES DE PORTUGAL

Referindo-se a este extraordinário artista, diz o «Larousse de la Musique»:

«Pianista e compositor português, nascido em São Tomé, em 1868, morto em Lisboa, em 1948. Aluno de Xaver e Philipp Scharwenka, em Berlim, foi também aluno de Liszt e de Bulow. Excelente professor, chegou a director do Conservatório de Lisboa, de 1919 a 1938. Autor de uma Sinfonia, de um Quator e de peças para o seu instrumento, editou as obras de piano de Liszt, do qual publicou, além disso, uma biografia».

Podemos acrescentar que era um espírito cultíssimo, modesto e um grande carácter. Com justiça se considera o maior pianista português.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 26 de Fevereiro, acompanhadas do nome completo, morada, data de nascimento e numero de ficheiro, caso já o possuam. Não serão consideradas as que não trouxerem, junto, a menção dos três artigos que mais apreciaram neste numero.

Além dos habituais prémios, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o grande pianista e compositor que aqui homenageamos.

O caso era deveras curioso. Tudo começou quando o meu convidado, a quem chamarei X para ficar incógnito, resolveu tomar banho de imersão, coisa que nunca tinha feito, pois no país dele não era hábito tomar banhos da forma acima dita.

Mister X dirigiu-se á casa de banho e fechou-se por dentro, coisa muito natural.

Mas o tempo corria, e Mister X não havia meio de sair de lá.

Eu nem tinha reparado nesse pormenor, mas eis que surge a criada aos gritos:

— Senhor, senhor, venha depressa, deve ter acontecido grande desgraça. Mister X está há duas horas no quarto de banho e não há meio de sair.

— O quê?!

— É o que lhe digo, senhor.

Corri até á casa de banho. Na verdade, aos meus chamados ninguém respondia. Mandei a criada chamar um enfermeiro, e, esperando o pior, meti ombros á porta.

Quando a fechadura deu de si, fiquei boquiaberto. Não estava ninguém no quarto, e muito menos alguém afogado a quem o enfermeiro aplicasse respiração artificial.

O caso era impressionante. A porta e a janela estavam fechadas por tentes murros na porta, acompanhada cheia de água até acima.

Uma pergunta passou a martelar-me a inteligência:

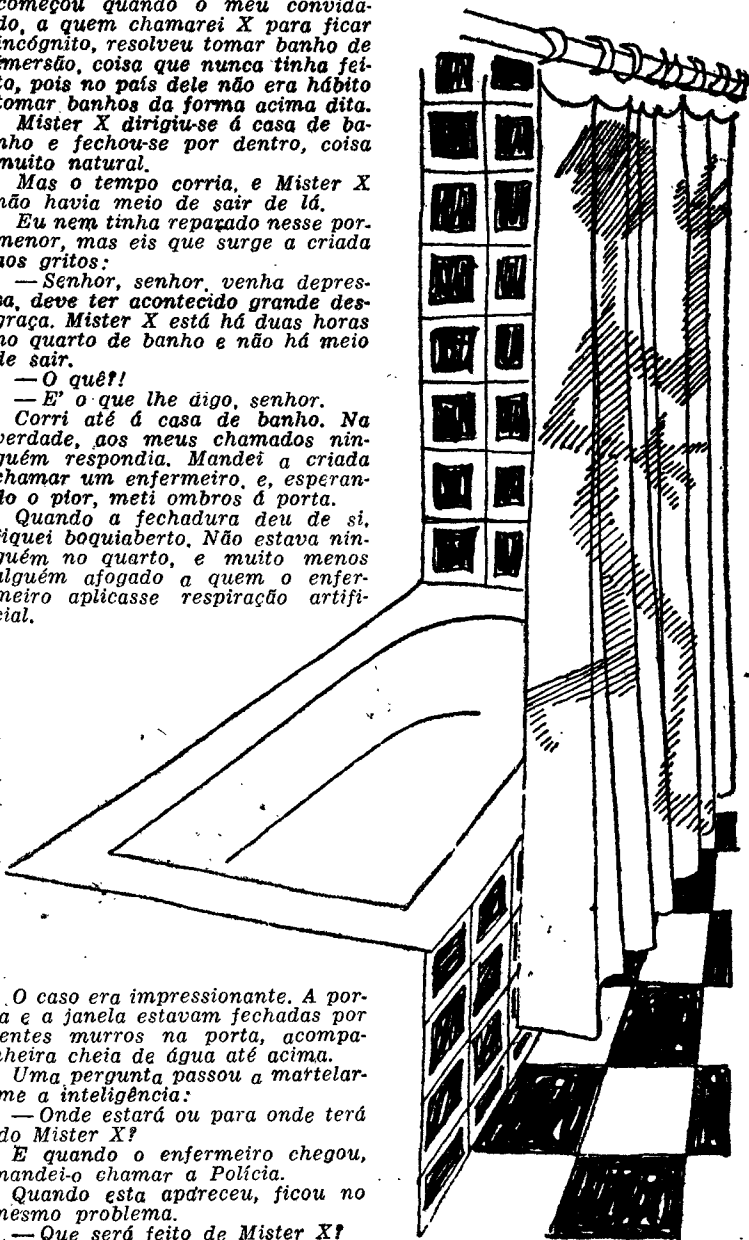
— Onde estará ou para onde terá ido Mister X?

E quando o enfermeiro chegou, mandei-o chamar a Polícia.

Quando esta apareceu, ficou no mesmo problema.

— Que será feito de Mister X?

(Continua na ultima página)



OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA



Verão. Lançarote e os poucos companheiros que lhe restavam ao fim da caminhada — a maioria recolhida-se, no trajeto, às suas aldeias — nem davam pela agura da encosta. Todos ansiavam por chegar ao topo da colina e daí gozar o panorama que assinalaria o fim da

quietação a trespassar-lhes o corpo num arripio de gelo.

— Os cavaleiros do rei estiveram cá? — tornou Lançarote. Porque não falais? Podeis estar certos de que, se nos traíram, serão justicados.

Os lábios da velha começaram a mover-se, tentando perfurar a barreira do medo ou o que era que os imobilizava. E tudo, em volta, no mesmo silêncio. Nem vivalma, na aldeia.

— Não respondeis? — perguntou o cavaleiro, com um tremor na voz e avançando um passo.

O queixo da velhinha tremeu.

— Esperou... — tartamudeou, por fim — Esperou... demais...

— Quem? Diz-me quem, santinha, diz-me quem! Não vês que não poderemos esperar mais?

feliz meu senhor! Haverá maior felicidade que esta de amar o melhor dos cavaleiros, bom sem fraqueza, corajoso sem violência, leal sem interesses ocultos e sempre pronto a seguir o nosso povo? Obrigado, meu amigo! Não quererei outra expressão, na minha cara senão o sorriso que trouxestes à minha existência. Adeus, meu amigo! Quando tiverdes uma hora de tristeza, olhai a rossa roda. Estarei lá. Nunca vos deixarei.

do. Parecia não reconhecer ninguém. Estava mortalmente pálido. A testa luzia com minúsculas gotas de suor. Sempre com o mesmo ar alheado dirigiu-se para o cavalo e só junto da montada pareceu tomar consciência de si: afagou o animal, deu-lhe umas palmadas no pescoço, pôs um pé no estribo e, de um salto, sentou-se no selim. Premindo levemente as esporas de encontro aos flancos do cavalo partiu a desfilada, seguido dos companheiros.

Assim prosseguiram sem uma palavra, quilómetros e quilómetros,

ça que lhe enchia a alma. Estendeu um braço para tocar a sua doce companheira. Que era, porém, aquele frio de gelo?

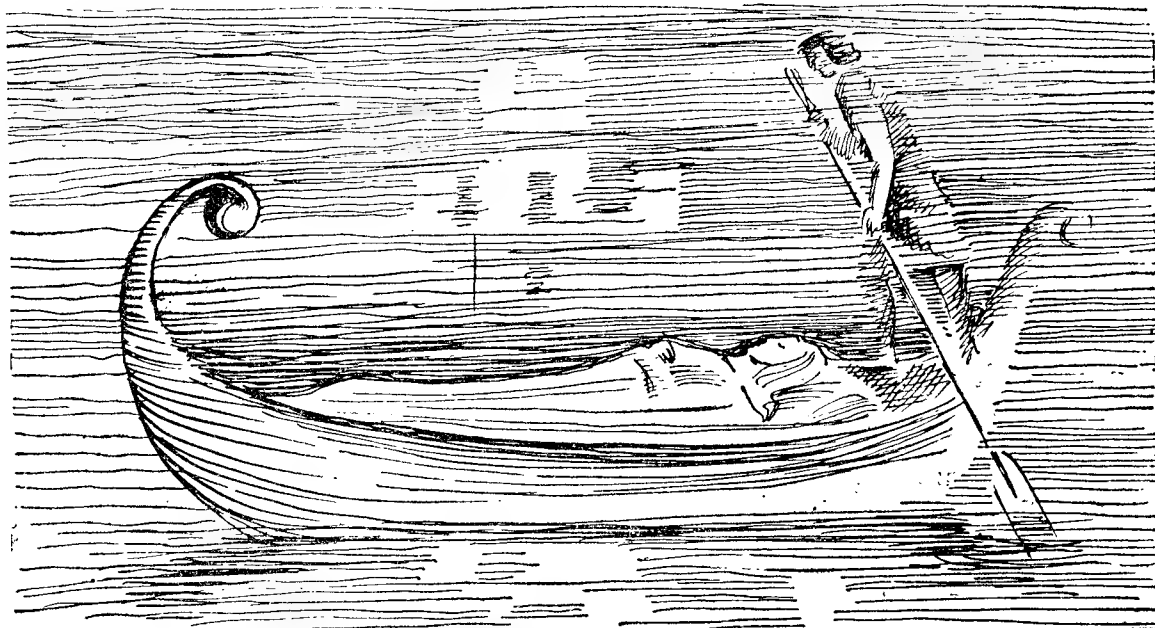
— Tapem-na — pediu baixinho — Arrefeece.

Olhou os camponeses.

— Assim ao frio pode morrer. Tapem-na. Deixem-na dormir.

Todos o observavam com medo. Teria enlouquecido? Uma jovem acceou-se dele, pousou-lhe a mão no ombro e murmurou:

— Senhor, meu senhor... A vossa amiga morreu.



jornada. E aí estava ele! Os homens pararam um momento e nessa altura sentiram um aperto no coração. Que queriam dizer as bandeiras de luto, murchas de tristeza, nuns mastros erguidos no meio do largo zóculo da aldeia? Teriam os Cavaleiros da Távola Redonda feito alguma razão pela região? Os homens entreolharam-se em silêncio. Assim ficaram uns momentos à espera do primeiro que tivesse a coragem de dizer alguma coisa. Mas nem um sinal. Só Lançarote esporeou o cavalo, que partiu a desfilada e então todos lhe seguiram o exemplo, sem trocar qualquer palavra.

Pouco demorou a atingir o largo da aldeia, pesadamente deserto. Talvez porque ouvisse o tropear do cavalo, um casal de velhos assomou à porta duma cabana. Vendo Lançarote, estacaram com um ar dramático. O cavaleiro saudou-os, mas os velhos ficaram-se grudados ao chão. Nem o menor gesto. Pareciam hipnotizados.

Lançarote desmontou e avançou lentamente para eles.

— Os cavaleiros do rei estiveram cá? — disse.

Silêncio. A roda de Lançarote juntavam-se os que o tinham acompanhado até ali. Mas também nenhum dizia uma palavra. Fitavam os velhos, suspensos, sentindo a in-

— Foi ela — exclamou o velho, repentinamente. — Esperou por vós. Esperou até ao fim da vida. Levaram-na, a sorrir pelo rio.

— Quem? — gritou Lançarote. — Dizei o seu nome!

Os velhos tinham os olhos sepultados em lágrimas.

— A menina — murmurou um deles.

— Helena? Helena morreu? Quem a matou? Dizei quem foi, que o farei arrefecer nas minhas mãos.

O velho tomou um ar severo. Franziu o sobrolho. Abanou que não com a cabeça e ao mesmo tempo disse com voz arrastada:

— Foste vós, senhor, que a deixaste só. Ela esperou de mais. Depois, não teve forças e morreu nos braços de minha filha Ana. Morreu a dizer: «Esperar-vos-ei, esperar-vos-ei, toda a vida». E esperou até que se lhe fecharam os olhos. Levou um sorriso que devia ser para vós. Nunca se cansou de vos querer. No último dia, escreveu estas letras, aqui:

O velho levou a mão à bolsa do gibão, donde sacou um pergaminho que estendeu ao cavaleiro. Lançarote desenrolou-o, a correr e leu:

«Meu amigo, perdoai-me se não consegui ter forças para vencer a morte. Esperei e lutei quanto pôde. Ah! mas fui

Terminada a leitura, Lançarote deixou cair o braço em que segurava o pergaminho e ficou-se absorto, a fitar um ponto invisível, no solo. Em sua volta, o silêncio. Todos como se estivessem recolhidos à beira duma sepultura.

— Para onde a levaram? — murmurou Lançarote, sempre cabibaixo.

— Pelo rio — disse o velho. Pela corrente do rio, num barco. E o povo foi atrás. Só nós ficamos para vos avisar, se alguma vez chegásseis. — Há quanto tempo partiram?

Lançarote dobrou o manuscrito e guardou-o. Hesitou uns momentos.

— Ainda os apanhamos — disse uma voz, atrás.

— Pois iremos... pois iremos — murmurou Lançarote como se falasse apenas para si.

— E nós iremos convosco, senhor. — Acompanhar-vos-emos, como sempre o temos feito.

Lançarote fitou-os com ar alhe-

cada vez mais rápidos, não repousando um segundo sequer. Nem mesmo a noite os impediu de avançar. Era madrugada, quando, ao longe, ouviram uns cantos. Mais rápidos cavalgaram. Pouco depois avistaram, entre as névoas da manhã, uma barca, seguida de muitas outras pequeninas. Lançarote inclinou-se para o pescoço do cavalo, fustigou o animal que, generosamente, despediu num trote diabólico.

Os dos bateis viram-no e foram lentamente encostando à margem. Quando a barca acostou todos se descobriram: em cima duma eca, coberta com os melhores panos que os pobres aldeões possuíam, ia Helena de Astolote. O sorriso que prometera a Lançarote lá estava, suave como um sonho e indestrutível como o amor. Lançarote fitou-a obcecadamente. Esperava vê-la mecher-se de um momento para o outro. Falar. Inconscientemente o cavaleiro começou a murmurar toda a esperan-

Lançarote sorriu-lhe. Ainda não compreendia.

— Morreu... — repetiu, sem dar por isso. Mas de subito teve consciência da palavra. Abriu muito os olhos; com a mão afagou, ao de leve, a doce amiga; ergueu-se, sem dela despregar a vista:

— Está morta, está — disse. — Morreste porque há a face da terra a mais negra seita que entre homens nasceu: a cavalaria. Nem tu escapaste ao fogo da sua espada.

Rápido pôs o pé numa pedra e, segurando a espada pelas extremidades, partiu-a ao meio de encontro à coxa, como se fosse uma simples acha de madeira.

— A minha não voltará a servir, juro-te, ó imortal amiga.

Agarrou nos dois cotos de ferro e jogou-as às águas. Em seguida desceu para a barca e ordenou que prosseguissem viagem até ao castelo de Astolote.

Soluções do Concurso do Juvenil

Gigantes de Portugal: — EÇA DE QUEIROZ.

Qual é a coisa, qual é ela? — A OVELHA.

1. — Amigo 1502 — Carlos Teixeira Ribeiro (Porto).
2. — Amigo 1857 — Augusto José Franco de Oliveira (Lisboa).
3. — Amigo 1859 — Ilka Maria de Matos (Lx.).
4. — Amigo 1828 — Laurinda Canavilhas (Amadora).
5. — Amigo 1673 — Belmiro Leão (Porto). 6 — Amigo 1855 — Jaime J. Oliveira Santos (Porto).
7. — Amigo 1829 — Fernando Ribeiro Fernandes (Lisboa).
8. — Amigo 1824 — Luis Filipe Ribeiro Gonçalves (Lisboa).

Prémio para o melhor trabalho sobre Eça de Queiroz:

11. — Amigo 939 — Ana Maria Canhão (Lisboa).
11. — «NO RASTO DE ANA FRANK», por Ernest Schnabel, de LIVROS DO BRASIL, Ld., «UM BEIJO NO LEPROSO», colecç. Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, Ld.,

Prémio para o trabalho mais votado:

12. — Amigo 1739 — Machado da Luz (Um ar de Paris).
12. — «MOLEQUE RICARDO», por Lins do Rego, de Livros do Brasil, Ld.,

Prémio para o melhor trabalho:

13. — Amigo 267 — Vitor Ricardo Jorge (Lisboa) (O que pensam os jovens do nosso País).
13. — «O BEIJO NO LEPROSO» e «HORIZONTE PERDIDO», ambos da colecç. Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, Ld.,

NOTA: Os prémios devem ser levantados na Av. de Roma, 78-2.º-esq., cinco dias após esta publicação e antes de um mês. Após este prazo, perderão direito aos prémios, salvo se a demora depender do Juvenil. Os livros para a Província, seguirão pelo correio. Pedimos aos Amigos premiados até o número 142, o favor de levantar os prémios o mais depressa possível.

(Continuação da pág. anterior)

venil» do que a crítica sincera, desasombrosa, sem timidez dos nossos jovens colaboradores e leitores. Os amigos do Porto estabeleceram como princípio, nas suas reuniões, fazer sempre uma crítica do «Juvenil» da semana anterior. Eis o caminho que todos devem seguir — e é indispensável que o sigam.

Dizem os amigos do Porto:

Maria Manuela da Silva Gonçalves (Amigo n.º 398), membro da Delegação portuense do nosso jornal:

«Em seguida (refere-se a uma reunião) fez-se a apreciação do jornal, estando todos de acordo em que o «Juvenil» n.º 143 está ótimo. Os artigos que consideramos melhores foram: «Amargura» e «Chove lá fora». Acha-mos que o artigo do nosso amigo Ma-

chado da Luz — «Um ar de Paris» — é bom, mas tem muitas palavras francesas, o que deve combater, pensamos nós».

Vitor Manuel Veloso da Silva (Amigo n.º 941):

«O último numero do «Juvenil» vinha formidável. Tanto no aspecto literário como gráfico estava esplêndido. Parabéns, portanto».

O Amigo de Lisboa — José Manuel Gomes Tavares de Moura, afirma, no entanto, a respeito do último numero do nosso jornal (n.º 143), o seguinte:

«Conversa da Semana: Em todo o caso achei este numero do «Juvenil» um tanto fraco. Não terá sido?»

O José Manuel Tavares de Moura deverá dizer-nos, inteiramente à vontade, a sua opinião. Pela crítica positiva, quer dizer correcta, leal, ampla é que os amigos se conhecem. Porque não gostou daquele numero do jornal? O facto de outros gostarem, e de nós próprios também, não invalida que o nosso caro José Manuel possa ter opinião diferente — e mais justa até.

Para terminar: queremos críticas! O jornal é de todos. Os jovens que se habituam à responsabilidade de ponderadamente criticarem o que os rodeia serão, de certeza absoluta, futuros cidadãos conscientes. Critiquem o vosso jornal! Colaborem! Que todos possam de justiça afirmar que o «Juvenil» é obra sua.

Amigo n.º 1033

Ficámos muito satisfeitos por ter regressado às nossas páginas a querida Amiga de Evora — Maria José Lamas

(Continua na página seguinte)



Gravura dos amigos Manuel Alves da Silva (12 anos) e Jorge Severiano Pinto Coutinho (11 anos) da Escola Industrial e Comercial das Caldas da Rainha



Verão. Lançarote e os poucos companheiros que lhe restavam ao fim da caminhada — a maioria recolhida-se, no trajeto, às suas aldeias — nem davam pela agura da encosta. Todos ansiavam por chegar ao topo da colina e daí gozar o panorama que assinalaria o fim da

A MINHA ESPADA NÃO VOLTARÁ A SERVIR

jornada. E aí estava ele! Os homens pararam um momento e nessa altura sentiram um aperto no coração. Que queriam dizer as bandeiras de luto, murchas de tristeza, nuns mastros erguidos no meio do largo zinho da aldeia? Teriam os Cavaleiros da Távola Redonda feito alguma coisa pela região? Os homens entreolharam-se em silêncio. Assim ficaram uns momentos à espera do primeiro que tivesse a coragem de dizer alguma coisa. Mas nem um sinal. Só Lançarote esporeou o cavalo, que partiu a desfilada e então todos lhe seguiram o exemplo, sem trocar qualquer palavra.

Pouco demorou a atingir o largo da aldeia, pesadamente deserto. Talvez porque ouvisse o tropear do cavalo, um casal de velhos assomou à porta duma cabana. Vendo Lançarote, estacaram com um ar dramático. O cavaleiro saudou-os, mas os velhos ficaram-se grudados ao chão. Nem o menor gesto. Pareciam hipnotizados.

Lançarote desmontou e avançou lentamente para eles.

— Os cavaleiros do rei estiveram cá? — disse.

Silêncio. A roda de Lançarote juntavam-se os que o tinham acompanhado até ali. Mas também nenhum dizia uma palavra. Fitavam os velhos, suspensos, sentindo a in-

quietação a trespassar-lhes o corpo num arrepio de gelo.

— Os cavaleiros do rei estiveram cá? — tornou Lançarote. Porque não falais? Podeis estar certos de que, se nos trairam, serão justificados.

Os lábios da velha começaram a mover-se, tentando perfurar a barreira do medo ou o que era que os imobilizava. E tudo, em volta, no mesmo silêncio. Nem viva alma, na aldeia.

— Não respondeis? — perguntou o cavaleiro, com um tremor na voz e avançando um passo.

O queixo da velhinha tremeu.

— Esperou... — tartamudeou, por fim — Esperou... demais...

— Quem? Diz-me quem, santinha, diz-me quem! Não vês que não poderemos esperar mais?

— Foi ela — exclamou o velho, repentinamente. — Esperou por vós. Esperou até ao fim da vida. Levaram-na, a sorrir pelo rio.

— Quem? — gritou Lançarote. — Dizei o seu nome!

Os velhos tinham os olhos sepultados em lágrimas.

— A menina — murmurou um deles.

— Helena? Helena morreu? Quem a matou? Dizei quem foi, que o farei arrefecer nas minhas mãos.

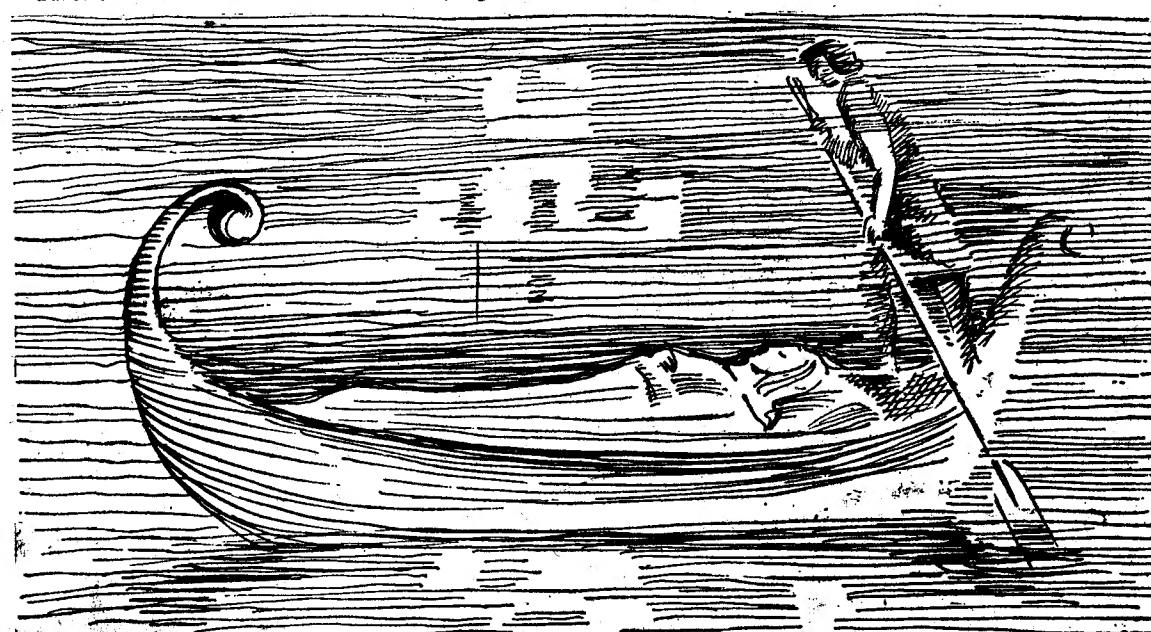
O velho tomou um ar severo. Franziu o sobrolho. Abanou que não com a cabeça e ao mesmo tempo disse com voz arrastada:

— Foste vós, senhor, que a deixaste só. Ela esperou de mais. Depois, não teve forças e morreu nos braços de minha filha Ana. Morreu a dizer: «Esperar-vos-ei, esperar-vos-ei, toda a vida». E esperou até que se lhe fecharam os olhos. Levou um sorriso que devia ser para vós. Nunca se cansou de vos querer. No último dia, escreveu estas letras, aqui:

O velho levou a mão à bolsa do gíbio, donde sacou um pergaminho que estendeu ao cavaleiro. Lançarote desenrolou-o, a correr e leu:

«Meu amigo, perdoai-me se não conseguí ter forças para vencer a morte. Esperei e lutei quanto pôde. Ah! mas fui

feliz meu senhor! Haverá maior felicidade que esta de amar o melhor dos cavaleiros, bom sem fraqueza, corajoso sem violência, leal sem interesses ocultos e sempre pronto a seguir o nosso povo? Obrigada, meu amigo! Não quererei outra expressão, na minha cara senão o sorriso que trouxestes à minha existência. Adeus, meu amigo! Quando tiverdes uma hora de tristeza, olhai a vossa roda. Estarei lá. Nunca vos deixarei.»



Terminada a leitura, Lançarote deixou cair o braço em que segurava o pergaminho e ficou-se absorto, a fitar um ponto invisível, no solo. Em sua volta, o silêncio. Todos como se estivessem recolhidos à beira duma sepultura.

— Para onde a levaram? — murmurou Lançarote, sempre cabibaixo.

— Pelo rio — disse o velho. Pela corrente do rio, num barco. E o povo foi atrás. Só nós ficámos para vos avisar, se alguma vez chegassem.

— Há quanto tempo partiram?

Lançarote dobrou o manuscrito e guardou-o. Hesitou uns momentos.

— Ainda os apanhamos — disse uma voz, atrás.

— Pois iremos... pois iremos — murmurou Lançarote como se falasse apenas para si.

— E nós iremos convosco, senhor. Acompanhar-vos-emos, como sempre o temos feito.

Lançarote fitou-os com ar alhe-

do. Parecia não reconhecer ninguém. Estava mortificamente pálido. A testa luzia com minúsculas gotas de suor. Sempre com o mesmo ar alheado dirigiu-se para o cavalo e só junto da montada pareceu tomar consciência de si: afagou o animal, deu-lhe umas palmadas no pescoço, pôs um pé no estribo e, de um salto, sentou-se no selim. Premindo levemente as esporas de encontro aos flancos do cavalo partiu a desfilada, seguido dos companheiros.

Assim prosseguiram sem uma palavra, quilómetros e quilómetros,

ca que lhe enchia a alma. Estenderam um braço para tocar a sua doce companheira. Que era, porém, aquele frio de gelo?

— Tapem-na — pediu baixinho — Arrefeece.

Olhou os camponeses.

— Assim ao frio pode morrer. Tapem-na. Deixemo-la dormir.

Todos o observavam com medo. Teria enlouquecido? Uma jovem acercou-se dele, pousou-lhe a mão no ombro e murmurou:

— Senhor, meu senhor... A vossa amiga morreu.

Lançarote sorriu-lhe. Ainda não compreendia.

— Morreu... — repetiu, sem dar por isso. Mas de subito teve consciência da palavra. Abriu muito os olhos; com a mão afagou, ao de leve, a doce amiga; ergueu-se, sem dela despregar a vista:

— Está morta, está — disse. — Morreste porque há a face da terra a mais negra seita que entre homens nasceu: a cavalaria. Nem tu escapaste ao fogo da sua espada.

Rápido pôs o pé numa pedra e, segurando a espada pelas extremidades, partiu-a ao meio de encontro à coxa, como se fosse uma simples acha de madeira.

— A minha não voltará a servir, juro-te, ó imortal amiga.

Agarrou nos dois cotos de ferro e jogou-as às águas. Em seguida desceu para a barca e ordenou que prosseguissem viagem até ao castelo de Astolote.

Soluções do Concurso do Juvenil

Gigantes de Portugal: — EÇA DE QUEIROZ.

Qual é a coisa, qual é ela? — A OVELHA.

VENCEDORES

1. — Amigo 1502 — Carlos Teixeira Ribeiro (Porto).
2. — Amigo 1857 — Augusto José Franco de Oliveira (Lisboa).
3. — Amigo 1859 — Ilka Maria de Matos (Lx.).
4. — Amigo 1828 — Laurinda Canavilhas (Amadora).
5. — Amigo 1673 — Belmiro Leão (Porto). 6. — Amigo 1855 — Jaime J. Oliveira Santos (Porto).
7. — Amigo 1829 — Fernando Ribeiro Fernandes (Lisboa).
8. — Amigo 1824 — Luís Filipe Ribeiro Gonçalves (Lisboa).

Prémio para o melhor trabalho sobre Eça de Queiroz:

11. — Amigo 939 — Ana Maria Canhão (Lisboa).
11. — «NO RASTO DE ANA FRANK», por Ernest Schnabel, de LIVROS DO BRASIL, Ld.
11. — «UM BEIJO NO LEPROSO», colecção Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, Ld.

Prémio para o trabalho mais votado:

12. — Amigo 1739 — Machado da Luz (Um ar de Paris).
12. — «MOLEQUE RICARDO», por Lins do Rego, de Livros do Brasil, Ld.

Prémio para o melhor trabalho:

13. — Amigo 267 — Vitor Ricardo Jorge (Lisboa) (O que pensam os jovens do nosso País).
13. — «O BEIJO NO LEPROSO» e «HORIZONTE PERDIDO», ambos da colecção Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, Ld.

NOTA: Os prémios devem ser levantados na Av. de Roma, 78-2.º-esq., cinco dias após esta publicação e antes de um mês. Após este prazo, perderão direito aos prémios, salvo se a demora depender do Juvenil. Os livros para a Província, seguirão pelo correio. Pedimos aos Amigos premiados até o número 142, o favor de levantar os prémios o mais depressa possível.

9. — Amigo 1682 — Frederico Nunes Abel (Lisboa).
10. — Amigo 2. — Maria Manuela da Costa (Lisboa).

PRÉMIOS

- 1 a 3. — «O VELHO E O MAR», da colecção Miniatura de LIVROS DO BRASIL, Ld.
- 4 a 7. — «O BEIJO AO LEPROSO», da colecção Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, Ld.
- 7 a 9. — «OS CARROS DE BARAGAN», da colecção Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, Ld.
10. — «DIÁRIO DE ANA FRANK», de LIVROS DO BRASIL, Ld.

A CONVERSA DA SEMANA

(Continuação da pág. anterior)

venil» do que a crítica sincera, desasombrosa, sem timidez dos nossos jovens colaboradores e leitores. Os amigos do Porto estabeleceram como princípio, nas suas reuniões, fazer sempre uma crítica do «Juvenil» da semana anterior. Eis o caminho que todos devem seguir — e é indispensável que o sigam.

Dizem os amigos do Porto:

Maria Manuela da Silva Gonçalves (Amigo n.º 398), membro da Delegação portuguesa do nosso jornal:

«Em seguida (refere-se a uma reunião) fez-se a apreciação do jornal, estando todos de acordo em que o «Juvenil» n.º 143 está ótimo. Os artigos que consideramos melhores foram: «Amargura» e «Chove lá fora». Achamos que o artigo do nosso amigo Ma-

chado da Luz — «Um ar de Paris» — é bom, mas tem muitas palavras francesas, o que deve combater, pensamos nós».

Vitor Manuel Veloso da Silva (Amigo n.º 941):

«O último numero do «Juvenil» vi-nha formidável. Tanto no aspecto literário como gráfico estava esplêndido. Parabéns, portanto».

O Amigo de Lisboa — José Manuel Gomes Tavares de Moura, afirma, no entanto, a respeito do último numero do nosso jornal (n.º 143), o seguinte:

«Conversa da Semana: Em todo o caso achei este numero do «Juvenil» um tanto fraco. Não terá sido?»

O José Manuel Tavares de Moura deverá dizer-nos, inteiramente à vontade, a sua opinião. Pela crítica positiva, quer dizer correcta, leal, ampla é que os amigos se conhecem. Porque não gostou daquele numero do jornal? O facto de outros gostarem, e de nós próprios também, não invalida que o nosso caro José Manuel possa ter opinião diferente — e mais justa até.

Para terminar: queremos criticar! O jornal é de todos. Os jovens que se habituam à responsabilidade de ponderadamente criticarem o que os rodeia serão, de certeza absoluta, futuros cidadãos conscientes. Critiquem o vosso jornal! Colaborem! Que todos possam de justiça afirmar que o «Juvenil» é obra sua.

2

Amigo n.º 1033

Ficámos muito satisfeitos por ter regressado às nossas páginas a querida Amiga de Evora — Maria José Lamas

[Continua na página seguinte]



Gravura dos amigos Manuel Alves da Silva (12 anos) e Jorge Severiano Pinto Coutinho (11 anos) da Escola Industrial e Comercial das Caldas da Rainha

Em 1941...
Alemães...
Apol...
selha...
Al...
tendo...
por...
ingles...
afu...
estranha...
até hoje...
Era um...
ladas, fre...
navega...
Natal de...
chamava...
Marselha...
de chumb...
farol Plan...
quito se c...
uma lamp...
á ilha... e...
chados, na...
intermitente...
indiferente...
ansiosos; e...
mas, com...
ram que...
ao capitã...
velmente...
Munidos...
nitração...

dores fran...
mas, Hoy...
ram-se pa...
eles os s...
criação su...
camaras d...
as indispe...
Mas, hom...
também se...
azete e v...
depois. A...
le rochedo...
singular a...
guerra co...
tações. O...
nessa altu...
guardas a...
destruí-lo...
marmo se...
ansiedade...
vivels aos...
res. Uma...
sa se apre...
Descem a...
portozinho...
afundados...
sia abrupt...

Contend...
a Vida...
É só e t...
Embora...
Sabê-lo...
A Força...
A Vida...
Ter as...
Sentir...
Então a...

lançou a...
mance p...
Re...
e foi tra...
rudora M...

stendeu
ce com-
aquele

inho —

er. Ta-

medo.
jovem
a mão

A vossa

da não

em dar
e consi-
uito os
ao de
se, sem

isse. —
a terra
re ho-
nem tu
ada.

edra e,
xtremi-
ncontro
simples

servir,

ferro e
da des-
ou que
castelo

Paris» —
as fran-
ensamos

a (Ami-
enil) vi-
cto lite-
plêndido.

Manuel
rma, no
numero
seguinte:

numero
Não terá

Moura
á von-
positiva,
a é que
que não
rnal? O
nós pró-
e o nos-
opinião

líticas! O
que se
e ponde-
s rodeia
uros ci-
o vosso
possam
venil» é

ter re-
querida
é Lamas

inte)

Em 1944, sem razão alguma, os Alemães destruíram o imponente Farol de Planier, ao largo de Marselha. Ali ficou, na ilha solitária, tendo por companhia aquele barco inglês afundado; afundado na mais estranha aventura marítima que até hoje, talvez, foi dado conhecer. Era um barco de cinco mil toneladas, fretado por uma companhia de navegação grega. Na noite de Natal de 1928, o Dalton, assim se chamava ele, deixou o porto de Marselha, com um carregamento de chumbo. Atraído pelas luzes do farol Planier, como qualquer mosquito se deixa atrair pela luz de uma lâmpada, o navio pendeu direito à ilha... e quebrou-se contra os rochedos, na noite cortada pela intermitência do farol, tranquilo e indiferente. Correram os faroleiros, ansiosos, em socorro da tripulação; mas, com geral espanto, verificaram que, desde o humilde grumete ao capitão... todos estavam terrivelmente embriagados.

Munidos de autorização da Administração dos Faróis, os mergulha-

dores franceses Gary, Tailliez, Dumas, Houbreque e Cousteau, dirigiram-se para a ilha, levando com eles os escafandros autônomos — criação sua — arpões em profusão, câmaras de filmar, compressores e as indispensáveis garrafas de ar. Mas, homens práticos, levaram também sacas de batatas, de massa, azeite e vinagre: o conduto viria depois. Ali desembarcaram, naquele rochedo em pleno mar, para um singular campismo. Lá em baixo, a guerra continuava as suas devastações. O farol estava ainda de pé, nessa altura, mas todos os dias, os guarda- a si mesmos perguntavam guardas a si mesmos perguntavam destruí-lo, ou quando qualquer submarino se apossaria dele. Foi com ansiedade que lançaram o «quem vive?» aos pacíficos mergulhadores. Uma vez ali instalados, depressa se apressam a descer ao Dalton. Descem os degraus de pedra do portozinho, direitos aos destroços afundados. A' esquerda, uma falésia abrupta dá a ideia da profun-

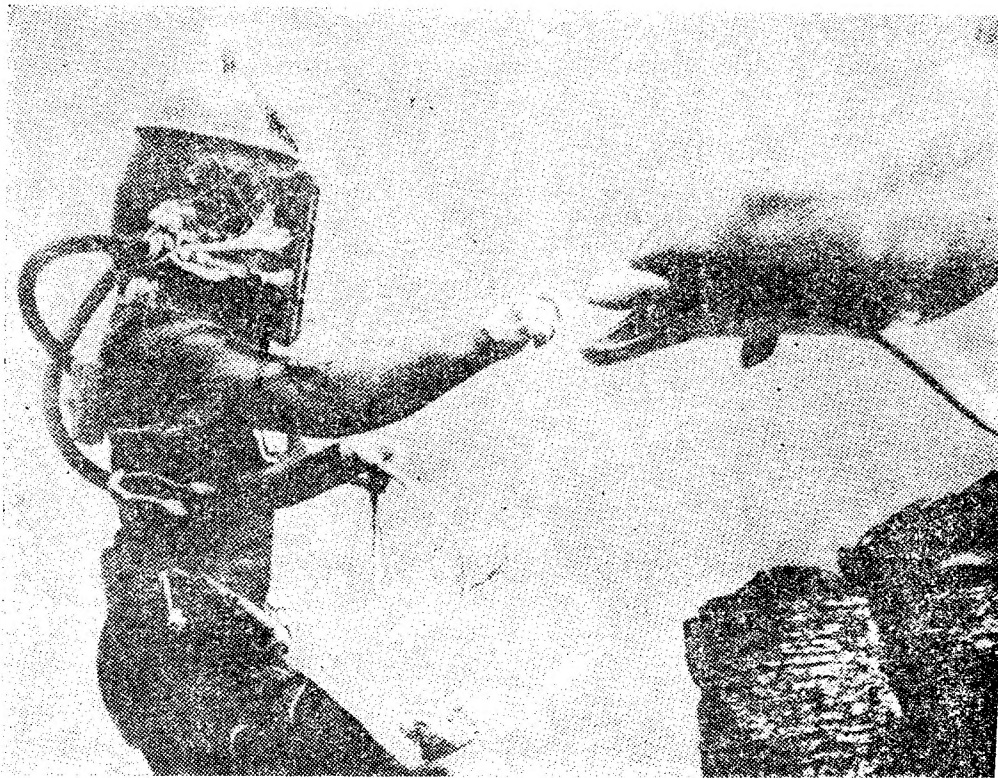
idade. A seus pés, surge um amontoado de chapas retalhadas. Peixes estranhos, de pé sobre as caudas, vigiam a aproximação dos homens, para deslizarem. Depois, por sobre as chapas, para reaparecerem mais além, olhando-os de novo. Aquelas chapas retalhadas são a proa do navio, esmagada contra a rocha. O declive do fundo é, agora, grande. A' popa, uma forma de casco destaca-se do caos, adornada a estibordo; paredes semi-destruídas, uma ponte deslocada, onde se abre a bocarra do porão. Entrando por esta larga escotilha, cai-se num fundo, semi-casa semi-navio; o casco esmagado torna-se um grande tunel. Do outro lado, é a areia — o barco ficou cortado em dois, duas metades separadas. O castelo do centro ergue-se, imponente, para o céu de água; brande, para ele, os para-ventos incompletos, numa prece humida e vã. Inesperadamente, o barco adorna para o lado oposto. Surge a desordem, daquela luz mais fria e azulada. Cardumes de peixes enormes fogem, volteiam,

por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

gulhadores têm de apalpar a água para confirmarem que ela existe. Os rodeia, os agarra por todos os lados. A hélice repousa na areia que dir-se-ia revolta pelos derradeiros movimentos agonizantes.

Mas nem sempre o mergulho é fácil. Por vezes os homens são atacados de embriaguez — a embriaguez das profundidades — uma beatitude e angústia ao mesmo tempo, um mau gosto na boca como se ela estivesse cheia de pedaços de

como a primeira bafetada de um tónico. Se um peixe lhe passa ao alcance, o homem pigra-o aflito para respirar e dispõe-se, acto contínuo, a oferecer-lhe o seu tão res- piratório como presente. E' bem uma magia que diminui o instinto de conservação. Em volta dele, peixes enormes e listrados, passam como fantasmas; algas revoltam, com braços pontudos e sem fim; colónias de mariscos enchem os destroços de agulhas cortantes; a



O MUNDO DO SILÊNCIO

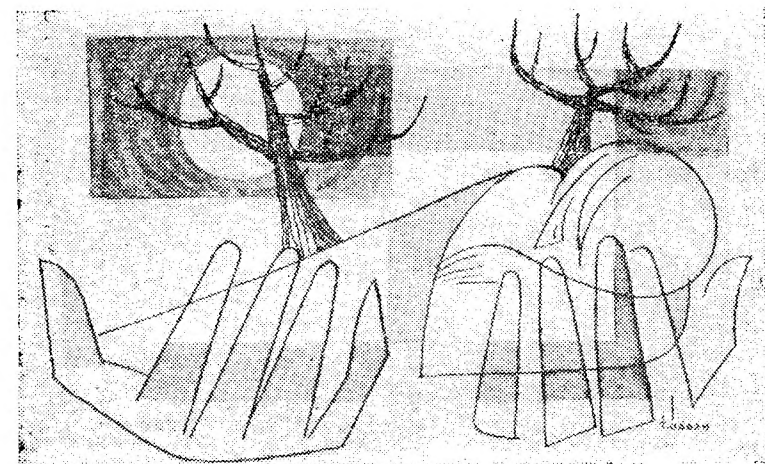
seguidos de perto por outros cardumes menos ariscos que espadanham a água. Mas desconhecendo o homem e o perigo que ele representa, deixam-se apanhar e acabam em suculenta caldeirada. Contudo, os pescadores profissionais, não conseguem apanhar esta fauna gigante. Bem lhes deitam o anzol em frente do nariz, com belas iscas apetitosas. Se, por milagre, o peixe morde, logo se refugia, na sua estreita toca, com um só movimento de cauda; e aí, de barbatanas eriçadas, barbatanas que são fortes espinhas, de opérculos abertos, segura-se bem no buraco. Um instinto lhe segreda que aquele homem que o espreita pelas lunetas de calafate, não quer o seu bem. Os Arabes costumam iludi-los, prendendo, no fim da linha traço-eira, um polvo; e mal o peixe morde, puxam-no rapidamente, de modo a que ele nem possa debandar, no meio do pismo que o sufoca...

Ali, junto do Dalton naufragado,

aderências duras e cortantes. Os movimentos ali, são os movimentos da água, movimentos lentos de peixes domesticados. Em volta do casco carcomido, espalha-se um deserto de areia que se funde num horizonte indeciso. Aquele mundo é tão estranho e irreal, que os mer-

bronze. Os olhos tentam fechar-se; as imagens que surgem de todos os lados são imagens terríveis de pesadelo. Aproxima-se o torpor; e ainda que haja luz lá em baixo, o homem taceia, sob as apalpadelas; julga-se um ser sobrenatural, que segue uma ligeira desafinação,

água azul é agora amarela e revol- ta. Os mastros afundados erguem-se como bastiões de liberdade. Mas o homem, esse, não é livre: foi apanhado pela magia das profundidades, que o envolve como os tentáculos de um polvo agigantado e asfixiante...



Manuel
rma, no
numero
seguinte:

numero
Não terá

Moura
á von-
positiva,
a é que
que não
rnal? O
nós pró-
e o nos-
opinião

líticas! O
que se
e ponde-
s rodeia
uros ci-
o vosso
possam
venil» é

ter re-
querida
é Lamas

inte)

ter re-
querida
é Lamas

inte)

ter re-
querida
é Lamas

inte)

ter re-
querida
é Lamas

inte)

lançou a Portugália um belo romance passado no mar. Chama-se Benito Cereno e foi traduzido pela nossa colaboradora Maria Helena da Costa Dias.

Vai ser mais um volume de grande agrado para a gente moça, como todos os de Herman Nulville e da «Biblioteca das Rapazes».

Embora pertença a esta colecção, as raparigas terão muito interesse

DIARIO BORDO

Amigo 1846 — Maria Paula Neto Miranda (Paredes): Não precisas vir tu, manda alguém com o teu cartão de identidade, que entregaremos o prémio. O que nos pedes é impossível. Sem outras razões que uma questão de princípio.

Amigo 1409 — Alcinda Maria Ribeiro (Lisboa): Vamos fazer o possível por trocar o livro. Mandar-te-emos.

Amigo 1735 — Ana Maria Barradas (Lisboa): E' este o teu numero. Não o esqueças. As tuas observações são inteiramente justas. Vamos tentar interessar os mais pequenos. Mas porque não fazem vocês artigos para eles — contos, etc? Teria muito mais interesse que feitos por nós, não achas?

Amigo 167 — Alda Tanqueiro (Bucelas). Escreve sempre Amiga. As tuas notícias são-nos particularmente agradáveis. As tuas poesias não estão esquecidas.

Vosso amigo TROTE

Amigos entrados nos ultimos numeros:

1794 — Carlos Alberto Baptista da Costa; 1795 — António José Pacheco Miranda; 1796 — Joaquim Lourenço da Silva; 1797 — Augusto Santos Dias (morada?); 1798 — Maria de Fátima Medeiros (Amadora); 1799 — António Morais Nunes (Coimbra); 1800 — Henrique Abreu Cochado; 1801 — José António Cipriano (Paderne); 1802 — Maria Olga Salgueiro Duarte; 1803 — Ana Maria Coelho de Sousa; 1804 — António Cunha de Sá; 1805 — Fernando Correia (Odivelas); 1806 — Maria Azevedo Marujo; 1807 — António Maria de Araújo (Alcobaca); 1808 — José Eduardo Roncon; 1809 — Vítor Hugo G. Dinis; 1810 — Álvaro Dinis Frazão (Carcavelos).

QUAL E' COISA QUAL E' ELA?

Mais uma adivinha de Fernando Pires de Lima, tirada do livro «Qual é a coisa, qual é ela» que a Portugália editou, para distração dos vossos amiguinhos.

«O que é que tem a barriga de vidro e a tripa de arame?».

Haverá coisa mais simples? Mais simples ainda que ganhar um belo livro para a vossa biblioteca juvenil. Vamos, mãos á obra. As respostas devem ficar na nossa redacção, Rua Luz Soriano, 44-48, até ao dia 26 do corrente, acompanhadas do nome do concorrente, morada, idade e bem assim da menção dos três artigos que mais apreciaram neste numero.

Na colecção «DOIS MUNDOS» editados por Livros do Brasil voltou a aparecer o nome da célebre escritora americana Pearl Buck. Chama-se a sua nova obra

Albert Camus, até aqui publicado na Colecção «Miniatura» da mesma Editora, surge agora também na Colecção «DOIS MUNDOS» com

adaptação à peça de teatro do romance imortal de Dostoiwsky.

Ambos os livros são leitura para maiores de 17 anos.

por ANA MARIA BARRADAS (15 anos) — Amigo 1735

Há jovens que passam a vida a queixar-se disto e daquilo; mas o que a maior parte deles precisa é que os outros não se preocupem tanto com as suas pessoas, e que eles próprios se não introspeccionem tanto; precisam de observar á sua volta e ver que, afinal, não são tão mártires como isso, e que é apenas uma mania essa de que são muito infelizes.

Geralmente ela aparece nas férias, quando não é preciso estudar e quando não temos outra coisa que fazer senão olhar para dentro de nós. Então, chegamos a conclusões absolutamente espantosas a respeito da nossa infelicidade extrema, e revoltamo-nos secretamente contra os outros, que não sabem perceber! Depois, passamos a considerar-nos acima deles, dos que nos cercam, simplesmente porque somos infelizes; e cada vez mais se avoluma a ideia, ao ponto de nos comovermos com a própria desventura.

Mas, então, que espécie de férias são estas? Que espécie de jovens somos nós, que não ficamos contentes quando as flores rebentam, quando a chuva cai ou quando o Sol nasce, mas pensamos que as flores, a chuva e o Sol não podem compreender o terrível desgosto de que somos digníssimos portadores?

Não, é preciso lutar contra os sentimentos mórbidos da qualquer maneira, quanto mais não seja tentando pensar o menos possível em nós e reparar na cor da flor que rebenta, no ruído da chuva que cai e no calor do Sol que nasce.

MARAVILHAS DA NATUREZA

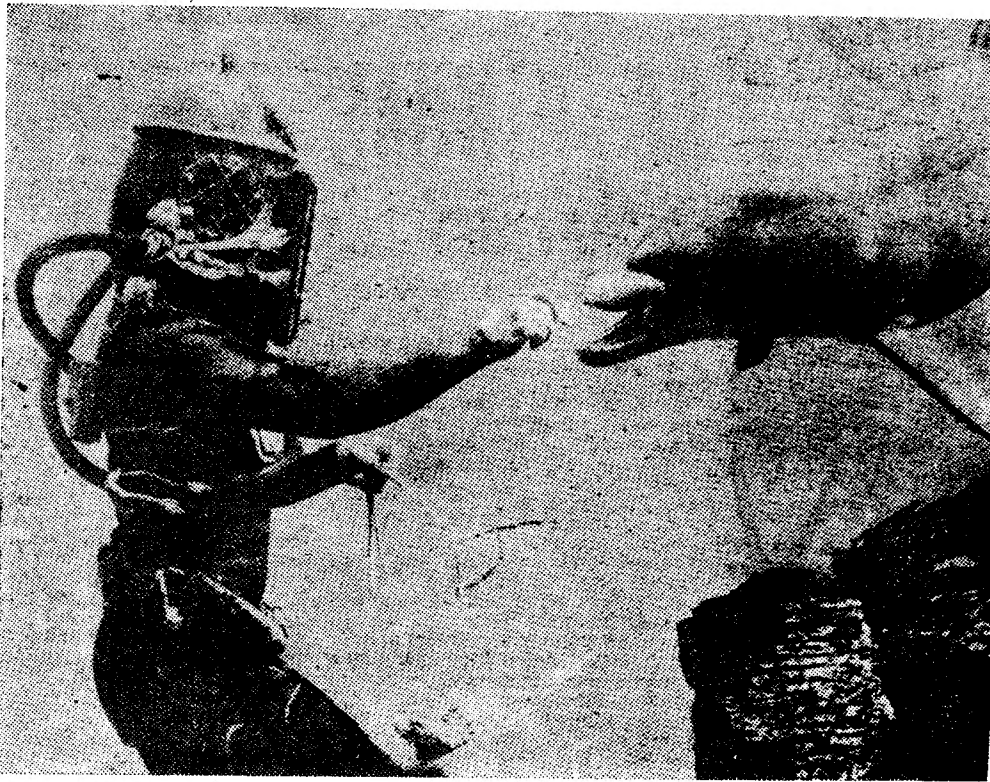
por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

gulhadores têm de apalpar a água para confirmarem que ela existe. Os rodeia, os agarra por todos os lados. A hélice repousa na areia quando se dá a revolta pelos derradeiros movimentos agonizantes.

Mas nem sempre o mergulho é fácil. Por vezes os homens são atacados de embriaguez — a embriaguez das profundidades — uma beatitude e angústia ao mesmo tempo, um mau gosto na boca como se ela estivesse cheia de pedaços de

como a primeira bufação de anestésico. Se um peixe lhe passa ao alcance, o homem julga-o aflito para respirar e dispõe-se, acto contínuo, a oferecer-lhe o seu próprio respiratório como presente. E' bem uma magia que diminui o instinto de conservação. Em volta dele, peixes enormes e listrados, passam como fantasmas; algas revoltam, com braços pontudos e sem fim; colónias de mariscos enchem os destroços de agulhas cortantes; a

estes gigantes tornam-se presa fácil, na luta corpo-a-corpo, no meio de um silêncio profundo e de uma luz azul. Montes de vasa erguem-se dos destroços, naquela água clara como cristal, naquela luz fascinante, em que os objectos não têm sombra. Mastros, ferragens, homens ou peixes parecem feitos de uma luz que jorra de todos os lados. A' aproximação dos homens a popa hiant amplifica-se, escava-se, enredada nas traves. A madeira não está lá, substituída por algas familiares, verdes ou castanhas; a carcaça do navio está coberta de



aderências duras e cortantes. Os movimentos ali, são os movimentos da água, movimentos lentos de peixes domesticados. Em volta do casco carcomido, espalha-se um deserto de areia que se funde num horizonte indeciso. Aquele mundo é tão estranho e irreal, que os mer-

bronze. Os olhos tentam fechar-se; as imagens que surgem de todos os lados são imagens terríveis de pesadelo. Aproxima-se o torpor; e ainda que haja luz lá em baixo, o homem taceia, sobe as apalpadelas; julga-se um ser sobrenatural, que segue uma ligeira desafinação,

água azul é agora amarela e revoltante. Os mastros afundados erguem-se como bastiões de liberdade. Mas o homem, esse, não é livre: foi apanhado pela magia das profundidades, que o envolve como os tentáculos de um polvo agigantado e asfixiante...

DIARIO DE BORDO

Amigo 1846 — Maria Paula Neto Miranda (Paredes): Não precisas vir tu, manda alguém com o teu cartão de identidade, que entregaremos o prémio. O que nos pedes é impossível. Sem outras razões que uma questão de princípio.

Amigo 1409 — Alcinda Maria Ribeiro (Lisboa): Vamos fazer o possível por trocar o livro. Mandar-te-emos.

Amigo 1735 — Ana Maria Barradas (Lisboa): E' este o teu numero. Não o esqueças. As tuas observações são inteiramente justas. Vamos tentar interessar os mais pequenos. Mas porque não fazemos voçes artigos para eles — contos, etc? Teria muito mais interesse que feitos por nós, não achas?

Amigo 167 — Alda Tanqueiro (Bucelas). Escreve sempre Amigo. As tuas notícias são-nos particularmente agradáveis. As tuas poesias não estão esquecidas.

Vosso amigo TROTE

Amigos entrados nos ultimos numeros:

1794 — Carlos Alberto Baptista da Costa; 1795 — António José Pacheco Miranda; 1796 — Joaquim Lourenço da Silva; 1797 — Augusto Santos Dias (morada?); 1798 — Maria de Fátima Medeiros (Amadora); 1799 — António Morais Nunes (Coimbra); 1800 — Henrique Abreu Cochado; 1801 — José António Cipriano (Paderne); 1802 — Maria Olga Salgueiro Duarte; 1803 — Ana Maria Coelho de Sousa; 1804 — António Cunha de Sá; 1805 — Fernando Correia (Odivelas); 1806 — Maria Azevedo Marujo; 1807 — António Maria de Araújo (Alcobaca); 1808 — José Eduardo Roncon; 1809 — Vitor Hugo G. Dinis; 1810 — Alvaro Dinis Frazão (Carcavelos).



Mais uma adivinha de Fernando Pires de Lima, tirada do livro «Qual é a coisa, qual é ela» que a Portugália editou, para distração dos vossos amiguinhos.

«O que é que tem a barriga de vidro e a tripa de arame?».

Haverá coisa mais simples? Mais simples ainda que ganhar um belo livro para a vossa biblioteca juvenil. Vamos, mãos á obra. As respostas devem ficar na nossa redacção, Rua Luz Soriano, 44-48, até ao dia 26 do corrente, acompanhadas do nome do concorrente, morada, idade e bem assim da menção dos três artigos que mais apreciaram neste numero.

Pearl Buck e Albert Camus

Na colecção «DOIS MUNDOS», editados por Livros do Brasil voltou a aparecer o nome da célebre escritora americana Pearl Buck. Chama-se a sua nova obra

Preconceito racial

Albert Camus, até aqui publicado na Colecção «Miniatura» da mesma Editora, surge agora também na Colecção «DOIS MUNDOS» com

«Os possessos»

adaptação á peça de teatro do romance imortal de Dostoevsky.

Ambos os livros são leitura para maiores de 17 anos.

INFELICIDADE

por ANA MARIA BARRADAS (15 anos) — Amigo 1735

Há jovens que passam a vida a queixar-se disto e daquilo; mas o que a maior parte deles precisa é que os outros não se preocupem tanto com as suas pessoas, e que eles próprios se não introspeccionem tanto: precisam de observar a sua volta e ver que, afinal, não são tão mártires como isso, e que é apenas uma mania essa de que são muito infelizes.

Geralmente ela aparece nas férias, quando não é preciso estudar e quando não temos outra coisa que fazer senão olhar para dentro de nós. Então, chegamos a conclusões absolutamente espantosas a respeito da nossa infelicidade extrema, e revoltamos-nos secretamente contra os outros, que não sabem percebê-la! Depois, passamos a considerar-nos acima deles, dos que nos cercam, simplesmente porque somos infelizes: e cada vez mais se avoluma a ideia, ao ponto de nos comovermos com a própria desventura.

Mas, então, que espécie de férias são estas? Que espécie de jovens somos nós, que não ficamos contentes quando as flores rebentam, quando a chuva cai ou quando o Sol nasce, mas pensamos que as flores, a chuva e o Sol não podem compreender o terrível desgosto de que somos digníssimos portadores?

Não, é preciso lutar contra os sentimentos mórbidos da qualquer maneira, quanto mais não seja tentando pensar o menos possível em nós e reparar na cor da flor que rebenta, no ruído da chuva que cai e no calor do Sol que nasce.

Em 1944, sem razão alguma, os Alemães destruíram o imponente farol de Planier, ao largo de Marselha. Ali ficou, na ilha solitária, tendo por companhia aquele barco inglês afundado; afundado na mais estranha aventura marítima que até hoje, talvez, foi dado conhecer. Era um barco de cinco mil toneladas, fretado por uma companhia de navegação grega. Na noite de Natal de 1928, o Dalton, assim se chamava ele, deixou o porto de Marselha, com um carregamento de chumbo. Atraído pelas luzes do farol Planier, como qualquer mosquito se deixa atrair pela luz de uma lampada, o navio picou direito á ilha... e quebrou-se contra os rochedos, na noite cortada pela intermitência do farol, tranquilo e indiferente. Correram os fareiros, ansiosos, em socorro da tripulação; mas, com geral espanto, verificaram que, desde o humilde grumete ao capitão... todos estavam terrivelmente embriagados.

Munidos de autorização da Administração dos Faróis, os mergulha-

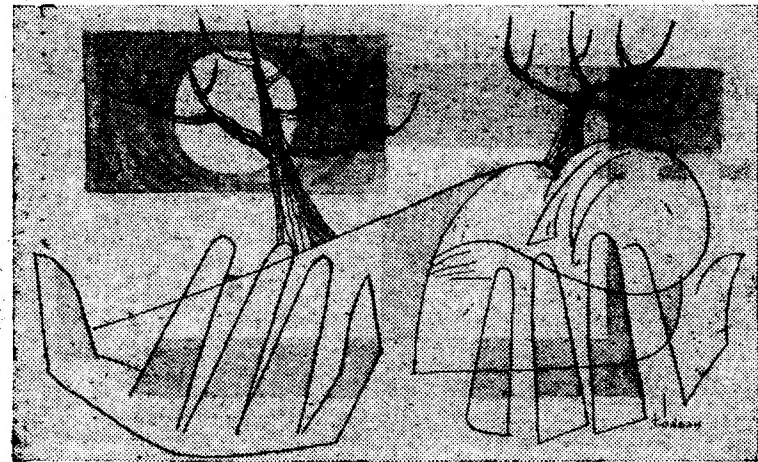
didade. A seus pés, surge um amontoado de chapas retalhadas. Peixes estranhos, de pé sobre as caudas, vigiam a aproximação dos homens, para deslizarem, depois, por sobre as chapas, para reaparecerem mais além, olhando-os de novo. Aquelas chapas retalhadas são a proa do navio, esmagada contra a rocha. O declive do fundo é, agora, grande. A' popa, uma forma de casco destaca-se do caos, adornada a estibordo; paredes semi-destruídas, uma ponte deslocada, onde se abre a bocarra do porão. Entrando por esta larga escotilha, cai-se num fundo, semi-vasa semi-navio; o casco esmagado torna-se um grande tunel. Do outro lado, é a areia — o barco ficou cortado em dois, duas metades separadas. O castelo do centro ergue-se, imponente, para o céu de água; brande, para ele, os parafeitos incompletos, numa prece humida e vã. Inesperadamente, o barco adorna para o lado oposto. Surge a desordem, aquela luz mais fria e azulada. Cardumes de peixes enormes fogem, volteiam,

dores franceses Gary, Tailliez, Dumas, Houbrèque e Cousteau, dirigiram-se para a ilha, levando com eles os escafandros autónomos — criação sua — arpoes em profusão, camaras de filmar, compressores e as indispensáveis garrafas de ar. Mas, homens práticos, levaram também sacas de batatas, de massa, azeite e vinagre: o conduto viria depois. Ali desembarcaram, naquele rochedo em pleno mar, para um singular campismo. Lá em baixo, a guerra continuava as suas devastações. O farol estava ainda de pé, nessa altura, mas todos os dias, os guardas a si mesmos perguntavam guardas a si mesmos perguntavam destruí-lo, ou quando qualquer submarino se apossaria dele. Foi com ansiedade que lançaram o «quem vive!» aos pacíficos mergulhadores. Uma vez ali instalados, depressa se apressam a descer ao Dalton. Descem os degraus de pedra do portozinho, direitos aos destroços afundados. A' esquerda, uma falésia abrupta dá a ideia da profun-

seguidos de perto por outros cardumes menos ariscos que espadanam a água. Mas desconhecendo o homem e o perigo que ele representa, deixam-se apanhar e acabam em suculenta caldeirada.

Contudo, os pescadores profissionais, não conseguem apanhar esta fauna gigante. Bem lhes deitam o anzol em frente do nariz, com belas iscas apetitosas. Se, por milagre, o peixe morde, logo se refugia, na sua estreita toca, com um só movimento de cauda; e aí, de barbatanas eriçadas, barbatanas que são fortes espinhas, de opérculos abertos, segura-se bem no buraco. Um instinto lhe segreda que aquele homem que o espreita pelas lunetas de calafate, não quer o seu bem. Os Arabes costumam iludi-los, prendendo, no fim da linha traçoira, um polvo; e mal o peixe morde, puxam-no rapidamente, de modo a que ele nem possa debandar, no meio do pasmo que o sufoca...

Ali, junto do Dalton naufragado,



A VIDA

por MARIA JOSÉ LAMAS CAEIRO (13 anos)

Contendo nas mãos a existência de um mortal, a Vida é forma que em todos existe. É só e triste.

Embora; há quem consiga sonhar ideais que ela não dá porque é má.

Sabê-lo, porém, não basta.

A Força tem de sentir-se e a Morte de encontrar-se.

A Vida tem de dançar-se: dançar-se louca e desesperadamente. Ter as pernas a fraquejar e tremuras no ventre.

Sentir em nós a abstracção da Alma com algo que não sente. Então a Vida morre e será presente.

(Amigo n.º 1033)

Do autor de Moby Dick

lançou a Portugália um belo romance passado no mar. Chama-se

Benito Cereno

e foi traduzido pela nossa colaboradora Maria Helena da Costa Dias.

Vai ser mais um volume de grande agrado para a gente moça, como todos os de Herman Nulville e da «Biblioteca dos Rapazes».

Embora pertença a esta colecção, as raparigas terão muito interesse

DOMINGO

Fala um jovem pintor ao "Juvenil"

Entrevista por HEITOR FERREIRA DA SILVA (18 anos)



NO PINHAL

por ALCIDIA MARIA RIBEIRO

(18 anos — Amigo n.º 1409)

tenros e mais batido por sua alteza solar pendem para a terra dura e seca.

Eu resolvi não dormir, nem brincar, sim brincar, pois claro, toda a gente tem idade para brincar e para se divertir, e porque é que eu não havia de ter?

E fui dar um passeio pelo pinhal, foi desse passeio que me surgiu a ideia de escrever estas linhas para assim poder chegar até vós o que eu vi e observei.

Num ranchinho onde havia muita gente nova e alguns parzinhos estava uma cigana a ler a sina. A cigana falava baixo e depressa, com uma voz monótona e indefinida, era uma grande lengalenga que cabia a cada paciente que estendia a mão e uma moeda, sim porque sem ser por dinheiro ninguém faz nada hoje em dia.

A leitura da sina era coroada por estridentes gargalhadas dos circunstantes. Quando já não havia mais mãos com linhas para serem decifradas, a cigana foi-se embora depois de amistosas despedidas, e o grupo lá ficou discutindo se ela tinha falado verdade ou mentira.

Mais adiante a mulher dos tremoços e pevides apregoava bem alto a mercadoria. Ao longe ouvia-se o vendedor de cerejas e laranjas das «fresquinhas» como ele dizia, que no fim estavam sempre bastante mornas, isto salvo raras e honrosas excepções.

Sentada numa pedra grande e lisa uma mãe ainda bastante nova tentava embalar a sua menina, uma linda criança rosadinha e de lindos caracóis negros.

A tarde cala e sucedendo ao calor ardente havia então uma brisa muito leve, muito suave que embalava de mansinho as copas das árvores e as folhas dos arbustos.

As ciganas mantinham uma toada constante, cerrada, lá longe um cão ladrava bem alto, e não podia cá faltar este grande amigo que os donos não quiseram deixar afofado em casa e trouxeram todos visitantes do pinhal.

Os bailaricos interrompidos pelo calor recomçavam. Havia quem jogasse ao ringue e quem se baloiçasse num baloiço toco e pouco forte, improvisado mesmo ali, pois imaginação não faltava.

O Sol lá longe, quase a dobrar a linha do horizonte anunciou que eram horas de levantar as mantas e arrumar os cestos.

Começou então a lenta partida partida dos visitantes do pinhal.

As danças e cantares continuaram-se ao longo dos caminhos.

Todos iam agora mais calmos, mais repousados pelas sombras acolhedoras daquelas boas árvores. As crianças, essas iam cansadas das brincadeiras e correrias, e algumas fechavam as pálpebras pesadas de sono.

Havia a emoldurar todo este quadro de figuras distintas um poente magnífico, um daqueles poentes das tardes de Verão, em que os tons vermelhos riscam o céu parecendo línguas de fogo para depois se esbaterem em rosado vivo, em amarelo e mais acima em azul claro.

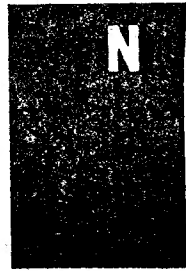
Toda esta amálgama de cores do poente combinava-se bem com os trajos coloridos das pessoas que pelos caminhos se dirigiam a suas casas.

A sombra das figuras alongava-se, tomava aspectos fantásticos e grotescos enquanto o céu ia mudando sucessivamente as suas cores para outras mais esbatidas, qual roda colorida que rodasse sem parar.

Foi no meio de todo este colorido em que havia algo de místico que terminou mais uma tarde de domingo no pinhal.

ALCIDIA MARIA RIBEIRO

(Amiga 1409)



ESTA Cidade Invicta vai partir mais um novo empreendimento juvenil, de quatro jovens, que é uma exposição de desenho e pintura e que terá lugar nos próximos dias 27/2 a 6/3 na Comissão Municipal de Turismo, Matosinhos.

Como sou pessoal amigo desses jovens, lembrei-me de lhes fazer uma pequena entrevista que pudesse interessar assim pelo menos o juízo, os amigos do «Juvenil» e outros, não só para os que gostam já da arte, nem para aqueles que ainda a não puderam admirar e interessar-se por ela, pois que o que eu quero realçar aqui é unicamente o amor e a luta pelo estudo.

Já tive a oportunidade de ver e admirar os quadros de todos eles (não sou nenhum crítico profissional, nem nenhum sabichão em arte, mas sei apreciá-la como admirador, somente) e confesso que alguns me impressionaram bastante, inspirados em ideais históricos e filosóficos e ligados intrinsecamente à vida do mar e à região do litoral. Pude verificar, o que não será arrojado dizer que alguns dos expositores são rapazes de valor e que com o aperfeiçoamento que naturalmente se vão habilitando, poderão no futuro vincular uma marcada posição artística.

São de grande louvor os seus esforços para a realização dos seus projectos, pois que trabalham durante o dia, são empregados como outras pessoas quaisquer e só nas horas vagas, é que conseguem dedicar-se à arte, principalmente aos domingos, e durante a semana à noite, o que demonstra vivamente que são dotados de espírito trabalhador e estudioso.

Vamos então conversar um pouco com um dos nossos jovens, que se encontra no seu quarto «atelier», chelo de quadros, de tintas e posulador de uma atmosfera propícia para as minhas perguntas não se sentirem deslocadas, ou melhor, acharem-se no seu ambiente e para que ele sintam mais a arte e possa responder mais consentaneamente com os ideais que o rodeiam.

— Que pensas das tuas possibilidades como artista em Portugal?

— As minhas possibilidades, presentemente, noto-as muito limitadas, como aliás acontece com a grande parte de muitos iniciantes. Depois no nosso País, lutamos contra a apatia dos nossos intelectuais

reaccionários, e a enorme, e injustificada divergência de opiniões sobre movimentos artísticos. Todavia, creio que sendo sincero, mais tarde ou mais cedo todo o artista será compreendido, viva ele em Portugal, Espanha, Grécia ou qualquer outro país. Sómente o artista e não a arte, é limitado pelos movimentos da época. A arte é sempre actual, na minha opinião.

— Quais os pintores que mais te impressionaram, ou seja, aqueles por quem tu sentes maior admiração?

— Leonardo, Angelo, El Greco, Silva Porto, Nuno Gonçalves, Picasso, Dalí, Domingues Alvarez, Gauguin, Van Gogh, Matisse, Santiago Areal, Julio Resende; inspirando-se grande parte deles nas descobertas da Arqueologia, que também me desperta muito interesse.

— Qual a tua opinião sobre a iniciativa do jornal «Diário de Lisboa» na criação do «Juvenil»?

— Sou por natureza favorável a todas as iniciativas que mostrem os problemas da gente nova, como eu. Nós também temos direito de opinião. Elogiando a iniciativa, nota-a como exemplo a seguir pela grande Imprensa.

— Achas que a arte em Portugal está a tomar grande incremento?

— Sim. Uma vez que se vão vencendo as barreiras a que eu chamo de «adaptação», e mereço da grande pleidade de meus conterrâneos que estão a compreender a revolução

estética, e ainda, graças à ajuda material que alguns organismos estão levando para o espaço concreto, bases que me levam a acreditar, que, dentro de anos, poderemos rivalizar com os grandes centros estéticos do Mundo.

— Quanto à vossa exposição diz-me: Qual é o vosso fim em vista?

— Quando pensámos em organizar esta exposição fizemo-lo com o propósito de mostrar, através dos nossos trabalhos o valor intrínseco da classe piscatória, bastante abandonada, provando que também são humanos os seus anseios, que também têm problemas a resolver, como os indivíduos de outras classes mais amparadas. E em suma a tentativa de valorização humanística do nosso homem do litoral, que, na sua anonimidade, vence o mar, todos os dias, com o esforço heróico dos nossos descobridores históricos.

— E agora para finalizarmos, a nossa conversa queria que me respondesses à já tradicional pergunta: Quais os vossos projectos para o futuro?

— Se se mantiver a união que nos irmana, pensamos levar a nossa temática a outros centros piscatórios do País e do estrangeiro, sendo provavelmente, a segunda exposição na Figueira da Foz. Até lá, e além do estudo e do aperfeiçoamento de cada um de nós, iremos trabalhando e lutando, por uma causa, que achamos justa.

(AMIGO N.º 1539)

A CONVERSA DA SEMANA

(Continuação da página anterior)

Cairo, de quem publicamos uma poesia. Poderemos contar agora consigo, todas as semanas?

3

Os amigos do Porto continuam a progredir

Todos os nossos leitores sentirão muita alegria ao saber que os seus colegas do Porto continuam a alcançar o justo resultado do seu trabalho, persistência e entusiasmo. Comunicam-nos esta semana que a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto teve a grande amabilidade de lhes ceder uma sala para a nossa Delegação se reunir e trabalhar. Assim viram realizada a sua maior aspiração.

Parabéns, amigos! O numero especial exclusivamente feito pelos jovens do Porto continua a

ser afanosamente preparado. O prazo de entrega da colaboração termina no dia 18.

Vai começar também a campanha de assinaturas. Como já tivemos ocasião de dizer, os Amigos da província podem assinar o «Juvenil» a partir do mínimo de 4 números, sem qualquer aumento de preço, ou seja a UM ESCUDO cada jornal. Desta maneira o «Juvenil» irá a sua casa sem qualquer dificuldade, onde quer que morem.

4

Crítica do N.º 144

O espaço já não dá para delongas. O numero continuou o bom nível dos anteriores. Variado. Colaboração de qualidade, entre os quais se destacam «Amargura», «Um ar de Paris», «Chove lá fora», «Cartas do Repórter Perdido» e «Crítica aos artigos tristes e juvenis». Neste vota o «Juvenil» como melhor artigo da semana. Apesar de muito jovem, o Vitor revela personalidade, ideias claras, lucidez. Não descurando o trabalho e o estudo, este amigo terá grandes condições para ser alguém.

5

Artigos mais votados

No numero 144, foram os seguintes:	
Um ar de Paris, por Machado da Luz	255
Amargura	236
Lendas do Algarve	182
Cartas do Repórter Perdido	174
Os Cavaleiros da Távora Redonda	149
Apelo	149
Chove lá fora	138
Crítica aos artigos tristes	109
Conversa da semana	57

Problema policial

(Continuação da 1.ª página)

Apesar das impressões digitais colhidas, e comparadas, nada de anormal conseguiu descobrir a Polícia.

E eu também não.

O quarto foi selado. Era um grande aborrecimento, mas o mistério era maior.

Como desaparecera Mister X a meio do banho de imersão?

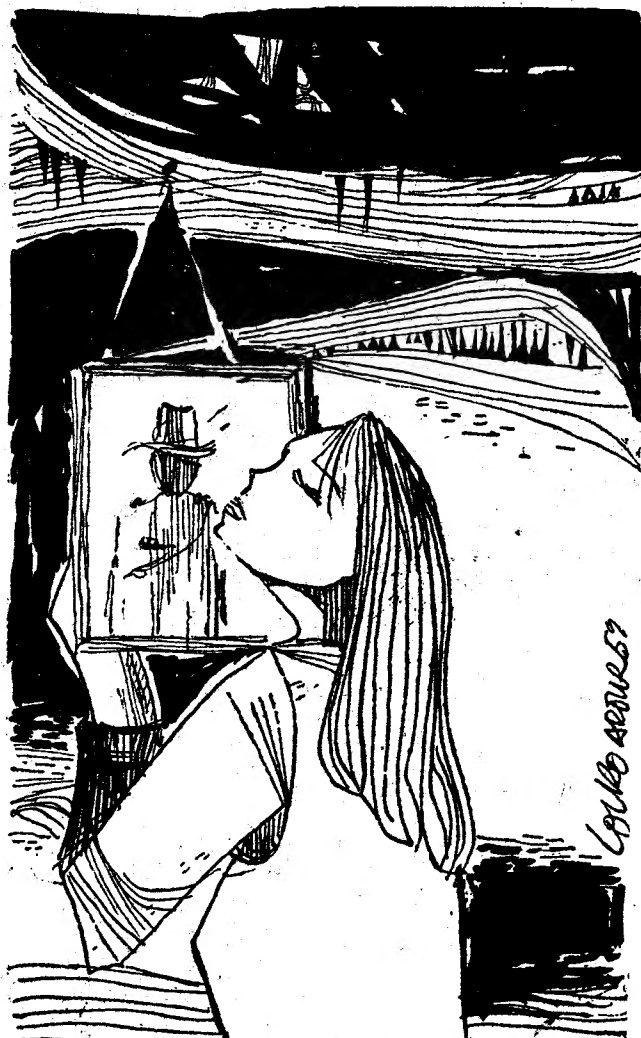
Até que, uma noite (ainda estava a casa de banho selada), oco potentes murros na porta, acompanhados de gritos.

— Abram a porta — dizia alguém. Levantei-me a correr. Os gritos vinham da casa de banho. Abri a porta, e para meu pasmo, saí lá de dentro Mister X.

A solução do mistério? Soube-a uma hora depois.

X dissolvera-se na água da banheira e só ao fim de bastante tempo, a água se evaporou da banheira, deixando-o como resíduo, tal como a água salgada deixa o sal ao evaporar-se.

Muita sorte teve ele em que eu não abrisse a válvula da banheira, porque senão...



Desenho de LOURO ARTUR